

JACIR ALFONSO ZANATTA

**GEMIDO DOS EXCLUÍDOS: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO
ADOECIMENTO**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO (UCDB)
MESTRADO EM PSICOLOGIA
CAMPO GRANDE – MS
2012**

JACIR ALFONSO ZANATTA

**GEMIDO DOS EXCLUÍDOS: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO
ADOECIMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, área de concentração: Psicologia da Saúde, sob a orientação do Prof. Dr. Márcio Luis Costa.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO (UCDB)
MESTRADO EM PSICOLOGIA
CAMPO GRANDE – MS
2012

Ficha Catalográfica

Zanatta, Jacir Alfonso
Z27g Gemido dos excluídos: a construção social do adoecimento / Jacir
Alfonso Zanatta; orientação, Márcio Luis Costa. 2012
212f. + anexos

Dissertação (mestrado em psicologia) – Universidade Católica Dom
Bosco, Campo Grande, 2012.

1. Psicologia social 2. Saúde ocupacional – Aspectos sociais
3. Saúde e higiene I. Costa, Marcio Luis II. Título

CDD – 613.62

Dissertação apresentada por JACIR ALFONSO ZANATTA, intitulada “GEMIDO DOS EXCLUÍDOS: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO ADOECIMENTO” como exigência para obtenção do título de Mestre em PSICOLOGIA à Banca Examinadora da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), foi

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Márcio Luis Costa

(orientador/UCDB)

Prof^a. Dr^a. Andrea Cristina Coelho Scisleski (UCDB)

Prof^a. Dr^a. Anita Guazzeli Bernardes (UCDB)

Prof. Dr. Pedrinho Guareschi (UFRGS)

Campo Grande, MS, 31 de agosto de 2012.

Dedico esta dissertação às duas mulheres da minha vida. À Silvia pelo incentivo e compreensão nos momentos difíceis e por aceitar partilhar sua vida comigo e à Clara por me fazer repensar toda minha existência antes mesmo de se fazer presença neste planeta. Não é justo deixar de fora os dois cachorros Lhasa Apso que estiveram presentes nesta jornada. Ao Thor por me acompanhar nas noites em claro e nas madrugadas frias e ao Zeus por dar afeto e dengo à Silvia na minha ausência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) por me permitir fazer parte do Programa de Capacitação Docente e, desta forma, continuar me aperfeiçoando para desenvolver cada vez melhor minhas atividades educacionais. Aproveito a oportunidade para agradecer os professores do Mestrado em Psicologia pela contribuição, zelo e incentivo que demonstraram durante as aulas. Obrigado por fazerem parte da minha formação intelectual.

À minha esposa Silvia Santana por me acolher quando eu estava precisando, incentivar quando estava desanimando e por puxar minhas orelhas quando eu não estava produzindo. Você me ajudou a acreditar que a realização desse sonho era possível. Espero realizar muitos outros projetos ao seu lado. Mas, não posso deixar de dizer muito obrigado por ler atentamente cada uma das páginas desta dissertação, pelas sugestões na forma de escrever e por me acompanhar na primeira viagem de coleta de dados. Só para te lembrar: eu te amo.

Aos amigos que conquistei durante as disciplinas cursadas no ano de 2010 e que direta ou indiretamente me incentivaram a continuar e a superar os obstáculos que foram surgindo pelo caminho. Mas, agradeço especialmente ao Dionatas e ao Mário pela proximidade, cumplicidade, companheirismo e também pelas lágrimas, angústias e sofrimentos que partilhamos juntos. Vocês fazem parte da minha vida, e, com certeza, ainda temos pela frente muita história para construir juntos.

Às professoras doutoras Anita Guazzeli Bernardes e Andrea Cristina Coelho Scisleski por aceitarem participar da minha banca de qualificação e defesa. Mas, acima de tudo pelas preciosas contribuições que fizeram ao trabalho e pela forma com que me ajudaram a melhorá-lo. Sei que o Eduardo pode ficar um pouco enciumado, mas ele precisa saber que a Anita mora no meu coração e que tenho por ela um carinho especial. Obrigado pelas contribuições e por me acolher nesta caminhada em busca do conhecimento.

Ao meu irmão, amigo e companheiro Roni Marcos Zanatta por compreender minha ausência durante a pesquisa e produção da dissertação. Não posso deixar de agradecer ao meu pai Hermes e à minha mãe Venilda Lúcia que, mesmo com pouca instrução

acadêmica, me permitiram e me incentivaram nesta busca do conhecimento. Ao meu irmão Cleiton José e Marcelo por compreenderem minha ausência nos períodos de férias e feriados prolongados. Com certeza temos condições de recuperar nossa proximidade nos próximos anos. À minha irmã Thais pelo cuidado e dedicação que demonstra com o pai e a mãe.

Aos amigos Moacir e Ronaldo Menin, Alberto Wolf, Joselito Sroczynski, Valdir Gomes Camelo, Alexandre Panosso e Lusanildo Rodrigues de Almeida por respeitarem meu distanciamento. Nossa amizade e nosso companheirismo possuem mais de 20 anos de história. Minha reclusão para produzir este trabalho só fez reforçar a importância de vocês na minha vida. Foram vocês que sempre estiveram presentes me aplaudindo nas vitórias e me amparando nas dificuldades. Sou grato pela eternamente ternura que demonstram ter por mim nesta existência.

Ao Roberto que soube se ausentar quando a produção da dissertação se intensificou. Sua presença, amizade e exemplo de superação servem como estímulo para que eu continue estudando cada vez mais. Sinto falta das nossas pescarias e por que não dizer, de ver mais algum pôr de sol regado com bom chimarrão. Ao Felipe que mesmo morando no Rio de Janeiro consegue encontrar um tempo para nos visitar e tomar um bom vinho. Estes momentos de descontração e partilha da vida servem para apaziguar a alma e mostrar como é importante ter bons amigos. Encontrar vocês foi uma grata surpresa. Minha casa sempre estará aberta para vocês.

À minha sogra (Sol) por conseguir me tirar da clausura da produção científica da forma mais agradável possível: convidando-me para comer uma deliciosa polenta. Sua luta diária e sua garra servem como alimento nos momentos que penso em desanimar. Agradeço a você, ao Jonas, Vó Olga, Valdir, Baé, Sandra, Paulo e a Sarah por terem me recebido de braços abertos na família e por me ajudarem a cuidar da Silvia durante o período do mestrado.

Acredito que tenha feito todos os agradecimentos e que não tenha deixado ninguém de fora. Mas, caso alguém esteja se sentindo excluído destes agradecimentos, peço perdão. Com certeza, só foi possível chegar até aqui graças aos amigos e às pessoas que deixaram suas impressões na minha vida. Mas, antes de encerrar é importante ressaltar que este trabalho só se realizou graças à disponibilidade dos moradores da comunidade de Porto da Manga. Agradeço a forma como me acolheram e a confiança que depositaram em mim ao contar seus medos, dores e sofrimentos. Obrigado pela oportunidade de conhecê-los e pelos

momentos de partilha que tivemos. Todas as vezes que me sentia desanimado e cansado, eu me lembava de cada um de vocês e desta forma encontrava força para continuar. Afinal de contas, vocês reinventam a vida a cada amanhecer.

Com isso, entendo que os agradecimentos estão completos. Mas ficou faltando alguém. Quem? Meu orientador ficou de fora. Esta ausência foi proposital. Não que ele não mereça integrar os agradecimentos. Defendo apenas que não é possível resumir em um ou dois parágrafos a admiração, respeito e o carinho que tenho pelo professor e amigo Márcio Luis Costa. Nossos caminhos se encontraram em 1990 no curso de Filosofia nas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMT). Entre tantos professores com a idade avançada ele se destacava pela juventude e pela paixão que demonstrava pelo conhecimento. Aos poucos foi conquistando e desafiando seus alunos. Me ensinou a amar a Filosofia. Nos momentos de dificuldade quando deixei o seminário em 1991 me amparou e me estendeu a mão. Como se tudo o que havia feito por mim fosse pouco resolveu confiar ainda mais e me arrumou o primeiro emprego como educador no início de 1992.

Depois nossos caminhos acabaram se distanciando um pouco. Você foi fazer o mestrado e o doutorado no México e eu optei por fazer outra graduação. A escolha recaiu sobre o curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), local onde também acabei fazendo o mestrado em Educação. Mas, em 2005 sou convidado a fazer parte do quadro de funcionários da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e novamente nos encontramos. Acabei fazendo o curso de Psicologia e optando por fazer outro mestrado desta vez em Psicologia. E, para minha surpresa você foi o escolhido para ser meu orientador. Um misto de alegria, felicidade e euforia tomaram conta de mim naquele momento. Depois de tantos anos e exatamente no momento que faço a escolha de, aos poucos, fazer a transição acadêmica do Jornalismo para a Psicologia, você é o escolhido para me estender a mão e me conduzir por esta nova estrada.

Sem saber, você ajudou-me a fazer um acerto de contas com meu passado como seminarista e amainou algumas mágoas que eu carregava há tanto tempo. Nossos encontros nas quintas contribuíram muito para meu crescimento intelectual. Nossa parceria na produção dos artigos tem me feito crescer profissionalmente. Sua proximidade com o conhecimento e sua simplicidade são, para mim, exemplos diários. Você é um exemplo ético e intelectual a ser seguido e, acima de tudo, um ser humano maravilhoso de se conhecer, uma preciosidade

rara que faz a vida valer a pena. Ter você como meu orientador nesta trajetória pelo mestrado em Psicologia serviu para aproximar nossos laços de amizade e para que eu te admirasse ainda mais. Não tenho como agradecer tudo o que você fez por mim. Para concluir posso apenas relembrar que aprendi com você que “a sensibilidade é a medida mesma do humano”.

“As palavras tornam-se fúteis quando se desvinculam da realidade vivenciada. Deixam de ter energia própria. E se tornam, com isto, incapazes de dar conta da energia em ação na socialidade contemporânea, que pode ser chocante, mas não menos vivaz”. (MAFFESOLI)

Resumo

Esta pesquisa teve inicialmente como objetivo analisar as representações sociais de saúde e doença na comunidade ribeirinha de Porto da Manga situada no município de Corumbá-MS. Mas, no decorrer das entrevistas e do contato com os entrevistados, terminou por encontrar e mostrar os mecanismos de construção social do adoecimento na referida comunidade. Como metodologia foi utilizada a análise qualitativa, com observação participante. A comunidade, localizada na margem esquerda do Rio Paraguai, fica a 76 km da cidade de Corumbá e atualmente é composta por aproximadamente 30 famílias, em torno de 200 pessoas, que na sua maioria, são coletores de iscas, pescadores profissionais e piloteiros. Para a coleta de dados foram convidadas 55 pessoas, das quais 47 aceitaram responder o questionário semiestruturado e oito, se recusaram participar. Com relação aos mecanismos geradores do adoecimento foi possível contatar no campo da educação que apenas 8% da população possuem o ensino médio completo, mas 69% não concluíram o ensino fundamental. Outro aspecto que chama a atenção é o fato de que apenas 15% dos entrevistados ganham mais de um salário mínimo por mês. A grande maioria dos moradores, ou seja, 81% residem na comunidade há mais de dez anos. Percebe-se ainda que o adoecimento também se constitui no fato de que a comunidade não possui água tratada, posto de saúde, coleta de lixo e nem rede esgoto. A água utilizada para consumo humano é retirada do rio e tratada pelos próprios moradores com cloro e sulfato de alumínio. A falta de posto de saúde revela que o local é completamente esquecido pelos órgãos públicos. A omissão do estado no campo da saúde, educação e segurança contribui para a produção do adoecimento dos ribeirinhos que são obrigados a viver em casas que não oferecem as mínimas condições de moradia digna. Apenas as pessoas com doenças consideradas por eles mais graves, como mordida de cobra e pneumonia, são encaminhadas para Corumbá. As demais enfermidades são tratadas na própria comunidade por uma benzedeira. A construção social do adoecimento dos ribeirinhos também fica evidente na forma de trabalho que desenvolvem como coletores de iscas. Para tirar o sustento da família os moradores são obrigados a ficar até 12 horas por dia com a maior parte do corpo submerso no rio para conseguir pegar as iscas vivas, vendidas aos atravessadores por R\$ 0,25 (vinte e cinco centavos) o que contribui para dar suporte ao turismo de pesca, atividade que sustenta toda a economia local.

Palavras-Chave: Comunidade – Representações Sociais - Coletores de iscas – Construção do adoecimento.

Abstract

Initially, this research had the aim of analyzing the social representations of health and sickness in the Porto da Manga riverfront community, located in the city of Corumbá – MS. However, during the interviews and contact with the interviewees, it ended up finding and presenting the social construction mechanisms of sickness in the community. The methodology used was a qualitative analysis with participant observation. The community, located on the Rio Paraguai's (Paraguay River's) left bank, is 76 km from the city of Corumbá and is currently composed of approximately 30 families, totaling around 200 people, who for the most part, are bait gatherers, professional fishermen or boat pilots. Of the 55 people that were invited for the data collection, 47 accepted answering the semi-structured survey while eight refused to participate. In relation to the sickness causing mechanisms, it was possible to note regarding the education, only 8% of the population finished high school and 69% had not finished elementary school. Another aspect that draws attention is the fact that only 15% of the interviewees make more than the minimum wage. The vast majority of residents, in this case 81%, have lived in the community for more than 10 years. It can still be seen that sickness is also due to the fact that there is no treated water, health clinic, and garbage collection or sewerage. The water used for human consumption is taken from the river and treated by the residents with chlorine and aluminum sulfate. The lack of a health clinic shows that the premises were completely forgotten by the government agencies. The state's absence in the areas of health, education and safety helps produce riverfront residents who are obligated to live in sub-standard housings. Only the people whose sicknesses are deemed more serious, like snake bites and pneumonia, are sent to Corumbá. The rest of the sicknesses are treated within the community by a folk healer. The social make-up of sickness among the riverfront population is evident by the work they carry out as bait gatherers. In order to support their families, residents are forced to work 12-hour workdays with most of their body submerged in the river to catch live bait, sold by middlemen for R\$ 0,25 (twenty-five Brazilian cents) which contributes to the support of fishing tourism, an activity that sustains the entire local economy.

Keywords: Community – Social Representations – Bait gatherers – Construction of Illness.

Resumen

Esta investigación fue dirigida, originalmente, al análisis de las representaciones sociales de la salud y la enfermedad en la comunidad ribereña de Porto da Manga, en el municipio de Corumbá-MS. Sin embargo, durante las entrevistas y el contacto con los entrevistados, acabó encontrándose y mostrando los mecanismos de construcción social de las enfermedades en dicha comunidad. La metodología utilizada fue el análisis cualitativo con la observación participante. La comunidad, ubicada en la margen izquierda del río Paraguay, se encuentra a 76 kilómetros de la ciudad de Corumbá, y en la actualidad consta de aproximadamente 30 familias, alrededor de 200 personas, de las cuales, la mayoría son recolectores de cebo vivo, pescadores y barqueros. Para la recolección de datos se invitó a 55 personas, de las cuales 47 aceptaron responder un cuestionario semiestructurado y ocho se negaron a participar. En cuanto a los mecanismos que generan la enfermedad, fue posible observar en el campo de la educación que sólo el 8% de la población había terminado la enseñanza secundaria, y el 69% no había completado la enseñanza primaria. Otro aspecto que llama la atención es el hecho de que sólo el 15% de los encuestados gana más de un salario mínimo por mes. La mayor parte de los habitantes, es decir, el 81% reside en la comunidad desde hace más de diez años. Se puede observar incluso que la enfermedad también se establece a partir del hecho de que la comunidad no tiene agua potable, centro de salud, recogida de basura y no hay red de alcantarillado. El agua utilizada para el consumo humano se recoge del río y la tratan los propios residentes con cloro y sulfato de aluminio. La falta de un centro de salud muestra que el lugar está completamente olvidado por los organismos públicos. La omisión del estado en lo que se refiere a la salud, la educación y la seguridad contribuye al origen de enfermedades entre los ribereños, que se ven obligados a vivir en casas que no ofrecen las condiciones mínimas de una vivienda digna. Solamente las personas con enfermedades que se consideran más graves, como mordeduras de serpiente y neumonía, son encaminadas a Corumbá. Las demás enfermedades son tratadas en la comunidad por una curandera. La construcción social de las enfermedades de los ribereños se hace, también, evidente en la forma del trabajo que desarrollan como recolectores de cebos vivos. Para obtener el sustento de la familia, los residentes son obligados a estar hasta 12 horas por día con la mayor parte del cuerpo sumergido en el río para conseguir obtener los cebos vivos, vendidos a los intermediarios por R\$ 0,25 (veinticinco centavos), lo que contribuye a promover el turismo de pesca, la cual es la actividad que mantiene toda la economía local.

Palabras-Clave: Comunidad – Representaciones Sociales – Recolectores de cebos vivos – Construcción de la enfermedad.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 -	Subdivisões das regiões do Pantanal.....	82
FIGURA 2 -	Situação da estrada parque no período de cheias.....	83
FIGURA 3 -	Vista aérea da Comunidade ribeirinha de Porto da Manga.....	83
FIGURA 4 -	Situação das casas no período das cheias no Pantanal.....	84
FIGURA 5 -	Casa da comunidade ribeirinha de Porto da Manga no período de seca.....	84
FIGURA 6 -	Casa construída no ‘areão’ pertencente à comunidade ribeirinha de Porto da Manga.....	85
FIGURA 7 -	Pequena horta para consumo próprio desenvolvida às margens do rio Paraguai.....	85
FIGURA 8 -	Falta de saneamento básico é um dos problemas enfrentados pela comunidade.....	86
FIGURA 9 -	Ao fundo a Casa Rondon e no centro alguns animais criados livremente na comunidade.....	86
FIGURA 10 -	Hotel turístico existente na comunidade onde funcionam as duas salas de aulas do local.....	87
FIGURA 11 -	Ponte de madeira da EPP arrastada pela água durante o período das cheias.....	87

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 -	Sexo dos participantes da pesquisa realizada na comunidade ribeirinha de Porto da Manga.....	163
GRÁFICO 2 -	Perfil econômico dos moradores da comunidade ribeirinha de Porto da Manga levando em consideração a renda familiar mensal dos entrevistados.....	164
GRÁFICO 3 -	Perfil educacional dos moradores da comunidade ribeirinha de Porto da Manga levando em consideração o grau de escolaridade dos entrevistados.....	168
GRÁFICO 4 -	Perfil dos trabalhos desenvolvidos pelos moradores da comunidade ribeirinha de Porto da Manga.....	178
GRÁFICO 5 -	Idade dos moradores da comunidade ribeirinha de Porto da Manga que participaram como sujeitos da pesquisa.....	187
GRÁFICO 6 -	Tempo que os entrevistados residem na comunidade ribeirinha de Porto da Manga.....	188

LISTA DE SIGLAS

ABRAPSO	Associação Brasileira de Psicologia Social
ACS	Agentes Comunitários de Saúde
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CF	Constituição Federal
CNS	Conferência Nacional de Saúde
CONASP	Conselho Nacional de Saúde Pública
DIGESP	Diretoria Geral de Saúde Pública
ECOA	Ecologia e Ação
EPP	Estrada Parque Pantanal
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
JUCESP	Junta Central de Saúde Pública
MPAS	Ministério da Previdência e Assistência Social
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não Governamental
PCBAP	Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai
PSS	Psicologia Social da Saúde
RS	Representações Sociais
SNS	Sistema Nacional de Saúde
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TRS	Teoria das Representações Sociais
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	19
2. TEORIA E PRÁTICA EM CONVERGÊNCIA.....	25
2.1. SER PANTANEIRO É A FUGA DA MORTE.....	26
2.2. É PRECISO A CHUVA PARA FLORIR.....	30
2.2.1. Na folha que a água leva... Leva o bem e leva o mal.....	32
2.2.2. Tiquira que vem subindo... Peixe grande vem atrás.....	34
2.3. SER PANTANEIRO É REMAR EM ÁGUAS CORRENTES.....	38
2.3.1. Tem cheiro de camalote, tem gosto de tarumã.....	45
2.3.2. Marcas profundas, cheiro de lodo, terra molhada.....	47
2.4. NA FLOR DESTE CAMALOTE, MEU CANTO NÃO É DE MORTE.....	49
2.5. SER PANTANEIRO É SENTIR O CHEIRO DA FRUTA.....	53
2.5.1. Sou molhado pela cheia, sou queimado pelo Sol.....	58
2.6. CHORO O BULE ESQUECIDO E A LAMPARINA DE LATA.....	62
2.6.1. Sou burro pantaneiro, sou vaca pantaneira.....	65
2.7. NA BEIRA DE MIL LAGOAS VOU REMANDO MINHA CANOA.....	69
3. O CICLO DAS ÁGUAS PANTANEIRAS: A HISTÓRIA E A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL.....	88
3.1. NASCIMENTO DA PSICOLOGIA SOCIAL.....	92
3.1.1. Psicologia Social no Brasil.....	97
3.2. TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO.....	101
4. AREÃO: A COMPLEXA RELAÇÃO ENTRE SAÚDE E DOENÇA.....	118
4.1. BREVE HISTÓRICO DA RELAÇÃO SAÚDE E DOENÇA NO MUNDO.....	121
4.2. BREVE HISTÓRICO DA RELAÇÃO SAÚDE E DOENÇA NO BRASIL.....	129
5. OBJETIVOS DA PESQUISA.....	137
5.1. OBJETIVO GERAL.....	140
5.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	140

6. NO BALANÇO DAS ÁGUAS TUDO PODE MUDAR.....	141
6.1. COMPROMISSO ONTOLÓGICO E PREOCUPAÇÕES ÉTICAS.....	152
6.2. INTERDISCIPLINARIEDADE METODOLÓGICA.....	156
7. CAPIVARA.....	160
7.1 VACA.....	165
7.2 JACARÉ.....	170
7.3 COBRA.....	174
7.4 PIRANHA.....	179
7.5 TUVIRAS.....	186
7.5.1. Ações.....	188
8. LIÇÕES DE UMA DISSERTAÇÃO.....	192
REFERÊNCIAS.....	197
APÊNDICES.....	207
ANEXOS.....	211

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao escolher o mestrado em Psicologia da Saúde na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) sabia que precisava começar a olhar o mundo com novas lentes. Não mais aquela que estava acostumado a usar como jornalista, mas a de psicólogo e com isso ver a realidade sob a ótica da Psicologia Social. Confesso que não foi uma tarefa fácil, uma vez que o modelo utilizado na comunicação está enraizado no positivismo, na objetividade e na imparcialidade. Desenvolver uma pesquisa quebrando estes paradigmas foi desafiador, mas também gratificante por me permitir retomar as origens sociais estudadas no curso de Filosofia.

Esta pesquisa, mais do que a obtenção de um título de mestre, me permitiu trazer os conhecimentos adquiridos da Filosofia, do Jornalismo, da Psicologia e do mestrado em Educação para dialogar com a realidade dos ribeirinhos pantaneiros. Desta forma, foi possível perceber que o conhecimento adquirido não fica guardado de forma estanque, mas serve como pano de fundo na produção do conhecimento. Assim, a construção do texto do capítulo que tem por título “Aproximações entre teoria e prática” foi feito com a força da vertente jornalística. Toda a base teórica está enraizada na Filosofia e na Psicologia e a discussão dos dados coletados no campo que tem por título “Estou igualzinho uma capivara” são analisados levando-se em consideração os conhecimentos adquiridos ao longo de minha vida acadêmica.

É importante ainda ressaltar ao leitor deste trabalho que a possibilidade de investigar uma comunidade ribeirinha que vive numa região de difícil acesso e que não possui as mínimas condições de cidadania serviu como um motivo a mais para este pesquisador. Ao iniciar este trabalho imaginava que teria facilidade em encontrar dados sobre o povo pantaneiro, mas aos poucos fui percebendo que as comunidades tradicionais existentes no Pantanal acabam sendo esquecidas pelos pesquisadores que geralmente optam por estudar e defender a fauna e a flora, deixando de lado, muitas vezes, a população existente na região, como se eles não fizessem parte do Pantanal.

Esta pesquisa começou a se desenvolver com o objetivo de analisar as representações sociais de saúde e doença, mas no decorrer das entrevistas e o contato com os sujeitos deste estudo acabou por me mostrar os mecanismos da construção social do adoecimento que ultrapassam a relação homem-ambiente e cria modelos de exclusão do qual os ribeirinhos não possuem forças para sair. O Pantanal é uma região que vive condições naturais e socioculturais adversas. Situações estas que influenciaram no desenvolvimento

desta pesquisa e no olhar do pesquisador. Acompanhar o ciclo das águas é estar disposto a se renovar junto com elas. As cheias são necessárias para que a vida possa renascer no Pantanal. E, foi buscando compreender este processo que esta pesquisa se fez, desfez e refez. Ela foi se constituindo, num primeiro momento com a cheia, foi obrigada a se desfazer com a seca e depois teve que se reinventar com a qualificação.

O Pantanal pede leveza e flexibilidade daqueles que se dispõe a entrar em seu território ou que se propõem a pesquisá-lo. Durante o período de cheia e impossibilitado de coletar os dados, investi as energias na produção teórica. Mas, quando as águas baixaram e me permitiram chegar à comunidade ribeirinha de Porto da Manga, me dei conta de que a pesquisa que eu havia feito durante o ciclo das águas, não havia acompanhado a transformação do Pantanal e estava dura, positivista em suas estruturas e engessada a um modelo cartesiano.

Precisava aprender com os ribeirinhos a enfrentar as enchentes, a sobreviver e a se reinventar diariamente. Observando atentamente os moradores da comunidade, me dei conta que assim como as águas eles aprenderam a ocupar os lugares vazios e a contornar os obstáculos. Isso mostrou que estava na hora de aprender com os sujeitos da minha pesquisa que conseguem, assim como a água, preencher o ambiente sem perder a essência. Com isso, fui obrigado a reescrever alguns textos teóricos que não conseguiam fazer uma transição entre o que eu havia lido e o que estava encontrando nos diálogos com os ribeirinhos. Esta flexibilidade de se reinventar só foi possível graças ao material consultado anteriormente e aos capítulos da dissertação que estavam escritos antes de ir para o campo.

Não posso negar que a dor e o sofrimento dos ribeirinhos acabaram me sensibilizando e me mostrando uma nova forma de ver o mundo com mais afeto e sensibilidade. No desenrolar da pesquisa fui percebendo que o mestrado é um momento de amadurecimento intelectual e requer dedicação de quem está começando a carreira como cientista. É um momento de fazer escolhas teóricas que vão marcar o pesquisador e sua trajetória existencial. Esta caminhada também me mostrou que para abraçar a pesquisa é necessário dedicação e envolvimento. Para que a trajetória pelo mestrado se torne gratificante é necessário que haja uma escolha familiar e uma parceria intelectual com o orientador. Um processo que pode ser traumático, mas que se mostrou suave nas palavras e nos ensinamentos do professor Márcio Luis Costa.

Espero até aqui ter cumprido os objetivos de uma introdução: o de conduzir o leitor pela mão e fazer com que ele vislumbre tudo o que vai encontrar nas páginas seguintes. Emoção, dor, sofrimento e exploração do ser humano fazem parte das páginas desta dissertação. Com certeza isso servirá para aguçar a curiosidade do leitor sem, no entanto, revelar tudo o que o trabalho contém. Porém, muitos pesquisadores esquecem de explicar na introdução como chegaram aos autores que vão utilizar, quais foram os critérios de seleção do material e quais são as categorias de análise utilizadas no trabalho. Espero não cometer estes erros uma vez que para fazer a análise das falas coletadas nas entrevistas semiestruturadas busquei dominar os conceitos de Psicologia Social, Representação Social, saúde e doença, além é claro, da metodologia utilizada no desenvolvimento do trabalho. Dominar estes conceitos, não significa que não vou cometer erros, mas pelo menos é possível buscar evitá-los.

Depois de definida estas categorias que no decorrer do trabalho vão se transformar em tópicos da dissertação, veio uma pergunta crucial: quais os autores que trabalham com estes referenciais teóricos? Estava na hora de iniciar a varredura dos dados que poderiam interessar e contribuir com o trabalho. A primeira fonte de pesquisa para a realização deste trabalho foram as dissertações produzidas pelo Mestrado em Psicologia da Saúde da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). É importante que se diga que a fundamentação teórica de uma dissertação começa no levantamento de seu “estado da arte”, ou seja, é preciso dominar o caminho percorrido por outros pesquisadores. Só assim, é possível contribuir com a produção do conhecimento científico. Caso esse primeiro levantamento do que foi produzido no campo do conhecimento que o pesquisador está pleiteando entrar não seja bem elaborado, existe uma grande possibilidade do futuro cientista não ultrapassar os limites daquilo que já foi pesquisado pelos seus antecessores. Apenas quando se domina o que já foi pensado e produzido na área que se está navegando é possível avançar no campo das discussões e da própria construção teórica.

Perceber o caminho que os mestrandos percorreram anteriormente pode servir apenas de fio condutor. Saber o que e o como se produziu o conhecimento na área que o pesquisador está ingressando pode ser muito útil para não se incorrer no erro de se tornar repetitivo, utilizando-se sempre, os mesmos referenciais. Desta forma, optou-se por um breve levantamento das dissertações defendidas no mestrado em Psicologia desde sua origem até o ano de 2009, uma vez que este levantamento foi produzido no primeiro semestre de 2010.

Foram pesquisadas 131 dissertações, sendo que 2003 foi o ano com maior quantidade de defesas, 36 no total e 2004 o ano com menor número de pesquisas defendidas: seis ao todo. Das 131 dissertações observadas, apenas 13 usam no título a expressão “Representações Sociais”. No entanto, o ano com maior número de dissertações defendidas no campo das Representações Sociais foi 2009. Das 18 pesquisas, sete traziam no título menção às Representações Sociais. Os autores que mais aparecem nestas dissertações são: Moscovici, Jodelet, Guareschi e Spink no campo das Representações Sociais. Na relação saúde e doença aparece de forma constante Iyda, Strobe & Strobe, Rosen, Sciliar, Singer e Straub.

Após este pente fino nas dissertações estava na hora de avançar um pouco mais. Por este motivo, acabei optando por fazer uma análise do site do scielo buscando pelos temas Psicologia Social, Psicologia da Saúde, Representações Sociais, saúde e doença. Depois desta pesquisa por temas, a busca passou a ser feita levando-se em consideração os nomes dos autores que mais eram utilizados nos artigos encontrados. Somadas as buscas feitas no Scielo e as indicações dos professores, chegou-se, ao final do primeiro ano letivo a 55 artigos que serviram como base para iniciar a construção teórica desta pesquisa. Com este levantamento foi possível formar um arcabouço que permitisse ao pesquisador dominar, mesmo que minimamente, as nomenclaturas e as ferramentas de linguagem utilizadas pelos teóricos da Psicologia Social e das Teorias das Representações Sociais para pensar a realidade.

Depois de fazer a leitura das dissertações que me interessava e dos artigos selecionados, estava na hora de partir para os livros. Um autor acabava sempre me levando a outro e, quando me dei conta estava perdido entre artigos e livros. Rapidamente recorri ao orientador que, com sua experiência, acabou me mostrando como utilizar o material que estava lendo. Com isso, os capítulos teóricos foram sendo construídos sem muito sofrimento. O ritmo de leitura estava acelerado e com isso, foi possível produzir três artigos e encaminhar para revistas especializadas. Um passo importante para quem tinha resistência neste tipo de material. A sensibilidade do orientador e os momentos de partilha ajudaram-me a superar a concepção arcaica que eu possuía sobre a forma de fazer ciência e acima de tudo me ensinaram a dividir o conhecimento com a comunidade acadêmica.

Para finalizar estas considerações iniciais é importante ressaltar ainda que a comunidade ribeirinha de Porto da Manga está localizada na margem esquerda do Rio Paraguai e pertence ao município de Corumbá. Atualmente é composta por aproximadamente

30 famílias que na sua maioria, são coletores de iscas, pescadores profissionais e piloteiros¹. Para esta investigação foram convidadas 55 pessoas, mas, apenas 47 aceitaram responder o questionário semiestruturado, sendo que oito, se recusaram participar. A falta de saneamento básico, condições de moradia, instrução, água tratada e o trabalho que desenvolvem são alguns dos fatores que contribuem para a construção social do adoecimento.

¹ Piloteiros são os ribeirinhos que possuem “habilitação” para pilotar barcos

2. TEORIA E PRÁTICA EM CONVERGÊNCIA

De acordo com Gibbs (2009) escrever e reescrever sobre uma pesquisa é a melhor maneira de manter os dados coletados no campo. Para Gibbs (2009) a escrita deve ser um processo criativo onde seja possível desenvolver novas ideias sobre os procedimentos utilizados no campo. Gadamer (1991) vai além das recomendações feitas por Gibbs (2009) ao defender que no processo de produção é necessário incorporar os pré-conceitos como parte da trajetória e aprender a administrar esta variável hermenêutica.

Estas três recomendações feitas logo no início do texto, servem como alerta para que o leitor(a) perceba que as páginas a seguir não estão dentro das normas ortodoxas da produção científica. Esta possibilidade de produzir com mais leveza, conforme solicitação feita por Calvino (1990) só é possível nos textos científicos com o surgimento das Representações Sociais que quebram a ortodoxia da própria ciência para avançar em novos campos do saber, reconhecendo o senso comum como produção do conhecimento. Algo que até então era deixado de lado pelo modelo positivista de pesquisa. Por estas questões, optou-se por aceitar a recomendação feita por Sá (2007) ao defender que os textos produzidos dentro das Representações Sociais devem ser menos impessoalmente científicos e mais pessoalmente referidos ou memorialísticos em suas intervenções, atuando como contadores de histórias acadêmicas. É importante ressaltar ainda que é desta liberdade que se reveste este trabalho.

Pelo exposto acima, fiz uma opção buscando quebrar na construção do texto o modelo positivista e produzi-lo a partir da linguagem do senso comum, que comporte conforme Alaya (2011) distorções, exclusões e adições. Tenho consciência também do alerta feito por Diehl; Maraschin e Tittoni (2006) ao defenderem que um texto no qual o observador se inclui no contexto da produção, certamente causa estranhamento às modalidades mais impessoais e acadêmicas de escrita. No entanto, a Teoria das Representações Sociais, ao elevar o senso comum à categoria de ciência, eleva com ele o material produzido nesta mesma linguagem.

2.1. SER PANTANEIRO É A FUGA DA MORTE

Receptividade e dedicação foram os ingredientes que encontrei na chegada à comunidade ribeirinha de Porto da Manga no município de Corumbá-MS. Depois do Pantanal

passar pela maior cheia dos últimos 20 anos e de esperar por mais de oito meses para poder iniciar minha pesquisa de campo, finalmente consegui chegar à comunidade e conhecer as pessoas, seres humanos singulares, que fariam parte deste trabalho.

Ao chegar à comunidade percebi o outro lado do Pantanal. As belezas naturais deram lugar aos casebres de madeira construídos sobre os alagados. Num primeiro momento a percepção que temos é de uma comunidade extremamente vulnerável. E, aos poucos, vem a constatação de que a situação de risco que se encontram não é apenas uma percepção, mas uma triste realidade.

Sem muito que fazer como forma de lazer, os adultos e jovens, quando não estão coletando iscas, passam o tempo jogando sinuca e bebendo cerveja. As crianças ficam perambulando pelo local junto com carneiros, porcos e outros animais criados soltos na comunidade. Não existe coleta seletiva de lixo. Alguns moradores optam por fazer buracos no chão arenoso para que o lixo possa ser jogado dentro e posteriormente queimado.

Mas, esta não é uma prática comum na comunidade. Uma boa parte das pessoas acaba jogando o lixo próximo das próprias casas, o que produz mau cheiro e serve como atrativo para os animais, criando um clima de desolação. Com o período das cheias, todo o lixo que vai sendo acumulando nas proximidades das casas acaba sendo levado pelas águas do rio Paraguai.

O nível de instrução é extremamente baixo. A grande maioria não terminou nem o ensino fundamental. É possível perceber no olhar destas pessoas a falta de perspectiva e a exploração constante que são submetidas. Ali, esquecidos pelo poder público e pelas autoridades, eles tentam viver ou sobreviver enfrentando as condições subumanas a que são expostos diariamente. As residências ficam constantemente fechadas e com telas nas janelas para evitar entrada de pernilongos, que se proliferam em grande quantidade tendo em vista a existência de muitos alagados com água parada.

Aos poucos fui percebendo que eles não convidam ninguém para entrar em suas casas e comigo não seria diferente. Não fui convidado a entrar em nenhuma das residências para realizar as entrevistas. Os 47 participantes me receberam do lado de fora de suas casas. Nossa bate-papo geralmente acontecia sob a sombra de alguma árvore. Quando isso não era possível, eu era recebido debaixo das casas de palafita. Aos poucos fui percebendo que

mesmo gostando do lugar, defendendo suas belezas naturais e o trabalho que desenvolvem, eles sentem muita vergonha das condições de vida em que se encontram.

Mas, não se enganem ao pensar que por não entrar na casa um do outro, eles não se visitam. Muito pelo contrário. É possível perceber que se visitam constantemente. Porém, como a maioria das casas são construções de madeira e não possuem as mínimas condições de higiene, os moradores só entram nas casas para dormir. O resto do tempo, eles passam do lado de fora. Alguns preferem ficar debaixo das árvores, outros optam por armar redes ou ficar conversando debaixo dos casebres, uma vez que ali a circulação de ar é maior.

Mesmo não possuindo as condições mínimas de sobrevivência, as pessoas são extremamente acolhedoras e se abrem com facilidade. Contam suas vidas e suas desventuras como coletores de isca sem perceberem que estão se expondo. Em alguns momentos as entrevistas funcionaram como “terapia”. Perguntas simples, que aparentemente não teriam nenhum dano aos entrevistados, revelaram em vários momentos o sofrimento por terem que lembrar as situações em que se viram explorados e desvalorizados pelos atravessadores de iscas. Suas dores, sofrimentos e a falta de perspectivas estão presentes em suas falas. Já se acostumaram a viver com o ciclo das águas, mas jamais vão se acostumar à exploração que são submetidos todos os anos.

Numa rápida caminhada pela comunidade pude constatar que não existe um único posto de saúde e nenhuma farmácia. De acordo com os ribeirinhos, a comunidade nunca foi visitada por um agente de saúde. As doenças consideradas por eles mais simples, são tratadas com benzimentos e com chás feitos à base de ervas naturais retiradas da mata. Apenas as doenças mais graves como pneumonia, gastrite e mordida de cobra (boca de sapo é a mais temida) são encaminhadas para cidade. A distância do Porto da Manga até Corumbá é de aproximadamente setenta quilômetros de estrada de chão. Mesmo assim, nenhuma empresa de transporte faz a linha Corumbá-Porto da Manga. Desta forma, os moradores que precisam ir até Corumbá são obrigados a ligar na cidade e marcar com antecedência para alguém vir buscá-los. Esta viagem agendada e clandestina custa cento e cinquenta reais e o mesmo valor para voltar até a comunidade. No entanto, em situações de emergência o preço para o mesmo trajeto sobe para trezentos reais o dobro do valor cobrado.

O único espaço de lazer é um campo de futebol localizado no centro da comunidade. O pequeno campo está com cara de abandonado e, mesmo assim, ainda é

utilizado pelas crianças e jovens para uma “pelada” no final de tarde. É interessante observar que as partidas de futebol não possuem divisão de gênero, meninos e meninas jogam bola juntos. Atrás do campo de futebol fica um dos locais mais movimentados da comunidade. Um pequeno bar pintado de azul e vermelho, com apenas uma mesa de sinuca, mas é o suficiente para ficar movimentado o dia inteiro. O som, quase sempre no volume máximo, toca o final de semana inteiro e concorre com as músicas da pequena mercearia localizada do outro lado da rua. Dependendo da quantidade de álcool ingerido pelos jogadores de sinuca, o som vai mudando e as músicas populares vão dando lugar ao sertanejo.

Vergonha. Este é um sentimento latente em quase todos os membros da comunidade. Se, por um lado afirmam que gostam do que fazem e do local que moram, por outro, não se admitem como coletores de isca. A grande maioria se define como pescador profissional. O segredo está no final da definição. Eles fazem questão de reforçar a palavra profissional. A grande maioria deles não admite que coletam iscas vivas, o que entre eles mesmo é considerado um subemprego. Mas, como forma de manter a estima e de serem valorizados pelos turistas, preferem se definir como piloteiros ou pescadores profissionais, mesmo que a maior parte do dia e do ano, passem coletando iscas.

Nos dias em que estive na comunidade, percebi que a pesca é feita pelos turistas. Os membros da comunidade são usados como piloteiros por conhecerem todos os cantos do rio e do próprio Pantanal. Nos meses que antecedem ao período de defeso, os ribeirinhos chegam a passar até quatorze horas dentro dos banhados coletando iscas que são vendidas aos atravessadores por R\$ 0,35 (trinta e cinco centavos) a unidade. Isso significa que os ribeirinhos vendem a dúzia de tuviras (*Gymnotus* sp.), isca mais coletada na região, por R\$ 4,20 (quatro reais e vinte centavos). Mas, as mesmas iscas compradas na comunidade são revendidas aos pescadores por R\$ 25,00 (vinte e cinco reais a dúzia). Em outras palavras, o atravessador ganha mais de vinte reais por dúzia de tuviras vendidas aos pescadores.

Na minha primeira viagem à comunidade, tive a oportunidade de acompanhar a venda de 15 (quinze) mil iscas a um destes atravessadores e conversar para saber o destino das mesmas. Segundo o atravessador, as iscas já estavam vendidas para um comprador de Rio Verde de Goiás. Orgulhoso do trabalho, ele comenta que já entregou iscas compradas na comunidade até na Argentina. No entanto, ele revela que o Centro-Oeste do Brasil é a região que mais consome o produto que ele compra dos ribeirinhos.

A título de orientação, é importante ressaltar que os subtítulos deste capítulo serão sempre iniciados com a letra de uma música relacionada ao que vai ser relatado ou percebido no decurso das entrevistas e das coletas de dados. Esta é uma opção estilística que visa dar mais leveza à construção textual e quebrar um pouco a forma de relatório que muitas vezes se imprime nos diários de bordo das pesquisas envolvendo seres humanos.

2.2. É PRECISO A CHUVA PARA FLORIR...

Ansiedade, insegurança e uma boa pitada de medo. Estes foram os ingredientes que marcaram os preparativos da primeira viagem. A comunidade ribeirinha de Porto da Manga é centenária e está instalada à margem direita do rio Paraguai, localizada há 450 quilômetros de Campo Grande, a capital do Estado de Mato Grosso do Sul e a setenta quilômetros da cidade de Corumbá, na fronteira com a Bolívia. Como a Estrada Parque Pantanal (EPP) que tem início no ‘buraco das piranhas’ estava com duas pontes quebradas a única possibilidade para chegar ao local era passando pelas mineradoras.

O despertador toca. São cinco horas da manhã do dia 15 de outubro. Dia dos professores. Pela primeira vez não poderei participar da festa de confraternização oferecida aos professores pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Mas a ausência se justifica. Preciso aproveitar o feriado para aplicar o questionário de pesquisa nos membros da comunidade que aceitarem participar do estudo que estou desenvolvendo. Mas, não tenho muito tempo para pensar na confraternização. Tão logo o despertador toca, pulo da cama e percebo que a viagem será sob uma chuva torrencial. Enquanto faço minha higiene pessoal, coloco a água para o chimarrão esquentar e arrumo os últimos detalhes. Não farei a viagem sozinho. Duas colaboradoras da Organização Não Governamental Ecoa – Ecologia e Ação que desenvolvem trabalhos na comunidade vão comigo. A jornalista Silvia Santana (minha esposa) e a bióloga Vanessa Spacki.

Após aprontar o chimarrão carrego o porta-malas do Fiat Siena com os alimentos necessários para nossa permanência nos três dias de campo. A chuva teima em continuar. Tenho a impressão que ela vai permanecer o dia todo. Acordo minha esposa para ela se

arrumar enquanto vou tomando algumas cuias. Com o barulho feito na cozinha, meu amigo William Isaías Carvalho Souza, que se disponibilizou a cuidar da casa e dos meus dois filhos (Thor e Zeus - cães da raça Lhasa Apso) acorda e aproveito para passar as últimas instruções.

Toda viagem de campo precisa ser pensada com uma boa logística para quem vai e para quem fica. Meu amigo e sua namorada se disponibilizaram passar o final de semana em casa com a missão de dar carinho e atenção aos pobres bichinhos que ficariam desolados sem a presença de seus cuidadores. O convite para que o casal de amigos ficasse em casa cuidando dos cães foi feito com uma semana de antecedência. Convite aceito, marcamos um jantar na sexta-feira. O objetivo era fazer com que os animais não estranhasssem os novos moradores e não sentissem tanto a ausência dos pais (donos).

Um pouco antes das seis da manhã saímos de casa. Ainda precisávamos passar no centro da cidade para pegar a terceira integrante da equipe. Sob muita chuva conseguimos colocar as malas, uma caixa térmica e um garrafão de água mineral para ninguém correr o risco de pegar alguma infecção por beber água contaminada do rio Paraguai. Paro num posto de combustíveis para um rápido pit-stop. Abasteço o carro e sob uma forte chuva vamos com todo o cuidado deixando Campo Grande para trás. E, como diz a música, “ando devagar porque já tive pressa”. Dirigir em dias de chuva, além de ser desgastante, requer mais atenção. Por isso, vou devagar. Lembro-me de outra música: “nossa viagem, não é ligeira, ninguém tem pressa de chegar”. Logo na saída de Campo Grande, antes de chegarmos ao município de Terenos, numas das curvas da estrada, vimos um carro tombado. Um alerta para não pisar fundo no acelerador e para redobrar o cuidado.

Nossa primeira parada foi apenas na cidade de Miranda a 180 quilômetros de Campo Grande-MS. Todo o trajeto foi feito sob forte chuva. Paramos no restaurante e lanchonete “Zero Hora”. Parada obrigatória dos ônibus que fazem o trajeto de Corumbá até a Capital. Depois de um rápido lanche e antes de seguir viagem, resolvemos parar num pequeno mercado para comprar mais algumas coisas. Trinta minutos depois, estávamos novamente na estrada. A chuva aumenta. Sou obrigado a diminuir a velocidade. A viagem se torna demorada e um pouco cansativa. Mas, a prioridade é a segurança e por isso, todo o cuidado é pouco.

Vamos até a ponte sobre o rio Paraguai debaixo de chuva intensa. A quantidade de animais silvestres mortos na pista chama a atenção, assim como a alta velocidade que

alguns carros passam por nós. Passamos a ponte e fazemos nossa segunda parada. Desta vez apenas para abastecer o carro. Seguimos viagem. Agora com tempo carregado e com algumas pancadas de chuva. Quarenta quilômetros antes de Corumbá, deixamos o asfalto para enfrentar cinquenta quilômetros de estrada de chão (21 km utilizados pelas mineradoras e 29 km na “Estrada Parque”). Por causa das chuvas, a estrada está completamente molhada e, sair do trilho deixado pelos caminhões das mineradoras pode ser o fim da viagem.

Estrada de chão exige cuidado redobrado. Carro baixo e carregado não permite ultrapassar os 50 quilômetros por hora. Em alguns momentos não conseguimos andar acima dos trinta quilômetros. Ao sair da rota das mineradoras e entrar efetivamente na EPP nos deparamos com as belezas do Pantanal. Mas o que chamou a atenção durante todo o trajeto foi a quantidade de latas de cervejas e refrigerantes jogadas à beira da estrada. Depois de ter contado cinquenta latas em quinze quilômetros, resolvi parar de contar e prestar mais atenção na natureza e nas pontes de madeira que não estavam em bom estado de conservação e que de um jeito ou de outro eu teria que passar. Os sentimentos de indignação e raiva eram fortes ao ver como o homem consegue destruir o meio ambiente.

Já eram 13h30min quando resolvemos parar debaixo de uma árvore para apreciar a natureza e fazer um rápido lanche. Faltavam ainda dez quilômetros de estrada de chão para chegar à comunidade. Depois de 20 minutos de almoço seguimos viagem para cumprir o pouco que faltava até nosso destino. Chegamos à comunidade às 14h30min. Numa das primeiras casas paramos o carro para descarregar os mantimentos que havíamos trazido. Ali seria nosso local de café da manhã, almoço e janta. Para dormir ficaríamos no único hotel que existe na comunidade. Mas as refeições seriam feitas na casa de uma das ribeirinhas que cobrou R\$ 40,00 (quarenta reais) a diária para preparar as refeições para a equipe.

2.2.1. Na folha que a água leva... Leva o bem e leva o mal

Um sentimento de euforia e de dúvida tomou conta de mim tão logo que desci do carro. Como iriam me receber? Será que aceitariam fazer parte da pesquisa? Mas, ao chegar à comunidade, todas as dúvidas e incertezas foram dissipadas e as integrantes da ONG que

estavam comigo já foram me apresentando às pessoas e aos poucos um primeiro contato, um pouco tímido de início, foi feito. Rapidamente a Vanessa e a Silvia convocaram a comunidade para uma reunião embaixo da casa Rondon, na parte central da comunidade. Em pouco mais de dez minutos o ambiente já estava lotado e as pessoas atentas prestavam atenção às informações sobre o novo projeto com o título de “Ações para o turismo de base comunitária na contenção da degradação do Pantanal” que passaria a ser desenvolvido pela Ecoa junto à comunidade.

Depois de explicar o objetivo e como iria funcionar o projeto da ONG, a Vanessa me apresentou para as pessoas que estavam na reunião e pediu para que eu explicasse minha pesquisa. Muito atento à reação das pessoas, expus os objetivos e a metodologia da pesquisa e percebi que todos foram receptivos e imediatamente se dispuseram a participar. Com cautela, informei que começaria as entrevistas na manhã do dia seguinte e que eles não precisariam se preocupar, uma vez que eu passaria de casa em casa convidando individualmente cada um e explicando todo o trabalho. Também comentei que eles precisariam assinar duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), uma cópia para ficar comigo e outra com quem aceitasse fazer parte da pesquisa. Notei ainda que isso não era problema para eles. Pareciam acostumados a esta prática.

Ao término da reunião, um dos integrantes da comunidade, aqui identificado como Z_12² fez questão de me acompanhar para uma rápida visita por toda a comunidade. Ele foi me apresentando aos demais que não estavam na reunião e eu já fui aproveitei para agendar a primeira entrevista para as 7h30min do dia seguinte. A forma como eles se relacionam entre si me chamou a atenção e pude perceber que estava diante de uma comunidade dividida em três: os que moram no Areão, os que residem no Porto e os que ficam depois do hotel. É importante ressaltar que a divisão entre o Porto e o Areão é feita apenas pelo pequeno campo de futebol. Lugar neutro onde meninos e meninas jogam bola juntos. As cinco famílias que moram depois do hotel possuem casas melhores e se misturam muito pouco com o restante da comunidade.

De acordo com meu guia turístico pela comunidade, a Associação dos Moradores do Porto da Manga foi fundada apenas em 2005 e a energia elétrica só chegou em junho de 2007, depois de várias reuniões com Ministério da Integração Nacional e Ministério de

² Buscando preservar e cumprindo as normas do TCLE os nomes serão substituídos pela letra Z e cada participante terá um número que vai de 01 até 47.

Turismo. Aos poucos fui constatando que existem várias divergências internas, rixas entre famílias e distintas afinidades políticas e religiosas que, com certeza, são obstáculos para melhor organização do local. Também é fácil detectar que a comunidade formada por aproximadamente 30 famílias de coletores de isca, conta com uma infraestrutura precária. Não possui rede de esgoto, água tratada e nem coleta de lixo.

Conforme ia caminhando entre os casebres de palafita, fui me deparando com rostos marcados pelo tempo. Uma população de pele queimada pelo sol, com um olhar triste de quem muitas vezes foi humilhado. Esquecidos pelos governantes e lembrados apenas como matéria para os jornais que se aproveitam do ciclo das águas para produzir boas imagens e mostrar um povo que teima em viver onde poucos teriam a coragem de arriscar passar mais do que alguns dias. O que para os turistas é diversão, para os moradores é sobrevivência e sofrimento.

Observando os moradores, percebi que as pessoas possuem um olhar distante de quem é explorado e se acostumou a olhar para baixo na busca do caranguejo ou da tuvira. De tanto ficarem de cabeça baixa para ver os peixes nas telas, alguns não conseguem levantar os olhos. Estão sempre com os olhos focados no chão ou no vazio, como se estivessem num estado de torpor. Iscas que os turistas utilizam nas suas pescarias e nos seus momentos de recreação sem saber quanto sofrimento esta gente passa para conseguir dar um pouco de diversão a quem vem de fora. Encontrei uma população cansada de promessas e sem muita esperança de que alguém possa olhar para eles.

2.2.2. Tiquira que vem subindo... Peixe grande vem atrás

Ao chegarmos à comunidade, uma das coletores de isca, aqui vamos chamá-la de Z_19, nos comunicou que até o final da tarde ela faria a entrega de 15 mil iscas a um comprador. Eu e as meninas fomos ver o entreposto onde as iscas ficam guardadas em grandes caixas d'água e começamos a lhe fazer várias perguntas. Ela nos informou que vendia as tuviras por R\$ 0,35 (trinta e cinco centavos a unidade), ou seja, R\$ 4,20 (quatro reais e

vinte centavos) a dúzia. Ela não soube nos informar por quanto o comprador vendia as iscas aos consumidores finais, disse apenas que o comprador ganhava mais do que o dobro deles.

Perguntei o motivo pelo qual vendiam tão baixo as iscas e ela me informou que existem muitos coletores de isca em Mato Grosso do Sul e que se ela aumentar o preço, ninguém vai até o local comprar e pegam de outros que fazem mais barato. Segundo Z_19, alguns integrantes da comunidade chegam a vender as iscas a R\$ 0,25 (vinte e cinco centavos) ou 0,30 (trinta centavos). Desta forma os compradores ficam negociando individualmente com coletores de iscas vivas. Ela informa ainda que vender as iscas a um valor inferior a R\$ 0,35 não dá nem para pagar as despesas com a manutenção do barco e com gasolina. Em tom de desabafo ela informa que o litro de gasolina chega a ser vendido por atravessadores de dentro da comunidade a R\$ 5,00 (cinco reais).

Depois de conversar com vários moradores, percebi que o trabalho de coleta de iscas é arriscado e extenuante. Normalmente as baías (lagoas) e corixos (pequenos rios na planície) são exploradas pelos “isqueiros³” com telas, no formato retangular, com armação de ferro, medindo cerca de dois metros de comprimento por 85 centímetros de largura. O material de trabalho dos coletores de iscas é produzido com tela de nylon tipo mosquiteiro, pelo próprio pescador. Até 2010 elas eram manuseadas na coleta de iscas por duas pessoas, mas, buscando aumentar os lucros, os mais jovens inovaram a produção do instrumento de trabalho e implantaram um mecanismo denominado por eles de “mudo”. É interessante ressaltar que o nome utilizado está diretamente relacionado ao sistema de comunicação entre eles. Como para telar⁴ são necessários duas pessoas, eles acabam conversando o tempo todo um com o outro, desenvolvendo assim, um mecanismo de comunicação dialógica entre eles. Ao trabalhar em dupla, eles criam um sentimento de proximidade e de cuidado entre eles. Mas, como sistema “mudo” o trabalho passa a ser feito de forma individual. Eles não têm com quem conversar do outro lado da tela. São obrigados a trabalhar em silêncio, aumentando o sentimento de insegurança e os riscos decorrentes do trabalho que desenvolvem. É bom lembrar que na hora que vão retirar as iscas vivas das telas, outros animais, como cobras podem vir juntos e qualquer descuido pode colocar a vida em risco. Assim, o trabalho feito em dupla dá uma sensação maior de segurança e um sentimento de proteção.

³ Isqueiros: nome dado às pessoas que trabalham na coleta de iscas vivas

⁴ Telar ou tela tem o mesmo significado de coletar iscas vivas

Ao trabalharem sozinhos, os mais jovens aumentam a produtividade e o ganho, mas as consequências podem aparecer daqui alguns anos. Esta nova técnica exige o dobro de esforço. Os mais velhos não se arriscam a coleta com o “mudo”, mas os mais jovens, pensando em aumentar os lucros, estão optando pela técnica e correndo mais riscos de apresentarem problemas na coluna. O sistema denominado pelos ribeirinhos de “mudo” é um mecanismo que conta com um caibro de madeira com uma roldana e um gancho para fixar em uma das pontas da tela. O coleto de iscas, no momento que levanta a tela da água precisa, ao mesmo tempo puxar a roldana para que as duas partes da tela fiquem fora da água e ele consiga pegar os pequenos peixes. Ou seja, o peso que era dividido entre os dois coletores agora sobrecarrega apenas uma pessoa. Este sistema individual de coleta de iscas vivas exige muito mais esforço. As telas com as iscas pesam em média, 50 (cinquenta) quilos. Esse processo é realizado, no mínimo, 180 vezes em cada local de coleta, traduzindo-se em intenso esforço de captura. Os “isqueiros” enfrentam situações de insalubridade e risco, pois ficam de oito a 16 horas/dia dentro da água. A lida com a tela exige habilidade, destreza e muita coragem, pois no seu manuseio, o “isqueiro” enfrenta as adversidades do ambiente com água à altura do peito. Manusear a tela é uma arte.

Na coleta de iscas vivas atuam jovens e adultos, homens e mulheres com baixo nível de instrução formal, devido à falta de oportunidades. Geralmente, as mulheres são maioria nessa atividade. No período do defeso, ou piracema, como é mais conhecida, a pesca é proibida por lei para que os peixes possam se reproduzir e o “isqueiro” é obrigado e fazer o que chamam de “changa”, atuação em outras atividades para suprir as necessidades emergenciais da família. Este é um período longo. São quatro meses que vai de novembro a fevereiro. Além do defeso, não é possível esquecer o período de cheias que dificulta a captura das iscas.

Conversando com as pessoas da comunidade é possível perceber que existe entre os “isqueiros” uma contida e silenciosa, mas poderosa e permanente competição. Competem para manter a subsistência e a sobrevivência, desprezando riscos e perigos por que passam todos os dias. De acordo com levantamentos da Ecoa a coleta de iscas é uma atividade intensa no Pantanal e gira em torno de 21 milhões de unidades/ano, gerando uma renda bruta de cerca de 3,5 milhões de dólares/ano. As iscas mais capturadas e comercializadas são os peixes das espécies *Gymnotus carapo* (tuvira) e *Synbranchus marmoratus* (mussum) e o *Dilocarcinus pagei* (caranguejo).

Eram quase 17 horas quando chega à comunidade uma camioneta azul escura puxando um pequeno reboque. Dela desce um senhor simpático com aproximadamente 40 anos, usando camisa polo e bermudão. Vamos identificá-lo apenas como Z_48. Soridente e conversador, ele vai envolvendo as pessoas que chegam com papo agradável. Conta das viagens e da venda de iscas. No início não revela o valor que paga e nem a quanto vende. Mas depois revela que as tuviras custam aos turistas aproximadamente R\$ 25,00 (vinte e cinco reais) a dúzia. Rapidamente faço os cálculos e percebo que fica com a maior fatia do trabalho dos ribeirinhos, uma vez que ganha R\$ 21,60 por dúzia de tuviras vendidas.

Pergunto como quem não quer nada, se o trabalho é lucrativo e ele dispara que já foi funcionário do segundo escalão do Governo do Estado e que inclusive chegou a ir até Brasília como assessor parlamentar de um deputado federal. Diz que fez três anos do curso de Geografia e depois mudou para o curso de Direito onde estudou mais dois anos. Segundo ele não se identificou com o curso e acabou fazendo um ano e meio de Ciências Imobiliárias. De acordo com nosso personagem, a vida em Brasília era muito chata. O tempo todo de terno e gravata não fazia o seu estilo. Resolveu fazer a carteira de pescador profissional e abandonou tudo para trabalhar com a compra e venda de iscas.

De acordo com Z_48, no período que antecede o período de defeso e o fechamento da pesca, chega a vender mais de sessenta mil iscas por semana. Segundo ele, os três últimos meses antes da piracema, nem aparece em casa. Fica o tempo todo na estrada comprando e vendendo iscas de todos os ribeirinhos da região. Ele informa que uma boa parte das iscas fica no Centro-Oeste. As tuviras que está carregando têm destino e comprador certo em Rio Verde de Goiás. Mas ele admite ter levado iscas até para a Argentina. Nosso personagem informa ainda que não pode reclamar do trabalho que possui, uma vez que tem quatro meses de férias todos os anos.

Já estava escuro quando Z_48 e mais três moradores da comunidade terminaram de carregar e tampar os latões onde as 15 mil tuviras iriam viajar. Depois disso, ele fez o acerto das iscas, embarcou na sua camioneta e partiu com a promessa de voltar no meio da semana para pegar outra carga, acertada previamente com os ribeirinhos. A ribeirinha que estava vendendo as iscas, Z-19 comenta que o atravessador é um mal necessário. Segundo ela, sem uma cooperativa, eles não têm como competir e levar as iscas para nos locais de consumo dos pescadores.

Buscando fazer com que os ribeirinhos pudessem ter maior poder de barganha, a Ecoa construiu em 2005 um entreposto que permite armazenar grandes quantidades de iscas. Antes da construção do entreposto os ribeirinhos chegavam a perder 50% das iscas coletadas do momento da retirada do rio até a entrega aos atravessadores. Agora com o entreposto, e com os 16 tanques as iscas coletadas por eles ganham sobrevida e podem ficar armazenadas por vários dias. Da coleta nos rios do Pantanal até o consumidor final os ribeirinhos perdem atualmente 10% das iscas. A redução de 40% nas perdas só foi possível de acordo com Z-19 por causa da construção do entreposto.

2.3. SER PANTANEIRO É REMAR EM ÁGUAS CORRENTES

O amanhecer no Pantanal é deslumbrante. Os primeiros raios de sol já indicavam que o dia seria longo e quente. Mas, às 6 horas da manhã ele estava agradável e o rio Paraguai corria manso. O silêncio do amanhecer era quebrado pelo som dos pássaros. Do hotel onde estava hospedado era possível ver toda a comunidade. Se por um lado, era possível curtir a exuberância do Pantanal, por outro, a dura realidade dos ribeirinhos me mostravam que a ganância humana era capaz de colocar lado a lado duas extremidades: a beleza natural quebrada pelos casebres de restos de madeira e pelos ribeirinhos que aos poucos iam saindo de suas casas de palafitas para mais um dia estafante. Para nós era domingo, mas para muitos deles era apenas mais um dia de trabalho cansativo e de luta pela sobrevivência.

Fui até a recepção do hotel e solicitei que esquentassem água para tomar meu chimarrão. Enquanto esperava a água esquentar, sentei-me na varanda nos fundos do hotel para contemplar as belezas que estavam diante dos meus olhos. Tentei buscar em minhas memórias o que sabia sobre o Pantanal e o pensamento ganhou asas e voou. Estava diante da maior planície alagável do planeta, com aproximadamente 140 mil km². Me lembrei também que Pantanal é a denominação que se dá a uma grande porção de terra banhada por um complexo hidrográfico formado por centenas de rios que nascem nos planaltos e deságuam no rio Paraguai. O rio corria manso e ao contemplar seu fluxo vi os camalotes⁵ deslizando sobre

⁵ Ilhota flutuante formada de troncos soltos, raízes e plantas aquáticas e que descem os grandes rios à mercê da corrente.

as águas e me veio à memória a imagem do meu amigo Eron Brum (2001) que descreve o Pantanal como possuindo matas ciliares mais ou menos homogêneas, savanas arborizadas e campos inundáveis com vegetação flutuante. E, naquela manhã de domingo, eu estava contemplando uma destas vegetações flutuantes passando silenciosa na frente dos meus olhos.

Recordei-me que toda esta diversidade se dá essencialmente em decorrência de fatores sazonais de seca e cheia. A mesma que me impediu de começar esta pesquisa no início de 2011 e que me fez esperar o baixar das águas para poder começar em outubro. O ciclo das águas, comum no Pantanal, ocorre entre os meses de novembro e março, quando aproximadamente 80% do território ficam inundados com águas rasas. As enchentes e vazantes impressionam quem não conhece o fenômeno. No entanto, trata-se apenas da preservação natural da biodiversidade. Características como isolamento, inundações constantes, clima inóspito e agreste, garantem o status de um dos biomas mais preservados do mundo, apesar de ter sido ocupado pelo homem há mais de 300 anos. Tudo isso estava ali, na minha frente e eu, embasbacado não conseguia falar nada. Apenas contemplava toda esta beleza.

Tentei imaginar como tudo isso se formou e me dei conta de que existem muitas teorias sobre seu surgimento. Por um bom tempo chegou-se até acreditar que este vasto pedaço de terra teria sido um mar. Costa (1999) explica que a região foi coberta não por um único mar, mas por vários mares em épocas distintas. Mas, com o avanço da ciência foi possível perceber que a formação do Pantanal é consequência do mesmo fenômeno geológico que produziu a Cordilheira dos Andes. Vendo toda aquela exuberância, recordei-me do geógrafo Aziz Nacib Ab'Sáber (1988) ao defender que há cerca de 60 milhões de anos, o Pantanal era uma grande abóbada, mas durante um processo de acomodação da crosta da terra, o planalto brasileiro teria se levantado. Diante daquele espetáculo da natureza, tentei imaginar a cena, mas a algazarra de um casal de araras que passava por ali naquele momento me impediu de continuar divagando e me trouxeram de volta para a realidade.

Olhei para os lados e percebi que os raios do sol ganhavam força e prometiam um dia escaldante. Tentei ficar apenas contemplando aquela imensidão desabitada pelo homem, mas voltei às minhas divagações e me deparei pensando novamente na formação daquele cenário. Puxei na memória o que havia lido de Ab'Sáber (1988) e recordei que segundo o autor, depois de suspenso e sofrendo uma forte pressão por estar comprimido, o planalto

rachou em fendas que foram vagarosamente desmoronando em direção ao sul. Desta forma, a abóbada teria se transformado numa profunda planície. Mas, antes de todas estas transformações geomorfológicas a grande abóbada era distribuidora de água, e não coletora, como é hoje. Junto com a água que passou a ser acolhida por esta planície também vieram os detritos, areias, cascalho e pedras. Uma enorme quantidade de sedimentos foi jogada para dentro da depressão e, todo este material acumulado ao longo dos anos deu vida a camadas sedimentares de 400 a 500 metros de espessura, formando os chamados leques aluviais, cujo mais conhecido é o Taquari.

Fui trazido de volta para a realidade pelo garçom do hotel que chegava com a garrafa de água quente para meu chimarrão. Peguei a garrafa e preparei a erva na cuia. Pela primeira vez pude saborear com tranquilidade o gosto amargo contemplando as belezas naturais do Pantanal. Entre uma cuia e outra me lembrei de que o Pantanal está situado no interior da América do Sul e que no século XV esta grande porção de terra era considerada pelo Tratado de Tordesilhas como território pertencente à coroa espanhola. Originalmente o local era habitado por diferentes nações e tribos indígenas entre eles, os Guaranis, Payaguás, Guatós, Guaxarapós e Xarayes. Mas, após a ocupação não demorou muito para a região começar a ser visitada pelos europeus. No início do século XVI já era percebido a presença de brancos no território. A possibilidade de explorar as riquezas das terras e descobrir tesouros atraiu navegadores como Juan de Sólis, Sebastian Caboto e Cabeza de Vaca. Os diários deixados pelos primeiros exploradores mostram um mundo onde realidade e a fantasia se misturava. São os mesmos diários de viagem que mostram como era chamado o que hoje é conhecido como Pantanal.

Coloco mais água na cuia e me levanto da cadeira onde estava para poder enxergar melhor um jacaré que curte tranquilamente os primeiros raios do sol na encosta do rio Paraguai. Só então me dou conta de que Xarayes foi o primeiro nome dado àquelas terras repletas de entrecortes de rios e lagoas. Segundo Costa (1999) este nome foi mencionado pela primeira vez nos escritos de Cabeza de Vaca em 1492, antes mesmo do descobrimento do Brasil. Numa de suas expedições, Cabeza de Vaca, atravessou com seus navios uma região de águas tão planas e profundas que a comparava com o mar, andando mais adiante, viu o Paraguai perder seu contorno por receber as águas de muitos afluentes. Isso é possível de perceber pelo fato de que a cheia do Paraguai transforma parte do seu leito num imenso lago. Localizado muito próximo dali vivia uma tribo indígena, chamada Xarayes. Assim, entre as

informações indígenas e a associações de narrativas criava-se a Laguna de Los Xarayes. Esta foi a ideia que persistiu como representação daquela parte interna da América Meridional, banhada pelo rio Paraguai.

Volto a me sentar confortavelmente. Encho minha cuia e continuo mateando sozinho. De repente vejo um pequeno barco deslizando suave pelas águas do rio. Dentro dele vejo apenas uma pessoa usando um grande chapéu de palha para se proteger do sol. Conforme se afasta, a pequena embarcação vai diminuindo nas águas até desaparecer na curva do rio. Mais tarde descubro que o pequeno barco a remo é da entrevistada Z_37 de 53 anos, responsável pelo sustento dos seus 10 filhos e que, àquela hora da manhã, saía para tentar pescar o almoço. Sem me dar conta do tempo, volto a pensar na formação da região que em meados do século XVIII passou ser conhecida como Pantanal. A denominação foi dada pelos *portugueses del Brasil*, os monçoeiros. Estes, seguindo as rotas já abertas avançaram além dos limites fixados pelo Tratado de Tordesilhas e no início dos anos de 1700, conquistaram parte daquelas terras. Costa (1999) explica que a origem do novo termo aconteceu porque os monçoneiros desconheciam a Laguna de Xarayes e, ao chegarem à planície do Alto Paraguai e, percebendo a grande quantidade de pântano, passaram a denominar a região de Pantanais. Só então me dei conta que estava diante de uma invenção luso-brasileira. Mesmo assim, durante alguns anos, a castelhana Laguna de los Xarayes conviveu com o luso-brasileiro Pantanal. Porém, pouco a pouco, essas imagens se atrelam e as alagadas planícies pantaneiras se sobrepujaram ao secular e lendário Mar de Xarayes.

Resolvo pegar a garrafa térmica, descer as escadas e contemplar o rio mais de perto. Entre uma cuia e outra, vejo vários jacarés e uma variedade de pássaros que para mim são desconhecidos. Chego próximo à barranca do rio bem no momento que a balsa utilizada para a travessia, encosta com duas camionetas de turistas que estavam deixando o Pantanal para voltar à rotina da vida moderna. Enquanto observo a euforia dos turistas que só falam das belezas naturais do Pantanal e deixam de lado a dura realidade dos casebres dos ribeirinhos. Me afasto do grupo de turistas que tinham acabado de descer da barca para poder contemplar em silêncio as maravilhas que estavam diante de meus olhos.

Percebo que independente da história que usam para justificar o aparecido da planície pantaneira o que deve hoje ser levado em consideração é que o Pantanal é um dos ecossistemas mais significativos do planeta. Formando um dos maiores sistemas de áreas

alagáveis contínuas da América Meridional, o Pantanal tem suas nascentes em terras brasileiras e estende-se, numa “fronteira viva” pela região do Chaco paraguaio-boliviano. É fácil perceber que são os rios que dão vida a este cenário. Eles são os responsáveis por tudo que acontece de bom ou de ruim. Na cheia, mudam repentinamente de direção, cobrem plantações e pastos, entopem baías e vazantes, deixam muitos ribeirinhos com suas casas inundadas, carregam tudo que veem pela frente, derrubam pontes e matam animais. Mas, na seca, se comportam de melhor maneira. Correm mansos, aprisionados entre uma margem e outra. Quando a região alaga, a vegetação que fica submersa passa pela ação de decomposição e se transforma em valiosos nutrientes, carregados pelas águas e depositados em lugares diferentes quando as águas começam a baixar. Todo este processo alimenta e garante a renovação exuberante do solo da região.

Depois de caminhar um pouco pela comunidade tomando meu chimarrão, resolvo voltar ao hotel para tomar mais algumas cuias na tranquilidade que a varanda havia me proporcionado. Molho a erva com mais um pouco de água quente e volto à minha contemplação. Recordo-me então, que a região foi reconhecida pela Constituição de 1988 como Patrimônio Ecológico e tido como Reserva da Biosfera Mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). A paisagem que estava diante de meus olhos ajuda a classificar o Pantanal por sub-regiões com distintos regimes hídricos, distribuição de fauna e flora e características geológicas e químicas. O primeiro grande programa que realizou estudos e diagnósticos sobre a região foi o Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai (PCBAP). Foi por meio dele que o Pantanal foi dividido em 11 áreas diferentes conhecidas como Pantanal de: a) Barão de Melgaço; b) Paraguai; c) Taquari; d) Poconé; e) Cáceres; f) Paiaguás/Nhecolândia; g) Aquidauana; h) Abrobral/Rio Negro; i) Miranda; j) Nabileque e k) Porto Murtinho.

Encho mais uma cuia e nem percebendo o tempo passar. Dou mais uma olhada para o local e o contraste entre as belezas naturais e a dura realidade dos ribeirinhos que vivem ali me chama a atenção. São esquecidos, deixados de lado pela sociedade capitalista. Abandonados se parecem mais com os animais que vivem no Pantanal do que seres humanos com direitos a educação, saúde e moradia dignas. A realidade destes ribeirinhos é igual a de tantos outros que vivem nas várias regiões do Pantanal Sul-mato-grossense. Isso porque aproximadamente 70% do Pantanal está localizado no Estado de Mato Grosso do Sul. Minha esposa e sua amiga Vanessa me tiram dos devaneios e me jogam à dura realidade de um

domingo de trabalho intenso. Elas vieram me convidar para o café da manhã e aproveitaram para tomar uma cuia no percurso do hotel até a casa de Z_19, uma das moradoras onde iríamos tomar o café da manhã, almoçar e jantar. Desta forma é possível baratear os custos da nossa estada. O aconchego do hotel servia apenas como ponto de apoio para tomarmos banho e dormir. Chegamos a casa e somos recebidos por uma menina de uns 14 anos que nos informa que nossa anfitriã saiu de madrugada para coletar iscas, mas que deixou tudo preparado sobre a mesa e que era para ficarmos à vontade.

Logo após o café da manhã, volto ao hotel para deixar a garrafa térmica e a cuia de chimarrão. Pego uma garrafa de água mineral, uma maçã, gravador, caderno de anotações, caneta, os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e parto para a realização das entrevistas. Atravesso toda a comunidade e começo as entrevistas pela última casa do Areão. Sou recebido por um senhor simpático de 46 anos que, com uma naturalidade impressionante, aceita partilhar um pouco de seu tempo comigo. Receoso e com muita cautela, vou usando tudo o que sei para criar uma empatia e fazer com que aquele momento fosse prazeroso para mim e para ele. De forma espontânea ele vai me informando que cursou até a 7^a série, que mora na comunidade há 34 anos, tem seis filhos e um neto.

Vou bombardeando meu primeiro entrevistado com as 20 perguntas de meu questionário semiestruturado e ele, com muita paciência, vai respondendo uma a uma. Dentro do que a situação permite tento ser o mais agradável possível. Recordo-me do professor Jorge Kanahide Ijuim, um dos mestres que tive durante o curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e hoje professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Seus ensinamentos sobre as técnicas de entrevistas e sobre como abordar um entrevistado foram úteis neste momento. Tinha que colocar em prática tudo o que eu sabia e tinha aprendido durante anos de estudo. Naquele momento comprehendi que o filósofo, o jornalista e o psicólogo eram um só. Ali, não existiam os livros para me dar suporte. Mas, as leituras feitas anteriormente foram fundamentais. No entanto, era preciso tranquilidade, simplicidade e disponibilidade para escuta. Percebi que meus entrevistados tinham vontade de falar. Precisavam ser escutados. Afinal, de acordo com Arendt (2010) estavam abandonados, esquecidos e humilhados em sua condição humana. Notei que todo o conhecimento de que dispunha seria útil, mas acima de tudo precisava ser sensível aos apelos e aos sussurros de meus entrevistados.

Por ser domingo, sabia que iria encontrar vários moradores em casa e precisava ganhar tempo. Aproveitar o máximo meu contato com os ribeirinhos e me embebedar da realidade vivida e vivenciada por eles. Além das entrevistas que estavam sendo gravadas, tinha consciência de que precisava anotar as dificuldades e facilidades, além dos sentimentos, sensações e emoções que estava sentido naquele momento. Tudo seria útil na hora de produzir e de analisar os dados que aqueles seres humanos singulares estavam me permitindo colher. Com o passar das horas o sol foi ficando mais quente. A sensação era de que ele estava mais próximo da terra. Debaixo das árvores ou das varandas improvisadas pelos ribeirinhos o suor era inevitável e olha que dia só estava começando.

Minha água mineral acaba antes das 10h da manhã. Como precisava ganhar tempo e aproveitar a disponibilidade dos moradores, resolvi enfrentar a sede. Sabia que não podia aceitar água e nem o tereré⁶ oferecido pelos ribeirinhos, senão teria que enfrentar certamente uma diarreia. Vou de casa em casa buscando entrevistar o maior número possível de pessoas. Antes de cada entrevista leio o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e explico a pesquisa para que todos saibam do que se trata e se realmente aceitam fazer parte como integrantes do estudo que estou realizando. Sem celular e sem relógio e preocupado em aproveitar o máximo o meu tempo, acabei não percebendo o passar das horas e, quando chego em mais uma residência para solicitar a entrevista, vejo que estão almoçando. Assim como os ribeirinhos, eu precisava parar e repor as minhas energias e não me tornar inconveniente ao ponto de querer entrevistá-los durante o almoço.

A sede estava deixando o sol mais ardido que o normal. Resolvi ir até o hotel, lavar o rosto e tomar uma água. Estava na hora de fazer a pausa para o almoço. Rosto lavado e água tomada, sento na cama para rever minhas anotações. Com a chegada da Silvia e da Vanessa, me dou conta que já era mais de meio dia. Ao mexer na mochila percebo que a maçã que havia levado para uma emergência estava intacta. Isso serviu para me mostrar que precisaria reforçar o estoque de água e que não adiantaria levar nada para comer durante o período da tarde. Não é possível fazer uma entrevista comendo e não podia me dar ao luxo de parar para comer uma fruta na frente dos meus entrevistados. Enquanto as meninas se lavam para irmos almoçar pego meu caderno de anotações e me dou conta que levei mais de cinco horas para fazer sete entrevistas.

⁶ Tereré: bebida feita com a infusão da erva mate de origem Guarani, semelhante ao chimarrão, porém é consumida com água fria ou gelada.

2.3.1. Tem cheiro de camalote, tem gosto de tarumã

Chegamos para almoçar na residência combinada e somos recebidos pelo anfitrião Z_18 que, um pouco alto pelo efeito da cerveja, nos recebeu animado e cantarolando. Informou que o almoço estava pronto e que a mesa estava arrumada. Entramos na residência e sentamos à mesa. No canto da cozinha um fogão a gás azul claro estava com duas panelas grandes e sobre as panelas vários pássaros se deleitavam comendo arroz e macarrão. A cena me chamou a atenção pela beleza e por ser inusitada. A janela aberta possibilitava o ir e vir dos pássaros que na parte da manhã também haviam nos acompanhado no café. De repente, a menina que nos atendeu pela manhã entra na casa, toca os pássaros e liga o fogão para esquentar a comida que já estava fria. Só então me dou conta que aqueles belos pássaros de cor cinza e com cabeça vermelha estavam se deleitando com parte de nossa refeição.

Com a mesma agilidade com que o fogão foi ligado ele foi desligado. Olhei para o tamanho das panelas e percebi que não tinha como a comida estar quente. Era preciso deixar a frescura de lado e comer ou não conseguiria dar conta de fazer o trabalho que tinha me proposto para aquele dia. Pego meu prato, vou até o fogão, tiro um pouco do arroz que estava por cima da panela e pego o suficiente para matar a fome. Da mesma forma faço com o macarrão. Volto à mesa e percebo que o feijão está completamente frio. Coloco feijão no prato, misturo tudo e cubro com farinha. Pego um pouco de salada de tomate e resolvo medir o tamanho da fome. Em pouco tempo o prato fica vazio. Olho para o fogão na esperança de pegar mais um pouco e vejo que os pássaros não deram trégua. Voltaram a atacar. Devem estar com mais fome do que eu. Acabo optando em trocar o segundo prato de comida por um copo de refrigerante. Vou ao hotel escovar os dentes, não sem antes comer a maçã da manhã, chupar algumas laranjas e pegar duas garrafas de água e colocar na mochila.

Escovo os dentes e minha esposa me informa que já são 13h30min. Não tínhamos tempo para descansar. Ela e a Vanessa precisavam voltar ao que estavam fazendo e eu precisava retomar minhas entrevistas. Retorno ao local onde havia parado na parte da manhã e inicio minha investida vespertina buscando entrevistar um grupo de moradores que estavam sentados à sobra de um pequeno arbusto do cerrado. Eram três mulheres e um homem. Rapidamente pensei que esta situação me faria ganhar tempo, uma vez que não seria necessário me locomover de uma casa para outra. Explico individualmente a pesquisa e leio o

TCLE. Uma a uma, as três mulheres se dispuseram a participar. Faltava apenas um senhor de aproximadamente 50 anos para concluir as entrevistas neste pequeno grupo. Conforme fiz com as mulheres, convidou-o a sentar-se um pouco mais afastado dos outros, num pequeno banco de madeira onde eu estava. Busquei me afastar um pouco do grupo para que eles pudessem continuar conversando e com isso, eu pudesse entrevistar individualmente cada um deles sem que fossem influenciados pelos demais.

Ao ser convidado, o senhor veio ao meu encontro, mas percebi que estava um pouco nervoso. Pensei que estivesse ingerido bebida alcoólica. Mas, ao se sentar do meu lado notei que estava sóbrio. Comecei a explicar a pesquisa que estava desenvolvendo e li o TCLE. Quando vou iniciar as perguntas sou pego de surpresa. Ele olha nos meus olhos e pedi para eu explicar novamente o TCLE. Volto a explicar e no final ele me diz que não gostaria de participar. Pergunto o motivo e ele, em tom de desabafo me conta que já está cansado de ver as pessoas irem lá e fazerem perguntas e mais perguntas sem mudar nada. Penso em tentar convencê-lo a participar. Mas, me recordo que esta não é uma atitude correta. É preciso respeitá-lo. Entender e escutar o que ele está tentando me dizer com sua postura. São explorados de todas as formas e por todas as pessoas. Chegaram ao ponto de serem considerados “*objetos*” de estudo de mestrado. Fiquei atordoado com a postura daquele senhor e entendi o motivo de seu nervosismo no inicio de nossa conversa. Até este momento eu também não tinha me dado conta que estava fazendo com eles o mesmo que os políticos e os turistas fazem constantemente.

Sua esposa tentou intervir e pediu, em tom autoritário para que ele desse a entrevista. Que seria importante para a comunidade. Neste momento eu fui obrigado a me posicionar e, com toda a serenidade que me era possível naquele momento busquei explicar que era um direito dele não querer participar e que sua recusa não iria prejudicar em nada os ribeirinhos. Guardei o material na mochila, agradeci a participação e fui até a pequena mercearia no centro da comunidade. Pedi um refrigerante e fui me sentar à sombra embaixo da Casa Rondon para olhar o rio e tentar compreender a postura daquele senhor de pele queimada pelo sol e cabelos grisalhos. Vendo as águas mansas do rio Paraguai passando na frente dos meus olhos, acabei me lembrando do meu orientador Márcio Luis Costa (2000) ao defender que nestas situações, não se trata de fechar os olhos para o fato em si, é preciso potencializá-lo a ponto dele mesmo se ultrapassar e permitir enxergar o para além daquilo que é dito no não dito. Notei neste momento, que seria necessário fazer um projeto de devolutiva

do material recolhido na comunidade. É preciso ajudá-los a recuperar a autoestima e mostrar alternativas para que consigam lutar contra a exploração que estão sendo expostos todos os dias.

2.3.2. Marcas profundas, cheiro de lodo, terra molhada

Depois de uma rápida pausa de uns 15 minutos, tempo suficiente para colocar as ideias em ordem, resolvi inverter a ordem das entrevistas e, no lugar de retornar de onde havia parado, acabei solicitando as entrevistas nas casas dos moradores que ficam na entrada do areão. Encontro mais um morador reticente quando solicito a entrevista. Mas, após explicar o motivo da entrevista e ler o TCLE meu entrevistado aceita participar. Depois de mais algumas entrevistas, e com o sol já dando indícios de que iria se recolher, percebi que estava na hora de encerrar as atividades do dia. Eu acreditava que já tinha vivenciado todas as surpresas daquele domingo. Mas, próximo do hotel acabo me deparando com mais uma moradora e, entendendo que ainda havia tempo para mais uma entrevista, pergunto se gostaria de participar da pesquisa que estava desenvolvendo.

Na primeira tentativa de entrevista sentamos na varanda da mercearia. Mas, a altura do som não permitia escutar os sussurros que ela deixava sair por sua boca. Tentei fazer leitura labial, mas também não estava conseguindo acompanhar e entender o que aquela senhora estava me dizendo. Olhei para o lado e vi meu carro há alguns metros de distância de onde estava. Fiquei um pouco resistente à ideia que me ocorreu naquele momento de chamá-la para dar a entrevista dentro do carro. Mas, diante das circunstâncias e, não vendo outra saída, fui obrigado a convidá-la para continuar a entrevista no automóvel. Fiquei mais tranquilo com a naturalidade com que ela aceitou. Desliguei o gravador e, ao entrar no carro, explique novamente os objetivos da minha pesquisa e iniciei a entrevista refazendo as perguntas que havia feito anteriormente. Como o carro estava com os vidros fechados era possível escutar melhor o que ela estava me dizendo.

Com voz baixa e sem levantar a cabeça, olhando o tempo todo para o chão, aquela senhora de 47 anos, mãe de dois filhos e com renda mensal de R\$ 300,00 (trezentos reais) me informa que estudou até a 5^a série e que veio morar no Porto da Manga há 19 anos. Tudo

estava transcorrendo dentro do previsto. Eu já havia tido surpresas suficientes por um dia de pesquisa. O cansaço era visível e a entrevista estava se encaminhando para o fim, quando na décima oitava pergunta – o que você faz que pode te levar a ficar doente? – minha entrevistada, Z_13, desaba em prantos na minha frente. Fico sem reação. Escuto com o máximo de atenção possível tudo o que ela relata. Seus medos, sua dor e sua revolta com a exploração ficam evidentes. Aquela senhora aparentemente frágil revela que, para os atravessadores, os catadores de isca estão numa escala inferior aos próprios animais do Pantanal. Nenhuma lei os ampara. Esquecidos pelo poder público, não têm a quem recorrer e, como se isso não bastasse, não sabem fazer outra coisa além de coletar as iscas que serão utilizadas pelos turistas.

Suas lágrimas, seu silêncio para tomar fôlego e continuar a entrevista, além de sua voz baixa, quase sussurrando exercem uma força esmagadora sobre mim. Enquanto ela vai descrevendo a situação humilhante pela qual passou, fico imaginando minha entrevistada Z_13 entrando naquelas águas paradas arriscando a própria vida para coletar as iscas que são entregues ao dono das ferramentas por R\$ 0,15 (quinze centavos). É preciso muita coragem para enfrentar o algoz e todo um modelo de exploração criado pelo atravessador. De acordo com Z_13, para quem não tem condições de comprar as ferramentas necessárias para o trabalho, alguns atravessadores acabam oferecendo o material, desde que as iscas sejam entregues apenas para ele a um custo de R\$ 0,15 e não a R\$ 0,35 como os demais ribeirinhos que são donos dos instrumentos para a coleta. Sua angústia estava no fato de que o atravessador valoriza mais o material da coleta das iscas do que as pessoas que fazem a coleta das tuviras e caranguejos.

Sua dor, revolta e mágoa não vão além de um “*fiquei muito aborrecida com ele*”. Seu aborrecimento estava no fato do dono dos instrumentos que ela usava para coletar as iscas ter deixado claro que só estava usando o trabalho dela. “... *daí eu vi que ele só queria explorar nós*”. O pouco estudo não impediu de ver a exploração que estava sendo vítima, mas na hora de manifestar sua indignação diante de toda a situação as palavras tropeçaram e o silêncio, o não dito acabou exercendo novamente seu papel avassalador. “*Foi uma coisa muito...*”. Ela não conclui o que estava pensando. Em vez disso faz um longo silêncio, enxuga as lágrimas, arruma os cabelos, pede desculpas pelo choro e termina com um “*mas tá bom*”. Fico pensando que quem deveria pedir desculpas sou eu, mas percebo que, naquele momento sua fala e suas lágrimas precisavam apenas ressonância na escuta psicológica. Não faço a próxima pergunta e

espero ela se recompor. Ela volta a falar das dificuldades e do sacrifício que enfrenta diariamente na coleta das iscas vivas. Quando percebo que está conseguindo falar naturalmente faço as duas últimas perguntas e concluo o meus trabalhos naquele dia. Afinal, o sol estava se pondo e já passava das 18h.

Exausto, queimado pelo mormaço do sol escaldante e com fome resolvi que estava na hora de tomar um banho e fazer mais um chimarrão para organizar as ideias e programar as atividades do dia seguinte. Chego no quarto do hotel, tomo um banho, como uma fruta, pego minhas anotações, limpo a cuia, coloco erva, pego minha garrafa térmica e vou pedir ao garçom esquentar a água mineral que está na garrafa. Combino com as meninas para tomarmos junto o chimarrão e informo que vou esperá-las na recepção do hotel. Enquanto a água esquenta olho as anotações que fiz das 13 entrevistas realizadas naquele dia. Silvia e a Vanessa chegam com uma proposta indecorosa. Depois de um domingo de trabalho estafante merecíamos comer algo especial: um peixe ensopado. Antes de responder, dou uma olhada no cardápio do hotel, faço uma vistoria na comida disponível, me recordo do almoço e acabo concordando com a proposta feita pelas duas.

2.4. NA FLOR DESTE CAMALOTE, MEU CANTO NÃO É DE MORTE

Levanto bem cedo. O sol estava começando a mostrar sua força. O céu estava limpo. Tudo indicava que seria um dia mais desgastante que o anterior. Fui até a recepção do hotel, solicitei que esquentassem água e voltei para o quarto para tomar o chimarrão matinal com as meninas. Enquanto isso, aproveitávamos aquele momento para combinar como seria aquele dia. Resolvemos que iríamos almoçar às 14h. Precisávamos fazer o dia render. Logo após o almoço deveríamos carregar as coisas e retornar à Campo Grande. Fomos à casa de nossa anfitriã, Z_19 para tomar o café da manhã. Informamos sobre a hora do almoço e saímos para desenvolver nossas atividades.

Volto ao hotel, pego meu caderno de anotações, gravador, encho duas garrafas de água mineral, coloco na mochila e parto para mais uma jornada de entrevistas. Entre uma recusa e outra, agora já acostumado com os não's, vou fazendo minhas anotações de campo e

tentando escutar, e anotar o máximo que podia do que estavam me falando. O sol forte começou a dar espaço para um vento, no início suave, quase imperceptível, mas que deixava o clima mais agradável. De repente um dos ribeirinhos, Z_20, informa: “é vento sul”. Perguntei o que isso significava, uma vez que não existia nenhuma nuvem no céu. Ele mais do que depressa diz: “é chuva a caminho”. Olho novamente para o céu e ele percebe minha incredulidade. Sorri e diz de forma taxativa: “antes do entardecer vem chuva forte”.

Diante das informações, percebi que tinha mais duas horas de trabalho intenso. Depois disso precisava pegar a estrada. As entrevistas, com exceção de dois ribeirinhos que não aceitaram participar, aconteciam de forma tranquila. Meus entrevistados estavam dispostos a falar e eu a escutar. Comunidade pequena, um vai falando para o outro e o sistema de comunicação interpessoal acaba funcionando. Fui percebendo que ao chegar às casas, era recebido com mais receptividade. Todos queriam contar suas histórias de vida e sofrimento. Mas, no penúltimo entrevistado da viagem fui novamente colocado à prova.

Na frente de uma das casas, vejo um senhor sentado à sombra de um pequeno pé de manga. Chego perto dele, me apresento e começo a falar da pesquisa e do TCLE. Ele me convida para sentar num pequeno tronco de madeira que servia como banco. Busca se arrumar no local onde estava sentado e se mostra disposto a conceder a entrevista. Descubro que meu vigésimo segundo entrevistado, Z_22 é um senhor de 56 anos, analfabeto, que mora há 42 no Porto da Manga. Começo a fazer as perguntas e nossa conversa flui naturalmente. Mas, quando chego à sexta pergunta – você já ficou internado em um hospital? Você sabe por que foi para o hospital? – sou surpreendido por uma mudança na atitude do meu entrevistado. Sua voz fica trêmula, os olhos se enchem de lágrimas e ele tenta a todo custo disfarçar. Ao começar a falar a garganta parece ter pigarro. A voz fica embargada e ele silencia. Sem entender o que estava acontecendo dou tempo para ele se recompor. Olho para seu rosto marcado pelo tempo. Observo suas mãos calejadas. Seus pés descalços começam a se movimentar lentamente no chão de terra como se ele quisesse ganhar asas.

Aos poucos vejo que está fazendo um esforço muito grande para buscar na memória a forma menos dolorosa de me contar sua vida. E, suas primeiras palavras me deram a sensação de ser um gemido de dor. Olhando para o chão, com voz trêmula e deixando escapar por entre os dentes algumas palavras, ele começa lentamente: “em 83 pegou fogo na minha casa. [silêncio] Perdi duas crianças. Um guri e outra menina”. Tenho vontade de sair

correndo como se eu não estivesse preparado para escutar aqueles gemidos. Mas, seus sussurros me prenderam naquele pequeno banco improvisado que, mesmo que tentasse, não conseguiria me levantar dali. A força do seu gesto e a dor da sua história encontram em mim a possibilidade de ganhar forma de se tornar realidade novamente. Esqueci de tudo e busquei me concentrar o máximo possível naquele ser humano que estava na minha frente partilhando sua dor comigo. É como se, ao revelar suas perdas fosse possível transferir para mim o peso do sofrimento que carregou por longos anos.

Depois de um longo silêncio, olha para mim e aponta as cicatrizes que as chamas deixaram no seu corpo. Olha para o chão, volta a falar mais baixo e retoma a história. “*Tava mexendo com gasolina. Tava enchendo o tanque para sair outro dia cedo... de repente eu só senti que explodiu na minha cara*”. Como se estivesse vendo a cena se passando na sua frente, Z_22 faz mais um longo silêncio para encontrar forças e relatar sua história. “...*Eu tinha um armário bem na porta, cheinho de vasilha*”. Faz uma nova pausa e quando recomeça a falar, sua voz está rouca, cavernosa e os olhos estão cheios de lágrimas. Tenho vontade de intervir e mudar de assunto. Mas fico parado escutando-o e respeitando cada pausa. Não digo nada. Apenas olho para ele de forma mais acolhedora possível e escuto seu lamento. “*Bateu o tanque no armário daí derramou mais gasolina ainda e daí pegou fogo mesmo*”. Como se pudesse voltar no tempo e arrumar o passado, meu entrevistado leva as mãos à cabeça e apoia os cotovelos nas pernas. Em silêncio, olha para o chão, como se quisesse que a terra o acolhesse em seu sofrimento para que a dor tivesse fim. Seu olhar marcado pelo sofrimento e marejado pelas lágrimas mostra o peso de uma dor que se arrasta por 28 anos. “...*Joguei o tanque pra fora pegando fogo. Daí eu caí na água... me levaram. Eu, a mulher e duas crianças*”. Neste momento ele para, olha para mim como se não quisesse continuar a história. Como se ocultando uma parte, pudesse voltar atrás ou evitar a tragédia. Mas, ao perceber as lágrimas nos meus olhos, acaba concluindo seu relato. “...*A menina morreu no caminho, no rio. Tinha nove meses. O guri tava com dois anos. Morreu no hospital quando tomou soro...*” Durante o relato, sua voz, em alguns momentos saia embargada, outras vezes sussurrada e algumas vezes, ficou emudecida pela lembrança dos filhos perdidos. Sua primeira esposa não suportou a tragédia e seu casamento foi desfeito. Mas, depois do relato, percebo que as marcas deixadas no corpo não permitem que ele esqueça as feridas abertas na alma.

Fiquei sem rumo. Nocauteado pela força das palavras que havia escutado. Terminei a entrevista, agradeci a confiança e sai cabisbaixo, pensando em tudo o que havia

escutado. Não queria fazer mais nada. Precisava fazer minhas anotações e buscar entender um pouco o que estava acontecendo comigo. Me dirijo à sombra de um pequeno arbusto, afastado das residências e começo a fazer minhas anotações. Guardo o material, pego a mochila para ir ao encontro das meninas, almoçar e pegar a estrada. Me recordo que havia combinado com uma senhora Z_23 que iria fazer a entrevista com ela antes de retornar à Campo Grande. De longe vejo que ela está sentada à sombra me esperando e eu teria que passar na frente de sua casa. Não tinha saída. Precisava fazer a entrevista. Me aproximei dela e já fui sentando num banco ao seu lado. Abro a mochila, pego o material de trabalho e começo minha última entrevista do dia. Depois do que havia escutado, estava meio anestesiado e deixei o gravador fazer a parte dele. Fiz, uma a uma todas as perguntas, agradeci a disponibilidade, guardei novamente o material e fui almoçar.

Ao chegar na casa de Z_19 a Silvia e a Vanessa já estavam me esperando. Como havíamos deixado tudo organizado antes do café da manhã, nosso trabalho agora se resumia em arrumar as malas e os materiais de trabalho no porta-malas do Siena. O vento aumentava e as nuvens começavam a ganhar peso, indicando que a chuva realmente viria. As casas estavam cobertas de poeira levantada pela força do vendaval. Em pouco tempo as pessoas não estavam mais circulando pelo local. Entramos no carro e paramos na frente da casa de Z-19 onde almoçamos. Nos despedimos das pessoas e, as 14h20min estávamos deixando a comunidade e retornando a Campo Grande. Ao entrar no carro dou uma última olhada para a comunidade e percebo a força do vento sul. O local estava parecendo um vilarejo abandonado, parado no tempo. Dou a partida e enquanto as meninas se ajeitam e colocam o cinto de segurança, penso que o vento sul mostra a realidade vivenciada pelos ribeirinhos. Minha última percepção da viagem era a de que a comunidade estava abandonada e parada no tempo. E, é exatamente assim que ela é vista pelo poder público no campo da saúde, educação, moradia, saneamento e água tratada.

Apesar do vento e de algumas pancadas de chuva pelo caminho, o retorno foi tranquilo. Fizemos uma rápida parada em Miranda para um lanche e chegamos em Campo Grande já passava das 21 horas. Deixamos a Vanessa em sua casa e ao chegar a nossa residência, fomos recebidos com festa pelos dois Lhasa Apso (Thor e Zeus) que ficaram fazendo o papel de guardiões. Foram três dias de intenso trabalho e 23 entrevistas. Agora era hora de tomar um banho, comer alguma coisa e repousar. Sabia que os próximos trinta dias seriam de ruminações. Era necessário registrar tudo antes que o tempo e o trabalhado

pedagógico na universidade amenizassem o impacto que a realidade havia deixado em minhas entranhas.

2.5. SER PANTANEIRO É SENTIR O CHEIRO DA FRUTA

Menos de um mês depois da minha primeira vigem à comunidade Porto da Manga para coletar os dados da minha pesquisa estava novamente na estrada. Na primeira vez fiquei de 15 a 17 de outubro e agora a intenção era aproveitar mais o tempo, uma vez que não teria como fazer uma nova viagem para coleta de dados. Sabia que precisava aproveitar o máximo o tempo uma vez que as águas nem haviam baixado completamente e as chuvas já estavam chegando fazendo o Pantanal se encher novamente no seu ciclo de renovação. Desta forma, a decisão inicial, sem os contratempoz, era permanecer na comunidade de 12 a 16 de novembro. Seriam cinco dias intensos de coleta de dados, escuta e anotações para posterior produção. Mas, a realidade nem sempre é avisada dos planejamentos feitos pelos pesquisadores e com isso, ela sempre encontra uma forma de alterar aquilo que, com cuidado e zelo deveria acontecer.

O retorno à comunidade foi acompanhado por meu irmão Roni Marcos Zanatta, assessor judiciário, ele havia sido transferido no início do mês de Corumbá para Campo Grande e estava se hospedando em minha casa. Ele aproveitou minha viagem para fazer uma visita à sua esposa e filha que haviam ficado em Corumbá enquanto ele tentava encontrar uma casa para alugar e esperava o ano letivo acabar. Desta forma, ele ganhava tempo para poder procurar com calma uma residência e minha sobrinha Luana ganhava tempo para terminar o ano letivo. Combinamos de, no primeiro dia ir direto à comunidade, mas no entardecer pegaríamos a estrada para pousar em sua casa. Com isso, eu teria que percorrer o trajeto de Corumbá até o Porto da Manga todos os dias. Só assim, conseguiria participar da festa de aniversário de minha sobrinha no dia 13 de novembro e economizaria com hotel. De acordo com nossos cálculos era mais barato ir posar em sua casa e gastar apenas com combustível do que pagar pouso e alimentação no único hotel existente na comunidade.

Acordamos às seis horas da manhã. Enquanto a água do chimarrão esquentava, arrumamos as coisas no porta malas do carro. Uma hora depois de termos acordado, estávamos abastecendo o Siena e calibrando os pneus para a viagem. Aproveitamos para comprar gelo e colocar na térmica onde estavam água mineral, refrigerantes, frutas, sanduíches, queijos e salames que serviriam como nosso almoço. O tempo estava nublado e agradável para dirigir. Não pegamos chuva, mas em vários trechos o asfalto molhado exigia mais atenção e indicava que a chuva poderia colocar por terra meu planejamento. O chimarrão nos obrigou a fazer uma parada rápida em Miranda. Como não podia perder tempo, dez minutos depois de ter parado já estava na estrada novamente. O chimarrão tinha acabado e meu irmão se arrumou no banco dando sinais de que iria tirar uma soneca antes de entrarmos na estrada de chão. Coloco o CD do Grupo ACABA com o título de “Canda-dores do Pantanal: 30 anos de música, pesquisa e cultura” e aumento um pouco o volume.

Estou indo pela terceira vez à comunidade ribeirinha de Porto da Manga. A primeira vez que estive na região foi em 1999, antes de entrar na carreira acadêmica. Na época, trabalhava na assessoria de comunicação do Governo de Mato Grosso do Sul e fui encarregado, junto com outros profissionais da comunicação, de fazer a cobertura da visita e do lançamento da pedra inaugural da ponte sobre o Rio Paraguai pelo então governador Wilson Barbosa Martins (PMDB). A ponte simbolizava a possibilidade de desenvolvimento para Corumbá e aumento de turistas para comunidades como a do Porto da Manga. A inauguração foi feita pelo então governador José Orcírio Miranda dos Santos (Zeca do PT) em 2001 e contou com a participação do presidente da República na época, Fernando Henrique Cardoso (PSDB).

Enquanto o carro desliza suave sobre o asfalto, acabo me recordando que quando passei pela comunidade em 1999 a expectativa dos ribeirinhos era a de que a ponte pudesse trazer mais turistas e com isso, eles tivessem melhores condições de vida. A realidade dos catadores de iscas vivas me chamou a atenção como jornalista. Na época, eles não tinham água tratada, luz elétrica, macacão para a coleta das iscas e eram expostos a todo tipo de exploração, sendo obrigados a ficar até 16 horas por dia dentro da água para poderem sustentar os filhos. Ao voltar no local, 12 anos depois, percebo que os sonhos continuam os mesmos e que pouca coisa mudou. Continuam sem água tratada e pelo que pude perceber, já nem lembram mais das expectativas de mudança que tinham com a construção da ponte. Mais uma vez foram usados nas manobras políticas para sensibilizar as populações dos centros

urbanos. O desejo da instalação de um posto de saúde, água tratada de qualidade e transporte coletivo não foram atendidos e a impressão é a de que não serão escutados nos próximos dez anos.

Tenho a impressão que a vontade política é manter a comunidade no esquecimento que ela se encontra. Por um lado esta realidade permite propostas políticas que nunca se realizam, mas servem para ganhar os votos dos ribeirinhos, uma vez que possuem a Representação Social de “ver o local onde moram ser lembrado e cuidado pelos órgãos competentes”. Por outro, ela serve como atrativo aos turistas que chegam ao local e se impressionam com as casas e com a forma de viver daqueles seres humanos. Algo que parece inconcebível no século XXI, mas que precisa ser preservado para atrair pescadores de várias partes do Brasil que buscam na região as belezas naturais e lutam para preservar o meio ambiente, esquecendo por completo a população que faz parte deste mesmo ambiente.

A quantidade de animais mortos às margens da rodovia me chama a atenção e, com isso acabo reduzindo a velocidade. São capivaras, veados e jacarés. Mas, um pouco mais adiante sou surpreendido ao ver uma anta morta sendo devorada pelos carcarás. De todas as viagens que fiz, esta é a primeira vez que vejo um animal deste morto ao longo da estrada. Olho para o lado e vejo que meu irmão está fazendo um sono tranquilo. Busco na memória o motivo que me levou a escolher a comunidade de Porto da Manga como objeto de estudo e descubro que a realidade de exclusão com a qual me deparei em 1999 me marcou profundamente. Penso até que ao escolher desenvolver a pesquisa neste local, doze anos depois se deve ao fato de que eu também esperava encontrar uma realidade diferente. Mas, voltar à comunidade com um olhar social buscando ver as relações de saúde e doença é, sem dúvida influência das aulas da professora da disciplina de Psicologia da Saúde, Dr^a Angela Lapa Coelho. Os estudos nesta área me mostraram a importância de lutar para superar o modelo biomédico e tentar ver a saúde como uma prática ampliada. Acredito que esta visão possa contribuir com a situação de vulnerabilidade que encontrei no Porto da Manga.

Reduzo a velocidade e no primeiro solavanco meu irmão abre os olhos e sai de seu cochilo. Depois de 402 quilômetros de asfalto, estava na hora de enfrentar os 47 quilômetros de terra. No painel do carro o relógio marcava 11h33min. Logo ao entrar na parte de chão, percebo que a estrada não está boa como na primeira viagem feita há menos de um mês. A velocidade não ultrapassa os 40 quilômetros. Enquanto meu irmão vai curtindo a

natureza e se deslumbrando com o que vê, eu me concentro em desviar os buracos e as pedras soltas no meio da estrada. É preciso atenção redobrada para não danificar o veículo e colocar fim a viagem.

Aproveito a oportunidade para explicar para meu irmão o pouco que sei sobre a Estrada Parque. Começo informando que a antiga Rodovia da Integração, conhecida como MS-228, hoje “Estrada Parque Pantanal”, foi traçada por Marechal Cândido Rondon que, no final do século XIX, levou a rede de telegrafo até Corumbá. Originalmente conhecida como “Estrada Boiadeira” ou “Estrada da Manga”, ligava o interior da região de Corumbá com a capital, Campo Grande. Toda a estrada foi construída sobre aterros, com alturas variando de um a três metros. Esta foi uma tentativa de garantir as condições de tráfego em qualquer época do ano. Este objetivo, todavia, não foi alcançado, pois nas grandes cheias como a ocorrida no final de 2010 e início de 2011 a água invadiu a estrada em vários pontos, derrubando pontes e impedindo a passagem de carros e animais. Foi exatamente por causa desta cheia que só consegui fazer minha primeira viagem para entrevistar os ribeirinhos em outubro. Antes disso as estradas estavam intransitáveis e não existia outra possibilidade de chegar à comunidade a não ser de barco. Uma viagem longa, cansativa e cara.

Ao chegar numa das pontes, paro o carro sobre ela para que possamos curtir a natureza daquele local e aproveito para explicar que a “Estrada Parque Pantanal” tem início na rodovia BR-262 na localidade chamada de Buraco das Piranhas perfazendo um total de 120 quilômetros até Corumbá. Comento que no total são 71 pontes de madeira que se transformam em observatórios naturais da fauna e flora pantaneira como estávamos fazendo naquele momento. Mas, pelo fato de ainda existirem três pontes quebradas, acabei optando ir até próximo de Corumbá e fazer o percurso de volta até o Porto da Manga desta forma, passamos por apenas quatro pontes que, não foram levadas por completo pela força das águas. A força das águas acabou comprometendo uma das pontes que ficou interditada por aproximadamente 60 dias, deixando a comunidade isolada por terra neste período. Ao passarmos por uma fazenda lembro ao meu irmão que é pela “Estrada Parque Pantanal” que vários fazendeiros fazem o escoamento da produção pecuária.

Na Estrada Parque também é possível encontrar grandes “comitivas”, sendo conduzidas pelos vaqueiros percorrem longos percursos a cavalo levando os animais com muita habilidade. Essas viagens podem durar algumas horas ou alguns dias, dependendo das

condições da estrada e do clima. Ainda com o carro sobre a ponte, vou buscando na memória as informações que posso e me recordo que a “Estrada Parque Pantanal” diferencia-se de uma estrada convencional por fatores ligados, em primeiro lugar, a valores ambientais - atravessa quatro sub-regiões do Pantanal: Miranda, Abobral, Nhecolândia e Paraguai e no seu trecho final defronta-se com a moraria do Urucum. O período de águas baixas que vai de julho a dezembro é o mais interessante para a contemplação da fauna e flora da região por uma série de razões, dentre elas o fato de peixes ficarem presos nas lagoas marginais em processo de evaporação, atraindo milhares de pássaros em busca de alimentos. Mas, devido às fortes cheias, os locais que deveriam estar secos ainda estão com uma boa quantidade de água dificultando um pouco o aparecimento de aves que se acumulam nas pequenas lagoas. Olho para o lado e aponto para que meu irmão veja alguns jacarés estirados nas margens do rio. Antes de retomar nossa jornada informo que ao longo da “Estrada Parque Pantanal” existem pontos que permitem visualizar e desfrutar paisagens pantaneiras características, formadas por áreas de inundação, capões⁷, campos, baías⁸ e corixos⁹.

Lentamente faço o carro entrar em movimento para sairmos de cima da ponte e avançar rumo à comunidade de Porto da Manga. Ando mais alguns quilômetros e resolvo parar para almoçar. Ao encostar o carro debaixo de uma árvore frondosa ao lado de uma ponte, olho no relógio e vejo que era 12h30min. Ao descer percebo que o lugar é perfeito para um piquenique. À frente o rio corre manso e somos presenteados com uma paisagem exuberante. Garças, tuiuiús e jacarés indicam que estamos no meio do Pantanal. Com exceção da estrada, o que se via era uma vasta região alagada com pequenos arbustos típicos do Pantanal. O cheiro da mata e os peixes pulando no rio ajudavam a fazer daquele almoço um momento mágico. A poucos quilômetros dali, com água até a cintura, os ribeirinhos deveriam estar coletando iscas para dar conta de atender os turistas no último final de semana antes do período de defeso. Depois disso, a pesca é proibida e só volta a ser liberada em fevereiro.

Nosso piquenique dura apenas 15 minutos. Tempo suficiente para comer os sanduíches preparados por minha esposa, Silvia Santana Zanatta e tomar um refrigerante. Mais 20 minutos de estrada e chegamos na comunidade. Encosto o carro debaixo de uma árvore, cumprimento os moradores que vejo por ali, pego a mochila, gravador, caderno, a pasta com o TCLE e duas garrafas de água mineral. Estava preparado para começar a fazer as

⁷ Capões – bosques isolados no meio do campo

⁸ Baías – lagoa que se comunica com um rio por meio de algum canal

⁹ Corixos – braço de rio, ribeirão.

entrevistas daquela tarde. Deixo a chave do carro com meu irmão, caso ele queira descansar e o apresento para o gerente da pequena mercearia localizada ao lado do hotel que me hospedei da primeira vez.

2.5.1. Sou molhado pela cheia, sou queimado pelo Sol

Logo que desci do carro notei que alguma coisa estava diferente. Na viagem anterior, ao chegar à comunidade percebi bastante movimento. Nesta observei várias residências fechadas. Busco informações com um dos meus entrevistados Z_12 e descubro que por causa do período de defeso, alguns moradores já deixaram o Porto da Manga e foram para Corumbá. Diante das informações, percebi logo na chegada que teria algumas dificuldades para fazer as entrevistas. Meu primeiro convite é feito a um senhor de 36 anos, pai de três filhos, com renda média de R\$ 200,00 (duzentos reais). Assim como os demais moradores, ele reclama a falta de uma escola boa para os filhos e a inexistência de um Posto de Saúde. Mas, pelos comentários que faz, percebo que sua maior reclamação diz respeito ao fato de não existir transporte coletivo que faça a linha Porto da Manga até Corumbá. Em tom de desabafo, Z_24 explica que “*com um ônibus a gente consegue trazer um monte de coisa e paga só aquela taxinha. Hoje, para ir até Corumbá fazer compras, a gente chega a gastar até R\$ 300,00 só com o transporte*”. Percebo que para quem tem uma renda inferior ao valor da taxa de translado realmente a reclamação procede, uma vez que o ganho mensal não dá nem para ir até a cidade mais próxima comprar os alimentos para a esposa e filhos.

Como as casas são próximas umas das outras, as entrevistas acabaram rendendo mais do que o esperado. Ao olhar em volta, vi vários ribeirinhos tirando o cochilo vespertino em suas redes. Percebi então, que isso faz parte do dia-a-dia daqueles moradores. É uma forma de poderem descansar em lugares mais ventilados e frescos, uma vez que as casas são muito quentes por não serem forradas. O único problema de entrevistá-los estava no fato de que eu era obrigado a me tornar inconveniente e atrapalhar o repouso de muitos que, em suas redes, se balançavam tranquilamente depois de uma semana de trabalho exaustivo antes da proibição da pesca. Mas, para minha surpresa, fui recebido muito bem por todos eles. A

sensação que eu tinha em cada uma das entrevistas era a de que eles estavam esperando alguém para conversar.

Entre uma entrevista e outra, por causa do sol forte, era obrigado a abrir a mochila e tomar um pouco de água, uma forma de me manter hidratado. Chego perto de mais um morador que estava descansando em sua rede sob a sombra, me apresento, explico a pesquisa e peço a ele se gostaria de participar. Ele, com uma fala mansa, baixa e parecendo não ter vontade nem de conversar, me olha nos olhos como se esperasse mais alguma informação, pede para que eu chegue mais perto e me mostra uma cadeira para sentar. Como se estivesse sendo guiado por uma força superior, não questiono seu pedido e nem a indicação do lugar onde deveria sentar. Calmo como se fosse o dono do tempo, ele me olha, sorri enquanto se balança na rede de um lado para outro. Sua pele queimada pelo sol e suas mãos calejadas indicavam que o trabalho que desenvolvia no dia-a-dia não era moleza.

Sentado ao seu lado, abro a pasta com os TCLE, tiro uma folha e começo a ler. Entre um parágrafo e outro, arrisco olhar para a rede e percebo que meu entrevistado Z_28 está de olhos fechados. Tenho dúvidas se está prestando atenção ao que estou explicando. Sua fisionomia e sua pele pantaneira, curtida pelo sol e pelas águas parecem impenetráveis. Tenho vontade de parar e deixá-lo descansar, mas não tenho coragem. Termino de ler e fico em silêncio até que ele abra os olhos. Só então informo que ele precisa assinar o documento e que uma via ficaria comigo e outra com ele. Com a mesma calma com que me recebeu, sussurra que não sabe ler e nem escrever. Levo um choque. Meus entrevistados Z_05 e Z_22 haviam se declarado analfabetos, mas mesmo assim haviam desenhado o nome no TCLE, imitando o que estava no documento de identidade.

Não querendo acreditar no que havia escutado, busquei uma forma de ganhar tempo. Precisava confirmar aquela informação bombástica que havia recebido. Não queria acreditar que diante de mim estava uma pessoa que não conseguia assinar o próprio nome. Sem saber o que fazer, pedi seu documento de identidade para colocar o número do RG no TCLE. Percebendo minha cara de espanto e meu constrangimento, ele grita para a mulher trazer os documentos. Alguns minutos depois um menino de uns dez anos aparece com a identidade e entrega para ele. Sereno, ele olha para o documento e em seguida estende a mão para que eu possa pegá-lo. Seu olhar parece me dizer: aqui está a prova do que acabei de informar. Mais do que depressa vejo que no lugar onde deveria estar a assinatura do seu

nome, está a impressão digital do seu polegar direito. Depois de colocar todos os dados no TCLE, pego a almofada tinteiro e passo para ele. Sem cerimônia ele deixa sua impressão digital no papel. Começo a entrevista com ele se balançando na rede, mas ao fazer a primeira pergunta, ele se arruma e começa a me contar sua história. Descubro que tem 43 anos, ganha R\$ 400,00 (quatrocentos reais) por mês, utilizados no sustento da esposa e dos quatro filhos.

Pouco a pouco vou descobrindo que meu entrevistado Z_28 não possui um conhecimento formal, mas os 37 anos no meio do Pantanal atendendo aos turistas, lhe permite saber com quem está lidando. Ao terminar minha entrevista, desligo o gravador, guardo o TCLE e, antes de me despedir, como se estivesse lendo meus pensamentos ele olha nos meus olhos e comenta: “*a gente não precisa de muita coisa nesta vida não. É só saber tratar as pessoas e a natureza*”. Naquele momento, me dei conta que aquele pantaneiro possuía mais sabedoria do que muitos mestres e doutores de universidades brasileiras.

O sol já estava se pondo, mas precisava aproveitar o máximo que podia. A previsão era de chuva para os próximos dias, com isso, meu planejamento estava comprometido. O jeito era aproveitar o máximo a boa vontade dos ribeirinhos e, se necessário fazer as entrevistas até o escurecer. O único problema é que teríamos (eu e meu irmão) que dirigir na boca da noite pela Estrada Parque em um trecho de estrada de chão com pouco movimento. Ninguém da comunidade aconselha fazer esse caminho depois do escurecer, mas eu tinha que arriscar.

Durante todos os dias que estive na comunidade, sou observado de longe por uma senhora simpática que, nas oportunidades que tem de passar por mim sempre abre um largo sorriso onde fica fácil perceber a ausência dos dentes em sua boca. Sabia que teria que entrevistá-la. Mas temia o fato de que ela não viesse a contribuir com a pesquisa uma vez que sua filha havia me informado que ela não escutava direito e já apresentava dificuldades de entender as coisas por causa da idade. A arrogância do pesquisador foi vencida pela insistência da idade.

Ela estava na casa de uma amiga. De longe, sentada na varanda ela me observava trabalhar. Terminei mais uma entrevista e fui chegando perto. Ela, com um sorriso acolhedor aceita de imediato participar da entrevista. Seu jeito simples e sua voz sumida mostravam os efeitos do tempo naquele corpo cansado. Enquanto explico os objetivos da pesquisa e leio o TCLE, ela apenas me olha, como se estivesse me contemplando, enamorada. Noto a vontade

que possui de se sentir útil, de contribuir com a comunidade. Quando peço para assinar o documento, ela com um jeito tímido de alguém que voltou a ser criança apenas diz: “*não sei*”. Descubro com sua filha que aquele não sei significava que ela também era analfabeto. Novamente sou obrigado a pegar a almofada tinteiro e pedir para que deixe sua impressão digital na folha do TCLE. A tinta no seu dedo arranca um sorriso de orgulho. Ela olha para o dedo sujo e, lentamente apoia a mão direita sobre a esquerda, como se estivesse segurando um troféu. Ofereci um lenço de papel para limpar o dedo e ela olhou para mim de forma repreensiva, colocando a mão direita sobre o peito, como se estivesse protegendo um bem muito valioso.

Começo minha entrevista perguntando quantos anos ela tinha. Olhando para o dedo e com voz extremamente baixa ela repete a frase que eu já havia escutado: “*não sei*”. Percebi então que precisaria de muita sensibilidade para poder arrancar algumas coisas da minha entrevistada. Sua filha que vem chegando com a identidade dela me informa que a mãe tem 87 anos. A simplicidade das respostas impressiona, assim como seu sorriso solto. Ela é a minha entrevistada Z_31 e, da sua maneira denuncia o descaso e alerta para a falta de água tratada ao dizer do nada que “*não gosto de ficar com dor de barriga e diarreia*”. Tive certeza que ela estava entendendo as perguntas e sabia que precisava dizer o pensava sobre a saúde da comunidade. A maioria das respostas vinha acompanhada de um movimento de cabeça, junto com um sorriso inocente e a verbalização: “*não sei*”.

Mas, ao permitir que se manifestasse, ao dar tempo para elaborar aquilo que estava perguntando ela conseguia se fazer entender. Num determinado momento, depois de eu ter insistido com várias perguntas e tentado me fazer entender ela me olha como se não estivesse entendendo nada do que eu estava falando. Olha para seu dedo marcado de tinta, sorri e me confidencia baixinho: “*na doença a gente não pode trabalhar. Fica só deitado*”. O clima de segredo criado por ela me fez entender que a entrevista tinha acabado. Ela havia terminado a entrevista comigo, pois precisava de tempo para contemplar aquele dedo sujo de tinta. Ali ela não estava sendo vista como uma velha inválida, mas como alguém que participa e tem o que dizer.

Neste primeiro dia, fiz mais duas entrevistas antes de ir ao encontro de meu irmão para, só então pegar a estrada para Corumbá onde iríamos pousar. Antes de deixar a comunidade olho para o local onde aquela velha senhora estava sentada e tenho a impressão

que ela ainda não havia lavado as mãos. Seu sorriso solitário e a forma como olhava para a mão direita me deixaram com a sensação de que eu jamais conseguiria compreender a totalidade do significado daquela entrevista para ela. O sol já não era possível de ser visto quando deixamos a comunidade naquela tarde. Saímos dali às 17h50 e chegamos à casa de meu irmão, em Corumbá às 19h30min. Estava na hora de tomar banho para tirar o cansaço do dia, fazer um chimarrão para ajudar a colocar as ideias em ordem, jantar e repousar para na manhã seguinte fazer o caminho de volta logo pela manhã para dar continuidade à pesquisa.

2.6. CHORO O BULE ESQUECIDO E A LAMPARINA DE LATA

Acordei às 5h50min. Meu irmão levantou logo em seguida e, enquanto preparava o chimarrão, ele fazia o café da manhã. Tomamos algumas cuias para, só então, iniciar os preparativos e retornar à comunidade. Depois de tudo organizado, estava na hora de tomar um café da manhã reforçado para aguentar o sol forte. Saí de Corumbá às 6h40min e, depois de fazer os quarenta quilômetros de asfalto, entrei no trecho de estrada de chão. Vou devagar tentando aproveitar o máximo a natureza que começava a despertar com os raios de sol. Depois de fazer 15 quilômetros na estrada de chão, me deparo com uma comitiva. Estavam levando o gado de uma fazenda para outra. Paro o carro e espero até que passem.

Fico contemplando aqueles vaqueiros conduzindo a boiada. De dentro do carro tinha a impressão de que estava fazendo uma volta no tempo. Nestas horas me lembrei dos antigos bules de café e seus coadores de pano, bem diferentes das cafeteiras de hoje em dia. As lamparinas de lata queimando querosene onde, era preciso manter certa distância para não ficar com a ponta do nariz preta pela fumaça que soltavam. Com os vidros abertos e o som do carro desligado, via a boiada passando por mim. Um dos vaqueiros deve ter percebido meu olhar de contemplação com aquela situação e, mais para se mostrar do que para chamar o gado, me trouxe de volta para a realidade ao som do repique do berrante.

Só liguei o carro novamente depois que o último cavaleiro passou por mim. Precisava continuar. Tinha ainda um bom trecho de estrada de terra para percorrer e muita gente para entrevistar naquele dia. Cheguei ao Porto da Manga às 8h20min. Encontro uma

sombra e estaciono o carro. Desligo o motor e à minha direita o rio Paraguai em sua imponência arrasta alguns camalotes de um lado para outro. O CD que está no carro começa a tocar a música “Última cheia” escrita por Chico de Lacerda e José Charbel Filho. Aproveito para arrumar a mochila com o que vou precisar naquela manhã e, só então me dou conta que até o momento não apresentei a Comunidade de Porto da Manga. A realidade dos moradores e suas histórias me guiaram de tal forma que até então não tinha encontrado oportunidade de apresentar o local escolhido para este trabalho.

Desço do carro e dou uma boa olhada para a comunidade à minha frente. Localizada no município de Corumbá em Mato Grosso do Sul, Porto da Manga faz parte do Pantanal de Miranda, que representa cerca de 3% da área total do Pantanal brasileiro o que corresponde, segundo Silva [et al] (1998), a 4.383 km² de extensão. Percebo então, que diferente do que muitos acreditam o nome atribuído à comunidade não vem dos frondosos pés de manga que existem na região. O local ficou conhecido por causa de um cais de concreto com 126 metros de extensão construído no ano de 1972 pela Petrobrás. A principal função era receber o gado que atravessava todo o Estado e era comercializado no país inteiro. Com o tempo e com as grandes cheias da região, principalmente a de 1974, o cais foi ficando cada vez menos utilizável e menos funcional a ponto de ficar sem nenhum equipamento. Com isso, permaneceu apenas a "manga" ou curral para pequenos embarques, originando daí o nome "Porto da Manga" que abrange, atualmente, toda a área adjacente do rio Paraguai.

A comunidade ribeirinha de Porto da Manga se formou à margem esquerda do rio Paraguai. Atualmente moram no local em torno de 30 famílias. Os moradores, em sua maioria, são originários das cidades de Corumbá e Ladário que, de acordo com Banducci (2006) por enfrentarem problemas com a falta de emprego, se instalaram em meados dos anos 80 na região impulsionando uma nova frente de trabalho, o turismo de pesca.

A agricultura é rara e quando feita serve apenas para a subsistência. Na comunidade de Porto da Manga existem ranchos que são alugados para os pescadores, vindos em sua maioria de outros estados. O único hotel emprega poucas pessoas da comunidade. As outras atividades desenvolvidas na comunidade fazem parte do universo da pesca como aluguel de barcos, piloteiros, balseiro, guias, faxineiras dos ranchos e eventualmente cozinheiras.

Enquanto continuo observando a comunidade, noto que a alternativa do trabalho com atividades para a sustentação deste turismo é o que resta para a maioria deles, uma vez que não possuem qualificação para exercer outra forma de atividade profissional. O mercado consumidor se constitui de turistas e pescadores. No entanto, me recordo da primeira viagem e constato que os “isqueiros” acabam repassando o produto para os atravessadores, comerciantes da região que lucram com a atividade. É importante ressaltar que as mulheres também têm na coleta de iscas a sua profissão principal. Na temporada de pesca, os homens exercem a função de piloteiros e as mulheres acabam sendo obrigadas a sair em busca das iscas. Atividade que compromete a saúde e coloca a vida de muitas delas em risco. Quanto aos adolescentes e jovens é fácil perceber que a falta de alternativas e de perspectivas, faz com que sigam o exemplo dos pais ou busquem empregos alternativos em outras localidades ou fazendas existentes nas proximidades. Levanto a cabeça e vejo à minha frente o posto de telegrafia – “Casa Rondon” - construído em palafita pelo Marechal Cândido Rondon. O que me dá a certeza que o local possui um significado histórico.

Termino de arrumar minhas coisas, fecho o carro e, quando estou saindo para iniciar as atividades do dia, um dos entrevistados na primeira viagem, Z_12, se aproxima de mim, estende a mão para me desejar bom dia e me convida para almoçar com ele. Antes mesmo de responder ao seu convite ele se justifica: “*a comida é simples, mas feita com carinho*”. Aceito seu convite e combinamos o almoço para 12h30min. Observo um barco diferente aportado na comunidade. Antecipando-se à minha pergunta Z_12 me informa que é um grupo de missionários evangélicos de Dourados. Agradeço as informações e vou em direção ao grupo que começava a se formar na parte de baixo da “Casa Rondon”. Me apresento a um grupo de jovens que imediatamente me indica quem é o responsável pelas atividades.

Me chama a atenção a quantidade de máquinas fotográficas. Quase todos os jovens possuem uma. Aos poucos os ribeirinhos vão deixando suas casas e aumentando o número de pessoas em torno da “Casa Rondon”. Percebo que alguns moradores, de forma tímida, tentam se esconder das lentes levando as mãos ao rosto. Mas, sem se preocupar com a vontade dos moradores, os jovens continuam a bater fotos e mais fotos. Chego perto da pessoa responsável pelos jovens e me apresento. Ele fica um pouco surpreso com minha presença, mas aceita passar as informações que eu estava solicitando. Só então fico sabendo

que ele é pastor e que a expedição de evangelização, composta por 20 pessoas, também é integrada por um médico e um dentista.

De acordo com o pastor, as atividades de evangelização são realizadas uma vez por ano, há cinco anos e contam com remédios, alimentos, roupas e brinquedos para doação. Fico por ali observando e percebo que eles também oferecem corte de cabelo, ou melhor, raspagem de cabeça para as crianças. Uma a uma as crianças que estão na fila vão tendo os cabelos raspados. Um dos integrantes vai pegando o nome dos adultos que estavam participando do culto. No final descubro o motivo. As roupas, brinquedos e alimentos seriam distribuídos apenas para os que aceitaram participar da celebração. Como se os demais ribeirinhos que não aceitaram a evangelização não precisassem. Sem querer sou levado a pensar que mesmo depois de quinhentos anos de descobrimento, o cristianismo continua com as mesmas táticas excludentes de evangelização.

Saio dali indignado com o que estava acontecendo e resolvo andar pela comunidade sem me preocupar se conseguiria entrevistar mais alguém. Mas, para minha surpresa, muitos moradores estavam em casa o que acabou facilitando as entrevistas daquela manhã. Paro para almoçar e noto que o barco ainda está no mesmo local, mas não vejo mais nenhum movimento. Chego na casa de meu anfitrião e sou recebido com um largo sorriso. Sentamos à mesa enquanto sua esposa trazia os alimentos: feijão, arroz, salada de tomate e pacu frito. A cada vez que repetia, meu anfitrião sorria satisfeito e olhava com cumplicidade para sua esposa. Terminamos de almoçar e ficamos conversando por um bom tempo. O papo estava tão agradável que quando me dei conta já eram duas horas da tarde. Agradeci pelo almoço e peguei a mochila com meu material de pesquisa e, lentamente fui me dirigindo para uma das partes mais afastadas da comunidade para entrevistar os moradores que faltavam.

2.6.1. Sou burro pantaneiro, sou vaca pantaneira

No caminho até a residência dos ribeirinhos, sou surpreendido por “Maria Perdida” que vem ao meu encontro, cheira minha mochila e resolve caminhar um pouco ao meu lado. Poucos metros à frente o capim parece ser mais agradável que minha companhia e

ela me deixa caminhando sozinho e foi pastar à sombra de uma árvore próxima ao rio Paraguai. É isso mesmo que você está pensando: “Maria Perdida” é uma vaca. De acordo com seu dono, entrevistado Z_14, ela foi desenganada e abandonada pela mãe. Quando nova, caiu dentro do reservatório de água da lavanderia do hotel, mas conseguiu sobreviver. Seu dono garante que ela já teve uma doença que ninguém sabia o que era. “*Vieram dois veterinários e nada. Ela ficou uma semana deitada. Fiz um cavalete com madeira e coloquei ela em cima. Depois friccionava as juntas e a barriga para ela melhorar*”, comenta Z_14. Enquanto vou caminhando, percebo que, no Pantanal, os animais possuem mais amparo legal e são mais bem tratados do que os próprios seres humanos.

Orgulhoso do feito, o dono da “Maria Perdida” comenta que ela tem o costume de dormir no pátio junto com os cachorros. De acordo com Z_14, ela come pão, toma refrigerante e cerveja. “*Ela recebeu o nome Maria Perdida porque bebe bastante*”, explica meu entrevistado. Sorrindo ele relata que “*esses dias o cara serviu uma feijoada e foi buscar a pimenta, quando voltou, Maria tinha comido toda a feijoada dele*”. Me recordo que durante este relato, Z_14 está acompanhado de sua esposa Z_15, que faz questão de ressaltar que a vaca tem o hábito de comer o sanduíche dos turistas. Segundo ela, o animal come frutas todos os dias. Andando debaixo daquele sol forte e no meio do pasto, fiquei me perguntando quantas crianças naquela região gostariam de estar no lugar daquela vaca e poder comer fruta todos os dias. E, se uma das crianças da comunidade tivesse comido a feijoada ou o sanduíche de algum turista? O que aconteceria? Posso apenas imaginar.

Estava chegando perto de uma das residências, mas minha viagem havia sido em vão. Ela estava fechada. Não tinha ninguém em casa. Precisava seguir adiante. Voltei a pensar na vaca e me ocorreu que ao me contar a história, seus donos abaixaram a guarda e acabaram revelando muito da dinâmica e do funcionamento da própria comunidade. Sozinho, caminhando no meio do Pantanal em busca dos sujeitos da minha pesquisa, tinha tempo suficiente para organizar as informações que estava recebendo. Me lembrei ainda que Z_14 havia comentado que “Maria Perdida” tem o costume de abrir a torneira com a língua para tomar água: “*O problema é que ela abre, mas não fecha*”. Ironicamente penso que ela faz isso por não precisar pagar a conta, afinal é preciso lembrar que o tratamento de água é feito pelos próprios moradores.

Vejo duas senhoras tentando ligar um motor colocado à margem do rio Paraguai. Espero que terminem o que estão fazendo para só então me aproximar e me apresentar. Começo falando sobre a pesquisa, mas antes que pudesse terminar minha explicação recebo das duas um sonoro não. Alegam que estão ocupadas. Tentando ser simpático e não percebendo que realmente não estavam querendo contribuir comigo, digo que posso passar mais tarde. Então as duas são taxativas e, desta vez, colocam as coisas de tal forma que o pesquisador comprehendeu que não adiantava insistir na entrevista. Mesmo assim me desculpo por ter tomado o tempo delas e continuo a caminhar rumo às últimas casas daquele lado da comunidade.

Chego num sobrado de alvenaria que destoa das casas da região. Sou recebido por um senhor que gentilmente solicita para eu chegar à sombra. Na parte de baixo vejo mais um homem e uma mulher. Ao me ver, o senhor que estava na parte de dentro da casa vem, cambaleando ao meu encontro e estende a mão para me cumprimentar. Me apresento e ele solicita que eu sente para almoçar com eles. A mulher que estava na cozinha sai e também vem me cumprimentar. Tento falar sobre a pesquisa, mas sou impedido pelos dois homens que mostravam sinais de embriaguez. Insisto mais um pouco para ver se consigo pelo menos entrevistar a mulher que havia se afastado e me observava de longe. Minha insistência não adiantou e, como se estivessem combinado, os dois homens mostraram que sabiam como espantar um pesquisador ao afirmarem juntos: “aqui ninguém vai dar entrevista não”. Percebi que estavam irritados com minha insistência e resolvi sair dali o mais rápido possível. Caminhei até a última casa deste lado da comunidade, mas ela estava vazia.

Em menos de uma hora tinha recebido cinco não consecutivos. Resolvi então ir à outra extremidade da comunidade para ver se lá, era mais bem recebido. No caminho de volta passo por Maria Perdida que pastava à sombra. Me recordo de uma das peripécias da vaca, relatadas por Z_14 e acabo interrompendo a caminhada para tentar entender como aquele animal teria conseguido subir no terceiro andar do hotel durante a noite. De acordo com meu entrevistado, “*o problema foi conseguir tirar ela lá de cima para que as crianças pudessem ter aula*”. Fiquei imaginando as crianças subindo com dificuldade os degraus e, sem esperar, se deparar com o mugido do animal, na parte mais alta do prédio. Z_14 informa ainda que o hotel aluga, para a prefeitura de Corumbá, duas peças que servem como sala de aula para os filhos dos ribeirinhos.

Antes de continuar minha caminhada até a outra extremidade da comunidade, me recordo de uma das frases ditas durante a entrevista por Z_15. Ela termina o relato sobre Maria Perdida da seguinte forma: “*aqui na manga tem cachorro que pensa que é gente e vaca que pensa que é cachorro*”. Imediatamente me recordei da frase de outro entrevistado, Z_04 que ao falar sobre sua própria saúde, comenta sorrindo: “*eu estou igualzinho a uma capivara*”. É possível perceber nestas duas falas que os animais têm mais atenção e cuidado do que a grande maioria dos ribeirinhos e, quem sabe, por este motivo, manifestem o desejo de serem tratados da mesma forma que os próprios animais do Pantanal.

No caminho vou encontrando alguns dos moradores que já havia entrevistado. Entre um bate papo e outro, acabo fazendo mais algumas entrevistas. Na penúltima casa do lado direito de quem chega na comunidade, vindo de Corumbá, encontro um grupo de pessoas jogando cartas. Fico um pouco resistente em chegar até onde estavam, mas acabo tendo que enfrentar meus medos e superar os fantasmas dos não recebidos anteriormente. Ao chegar, tento mostrar a maior tranquilidade possível, mas meu medo era o de que estivessem bêbados. A receptividade me surpreendeu e as pessoas que moravam ali não apresentaram resistência em participar da pesquisa que eu estava propondo. Termino as entrevistas, agradeço a participação e me desloco até a última casa que vejo deste lado. Também sou recebido de forma cordial. Ao terminar as pesquisas observo que durante a primeira e a segunda viagem eu já havia conseguido mais de 40 entrevistas.

No caminho de volta até o centro da comunidade, optei por passar por dentro do areão e ver quem havia ficado de fora. Algumas casas que estavam fechadas na primeira viagem continuavam da mesma forma. Pela localização do sol, ainda tinha tempo para fazer algumas entrevistas. Encontro um grupo de moradores tomando tereré e arrisco para ver se consigo mais alguém. Duas pessoas que não haviam participado aceitaram conversar comigo. Termino as entrevistas e resolvo que está na hora de voltar para Corumbá. Chego até onde deixei meu carro e percebo que uma das casas, fechadas anteriormente estava com a porta aberta. Chego, bato palmas e sou recebido por um senhor de cabelos brancos. Explico o que vim fazer e ele aceita participar sem maiores problemas. Mas, ele entra na residência e, em alguns minutos uma jovem grávida de uns sete meses, sai sorrindo, se apresenta e diz que quer participar. Começo a entrevista e percebo que sou observado de longe pelo homem que me recebeu. Assim que terminei a entrevista ele vem ao meu encontro e senta-se ao meu lado, indicando que agora eu podia fazer as perguntas para ele. Termino a entrevista e antes de

guardar as coisas conto para ver quantas pessoas haviam participado da pesquisa até aquele momento. Em alguns minutos organizo todos os 47 Termos de autorização dos participantes. Havia feito 23 entrevistas na primeira vez e 24 na segunda. Resolvi pegar a estrada e voltar para Corumbá. Me despedi dos moradores que estavam por ali e parti sem saber ao certo se conseguiria retornar na manhã seguinte.

O retorno até a casa de meu irmão Roni Marcos Zanatta foi tranquilo. Chego em Corumbá às 19h e ao entrar na casa, percebo que a sala está toda enfeitada para a comemoração do aniversário de minha sobrinha Luana. Tomo um banho, preparam um chimarrão e, em pouco tempo os convidados começam a chegar para a festa. Cansado depois de um dia de andanças sob Sol forte, aguento o máximo que posso, mas antes da meia noite, peço licença aos que ainda estavam presentes e resolvo descansar para, na manhã seguinte voltar à comunidade. Acordo às 6h30min com o barulho de água batendo no telhado. Levanto, abro a janela e só então me dou conta de que está chovendo forte. O céu está carregado de nuvens e tudo indica que não adianta retornar à comunidade. Fico mais um pouco na cama tentando decidir o que fazer. Mas, como a chuva não dá trégua, resolvo levantar. Busco fazer o mínimo de barulho para não acordar os que estavam dormindo. Coloco a água esquentar e em pouco tempo estou tomando meu chimarrão. Pouco tempo depois meu irmão levanta e vem tomar chimarrão comigo. Informo que por causa do tempo não adianta eu ficar em Corumbá e resolvo retornar à Campo Grande. Faço meu regresso sozinho. Meu irmão resolve ficar e vir de ônibus dois dias depois. Venho com o máximo de cautela possível por causa das chuvas e chego em casa às 15h. Em alguns trechos o sol abre para em seguida despejar água novamente. Pouco antes de chegar em Campo Grande o sol aparece de forma tímida, para no início da noite voltar a chover forte. O trabalho de campo estava concluído. Daquele momento em diante teria que escutar as gravações e iniciar os trabalhos de discussão dos dados coletados nas 47 entrevistas.

2.7. NA BEIRA DE MIL LAGOAS VOU REMANDO MINHA CANOA

Depois de todas estas percepções está na hora de trazer um pouco de teoria. Mas, isso não significa que ela tenha ficado de fora até o presente momento. Entendo que depois do

relato feito, está na hora de buscar entender como a literatura trabalha a relação saúde e doença. Só assim será possível amarrar as Representações Sociais existentes nas falas dos ribeirinhos às discussões feitas pelos pesquisadores da área. Enquanto o Pantanal vivia uma das maiores cheias dos últimos 20 anos, eu desenvolvia a parte teórica da minha pesquisa. Aos poucos pude perceber que pensar a relação saúde e doença é igual tentar entender a diversidade existente no Pantanal. Me deparei com um terreno alagado e em cada leitura tinha uma nova surpresa. Da mesma forma que a cheia renova o ciclo da vida no Pantanal, as leituras iam me dando várias possibilidades e me obrigando a ver a relação de saúde e doença além dos sintomas que muitas vezes são apresentados. Fui percebendo as complexas relações ideológicas e políticas que contribuem para o adoecimento dos ribeirinhos. Também me dei conta de que para entender e superar o modelo dicotômico de saúde é necessário compreender as relações que geram o processo de adoecimento e não se veja no adoecer, a negação da vida, mas a parte integrante e constituinte da condição humana conforme defende Arendt (2010). Esta breve analogia com o Pantanal serve para mostrar que este tópico pretende ver o conceito de saúde como um conceito ampliado, levando em consideração a relação com o meio ambiente.

Mas, esta reflexão leva em consideração tudo o que já foi escrito até aqui sobre a construção histórica do conceito e a história da saúde ampliada como resistência ao próprio conceito. É este conhecimento do passado que permite ao pesquisador avançar. Desta forma, também se faz necessário um posicionamento com relação ao modelo biomédico e biopsicossocial. Tendo em vista que esta pesquisa, em sua origem buscava entender a “Representação Social de saúde e doença na comunidade ribeirinha de Porto da Manga, no município de Corumbá-MS”. Escrevo porque no decorrer da pesquisa foi possível constatar que não dá para ficar preso às representações de saúde e doença num local onde faltam os princípios básicos de cidadania. Com isso, o próprio título acabou sendo alterado para “Gemido dos excluídos: a construção social do adoecimento”. Esta alteração acabou acontecendo em decorrência dos dados apresentados pelo levantamento de campo. A inserção e o diálogo criado com os ribeirinhos me mostraram que para dar conta do processo de esquecimento público vivenciado pela comunidade e para resgatar a dignidade dos moradores do Porto da Manga é necessário trabalhar a partir das práticas ampliadas de saúde, valorizando inclusive o conhecimento que os ribeirinhos possuem da flora local.

No decorrer desta pesquisa acabei me deparando com dois termos (público e coletivo) que inicialmente me pareciam dizer a mesma coisa, mas aos poucos percebi que saúde pública e saúde coletiva possuem significados diferentes. De acordo com Minayo (1999) o termo saúde pública é reducionista e exige intervenção do estado¹⁰ numa área social e mais ampla do que as definidas pelas práticas sanitárias oficiais. Desta forma, acabei optando por utilizar o termo saúde coletiva uma vez que a saúde só pode ser entendida dentro do contexto social onde ela é produzida. Com isso, me dei conta de que o coletivo abrange muito mais uma noção política e ideológica do que o significado do público. E, a relação dos ribeirinhos com a saúde traz em seu bojo uma força política e ideológica.

Isso significa que, de acordo com Minayo (1999) a saúde enquanto questão humana e existencial deve ser compartilhada indistintamente por todos os segmentos da sociedade. No entanto, é interessante observar que as condições de vida e de trabalho qualificam de formas diferenciadas a maneira pela qual os grupos sociais pensam, sentem e agem a respeito dela. Minayo (1999, p.15) argumenta que “para todos os grupos, ainda que de forma específica e peculiar, a saúde e a doença envolvem uma complexa interação entre os aspectos físicos, psicológicos, sociais e ambientais” da existência humana, que atribui significado a cada ato desenvolvido no percurso de sua existência.

Para entender o motivo pelo qual acabei optando pelo termo saúde coletiva é importante prestar atenção a explicação feita por Birman (2005) quando diferencia saúde pública de saúde coletiva. Segundo ele, trata-se de campos não homogêneos, na medida em que se referem a diferentes modalidades de discurso, com fundamentos epistemológicos diversos e com origens históricas particulares. Birman (2005) esclarece ainda que a saúde pública encontrou definitivamente seu solo fundador na Biologia, perdendo assim qualquer medida que relativizasse seus dispositivos e que permitisse considerar a especificidade social das comunidades sobre as quais incide. Já a concepção de saúde coletiva, bem ao contrário, se constituiu através da crítica sistemática do universalismo naturalista do saber médico. Seu postulado fundamental afirma que a problemática da saúde é mais abrangente e complexa que a leitura realizada pela medicina. Desta forma, é possível afirmar que o discurso da saúde coletiva, surgiu para ser uma leitura crítica desse projeto médico-naturalista estabelecido historicamente com o advento da sociedade industrial.

¹⁰ Tendo em vista o descaso e a omissão do Estado, optou-se por utilizar a palavra em letra minúscula.

De acordo com Birman (2005) o campo teórico da saúde coletiva representa uma ruptura com a concepção de saúde pública, ao negar que os discursos biológicos detenham o monopólio do campo da saúde. Com isso, pude perceber que a multidisciplinaridade é uma aposta política em termos de cidadania e uma marca no campo da saúde, já que sua problemática demanda diferentes leituras e permite a construção de diferentes objetos teóricos. Desta forma, Birman (2005) defende que o campo da saúde coletiva por ser multidisciplinar admite no seu território uma diversidade de objetos e de discursos teóricos, sem reconhecer em relação a eles qualquer perspectiva hierárquica e valorativa. Percebe-se assim, que o campo da saúde coletiva se constituiu historicamente e se estruturou enquanto tal para tentar responder a uma indagação fundamental do que vem a ser a concepção de saúde.

Depois desta rápida explicação e posicionamento com relação ao termo que será utilizado nesta pesquisa, é importante avançar nesta reflexão sobre o conceito de saúde e doença. Para isso, é preciso perceber que, no decorrer da história, a saúde não representou a mesma coisa para todas as pessoas. Desta forma, Scliar (2007) argumenta que o conceito de saúde reflete sempre a conjuntura social, econômica, política e cultural de uma época e de uma determinada sociedade. Minayo (1988) por sua vez, alerta para o fato de que em qualquer doença é o ser humano integral que está em jogo. Por isso, é importante prestar atenção às condições materiais da existência no tempo e no espaço. Dentro desta mesma linha de reflexão, Sarriera [et al] (2003) explicam que é preciso levar em consideração o fato de que o conceito de saúde apresentado pelos diferentes paradigmas está relacionados a elementos como a concepção de homem, mundo, realidade, influência do contexto social e possibilidade de mudança. Desta forma, para Sarriera [et al] (2003) a saúde encontra-se vinculada às questões do ambiente concreto no qual o sujeito está inserido, ressaltando que as condições do contexto têm influência na vida psíquica do indivíduo.

Para aprofundar um pouco mais esta reflexão, é importante notar que Stroebe e Stroebe (1995) defendem que durante muitos séculos, o modelo dominante de doença era caracterizado pela ideia de que as enfermidades possuíam causas biológicas predominantes. Sendo assim, os fatores comportamentais e de condições de vida não exerciam influência no processo saúde e doença. Nesta concepção, saúde e doença são descritas a partir de aspectos físicos, químicos e fisiológicos, sem menção ao contexto social. Este modelo, caracterizado posteriormente de biomédico, analisa a doença, segundo Helman (2003), à luz dos apontamentos médicos biológicos. Mas é importante ressaltar, que mesmo no modelo

biomédico, o paciente não deixa de interpretar sua doença a partir do referencial cultural em que está inserido. Desta forma, é possível afirmar que o fenômeno da doença não pode ser visto apenas por meio do conhecimento da Medicina.

Para avançar nesta reflexão é necessário prestar atenção no alerta feita por Scliar (2002a), ao defender que a preocupação em conceituar saúde é recente e só ganhou espaço em razão das necessidades de planejamento de ações de saúde, tanto individuais quanto coletivas. Neste contexto, Scliar (2007) argumenta que a saúde deveria expressar o direito a uma vida plena, sem privações. Um conceito útil para analisar os fatores que intervêm sobre a saúde e sobre os quais a saúde pública deve, por sua vez, intervir, é o de campo da saúde. Este conceito foi formulado pela primeira vez em 1974 por Marc Lalonde, titular do Ministério da Saúde e do Bem-Estar do Canadá. Scliar (2007) explica que de acordo com esse conceito, o campo da saúde abrange quatro fatores: fatores ligados à biologia humana, que compreende a herança genética e os processos biológicos inerentes à vida, incluindo os fatores de envelhecimento; relação do homem com o meio ambiente, que inclui o solo, a água, o ar, a moradia, o local de trabalho; o estilo de vida do ser humano com potencial de contribuir nas decisões que afetam a saúde como fumar ou deixar de fumar, beber ou não, praticar ou não exercícios e, por fim os fatores ligados a organização da assistência à saúde.

No entanto, Scliar (2007) esclarece que a assistência médica, os serviços ambulatoriais e hospitalares e os medicamentos são as primeiras coisas em que muitas pessoas pensam quando se fala em saúde. Percebe-se, no entanto que esse é apenas um componente do campo da saúde, e não necessariamente o mais importante. Muitas vezes, é mais salutar para a saúde ter água potável e alimentos saudáveis do que dispor de medicamentos. Mas é importante que se diga que repensar o modelo vigente não é uma tarefa fácil, mas uma busca constante de superação dos pressupostos teóricos e epistemológicos que vem sendo colocado pelo positivismo durante os últimos séculos.

Neste sentido, a definição dada por Segre e Ferraz (1997, p.542), quando afirmam que “saúde é um estado de razoável harmonia entre o sujeito e sua própria realidade” serviu para mostrar que, muitas vezes, esta harmonia entre o sujeito e a realidade não está acontecendo no Porto da Manga. Por mais que os ribeirinhos valorizem o meio ambiente, eles acabam sendo obrigados, por falta de vontade política do poder público, a jogar o lixo em qualquer lugar, uma vez a prefeitura não faz a coleta de lixo no local. A falta de água tratada

também compromete a saúde dos moradores e, novamente o poder público continua de olhos vendados para a realidade. É importante observar que para Segre e Ferraz (1997) o homem sintonizado com o ambiente em que vive tende a divergir de posturas impostas pela sociedade. Isto porque, segundo os autores, as considerações, aparentemente radicalizantes, visam apenas a atenuar a tendência positivista dos conceitos de saúde que aí estão. De acordo com Segre e Ferraz (1997) despertar uma visão anti-positivista e mais humana das atividades dos profissionais de saúde, pode contribuir para um contato mais empático e, consequentemente, mais ético, entre os profissionais da saúde e população assistida, possibilitando uma prática ampliada de saúde.

Para Sciar (2002a, p.45) é possível descrever o trabalho de saúde coletiva como “o esforço organizado da comunidade, por intermédio do governo ou de instituições, para promover, proteger e recuperar a saúde de pessoas e da população, por meio de ações individuais e coletivas”. Camargo Junior (2003, p.30) por sua vez defende que “os profissionais de saúde podem e devem ter uma compreensão ampliada dos determinantes do processo de saúde e doença, até para evitar a tentação de atuar para além das fronteiras de sua competência técnica”. Só trabalhando em conjunto, com uma noção de integralidade será possível oferecer à comunidade, o mínimo de cidadania, o que me parece não existe no Porto da Manga. Sem as condições básicas de existência, fica difícil para os ribeirinhos pensar em saúde. Eles precisam, em vários momentos, pensar em sobreviver, continuar existindo. O que pude perceber durante o trabalho de campo era que o poder público não se faz presente em suas funções básicas de moradia, educação e segurança. Nestas condições, os ribeirinhos não tem como pensar nas consequências do trabalho que desenvolvem como processo de adoecimento.

É importante destacar que de acordo com Camargo Junior (2003, p.53) boa parte dos equívocos da medicina ocidental prende-se precisamente ao fato de “se ter deixado dominar pela miragem da técnica onipotente, pondo de lado tudo o que, por ser subjetivo, mutável, complexo, infinitamente variável não é científico – precisamente os atributos que talvez melhor caracterizem nossa humanidade”. Percebe-se assim, que para o médico, o sofrimento é irrelevante e o paciente sempre será visto como fonte de distorções. Esta concepção reforça o fato de que a relação dá-se com a doença e o paciente é mero canal de acesso a ela. Pelo exposto é possível perceber que os médicos agem, de forma geral, como se

as doenças fossem objetos concretos, esvaziados de qualquer significado, seja psíquico, seja cultural.

Não se pode esquecer, no entanto, que da mesma forma que seus pacientes, um médico vê o mundo através do filtro de suas representações sociais. A diferença está no fato de que o imaginário médico está sempre protegido pelo escudo da racionalidade científica. Assim, Camargo Junior (2003) defende que o discurso médico é apenas mais um discurso sobre a saúde e doença, aquele que os médicos gostam de acreditar como científico, verdadeiro, mesmo que não seja exatamente assim. Com isso, fica claro que a doutrina médica traz implícita a ideia de que as doenças são objetos com existência autônoma, traduzíveis pela ocorrência de lesões que seriam por sua vez decorrência de uma cadeia de eventos desencadeada a partir de uma causa ou de causas múltiplas.

No entanto, Morais; Carvalho e Minto (2000) alertam para o fato de que nem sempre o conhecimento sobre saúde significa sua conquista, principalmente quando se negligenciam os atores sociais e os significados que atribuem à realidade social concreta. Desta forma, Morais; Carvalho e Minto (2000) explicam a diferença entre promoção, proteção e prevenção no campo da saúde. De acordo com os autores, promoção de saúde está relacionada a todas as práticas e condutas que procuram melhorar o nível de saúde da população. Já a proteção à saúde diz respeito a todos as ações e mecanismos que visam a assegurar e manter a saúde do indivíduo. No que diz respeito à prevenção, Morais; Carvalho e Minto (2000) acreditam que ela está associada aos procedimentos que têm por objetivo evitar que o sujeito adoeça ou que sua enfermidade se agrave ou volte a ocorrer.

Desta forma, é possível afirmar que para Backes [et al] (2009) a promoção da saúde envolve escolhas relacionadas a valores e processos que não se expressam por conceitos precisos e mensuráveis. Percebe-se assim, que o conceito de saúde envolve a reação aos estímulos externos de modo favorável que, ao agirem sobre os seres vivos, abrangem aspectos físicos, psicológicos e sociais, de maneira interdependente. Backes [et al] (2009, p.114) acredita que “os modelos de saúde, doença e cuidado resultam da história social e são herdados culturalmente, não podendo ser reduzidos à experiência individual, mas envolvem a coletividade, seus valores e costumes, de maneira que quando um indivíduo adoece, toda a família se envolve”. Backes [et al] (2009) argumentam ainda que a doença possui caráter

histórico e social, sendo que a natureza social se verifica no modo característico de adoecer e morrer nos grupos humanos.

Nesta mesma linha de pensamento, Contini (2010, p.13) chama a atenção para o fato de que a promoção da saúde concretiza-se na atuação psicológica, através da “socialização do saber produzido pela Psicologia, dentro de paradigmas teóricos que apontem para o homem concreto e, ao mesmo tempo, pelo aprender do psicólogo a ter uma atuação interdisciplinar junto a outros interlocutores do fenômeno humano”. Nota-se assim, que a promoção da saúde se concretiza através do acesso ao conhecimento que leve o indivíduo a compreender sua inserção na sociedade e os fatores que contribuem para a constituição da sua existência, possibilitando uma atuação que aponte para uma compreensão do mundo que o cerca.

Desta forma, faz sentido a explicação dada por Coelho e Almeida Filho (2002) ao defenderem que a noção de prevenção é restrita e vinculada a uma definição negativa da saúde, pois se trata de prevenir uma enfermidade. No entanto, a noção de promoção da saúde refere-se a uma definição positiva da saúde e tem maior abrangência, à medida que implica variados fatores e aspectos que integram e conformam o chamado campo da saúde. Coelho e Almeida Filho (2002) argumentam ainda que a saúde é uma normalidade, tanto quanto a doença. Lopes [et al] (2010) lembram que o conceito de promoção da saúde é anterior a Conferência de Ottawa. O primeiro documento oficial a utilizar o termo é o Informe Lalonde. As várias conferências que foram realizadas a partir de 1986 colocaram na agenda global a discussão sobre promoção da saúde, enfocando mudanças nos paradigmas da saúde no mundo. Lopes [et al] (2010) demonstram que o conceito de promoção da saúde se amplia, influenciado pelos movimentos internacionais de luta pela redução das desigualdades sociais e iniquidades. Percebe-se assim, que

Ottawa, 1986, traçou as cinco áreas prioritárias de ação, ampliando o conceito de saúde e incluindo os pré-requisitos para alcançá-los; Adelaide, 1988, tratou de políticas públicas saudáveis; Sundsvall, 1991, acrescentou a temática ambiental na agenda da saúde; Jacarta, 1997, tratou da promoção da saúde no século XXI, incluindo o setor privado no apoio à promoção da saúde; México, 2000, ratificou as estratégias de promoção da saúde como eficazes na mudança de condições de vida da população como responsabilidade do governo e dos setores da sociedade; Bangkok, 2005, valida todas as determinações das conferências e documentos anteriores... (LOPES [et al] 2010, p.467).

Neste sentido é importante prestar atenção ao alerta feito por Backes [et al] (2009) de que a concepção de saúde como qualidade de vida é condicionada por vários fatores, tais como: paz, abrigo, alimentação, renda, educação, recursos econômicos, ecossistema estável, recursos sustentáveis, equidade e justiça social. Esta definição mais ampla do conceito de saúde foi discutida na conferência internacional sobre a promoção da saúde, em Ottawa. Neste contexto, faz sentido a preocupação de Herzlich (2004) ao defender que antes de qualquer discussão no campo da saúde e doença é preciso discernir se elas pertencem ao domínio privado ou ao público. O autor argumenta que as pesquisas sobre a experiência da doença investigaram pouco o contexto macrossocial e não analisaram o bastante as relações entre as experiências privadas cotidianas e os fatores estruturais que as afetam.

Para avançar nesta reflexão, é importante prestar atenção ao que defendem Singer; Campos e Oliveira (1988) quando argumentam que os sistemas de saúde como conhecemos hoje, são fruto de uma longa evolução histórica que se combina um crescente desenvolvimento das forças produtivas e uma socialização cada vez maior das relações de produção. Desta forma, com o passar dos tempos, a preservação da saúde pública, assim como da ordem pública, passa a satisfazer necessidades oriundas do mesmo fenômeno: a crescente socialização da vida nos centros urbanos. Percebe-se assim, que para Singer; Campos e Oliveira (1988) os sistemas de saúde nascem como serviços de controle e de prevenção das doenças contagiosas e por isso foram definidas como públicas. Singer; Campos e Oliveira (1988) mostram ainda que na sociedade capitalista, as pessoas são consideradas doentes não tanto em virtude de um diagnóstico médico, mas em função de sua incapacidade de desempenhar seus papéis habituais. A afirmação feita por Singer; Campos e Oliveira (1988) foram comprovadas durante as entrevistas, uma vez que para os ribeirinhos estar doente é não poder trabalhar. Mesmo sendo explorados social e politicamente, os moradores só se entendem doentes quando não conseguem executar as tarefas diárias. Assim, é possível perceber que adoecer é, para a comunidade, um luxo do qual eles não podem se permitir pela pouco salário que ganham e pela quantidade de pessoas que sobrevivem do subemprego que são obrigados a desenvolver.

É importante notar ainda que o estado de saúde de uma população pode ser abordado de duas formas diferentes: mediante um conceito ideal do que seria um estado a ser alcançado como meta de políticas de saúde ou de bem-estar social, ou mediante um conceito

sociológico descritivo do processo pelo qual a sociedade determina e reconhece o estado de saúde de seus membros. Singer; Campos e Oliveira (1988) lembram que

Para entender em que condições o indivíduo assume ou não a condição de doente é preciso atentar para as consequências sociais de tal decisão. O doente, em nossa sociedade, recebe certos privilégios: é isento de obrigações sociais, como a de trabalhar, estudar ou de cuidar de tarefas domésticas, recebe atenção especial de familiares, médicos e enfermeiros e certas “fraquezas” lhe são mais facilmente reveladas; mas, por outro lado, o doente também sofre sacões: na medida em que deixa de desempenhar certos papéis, ele perde status, podendo ser excluído, em alguma medida, do convívio social. (SINGER; CAMPOS e OLIVEIRA.1988, pp.70-71).

Desta forma, estar doente no modelo capitalista de consumo implica sempre num dado comportamento do afetado, que é condicionado tanto pelo estado do organismo como pelo modo como este estado é socialmente percebido. Com isso, é possível perceber que a saúde de uma população é, portanto, produto da morbidade ressentida socialmente e da morbidade diagnosticada pelos serviços de saúde. Pelo exposto é possível concluir que além de acarretar incapacidade, a doença causa sofrimento, sobretudo ao afetado, mas em alguma medida, aos que o cercam. A inserção no campo acabou comprovando que Singer; Campos e Oliveira (1988) estavam corretos ao defender que o estado de saúde de uma população evolui em função do desenvolvimento das forças produtivas e das mudanças nas relações de produção.

Dentro desta mesma concepção, Cordeiro (1980) defende que a medicina é uma instituição social instrumentada pela classe dominante para transformar as relações de força em relações de sentido. Isso, porque de acordo com o autor a saúde pode resultar em ameaças à organização do sistema social, em desequilíbrio de um todo que funciona de forma integrada e onde o conflito deve ser eliminado, controlado ou prevenido. Por este motivo Cordeiro (1980) argumenta que a doença deve ser apreendida como representações dos grupos sociais, resultante das articulações particulares das práticas econômicas, políticas e sociais, em que tais grupos participam socialmente. No entanto, Canguilhem (2005) defende que as doenças são apenas os instrumentos da vida por meio dos quais os seres vivos, quando se trata do homem, se vê obrigado a se reconhecer mortal. Para o autor, a saúde não é somente a vida no silêncio dos órgãos, mas também a vida na descrição das relações sociais. Desta maneira, a saúde serve como instrumento para que os governantes mantenham a ordem social.

Pelo exposto é possível afirmar que a questão da saúde depende mais dos interesses e da ideologia dos grupos políticos e economicamente poderosos do que de sua validade médica ou científica. Rosen (1979, p.47) defende que “o termo saúde quer se refira a boa ou má, designa um estado dinâmico de um organismo resultante da interação de fatores internos e ambientais que se dá em um cenário espaço-temporal”. Percebe-se assim, que a doença tem relação causal com a situação econômica e social. Isso mostra que os cuidados médicos oferecidos também refletem a estrutura de uma sociedade, em particular suas estratificações e divisões de classe. Rosen (1979) defende que as pessoas e os grupos funcionam em sistemas socioculturais que definem e estabelecem as fronteiras do desvio e da anormalidade.

No entanto, é preciso lembrar que de acordo com Coelho e Almeida Filho (2002) a dificuldade em conceituar saúde é reconhecida desde a Grécia antiga. Mas, os autores não negam o fato de que esta pobreza conceitual pode ter sido resultado da influência da indústria farmacêutica e de uma cultura da doença, que têm restringido o interesse e os investimentos de pesquisa a um tratamento teórico e empírico da questão da saúde como mera ausência de doença. Note que tanto ações quanto as pesquisas no campo da saúde têm se pautado predominantemente pelo conceito de doença. Camargo Júnior (2007) concorda com Coelho e Almeida Filho (2002) quando afirmam que em torno do tema da assistência à saúde gravitam a indústria farmacêutica, a indústria de equipamentos médicos, as instituições oficiais de formação de pessoal na área de saúde, bem como as empresas de seguro-saúde.

Mas, Canesqui (2003) vai além ao defender que a história cultural das doenças abre um leque muito fértil às pesquisas, que não se restringem aos saberes eruditos. Desta forma, a despeito do contato dos trabalhadores com as ideias dominantes, eles criam códigos próprios, conforme o lugar ocupado na sociedade, traduzidos no modo de vida. Vieira e Almeida Filho (2009) defendem que o estudo das desigualdades em saúde implica adoção de um referencial teórico capaz de relacionar essas diferenças com os processos através dos quais o espaço social é constituído e reproduzido tanto na esfera econômica quanto na simbólica e cultural.

Por tudo o que foi exposto é importante lembrar que de acordo com Koifman (2001) a concepção mecanicista do organismo humano levou a uma abordagem técnica da saúde, na qual a doença é reduzida a uma avaria mecânica, e a terapia médica, à manipulação

técnica. Neste sentido, Spink (2010a) defende que a Psicologia Social da Saúde deve ter como característica primeira o compromisso com os direitos sociais pensados numa ótica coletiva. Percebe-se ainda que para Bydlowski; Westphal e Pereira (2004) o Sistema Único de Saúde (SUS) foi institucionalizado a partir de um conceito amplo de saúde. No entanto a prática desenvolvida no Porto da Manga até o momento é de um conceito reducionista de saúde como ausência de doença. Isto é fácil de perceber quando o modelo adotado não desenvolve ações que levem em conta fatores sociais, econômicos e ambientais que interferem nas condições de vida e saúde da população.

Neste sentido é importante ressaltar que esta pesquisa busca levar em consideração uma prática ampliada de saúde. Desta forma é importante observar que para Traverso-Yépez (2001) trabalhar dentro de uma prática ampliada de saúde é buscar compreender que o sofrimento e a doença não devem se reduzir a uma evidência orgânica, natural, objetiva, mas estão intimamente relacionados com as características de cada contexto sociocultural. Superar as evidências objetivas e naturais na produção de saúde e doença é perceber como as relações de poder acabam se constituindo no contexto ideológico da própria comunidade. Esta relação de poder entre o atravessador e os ribeirinhos e todo o contexto ideológico são demonstrados no desabafo de uma das entrevistadas, Z_33, analfabeta de 52 anos e com renda mensal de R\$ 114,00 ao afirmar: “*você sabe que vai entrar, você pode pegar um reumatismo, uma gripe. Mas se você precisa [...] tá frio e você tá ali aguentando aquele frio pra não perder o cliente. Você não quer ficar doente, mas às vezes você arrisca e daí fica doente*”. Aqui fica evidente como a relação sociocultural gera o adoecimento. Contini (2010) também defende uma prática ampliada de saúde ao argumentar que a saúde é um complexo processo qualitativo que define o funcionamento completo do organismo, integrando de forma sistêmica o somático e o psíquico.

Cardoso e Gomes (2000) defendem que as representações sociais da saúde e da doença sempre aparecem articuladas às visões que os homens e mulheres possuem do biológico e do social. Com isso, percebe-se que a saúde e a doença são construídas através da mediação social com o outro; portanto, a promoção de saúde que o psicólogo pode realizar em seu trabalho é a intervenção nessas relações. Neste sentido, uma prática ampliada de saúde permite, de acordo com Moraes; Carvalho e Minto (2000) que todos os envolvidos no processo tenham uma reflexão crítica dos fatores mencionados, com suporte técnico-científico, para fazer ver que saúde é a realização de projetos de vida, lazer, justiça, alegria,

condições dignas de habitação e alimentação. Projetos de vida interrompidos, algumas vezes pelas chamas do fogo, como é o caso do entrevistado Z_22. Outras vezes por projetos de educação que nem chegam a se realizar, uma vez que os ribeirinhos não possuem condições econômicas para sonhar com a possibilidade de ver os filhos formados em alguma instituição de ensino superior. O máximo que conseguem é aprender a ler e escrever. Ao me recordar das casas simples, da falta de um espaço apropriado para lazer e das más condições de saneamento, acabo tendo a sensação de que o poder público com suas promessas acabou tirando o bem mais valioso daquela população: o direito de sonhar.



FIGURA 1 - Subdivisões das regiões do Pantanal

Fonte: Allem e Valls (1987).



FIGURA 2 – Situação da estrada parque no período de cheias

Foto: Rubens Pereira (2008).



FIGURA 3 - Vista aérea da Comunidade ribeirinha de Porto da Manga

Foto: André Siqueira (2008).



FIGURA 4 - situação das casas no período das cheias no Pantanal

Foto: Jean Fernandes (2006).



FIGURA 5 - Casa da comunidade ribeirinha de Porto da Manga no período de seca

Foto: Jacir Zanatta (2011).



FIGURA 6 - Casa construída no ‘areão’ pertencente à comunidade ribeirinha de Porto da Manga

Foto: Jacir Zanatta (2011).



FIGURA 7 - Pequena horta para consumo próprio desenvolvida às margens do rio Paraguai.

Foto: Jacir Zanatta (2011).



FIGURA 8 - Falta de saneamento básico é um dos problemas enfrentados pela comunidade

Foto: Jacir Zanatta (2011).



FIGURA 9 - Ao fundo a Casa Rondon e no centro alguns animais criados livremente na comunidade

Foto: Jacir Zanatta (2011).



FIGURA 10 - Hotel turístico existente na comunidade onde funcionam as duas salas de aulas do local
Foto: Jacir Zanatta (2011).



FIGURA 11 – Ponte de madeira da EPP arrastada pela água durante o período das cheias.
Foto: Jean Fernandes (2008).

3. O CICLO DAS ÁGUAS PANTANEIRAS: A HISTÓRIA E A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Para entender um pouco mais a trajetória teórica desta pesquisa é necessário que o leitor(a) saiba que ela foi influenciada pelo ciclo das águas pantaneiras. Impossibilitado de viajar até a comunidade para fazer as entrevistas, fui forçado a gastar minhas energias na leitura e construção de todo o embasamento teórico. Desta forma, espero que me perdoem se a teoria parecer um pouco extensa ou cansativa. Em alguns momentos a base teórica pode parecer monótona. Mas, é importante ressaltar que ela seguiu a lógica pantaneira e não a lógica pensada pelo pesquisador. Assim como a parte teórica, durante as cheias a vida dos ribeirinhos é monótona e os dias extensos, uma vez que não podem pescar e, muitas vezes, nem conseguem sair de suas casas. Neste período que traz consigo um ciclo de renovação, a força das águas destrói pontes e os ribeirinhos ficam ilhados e sem contato com a cidade.

Enquanto os moradores do Porto da Manga lutavam contra as cheias, eu preparava os alicerces da pesquisa pensada para ter como título “As Representações Sociais de saúde e doença na comunidade ribeirinha de Porto da Manga”, mas com o baixar das águas a realidade veio à tona. Conforme as águas baixavam a realidade se desvelava e o que eu via não era agradável. Sofrimento, dor e exclusão social levaram os moradores a perder a própria cidadania. O poder público ausente acabou revelando que mais do que estudar as representações sociais de saúde e doença, eu estava diante da construção social do adoecimento. Desta forma, a primeira coisa que mudou com o início das entrevistas foi o título da pesquisa e com isso, todo o processo de construção do conhecimento que eu havia estruturado até então. O Pantanal deixou sua marca, ditou suas regras e alterou o curso da pesquisa, bem como a vida e a percepção do pesquisador.

A base teórica desta caminhada começa a ser construída mudando alguns paradigmas e, conforme Silva (2004) a primeira mudança necessária está na aceitação do fato de que o social é construído a partir de determinadas práticas humanas. De acordo com a autora, ao deixar de considerar o social como uma evidência é possível constituí-lo como um campo problemático. Só assim é possível perceber que o social não cessa de se transformar ao longo do tempo. Ao chegar à comunidade de Porto da Manga compreendi o que Rosane Neves da Silva teimava em mostrar e eu insistia em não perceber. Para Silva (2004, p. 14) “precisamos admitir que não vamos encontrar apenas uma configuração do social, mas várias”. Eu não queria ver o que a autora tentava me alertar, mas ao iniciar os trabalhos de campo percebi que a comunidade possuía mais possibilidades e problemáticas do que eu havia imaginado.

É importante observar que o título desta dissertação não traz em nenhum momento referência à Psicologia Social. Desta forma, fizemos (eu e meu orientador – professor Dr. Márcio Luis Costa) uma opção em voltar um pouco mais na história para compreender os acontecimentos que deram origem à Teoria das Representações Sociais e servem como base e ponto de apoio das reflexões feitas neste trabalho. Mas, mesmo fazendo um retorno ao passado é importante fazer um recorte histórico. Sem esta delimitação, corre-se o risco de se voltar muito na história e acabar na Grécia antiga, origem da Filosofia e, por que não dizer, da Psicologia. Observe que um rápido descuido é suficiente para defender que Aristóteles com seu livro “De Anima” é o criador ou, como alguns preferem o pai da Psicologia. Este trabalho não tem a intenção de fazer neste capítulo um resgate de mais de 2.500 anos. Até porque, de acordo com Schultz & Schultz (2002) a Psicologia só vai se firmar como ciência e se desvincular da Filosofia em 1879, com a fundação do laboratório para pesquisas psicológicas em Leipzig, na Alemanha, por Wilhelm Wundt. Percebe-se com isso, que a Psicologia deixa de ser o estudo da vida mental e da alma conforme defendia Aristóteles e passa a ser, entre outros elementos, o estudo da consciência ou dos fatos conscientes.

Ao se fazer este recorte histórico, não se pretende negar a influência que a Psicologia sofreu da Filosofia ao longo do tempo. Mas, colocar Wundt como um dos fundadores da Psicologia é aceitar o fato de que esta nova área do conhecimento nasceu com caráter experimental, com forte influência das ciências naturais, de cunho positivista. No entanto, é bom ressaltar que para Rose

a Psicologia como uma ciência moderna não foi formada nos corredores tranquilos da academia, nem no empirismo dos aventais brancos do laboratório e do experimento. Na verdade, a Psicologia começou a se formar em todos aqueles locais práticos que tomaram forma durante o século XIX, no qual problemas de conduta coletiva e individual humanas eram de responsabilidade das autoridades que procuravam controlá-las – nas fábricas, na prisão, no exército, na sala de aula, no tribunal [...] (ROSE, N. 2008, p.156).

Percebe-se assim, que a Psicologia, inicialmente, tomou forma não como uma disciplina ou uma área profissional, mas como uma cadeia de pretensões de conhecimento sobre pessoas, individual e coletivamente, que permitiria que elas fossem melhor administradas. Rose (2008) mostra ainda que não é possível esquecer que a Psicologia nasceu como uma disciplina dentro de uma variedade de projetos políticos para o controle de indivíduos. No entanto, não é aconselhável uma visão reducionista e por este motivo vale o

alerta feito por Silva (2004, p. 18) quando defende que “o social não se caracterizará apenas por um conjunto de equipamentos e de práticas que buscam regular os disfuncionamentos da sociedade”. Com isso, a autora defende a tese de que Psicologia deve ser explicada pelo social e não o social explicado pela Psicologia.

Desta forma, é importante observar o alerta que Contini (2010, p.06) faz a quem pretende estudar Psicologia: “a atuação profissional baseada no modelo médico, com ênfase adaptativa e remediativa, teve sucesso durante décadas por estar coerente com a ideologia liberal, subjacente ao sistema capitalista, cujo núcleo é o conceito de individualismo”. Observe que até agora, buscou-se evitar fazer um juízo de valor ou mesmo uma crítica sobre as consequências da ligação da nova ciência – a Psicologia – com sua origem positivista.

Esta rápida volta ao passado da Psicologia, mesmo sem um olhar mais crítico, serve de acordo com Farr (2008), para compreender melhor o presente. E, este pequeno resgate histórico é salutar para mostrar, de forma rápida e sucinta, os caminhos percorridos pela Psicologia como ciência experimental, até chegar à Psicologia Social de base antipositivista. Sem este entendimento histórico, não é possível compreender as diferenças existentes dentro do próprio bojo da Psicologia Social. Pode-se observar, que no início de sua existência, a Psicologia e posteriormente a Psicologia Social Psicológica surge atrelada ao método positivista de ciência que, de acordo com Japiassu (1978, p.45) não busca “mais contemplar a verdade, mas constituí-la pela força da demonstração. Conhecer significa medir, experimentar, provar e comprovar”. Esta raiz epistemológica exposta por Japiassu não se rompe facilmente, uma vez que até os dias de hoje, as duas vertentes da Psicologia Social – a psicológica e a sociológica, lutam com métodos diferentes, uma mais voltada para o modelo positivista e outra para o marxista.

Sobre a divergência entre as duas concepções de Psicologia Social, Lane (1989) mostra que é apenas no século XX que a Psicologia Social surge com a incumbência de, pelo menos, tentar romper com o positivismo e com as ciências naturais. Antes disso, ela continuava atrelada ao modelo vigente de se produzir ciência, ou seja, o positivista. Percebe-se então, que a Psicologia Social só se desenvolve como estudo científico, sistemático, após a Primeira Guerra Mundial, tentando compreender as crises que abalavam o mundo naquele momento.

Assim, é possível afirmar que a Psicologia veio se transformando ao longo dos anos por circular para além de seu próprio contexto de produção. A ideia desta breve síntese foi mostrar, a exemplo de Diehl; Maraschin e Tittoni (2006, p.413) que “o percurso se faz em uma trajetória que comporta deslocamentos e paradas. As paradas envolvem lugares e posições, e os deslocamentos, modos e obstáculos à passagem. Pensar o lugar é também pensar de onde partimos”. Só assim, será possível compreender a Teoria das Representações Sociais, oriunda da Psicologia Social sociológica e que hoje possui forte influência nas pesquisas desenvolvidas no campo social em várias áreas do conhecimento e, sustentáculo teórico deste trabalho.

3.1. NASCIMENTO DA PSICOLOGIA SOCIAL

De acordo com Silva (2004, p.15) “um certo tipo de problema requer um modo de intervenção específico que exige, por sua vez, um novo arranjo do tecido da sociedade”. Isso mostra que as transformações no campo social, trazem sempre novos arranjos. Por isso, explicar como estas transformações contribuíram com o desenvolvimento da Psicologia não é tarefa fácil. Primeiro porque ela não possui uma única vertente como explicado e, em segundo lugar, porque ela não vem se desenvolvendo de forma linear. Dependendo do material selecionado para a leitura e produção de um texto sobre Psicologia Social, pode-se ter uma impressão errônea sobre como ela vem se constituindo ao longo do tempo.

Desta forma, desvendar os fios que tecem a trama da história da Psicologia Social no mundo é uma tarefa árdua. Por este motivo, se faz necessário mostrar o referencial teórico adotado nesta pesquisa e as diferenças entre uma concepção voltada para a área psicológica e outra voltada para a área sociológica. Compreender os percalços e as transformações ocorridas no campo do conhecimento psicológico ajuda a nortear o trabalho e, quiçá, mostrar a importância de se desenvolver pesquisas de caráter social, voltadas para estudos com comunidades vulneráveis, como é o caso deste estudo.

Dos vários autores selecionados para a leitura, optou-se por iniciar esta reflexão utilizando-se Farr (2008) por defender que a Psicologia Social começou a se desenvolver na

Alemanha na segunda metade do século XIX como uma disciplina específica. Ou seja, como origem, ela possui pouco mais de cem anos. Na América do Norte, precisamente, nos Estados Unidos, duas obras publicadas no início do século XX, mais especificamente em 1908, de acordo com Ferreira (2010, p.52) “irão marcar a fundação oficial da Psicologia Social moderna na América do Norte: o livro *Uma introdução à Psicologia Social*, de autoria de William McDougall, e o livro *Psicologia social: uma resenha e um livro texto*, de autoria de Edward Ross”. Mas, o grande salto nas pesquisas ligadas à Psicologia Social, de acordo com Farr (2008) só foi possível a partir da segunda guerra mundial que propiciou um tipo de impulso ao desenvolvimento da Psicologia Social semelhante ao que a primeira guerra mundial propiciou aos testes psicométricos. Sobre o florescimento da Psicologia Social no período entre guerras e após a segunda guerra mundial, o autor explica que, por atuarem de forma experimental, os psicólogos conseguiram mostrar rapidamente sua utilidade em tempos de guerra, ao criar testes que poderiam ser usados na designação de civis para diferentes tipos de tarefas, inclusive as militares.

Nesta mesma linha de raciocínio, mas buscando mostrar o caráter plural da Psicologia Social, Ferreira (2010) mostra que ela tem se caracterizado pela pluralidade e multiplicidade de abordagens teóricas adotadas como referenciais legítimos à produção de conhecimentos sociopsicológicos. Contudo, a autora acredita que o estudo das relações que os indivíduos mantêm entre si e com a sua sociedade ou cultura, sempre esteve no centro das preocupações dos psicólogos sociais, com o pêndulo oscilando ora para um lado, ora para o outro. Observe que neste ponto, Ferreira (2010) faz menção indireta às duas modalidades de Psicologia Social: a psicológica e a sociológica.

Faz-se necessário, ressaltar neste momento, que a vertente psicológica procura explicar os sentimentos, pensamentos e comportamentos do indivíduo na presença real ou imaginada de outras pessoas. Já a sociológica, tem como foco o estudo da experiência social que o indivíduo adquire a partir de sua participação nos diferentes grupos sociais com os quais convive. Percebe-se assim, que os psicólogos sociais da primeira vertente tendem a enfatizar principalmente os processos intraindividuais responsáveis por mostrar o modo pelo qual os indivíduos respondem aos estímulos sociais, enquanto os ligados a Psicologia Social Sociológica tendem a privilegiar os fenômenos que emergem dos diferentes grupos e sociedades.

Pelo exposto é possível afirmar que a pesquisa em questão foi construída utilizando o modelo da Psicologia Social sociológica que dará origem, na Europa, a partir dos estudos de Serge Moscovici à Teoria das Representações Sociais. Estudando um pouco mais a divergência entre as duas vertentes da Psicologia Social, Camino e Torres (2011) defendem que as divergências entre as duas vertentes da Psicologia Social são importantes para o próprio crescimento da Psicologia, uma vez que ela se desenvolve na arena movida pelos conflitos sociais e se propõem soluções que marcam a evolução da sociedade. Observa-se então, que até por fazer parte deste jogo de interesses sociais fica difícil precisar a origem da Psicologia Social, uma vez que existem diversos projetos de Psicologia Social. Assim, os pesquisadores tendem a indicar um ou outro fundador desta disciplina, em função de sua própria perspectiva, americana ou europeia.

Aceitar o fato de que a Psicologia Social não nasce de um único projeto e não possui uma única definição é aceitar que ela se desenvolve por meio do embate existente entre as diversas perspectivas. Buscando esclarecer um pouco mais esta divergência, Camino e Torres (2011, p.59) explicam que “na primeira metade do século XX a Psicologia Social terá forte influência tanto de conceitos gestaltistas como de noções psicanalíticas”. Pelo exposto, fica fácil entender o motivo pelo qual o embate das ideias acontece no campo da Psicologia Social, uma vez que ela bebe de fontes completamente divergentes como a Gestalt e a Psicanálise.

Porém, é bom esclarecer que a Psicologia Social do início do século XX até quase o final do século passado, mais precisamente meados da década de 1980, se manteve ligada a raiz experimental de forte viés individualista, exatamente como ela se desenvolveu nos Estados Unidos da América. No entanto, é importante observar que, de acordo com Farr (2008) do ponto de vista institucional, o período de formação da Psicologia Social está ligado ao fim da segunda guerra mundial. Percebe-se então, que mesmo surgindo com um caráter social, ela não consegue se desvincilar imediatamente do método positivista e da forte influência laboratorial e experimental. Farr (2008, p. 59) quer mostrar com isso, que não é possível esquecer que “a herança de Wundt foi uma Psicologia Experimental que não era social e uma Psicologia Social que não era experimental”. Percebe-se assim, que a Psicologia Social floresceu no contexto de duas disciplinas bastante distintas, a Sociologia e a Psicologia, assumindo diferentes formas nos dois contextos e esta divergência na sua origem, traz o embate até os dias de hoje.

Utilizando-se de uma linguagem poética ou literária, para explicar as diferenças entre a Psicologia Social psicológica e a sociológica, Farr (2008) explica que na Psicologia Social moderna as raízes são vistas como europeias, e as flores como especificamente americanas. No entanto, as raízes da Psicologia Social moderna são tratadas separadas de suas flores. As raízes são predominantemente europeias, enquanto que a flor é tipicamente americana e positivista. Mesmo se utilizando de uma linguagem simbólica, Farr (2008. p.193) alerta para o fato de que “muitos dos erros e vieses nas histórias atuais da Psicologia e da Psicologia Social são uma consequência direta de se aceitar uma Filosofia positiva de ciência”. Situação essa, que a linha da Psicologia Social Psicológica ainda não conseguiu quebrar por completo.

Sobre a origem e a relação entre as duas vertentes da Psicologia Social, Ferreira (2010, p.57) explica que apesar de a Psicologia Social europeia ter inicialmente caminhado lado a lado com a Psicologia Social Psicológica, “ela começou, a partir dos anos 1970 e motivada pela crise da Psicologia Social na América do Norte, a adquirir sua própria identidade e a demonstrar maior preocupação com a estrutura social”. Desta forma, fica fácil entender o motivo pelo qual a Psicologia Social praticada na América Latina, até o início da década de 1970, esteve grandemente influenciada pelo paradigma da Psicologia Social Psicológica, tendência até hoje dominante na América do Norte. Mas, da década de 70 em diante, com o engajamento dos psicólogos no combate aos regimes militares implantados em toda a América Latina, começa ganhar força uma nova postura dentro da Psicologia Social: a teoria crítica.

Lane (1984) defende que a força do modelo positivista na Psicologia Social se deve pelo fato dela ter surgido dentro da Psicologia, que naquele momento histórico estava comprometida com as classes governantes e, para se firmar como ciência precisava estar atrelada a forma positivista de se fazer pesquisa.

A relação entre Psicologia e Psicologia Social deve ser entendida em sua perspectiva histórica, quando, na década de 50 se iniciam sistematizações em termos de Psicologia Social, dentro de duas tendências predominantes: uma, na tradição pragmática dos Estados Unidos, visando alterar e/ou criar atitudes, interferir nas relações grupais para harmonizá-la e assim garantir a produtividade do grupo [...] A outra tendência, que também procura conhecimentos que evitem novas catástrofes mundiais, segue as tradições filosóficas europeia, com raízes na fenomenologia, buscando modelos científicos totalizantes, como Lewin e sua teoria de Campo (LANE, 1984, P.10).

Deixando de lado o eixo América do Norte-Europa e buscando ver o florescimento da Psicologia Social na América Latina, Lane (1984) mostra que por aqui, a Psicologia Social oscila entre o pragmatismo norte-americano e a visão abrangente de um homem abstrato. Percebe-se assim, que o primeiro passo, para superar esta dicotomia é aceitar a tradição biológica da Psicologia e admitir que o ser humano interage com o meio físico. Rose (2008, p.155) explica que para evoluir nesta discussão é preciso aceitar o fato de que “a psicologia ocupou um papel importante na sociedade durante o século XX, ajudando a construir o mundo e as pessoas em que nos transformamos”. Por isso, a Psicologia Social continua tendo o objetivo de conhecer o ser humano, individual ou coletivamente no seu contexto sócio, econômico e cultural.

Entre os autores utilizados nesta pesquisa, a definição de Psicologia Social que melhor contempla este emaranhado de posições da Psicologia é proposta por Vala (2011) ao buscar mostrar que a Psicologia Social tem como principal função promover constantemente o entendimento do pensamento e da ação individual e coletiva no contexto das relações sociais. Em seus estudos sobre a Psicologia Social Contemporânea, Ferreira (2010) mostra que a evolução da Psicologia Social, vem ocorrendo, associada às várias modalidades ou vertentes da disciplina. Assim é que, nos Estados Unidos da América, a Psicologia Social Psicológica foi e continua sendo a tendência predominante. Já na Europa, é possível se notar uma preocupação maior com os processos grupais e socioculturais, que sempre estiveram na base das preocupações da Psicologia Social Sociológica.

Com relação à América Latina, Ferreira (2010) explica ainda que no final da década de 1970, porém, muitos psicólogos sociais latino-americanos iniciaram um forte movimento de questionamento à Psicologia Social americana em prol de uma Psicologia Social mais contextualizada, isto é, mais voltada para os problemas políticos e sociais que a região vinha enfrentando. Isso possibilitou o surgimento de uma nova forma de Psicologia Social, definida ou defendida como Psicologia Social Crítica votada para uma abordagem preferencial à análise dos graves problemas sociais que costumam assolar a região.

Pelo exposto acima, é possível perceber, com relação à Psicologia Social, que de acordo com Diehl; Maraschin e Tittoni (2006) esta área do conhecimento deve ser vista não como saber determinado a ditar formas de comportamento de convívio social, mas uma nova percepção das relações humanas, capaz de possibilitar novos encontros e outras formas de

perceber o mundo e a si mesmo. Ao chegar à comunidade, as observações feitas por Diehl; Maraschin e Tittoni (2006) se tornaram presentes e contribuíram com o desenrolar das entrevistas. Mais do que perguntas e respostas, precisava escutar o que aquela população tinha para dizer. Era necessário entender como eles percebem o mundo à sua volta e como se relacionam uns com os outros. Mais do que se preocupar com as representações sociais de saúde e doença, era necessário sentir suas angústias, suas dores e seus sofrimentos que, em silêncio, vivenciam diariamente. Mas o campo me mostrou algo muito além do que esperava encontrar: os sussurros e os gemidos de uma exploração capaz de construir adoecimentos.

3.1.1. Psicologia Social no Brasil

Depois deste breve apanhado sobre a construção da Psicologia Social, se faz necessário, por uma questão de respeito para com a história da disciplina, tecer alguns comentários sobre os avanços da Psicologia Social no Brasil. Para compreender a constituição, história e as raízes da Psicologia Social em território brasileiro é importante levar em consideração, de acordo com Sá (2007) que ela nasceu com uma característica plural, crítica e avessa as fronteiras disciplinares rígidas. Percebe-se assim, que a Psicologia Social brasileira possui uma amplitude temática comparada a amplitude territorial do Brasil, um país de proporções continentais, com uma Psicologia Social produzida de norte a sul dentro de uma diversidade cultural que não conhece fronteiras rígidas. Uma das suas características nacionais está na sua pluralidade. O que para algumas vertentes do conhecimento pode ser um defeito, para a Psicologia Social brasileira é uma qualidade.

Negar esta pluralidade significa correr um grande risco de não conseguir quebrar o paradigma positivista. Observa-se ainda, que a Psicologia Social brasileira acompanhou toda a discussão feita na Europa e nos Estados Unidos. No entanto, ela apresentou uma diferença: conseguiu trabalhar com a adversidade das concepções psicológicas e sociológicas, o que proporcionou o surgimento de novas concepções, mais críticas e voltadas para a realidade produzida no Brasil.

Lane (1989) defende que a Psicologia Social que ganhou força no Brasil, busca estudar o comportamento das pessoas no que elas são influenciadas socialmente. Nesta perspectiva, Lane (1989, p.10) argumenta que “a Psicologia Social estuda a relação essencial entre o indivíduo e a sociedade, esta entendida historicamente, desde como seus membros se organizam para garantir sua sobrevivência até seus costumes, valores e instituições necessárias para a continuidade da sociedade”. Percebe-se assim, que para Lane (1989) a preocupação da Psicologia Social em território brasileiro é conhecer como o homem se insere neste processo histórico, não apenas em como ele é determinado, mas principalmente, como ele se torna agente da história, ou seja, como ele pode transformar a sociedade em que vive.

Dentro deste breve resgate histórico não pode ficar de fora o primeiro livro que faz referência à Psicologia Social no Brasil. Sá (2007) explica que a primeira obra sobre Psicologia Social no Brasil foi publicado somente em 1921. O livro, de autoria de Francisco José de Oliveira Viana, era intitulado “*Pequenos estudos de psychologia*” e nada mais era do que uma compilação de artigos publicados em jornais. Levando em consideração esses dados, Sá (2007) defende que a primeira fase da Psicologia Social no Brasil aconteceu na década de 1930, diretamente ligada com os estudos de economia e educação, entre outros que se beneficiavam de contribuições psicanalíticas, comportamentais e sociológicas.

Levando em consideração o momento histórico de efervescência econômica, política e social pelo qual passou o Brasil de 1930 a 1960 é importante observar que, de sua origem até o início dos anos 1960 a Psicologia Social brasileira surgiu como uma possibilidade de dar respostas a todos os problemas sociais. Em seguida, ela passa por uma polêmica em torno do seu caráter teórico e ideológico o que acabou gerando uma crise. Observe que no Brasil, a Psicologia Social acabou sendo germinada e veio a crescer em meio às conturbações políticas e sociais internas de um país que ficou sob o regime militar por 20 anos.

De acordo com Sawaia (2006) a conturbação política brasileira serviu para que a Psicologia Social buscasse reagir ao sistema vigente e posteriormente ao paradigma científico dominante. Essa reação ao modelo ditatorial serviu inclusive para aproximar a Psicologia Social de uma epistemologia crítica. Sobre esta realidade vivida pela Psicologia Social sob a égide do regime militar, Lane (2006, p.67) joga um pouco de luz ao afirmar que “as ditaduras militares, com seu poder repressivo, as injustiças sociais, a opressão sob a qual a maioria dos

povos vivia nas décadas de 60 e 70, faziam-nos questionar não só o nosso papel de pesquisadores como a própria Psicologia Social". Pelo exposto percebe-se que a euforia dos anos 50 produzida pela Psicologia Social havia acabado, e se questionava como ela poderia dar subsídios para uma transformação social em um país tão grande como o Brasil.

Não dá para compreender a Psicologia Social brasileira, sem compreender como ela vinha se formando e se delineando no resto do mundo. Na Europa, principalmente na França e na Inglaterra, surgem, no final da década de 60, as críticas mais incisivas à Psicologia Social norte-americana, denunciando o seu caráter ideológico e, portanto, mantenedor das relações sociais. Estas críticas chegam ao solo brasileiro e, a partir do final da década de 1970, sob forte perseguição do regime militar, os psicólogos sociais brasileiros sobrevivem e contribuem ativamente do movimento de ruptura com a Psicologia Social tradicional. Ruptura esta, que se expande para toda a América Latina.

Todo este movimento de crise ocorrida na década de 1970 serviu para mostrar que o binômio da Psicologia Social em Psicológica e Sociológica, não daria conta de responder a todas as indagações e diferenças culturais existentes no Brasil. Ferreira (2010) explica que para além desta clássica divisão, o Brasil está trabalhando com pesquisas em outra vertente, qual seja a Psicologia Crítica.

Observe que estas expressões abarcam, na realidade, diferentes posturas teóricas. De acordo com Ferreira (2010) a evolução e estado atual da Psicologia Social no Brasil e no exterior evidencia que, na América do Norte, a disciplina tem sido dominada pela Psicologia Social Psicológica de base eminentemente cognitivista e experimental, que se focaliza prioritariamente nos eventos e processos intrapsíquicos que intervêm na relação do indivíduo com seu meio social. Por outro lado, na Europa, prevalece a Psicologia Social Sociológica, que faz uso de metodologias experimentais e não experimentais, com o intuito de desvendar, sobretudo os processos que se passam no interior dos grupos sociais e entre um grupo e outro. Buscando sair da briga e da dicotomia criada entre Europa e Estados Unidos, o Brasil aderiu a uma Psicologia Crítica, que se preocupa basicamente com os problemas sociais, procurando assim desenvolver um saber autônomo e capaz de compreender tais fenômenos.

Mas, de acordo com Lane (1989), os pesquisadores ou mesmo as pessoas não mudam de postura ideológica com muita facilidade. As pessoas tendem a seguir o modelo que está dando certo, neste caso o dominante. É por este motivo, que nos países da América

Latina, a Psicologia Social, em maior ou menor grau, reproduziu por muitos anos os conhecimentos desenvolvidos nos Estados Unidos. Isso significa que a Psicologia Social desenvolvida nos países periféricos apenas adaptava técnicas de estudo e de intervenção utilizadas nos Estados Unidos às condições próprias de cada país. Isso ajuda a compreender o motivo pelo qual, no Brasil, até meados da década de 80, os temas mais utilizados na investigação em Psicologia Social eram escolhidos sem qualquer preocupação com aspectos de relevância ou aplicabilidade ao contexto brasileiro, mostrando assim a forte dependência cultural existente até então. Nesse sentido, percebe-se que a chamada crise da Psicologia Social dos anos 70, acabou produzindo repercussões transformadoras em solo brasileiro.

É importante lembrar ainda que na década de 1960 a Psicologia conquista sua autonomia pelo reconhecimento da profissão de psicólogo por meio da Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962. Desta forma, percebe-se que pensar a Psicologia Social no Brasil é pensar numa disciplina comprometida com a realidade social e com as condições de vida das pessoas no contexto em que elas estejam inseridas. Outro evento que marcou a evolução da Psicologia Social brasileira foi a criação, em 1980, da Associação Brasileira de Psicologia Social (Abrapso), estabelecida com o propósito de redefinir o campo da Psicologia Social e contribuir para a construção de um referencial teórico orientado pela concepção de que o ser humano constitui-se em um produto histórico-social, de que indivíduo e sociedade se implicam mutuamente. Com relação ao avanço da Psicologia Social no Brasil, Souza e Souza Filho (2009) esclarecem que a aproximação entre Psicologia e Psicologia Social no Brasil, só vai existir efetivamente, após a criação dos primeiros cursos de graduação na área de Psicologia.

Por meio desta caminhada histórica da Psicologia Social no Brasil é possível, por exemplo, desenvolver pesquisas como esta e tentar, mesmo que de forma diminuta, trazer a realidade de exploração e exclusão vivenciada por grupos humanos, esquecidos e abandonados pelo poder público. Só compreendendo esta realidade e lutando para que os ribeirinhos consigam resgatar a cidadania, será possível conforme Guareschi (1992) colocar o trabalho do intelectual a serviço da sociedade. É importante observar ainda, que de acordo com Guareschi (1992, p. 200) “as condições de privação, subnutrição ou mesmo de coerção vão influir na criação de interesses distorcidos, que a longo prazo prejudicam a todos”. Em Porto da Manga, as condições de privação pela qual a comunidade é submetida diariamente

faz com que os ribeirinhos vivam em constante competição entre eles, prejudicando possibilidades coletivas de mudança.

3.2. TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO

Depois de um rápido apanhado sobre a origem e o desenvolvimento da Psicologia Social na Europa, Estados Unidos da América e Brasil, se faz necessário avançar um pouco mais para mostrar como a Psicologia Social contribuiu para o nascimento da Teoria das Representações Sociais (TRS). Este tópico pretende dialogar com os precursores desta teoria, que no ano passado (2011) completou 50 anos de história. O objetivo deste tópico é mostrar que as Teorias das Representações Sociais quebram a ortodoxia da própria ciência para avançar em novos campos do saber, reconhecendo o senso comum como produção do conhecimento. Algo que até então era deixado de lado pelo modelo positivista de pesquisa.

Mas, antes de iniciar esta trajetória, é importante prestar um pouco de atenção ao alerta feito por Lahlou (2011) no sentido de que as Representações Sociais são um campo de estudo e não uma teoria, o que explica sua longevidade. Lahlou (2011, p.66) define a Representação Social como um “meio pelo qual os seres humanos representam objetos de seu mundo”. Assim, para prosseguir nesta discussão é importante voltar um pouco mais na história. Só esta volta ao passado permite perceber que o conceito de Representações Sociais de Moscovici teve suas origens no conceito de representações coletivas de Durkheim. Por este motivo, os autores selecionados para o desenvolvimento deste tópico, de uma forma ou de outra, concordam que a concepção de Representações Sociais desenvolvida por Moscovici tem proximidade com o conceito de representações coletivas desenvolvido por Durkheim.

Duveen (2003), por sua vez, explica que enquanto Durkheim vê as representações coletivas como formas estáveis de compreensão coletiva, Moscovici esteve mais interessado em explorar a variação e a diversidade das ideias coletivas nas sociedades modernas. De acordo com Duveen (2003) na Teoria da Representação Social o conceito de representação possui um sentido mais dinâmico, referindo-se tanto ao processo pelo qual as representações são elaboradas, como às estruturas de conhecimento já estabelecidas. Neste sentido é importante levar em consideração que para Moscovici (2003) as representações possuem

precisamente duas funções: a) elas *convencionalizam* os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram; b) em segundo lugar, representações são *prescritivas*, isto é, elas se impõem sobre nós como uma força irresistível.

No que se refere a convencionalização, Moscovici (2003) acredita que as pessoas pensam por meio da linguagem. É ela que ajuda a organizar os pensamentos de acordo com um sistema que está condicionado, tanto pelas representações que os seres humanos possuem, como por sua cultura. Já sobre as representações prescritivas, Moscovici (2003) argumenta que elas são partilhadas pela coletividade, penetram e influenciam a mente de cada um, mesmo não sendo pensadas por eles, mas são re-pensadas, re-citadas e re-presentadas constantemente por quem as usa. Isso mostra que Jovchelovitch (2008) estava certa ao defender que as representações não são estáticas, mas fazem parte de um sistema construído. Com isso, a autora cria um conceito de representação que apresenta uma forma triangular cuja arquitetura básica é construída pelas inter-relações sujeito-outro-objeto. Por isso, é importante levar em consideração o vasto campo das relações humanas e as teias de complexidade que elas produzem.

Percebe-se assim, que para Jovchelovitch (2008, p.33) “a realidade do mundo humano é, em sua totalidade, feita de representações e não faz sentido falar de realidade em nosso mundo humano sem o trabalho da representação”. Com isso, a autora está defendendo a ideia de que as representações não são um espelho do mundo e, menos ainda, construções mentais de sujeitos individuais. Para Jovchelovitch (2008, p.35) as representações “implicam um trabalho simbólico que emerge das inter-relações eu-outro e objeto-mundo e, como tal, têm o poder de significar, de construir sentido, de criar realidade”. Nota-se assim, que o status da representação é polivalente. As representações são construções ontológicas, epistemológicas, psicológicas, sociais, culturais e históricas. Sendo assim, elas constroem o real, mas nunca capturam plenamente a totalidade da realidade, mesmo que desejem fazê-lo.

Moscovici (2011) defende que a Teoria das Representações Sociais deve conduzir o pesquisador a um modo de olhar a Psicologia Social que exige a manutenção de um laço estreito entre as ciências psicológicas e as ciências sociais. Nesta mesma concepção, Trindade; Santos e Almeida (2011) buscam mostrar que uma boa teoria precisa revelar a dinâmica do real e por isso ela mesma deve estar sempre em construção. Desta forma, as autoras defendem que a Teoria das Representações Sociais pode ser vista como um conceito

guarda-chuva capaz de englobar aqueles estudados por meio de modelos pautados nas microteorias como as que caracterizam a ancoragem, objetivação, redes e comunicação.

Pelo exposto acima, é possível observar que por meio da Teoria das Representações Sociais, Moscovici (2011) busca quebrar a dicotomia criada entre a Psicologia Social Psicológica e a Psicologia Social Sociológica. Para o autor, as Representações Sociais expressam o conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida diária no curso das comunicações interindividuais. Para Moscovici (2011) os indivíduos não são apenas processadores de informações, nem meros portadores de ideologias ou crenças coletivas, mas pensadores ativos, que, produzem e comunicam representações e soluções específicas para as questões que se colocam a si mesmos.

Buscando aprofundar um pouco mais a reflexão em questão, Jovchelovitch (2008, p.86) argumenta que “a Teoria das Representações Sociais deve ser entendida não apenas como uma Psicologia Social dos saberes, mas também como uma teoria sobre como novos saberes são produzidos e acomodados no tecido social”. Percebe-se assim, que todo o saber depende de um contexto e está enraizado em um modo de vida. No entanto, é importante esclarecer que apesar da proximidade, não são a mesma coisa. Buscando fazer uma análise do tecido social, Rêses (2003) mostra que a Teoria das Representações Sociais se dirige à formação das explicações produzidas pelo senso comum em sociedades complexas e não exatamente às formas de saber mais elaboradas ou estruturadas.

Para Rêses (2003, p.194) “as representações constituem modos de vida e formas de comunicação entre as pessoas; por isso, elas são Representações Sociais”. As Representações Sociais, portanto, orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais, assim como intervêm na difusão e na assimilação de conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, na definição das identidades pessoais e sociais, na expressão dos grupos e nas transformações sociais. Almeida e Cunha (2003) também compactuam desta postura e mostram que a Teoria das Representações Sociais desenvolvida no âmbito da Psicologia Social tem oferecido um importante aporte teórico aos pesquisadores que buscam compreender os significados e os processos neles imbricados, criados pelos homens para explicar o mundo e sua inserção dentro dele.

Mas, é importante ressaltar que para Moscovici (2003) o que realmente interessa são as representações da sociedade atual.

[...] as Representações Sociais que me interessam não são nem as das sociedades primitivas, nem as suas sobreviventes, no subsolo de nossa cultura, dos tempos pré-históricos. Elas são as de nossa sociedade atual, de nosso solo político, científico, humano, que nem sempre têm tempo suficiente para se sedimentar completamente para se tornarem tradições imutáveis (MOSCovici, 2003, p.48).

Observe que para Moscovici (2003) a natureza das representações expressa a natureza do universo consensual, produto do qual elas são e ao qual elas pertencem exclusivamente. Almeida e Cunha (2003, p.147) compactuam desta postura e buscam mostrar que “intimamente articuladas às teorias científicas, as Representações Sociais ou as teorias populares submetem os conhecimentos elaborados pelas ciências a um processo de ressignificação, visto que são negociados e recriados no bojo das teorias populares”. Já Cardoso e Gomes (2000) defendem que a questão das Representações Sociais é bastante controversa, possuindo inclusive, um uso bastante diversificado.

Herzlich (1991), no entanto, alerta para o fato de que as Representações Sociais não são o somatório das representações individuais, elas se constituem numa realidade que se impõe ao indivíduo. Segundo Herzlich (1991) é importante observar que a Representação Social não é mero reflexo do real, mas sua construção. Percebe-se assim, que se faz necessário ter um cuidado redobrado para não se incorrer no erro de defender que, a partir de agora, tudo é Representação Social. Um dos cuidados necessários é não confundir o social como a soma das partes individuais existentes na sociedade. Social, no fundo, é uma relação que inclui o individual e o total, ou seja, a sociedade como a entendemos é construída por pedaços de saberes que formam o tecido social do qual todos fazem parte.

Desta forma, percebe-se que toda representação não é material, é psíquica, está no campo das ideias. É preciso perceber no estudo das Representações Sociais, que ela é prática e como tal se desvela na observação do pesquisador. Lembre-se que as Representações Sociais se dão nas relações, entendidas como um fenômeno comunicativo e dialógico. Jovchelovitch (2011b) acredita que a conexão entre a Teoria das Representações Sociais e a vida cotidiana ocupa um lugar fundante na arquitetura conceitual desenvolvida por Moscovici e se apresenta como um problema central das ciências sociais e, em particular, da Psicologia Social. Jovchelovitch (2011b) argumenta ainda que a Representação Social é um saber, que não pode ser considerado idêntico ao da ciência, mas que nem por isso deixa de ser um saber.

Após estas considerações, Jovchelovitch (2011b, p.169) define Representação Social como sendo um “ponto móvel dentro de um sistema de transformação que compreende um jogo representacional derivado de relações intergrupais e interinstitucionais na esfera pública, bem como dos processos de reprodução e renovação da cultura”. Por isso, toda representação precisa ter uma dimensão que dá concretude ao social, ao mesmo tempo em que institui a matriz social, cultural e histórica do sujeito psicológico. Dentro desta reflexão é importante observar que Moscovici (2011) alerta para o fato de que as Representações Sociais são uma teoria com certo grau de elasticidade e complexidade. Estes dois pontos são elementos essenciais para que ela possa perdurar. Afinal, com a Teoria das Representações Sociais, ele rompe com a ahistoricidade que predominava nas pesquisas buscando dar ênfase à dimensão de construção humana histórica e cultural.

Guareschi e Jovchelovitch (2011) explicam que as Representações Sociais enquanto teoria são altamente questionadoras e não se acomodam com o já pensado. Por isso, ela busca constantemente o novo onde o peso hegemônico do pensamento tradicional impõe suas contradições. Esta é a capacidade e a elasticidade que a teoria apresenta. Isso permite que ela se renove constantemente e tenha condições de se adaptar a situações adversas. Banchs (2011) também alerta para o fato de que a representação não deve ser confundida com a imagem, porque a imagem é a impressão do objeto no sujeito, enquanto que a representação é uma reconstrução.

Nesta perspectiva, Banchs (2011, p.240) defende que “negar às Representações Sociais a dupla face processual dinâmica e portadora da marca cultural transgeracional é negá-la como teoria. Ou seja, as representações são ao mesmo tempo forma e significado, estruturas e processos. São, simultaneamente, icônica e simbólica”. Neste mesmo sentido, Alaya (2011) avança um pouco mais na discussão ao mostrar que a Teoria das Representações Sociais baseia-se em um esquema radicalmente diferente daquele admitido nas teorias clássicas do conhecimento. Para entender o processo do conhecimento do seu ponto de vista, convém ir além da concepção binária da epistemologia clássica formulada pelo esquema sujeito-objeto e avançar no sentido de reconhecer o eu-outro e objeto-mundo.

Mas, é importante prestar atenção a outras questões. De acordo com Jesuíno (2011) os conceitos de representação remetem necessariamente para a linguagem e para a multiplicidade das suas combinações. Neste sentido, Villas-Boas (2010, p.379) defende que

“as Representações Sociais são resultado, de um lado, da reapropriação de conteúdos advindos de períodos cronológicos distintos e, de outro, daqueles gerados por novos contextos”. De acordo com Villas-Boas (2010) é na experiência que se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Desta forma, é possível perceber que uma das funções das Representações Sociais é, essencialmente, a de orientar as práticas e o discurso.

Villas-Boas (2010) argumenta ainda que o surgimento de uma Representação Social está atrelado à existência de três fatores relacionados ao posicionamento de um grupo perante um objeto socialmente significativo para ele, quais sejam: dispersão da informação, focalização e pressão à inferência. Nesta mesma linha de pensamento, Guareschi e Jovchelovitch (2011) mostram que a Teoria das Representações Sociais tem a função de questionar ao invés de adaptar-se. Ela deve constantemente buscar o novo, longe do peso hegemônico do que é tradicional. A análise proposta por Guareschi e Jovchelovitch (2011) procura dar conta das mediações existentes entre a vida social e a vida individual. Por este motivo, as Representações Sociais são estruturas simbólicas que se originam tanto na capacidade criativa do psiquismo humano como nas fronteiras que a vida social impõe.

Para Jovchelovitch (2011a) as pessoas constroem na sua relação com o mundo, um novo mundo de significados. Desta forma, não se pode negar que as Representações Sociais são processos que estão embebidos na comunicação e nas práticas sociais. Observa-se assim, que é por meio das mediações sociais, em suas várias formas que acabam por gerar as Representações Sociais.

Comunicação é mediação entre um mundo de perspectivas diferentes, trabalho é mediação entre necessidades humanas e o material bruto da natureza, ritos, mitos e símbolos são mediações entre a alteridade de um mundo frequentemente misterioso e o mundo da intersubjetividade humana: todos revelam numa ou noutra medida a procura de sentido e significado que marca a existência humana no mundo (JOVCHELOVITCH, 2011a, p.68).

Percebe-se assim, que para Jovchelovitch (2011a) as Representações Sociais são estratégias desenvolvidas por atores sociais para enfrentar as diversidades de um mundo que, embora pertença a todos, transcende a cada um individualmente. Assim, as Representações Sociais surgem como um processo desafiador capaz de reproduzir, repetir e superar o modelo de vida social de uma comunidade. Dentro deste mesmo contexto é importante observar que

para Palmonari e Cerrato (2011) as Representações Sociais sempre envolvem tanto o conhecimento como as crenças, e é pouco provável encontrar um sistema de pensamento que possa basear-se, puramente, em conhecimentos ou simplesmente em crenças porque, nesse caso, estaríamos falando de ciência ou de religião, respectivamente. Palmonari e Cerrato (2011) mostram ainda que a Teoria das Representações Sociais foi formulada como alternativa à maneira dominante de conceber a Psicologia Social e o comportamento humano.

Nesta mesma linha, Guareschi (2011) mostra que as representações que as pessoas possuem da sociedade em que vivem não são independentes: têm a ver com a concepção de ser humano e de sociedade. Guareschi (2011) defende ainda que em seus escritos, Moscovici buscou mostrar que a visão de realidade, como pressuposta pela teoria positivista e funcionalista, era parcial e não dava conta de explicar outras dimensões da realidade, principalmente sua dimensão histórica e crítica. Este é o motivo pelo qual as Representações Sociais sempre serão ideológicas.

Spink (1993) por sua vez acredita que por serem ideológicas, elas são definidas como formas de conhecimento prático. Por isso, as Representações Sociais, inserem-se entre as correntes que estudam o conhecimento do senso comum. Para Spink (1993)

[...] as Representações Sociais são, consequentemente, formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos — imagens, conceitos, categorias, teorias —, mas que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação. Deste modo, as representações são, essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção (SPINK, 1993, p.300).

Desta forma, Spink (1993) mostra que toda representação é uma construção do sujeito enquanto sujeito social. Por isso, as Representações Sociais são sempre construções contextualizadas, resultados das condições em que surgem e circulam. Sendo assim, elas são interpretações da realidade que possuem estruturas dinâmicas. Trindade; Santos e Almeida (2011) avançam nesta discussão ao mostrarem que uma boa teoria precisa revelar a dinâmica do real e por isso ela mesma deve estar sempre em construção. Trindade; Santos e Almeida (2011, p.173) explicam ainda que “toda Representação Social possui uma dimensão que dá concretude ao social, ao mesmo tempo em que institui a matriz social, cultural e histórica do

“sujeito psicológico”. Mas, é com Alaya (2011) que, se chega ao “X” da questão proposta por Moscovici e que dá sustentabilidade às Representações Sociais.

De acordo com Alaya (2011) a teoria das Representações Sociais baseia-se em um esquema radicalmente diferente daquele admitido nas teorias clássicas do conhecimento.

[...] a representação não é um simples reflexo ou uma reprodução da realidade, mas, uma reconstrução por distorções, exclusões e adições. As representações não fazem apenas representar o real, eles lhe dão forma, até certo ponto. A informação recebida é transformada. Portanto, há um vaivém de informações, uma interação entre a representação e a realidade (ALAYA, 2011, p.270).

Complementando a concepção defendida acima, Guareschi (2011, p.162) alerta para o fato de que “o conceito de Representação Social é dinâmico e explicativo, tanto da realidade social, como física e cultural. Possui uma dimensão histórica e transformadora. Junta aspectos culturais, cognitivos e valorativos, isto é, ideológicos”. Pelo exposto é possível perceber que as Representações Sociais estão em constante construção. São realidades dinâmicas e não estáticas. Esta dinamicidade permite que elas sejam reelaboradas e modificadas constantemente. São estas características que permitem a elasticidade à teoria e fazem com que sejam ampliadas e enriquecidas com novos elementos todos os dias.

Pelo exposto acima é possível perceber que a construção social do adoecimento na comunidade de Porto da Manga e a situação de vulnerabilidade em que se encontra está alicerçada na exploração vivenciadas pelos coletores de iscas vivas. A realidade mostra que Guareschi (1992, p. 201) estava correto ao defender que “ser explorado é restrição de liberdade, pois reduz a capacidade das pessoas de agir, na medida em que os recursos materiais são parte dessa capacidade de poder agir”. Percebe-se assim que as Representações Sociais são capazes de estabelecer conexões entre as abstrações do saber e das crenças com a concretude da vida do indivíduo em seus processos de troca com os outros.

Chaves e Silva (2011) fazem um alerta importante aos pesquisadores que pretendem trabalhar com a Teoria das Representações Sociais. Chaves e Silva (2011, p.313) explicam que, “apesar de descrever uma forma de conhecimento, as Representações Sociais não constituem uma teoria que se aplica a todas as formas de conhecimento que são produzidas e mobilizadas em uma dada sociedade”. Nota-se então, que, enquanto teoria, as Representações Sociais oferecem um ótimo suporte às investigações desde que consiga partir

do conhecimento do sujeito ou grupo estudado, mostrando como esse conhecimento orienta as suas práticas cotidianas.

Castro (2011) por sua vez, alerta todos aqueles que pretendem utilizar as Representações Sociais como ferramenta para a pesquisa. Segundo ele,

[...] as Representações Sociais são tanto conservadoras como inovadoras, estruturadas com uma lógica singular que permite a um determinado grupo social compreender o mundo que o rodeia e lidar com os problemas que nele identifica. É, pois, um saber que organiza um modo de vida e que, por isso mesmo, adquire dimensão de realidade (CASTRO, 2011, p.07).

Percebe-se assim, que o conhecimento no contexto das representações se transforma diariamente. Assim, ao estudar as Representações Sociais é preciso levar em consideração a visão que os indivíduos ou grupos possuem e empregam na forma de agir e se posicionar perante o mundo. Farr (2011) vai um pouco mais além ao defender a ideia de que só vale a pena estudar uma Representação Social se ela estiver relativamente espalhada dentro da cultura em que o estudo é feito. Desta forma, o indivíduo estudado pela Teoria das Representações Sociais é, ao mesmo tempo, um fator de mudança na sociedade e um produto dessa mesma sociedade.

De acordo com Chaves e Silva (2011, p.299) “a Teoria das Representações Sociais é uma abordagem psicossociológica sobre o processo de construção do pensamento social”. Assim sendo, estudar as Representações Sociais é identificar a visão social, política, econômica e cultural que os indivíduos ou grupos possuem e como empregam na forma de agir e se posicionar. É importante observar pelo que foi exposto, que a influência do social não é percebida como um estímulo que atinge o indivíduo, mas um contexto de relações onde o pensamento é construído. Por isso, as Representações Sociais exercem papel de mediação entre o indivíduo e a sociedade.

Percebe-se ainda que as Representações Sociais são abordadas, ao mesmo tempo, como o produto e o processo de uma atividade de apropriação do mundo social pelo pensamento e elaboração psicológica e social dessa realidade, podendo ser organizada a partir de conteúdos centrais e periféricos. Chaves e Silva (2011, pp.307-308) mostram que “os elementos periféricos são, portanto, mais flexíveis que o núcleo central e permitem a integração de experiências e histórias individuais, admitindo a heterogeneidade do grupo e as contradições”. Desta forma, os elementos periféricos constituem o aspecto móvel e evolutivo

da Representação Social. Segundo os autores, é na periferia das Representações Sociais que informações novas, assim como elementos de conflitos, em relação aos fundamentos do núcleo central, podem ser integradas. Os pesquisadores acreditam que o núcleo central resiste à mudança, pois isto implicaria em uma transformação completa da representação.

Nota-se, desta forma, que dentro dessa abordagem, os sistemas centrais e periféricos das representações podem parecer contraditórios, mas são, na verdade, complementares. Fica claro então, que os elementos periféricos são sensíveis ao contexto imediato e tem um caráter evolutivo que permite a adaptação à realidade concreta e à diferença de conteúdo. Por serem mais concretos, os elementos periféricos, respondem por três funções: concretização, regulação e defesa. Chaves e Silva (2011) argumentam ainda que as Representações Sociais permitem justificar comportamentos e tomadas de posição. Com isso, elas contribuem para preservar e justificar a diferenciação social, podendo, então, estereotipar as relações entre grupos, contribuir para a discriminação ou para a manutenção da distância social entre eles.

Mas, é preciso ficar atento ao alerta feito por Jodelet (2001) ao afirmar que as Representações Sociais são fenômenos complexos sempre ativados e em ação na vida social. Por isso, elas envolvem elementos informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões e imagens, formando uma totalidade significante em relação à ação. Este mesmo entendimento é defendido por Guareschi e Jovchelovitch (2011) quando argumentam que a Teoria das Representações Sociais traz em seu bojo várias dimensões. De acordo com os autores,

[...] a dimensão cognitiva, afetiva e social está presente na própria noção de Representações Sociais. O fenômeno das Representações Sociais, e a teoria que se ergue para explicá-lo, diz respeito à construção de saberes sociais e, nessa medida, ele envolve a cognição. O caráter simbólico e imaginativo desses saberes traz à tona a dimensão dos afetos, porque quando sujeitos sociais empenham-se em entender e dar sentido ao mundo, eles também o fazem com emoção, com sentimento e com paixão. A construção da significação simbólica é, simultaneamente, um ato de conhecimento e um ato afetivo (GUARESCHI & JOVCHELOVITCH, 2011, p.19).

Pelo exposto é possível observar que o cognitivo, o afetivo e o social fazem parte do campo das representações. Aos poucos é possível notar que a busca pela compreensão do caminho das Representações Sociais enquanto teoria permite que o pesquisador repense a própria prática sem, no entanto, perder o rigor teórico e a capacidade de interagir com a

realidade social. Guareschi e Jovchelovitch (2011) buscam mostrar o tempo todo que as Representações Sociais são estruturas simbólicas que se originam da capacidade criativa do psiquismo humano.

Jovchelovitch (2008) aprofunda esta reflexão ao defender que

[...] as conexões entre as dimensões emocionais, cognitivas e sociais mostram que, ainda que na gênese e na ação da representação, haja sem dúvida uma função epistêmica que busca a cognição, a análise da representação vai muito além, envolvendo tanto as relações dialógicas que dão conta de sua gênese como também sua função expressiva, que a faz uma ação de seres psicológicos cujas identidades e existência social são parcelas fundamentais do processo representacional (JOVCHELOVITCH, 2008, p.57).

Percebe-se desta forma, que a discussão dos processos emocionais e inconscientes estão envolvidos na formação da representação simbólica. Isso ajuda a compreender como o desenvolvimento do saber não está restrito à formação de estruturas cognitivas racionais, mas também é moldado pelos inúmeros sentimentos e fantasias que constituem a vida. Por isso, a análise da forma representacional mostra que o trabalho da representação envolve sujeitos em relação a outros sujeitos e a ação comunicativa que circunscreve e configura suas relações na medida em que se engajam no processo de dar sentido a um objeto ou a um conjunto de objetos.

Jovchelovitch (2011a) lembra que no processo de construção das Representações Sociais é preciso ficar atento à forma como os sujeitos constroem sua relação com o mundo. Jovchelovitch (2011a, p.67) mostra que “os processos que engendram Representações Sociais estão embebidos na comunicação e nas práticas sociais: diálogo, discurso, rituais, padrões de trabalho e produção, arte, em suma, cultura”. É interessante observar que, de uma forma geral, direta ou indiretamente todos os pesquisadores que trabalham com as Representações Sociais dão uma importância considerável para a comunicação. Percebe-se ainda que as Representações Sociais acabam se transformando em estratégias necessárias, desenvolvidas pelos atores sociais para enfrentar as adversidades do mundo contemporâneo que, embora pertença a todos, transcende a cada um isoladamente.

Neste sentido é importante lembrar as palavras de Minayo (2011, p.79) ao defender que “o mundo do dia a dia é entendido como um tecido de significados, instituídos pelas ações humanas e passível de ser captado e interpretado”. Fica claro então, que para a

autora, as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama para as relações sociais em todos os domínios. Com uma linguagem simples e direta, Minayo (2011) explica que as Representações Sociais

[...] se manifestam em palavras, sentimentos e condutas e se institucionalizam, portanto, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais. Sua mediação privilegiada, porém, é a linguagem, tomada como forma de conhecimento e de interação social. Mesmo sabendo que ela traduz um pensamento fragmentário e se limita a certos aspectos da experiência existencial, frequentemente contraditória, possui graus diversos de claridade e de nitidez em relação à realidade (MINAYO, 2011, p.90).

Mas é Spink (2011) quem consegue mostrar que não se pode deixar escapar no estudo das Representações Sociais, o fato de que elas são teorias do senso comum encarregadas de desvendar as associações de ideias subjacentes em determinada realidade. Observa-se assim, que as Representações Sociais são estruturas cognitivo-afetivas e, não podem ser reduzidas apenas ao seu conteúdo cognitivo. O afetivo também precisa estar presente.

Pelo exposto até aqui, percebe-se que as Representações Sociais possuem um conceito multifacetado. Wagner (2011) esclarece que,

[...] de um lado, a Representação Social é concebida como um processo social que envolve comunicação e discurso, ao longo do qual significados e objetos sociais são construídos e elaborados. Por outro lado, e principalmente no que se relaciona ao conteúdo de pesquisas orientadas empiricamente, as Representações Sociais são operacionalizadas como atributos individuais [...] Esta dupla visão do conceito o faz versátil, e dá origem a várias interpretações e usos que nem sempre são compatíveis uns com os outros (WAGNER, 2011, p.119).

É importante observar que para Wagner (2011) as Representações Sociais geralmente podem ser explicadas através das condições socioestruturais e sociodinâmicas de um grupo. Já para Alexandre (2004) as Representações Sociais surgem como um campo multidimensional que permite ao pesquisador questionar a natureza do conhecimento e a relação indivíduo-sociedade. Alexandre (2004) defende que o que motivou Moscovici a desenvolver o estudo das Representações Sociais dentro de uma metodologia científica foi, sem sombra de dúvida, sua crítica aos pressupostos positivistas e funcionalistas das demais teorias. Por isso, Alexandre (2004) argumenta que as Representações Sociais estão situadas numa região fronteiriça entre a Sociologia e a Psicologia.

Nesta mesma linha de pensamento, Chaves e Silva (2011, p.310) esclarecem que “representar socialmente é um processo de selecionar visões de mundo significativas, seguidas de verificações contínuas”. Assim, por serem elaboradas na fronteira entre o psicológico e o social, as Representações Sociais, são capazes de estabelecer conexões entre as abstrações do saber e das crenças, e a concretude da vida do indivíduo em seus processos de troca com os outros. Desta forma, fica claro que para descrever as Representações Sociais em sua pluralidade, é preciso conhecer quem fala, qual a sua posição na estrutura social e quais os espaços sociais que produzem esse discurso.

Pela trajetória deste texto é possível perceber que os pesquisadores do campo da Psicologia Social e das Representações Sociais, não caminham lado a lado. Existem divergências que contribuem para o próprio crescimento da teoria. Por este motivo é importante entender as representações dentro do contexto onde ela está sendo gerida. Para entender as divergências existentes dentro do bojo da teoria é importante ressaltar que de acordo com Rêses (2003)

A “grande teoria” das Representações Sociais – como chamam as proposições originais básicas de Moscovici – desdobra-se em três correntes teóricas complementares: uma fiel à teoria original, com um caráter histórico e cultural, liderada por Denise Jodelet, em Paris; uma que procura articulá-la com uma perspectiva mais sociológica, liderada por Willem Doise, em Genebra; e uma terceira que enfatiza a dimensão cognitivo-estrutural das representações por Jean-Claude Abric, em Provence (RÊSES, 2003, p.197).

Neste sentido é preciso valorizar Doise (2002) quando explica que é somente a partir das divergências que uma teoria se renova e se constrói constantemente. No que se refere à Teoria das Representações Sociais, Doise (2002) explica que as diferenças existem porque alguns pesquisadores optam trabalhar com um construcionismo radical, enquanto outros preferem partir para uma prática da análise de discurso, rejeitando a ideia de quantificação ou das variáveis experimentais. Desta forma, Doise (2002, p.30) define “as Representações Sociais como princípios organizadores das relações simbólicas entre indivíduos e grupos”. Ele lembra ainda que existem outros pesquisadores que aderem a uma corrente da cognição social que, ao contrário, privilegia a abordagem experimental.

Almeida (2009) lembra ainda que o conteúdo das representações depende das relações entre as pessoas e grupos, na medida em que serve para justificar certo modo de

encadeamento das relações, mantendo, ao mesmo tempo, a especificidade e a identidade de cada indivíduo no grupo que pertence. A autora explica que

[...] a abordagem societal pressupõe a integração de quatro níveis de análise no estudo das Representações Sociais. O primeiro focaliza os processos *intraindividuais*, analisando o modo como os indivíduos organizam suas experiências com o meio ambiente. O segundo centra-se nos processos *interindividuais e situacionais*, buscando nos sistemas de interação os princípios explicativos típicos das dinâmicas sociais. O terceiro refere-se aos processos *intergrupais*, leva em conta as diferentes posições que os indivíduos ocupam nas relações sociais [...]. O quarto, o *societal*, enfoca os sistemas de crenças, representações, avaliações e normas sociais, adotando o pressuposto de que as produções culturais e ideológicas [...] (ALMEIDA, 2009, p.724).

Pelo exposto, percebe-se que, mais do que entender as discussões que estão sendo travadas nesta área de conhecimento, é preciso também se posicionar. Fazer uma escolha por uma das várias concepções. A pesquisa em questão indica um caminho que valoriza a forma como os significados são articulados com a realidade onde os ribeirinhos vivem. Percebe-se assim, que falar de sujeito, no campo de estudo das Representações Sociais, é falar de pensamento, ou seja, referir-se a processos que implicam dimensões físicas e cognitivas do conhecimento e do saber que levem a abertura para o mundo e os outros. Neste sentido, Jodelet (2009) lembra que

As representações, que são sempre de alguém, têm uma função expressiva. Seu estudo permite acessar os significados que os sujeitos, individuais ou coletivos, atribuem a um objeto localizado no seu meio social e material, e examinar como os significados são articulados à sua sensibilidade, seus interesses, seus desejos, suas emoções e ao funcionamento cognitivo (JODELET, 2009, p.697).

Nesta mesma linha de pensamento, Rêses (2003) argumenta que as Representações Sociais se desenvolvem com o propósito de transformar algo não familiar em familiar, por meio de dois processos: objetivação e ancoragem. Percebe-se assim, que os dois termos são fundamentais na Teoria das Representações Sociais. Rêses defende que

[...] a objetivação seria o processo que torna concreto, por intermédio de uma figura, a ideia de um objeto... a ancoragem seria o processo de incorporar o aspecto não familiar dentro de uma rede de categorias que permita que ele seja comparado com elementos típicos dessas categorias. Ancorar significa classificar (RÊSES, 2003, p.195).

Desta forma, fica claro que a cristalização de uma representação remete, por sua vez, ao segundo processo: a objetivação. Ela é essencialmente uma operação formadora de

imagens. Um processo que permite que noções abstratas se transformem em algo concreto, quase tangível. Assim, é possível afirmar que as Representações Sociais, orientam e organizam as condutas e as comunicações humanas, bem como intervêm na difusão e na assimilação de conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, na definição das identidades pessoais e sociais, na expressão dos grupos e nas transformações sociais.

Buscando aprofundar o significado de ancoragem e objetivação é preciso voltar a Spink (1993, p.306) quando mostra que a “ancoragem refere-se à inserção orgânica do que é estranho no pensamento já constituído. Ou seja, ancoramos o desconhecido em representações já existentes”. Segundo a autora, a cristalização de uma representação remete, por sua vez, ao segundo processo: a objetivação. Spink (1993, p.306) define a objetivação como sendo “essencialmente uma operação formadora de imagens, o processo através do qual as noções abstratas são transformadas em algo concreto, quase tangível”. Trindade; Santos e Almeida (2011) defendem que ancoragem e objetivação foram e ainda são conceitos que explicitam processos basilares que mostram como as Representações Sociais são construídas e o que elas constroem. As autoras defendem que a objetivação torna concreto aquilo que é abstrato. Já a ancoragem para Trindade; Santos e Almeida (2011, p.110) “corresponde exatamente à incorporação ou assimilação de novos elementos de um objeto em um sistema de categorias familiares e funcionais aos indivíduos, e que lhes estão facilmente disponíveis na memória”. Percebe-se assim, que é a partir do processo de ancoragem que se pode compreender o jogo da cultura assim como as características históricas, regionais e institucionais da produção do sentido.

Para Villas-Boas (2010) é por meio do processo de ancoragem que a representação se enraíza nas relações sociais, com base nos quadros de pensamento preexistentes acessados com o objetivo de familiarizar as experiências novas e estranhas. Segundo a autora, se a objetivação permite a naturalização de uma construção intelectual e a ancoragem possibilita a integração de um dado objeto no sistema de valores do indivíduo e do grupo. Percebe-se assim, que é nessa transformação do estranho em familiar que a objetivação e a ancoragem podem ser vistas como processos privilegiados para investigar a historicidade das Representações Sociais na medida em que estas se inscrevem nos quadros de pensamento preexistentes.

Duveen (2003) mostra que a familiarização é sempre um processo construtivo de ancoragem e objetivação, através do qual o não-familiar passa a ocupar um lugar dentro de nosso mundo familiar. Duveen (2003) esclarece ainda que as representações são sustentadas pelas influências sociais da comunicação e constituem as realidades de nossas vidas cotidianas. Por este motivo, servem como principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros. Para Moscovici (2003, p.41)

[...] pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação, representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem (MOSCOVICI, 2003, p.41).

Percebe-se assim, que quanto menos as pessoas pensam nas representações, quanto menos tomam consciência delas, maior se torna sua influência. Moscovici (2003) defende ainda que o estudo das Representações Sociais vê o ser humano enquanto ele tenta conhecer e compreender as coisas que o circundam e tenta resolver os enigmas centrais de seu próprio nascimento, de sua existência corporal e de suas humilhações. Percebe-se assim, que estudar as Representações Sociais é estudar o ser humano em sua coletividade. Por isso, pessoas e grupos, longe de serem receptores passivos, pensam por si mesmos, produzem e comunicam incessantemente suas próprias e específicas representações e soluções às questões que eles mesmos se colocam. Desta forma, as Representações Sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos.

É importante ressaltar ainda que de acordo com Almeida (2009, p.714) a inserção da Teoria das Representações Sociais no Brasil se deu pela via de “universidades situadas fora do eixo Rio-São Paulo, portanto, localizadas em centros considerados periféricos do ponto de vista da produção científica nacional à época: Nordeste e Centro-Oeste do País”. Mas, de acordo com Trindade; Santos e Almeida (2011) foi Denise Jodelet quem, nestes 50 anos, tomou para si a tarefa de organizar em um corpo conceitual orgânico as definições de Representação Social e difundi-lo já no bojo de uma teoria. No Brasil, de acordo com Chaves e Silva (2011) as pesquisas utilizando a Teoria das Representações Sociais foram utilizadas na segunda metade dos anos 70. Aos poucos, ela acabou sendo apropriada por pesquisadores não só da Psicologia, como também nas diferentes disciplinas das Ciências Sociais, da Comunicação e das Ciências da Saúde. Por isso, de acordo com Camino e Torres (2011) as

Representações Sociais são teorias ou sistemas de conhecimento que contribuem para a descoberta e organização da realidade.

Toda essa trajetória teórica foi desenvolvida enquanto as águas do Pantanal não me permitiam desenvolver a pesquisa de campo. Este embasamento teórico contribuiu para que, ao chegar na comunidade, eu tivesse condições de, não só observar as Representações Sociais de saúde e doença, mas perceber como a exclusão e a exploração constroem o adoecimento. A ideia inicial era apenas perceber as relações de saúde e doença, mas ao me deparar com a realidade encontrei muito mais do que representações sociais de saúde e doença. Me deparei com uma exclusão capaz de gerar o adoecimento humano, onde pessoas acabam se comparando a animais ou, pelo menos, possuem uma Representação Social que me faz pensar que se, ao menos fossem tratadas como os animais, teriam melhores condições de vida e saúde e, quem sabe, seriam amparadas pela lei ambiental.

4. AREÃO: A COMPLEXA RELAÇÃO ENTRE SAÚDE E DOENÇA

Ao chegar à comunidade me deparei com uma realidade que não esperava encontrar. Tinha certeza que conseguiria desenvolver uma pesquisa sobre as representações sociais de saúde e doença. Mas, as estruturas que eu havia construído teoricamente durante quase dois anos se mostraram alicerçadas sobre a areia. Encontrei uma comunidade dividida de um lado o areão, ou seja, a periferia da comunidade e de outro o centro comercial com uma pequena mercearia, o hotel e um pequeno bar com uma mesa de sinuca. Mas, o local possui um espaço neutro. Um pequeno campo de futebol utilizado para os poucos momentos de diversão das crianças, jovens e adultos. Durante minha estada na comunidade pude acompanhar por duas vezes uma partida de futebol. E, o que me chamou a atenção foi o fato de que, na hora de montar os times, os ribeirinhos não fazem distinção de sexo. Meninas e meninos jogam juntos. No início pensei que, por ter pouca gente era preciso colocar as meninas para jogar. Mas, ao conversar com um ribeirinho, me dei conta de que não existe nenhum espaço de lazer para as meninas. O bar, a mesa de sinuca e o campo de futebol são locais e atividades masculinas. Desta forma, as meninas precisam se masculinizar para poder sobreviver naquele ambiente.

A maioria dos ribeirinhos mora no areão. Além da dificuldade que encontrei de andar naquela areia solta, o que me chamou a atenção enquanto caminhava entre os casebres para fazer as entrevistas, era o fato de que as moradias pareciam soltas sobre aquele monte de areia. Deixei a comunidade com a sensação de que se as águas conseguirem alcançar aquela parte da comunidade, as casas não vão resistir à força do rio Paraguai. Este pequeno preâmbulo serve para mostrar que assim como o vento carrega a areia solta, as 40 páginas da referência teórica sobre saúde e doença que produzi durante o período das cheias do Pantanal foram levadas pelas primeiras impressões que tive da comunidade. De que adiantou elaborar uma pesquisa sobre Psicologia da Saúde? Sobre o modelo biomédico e biopsicossocial? Ou mesmo sobre as práticas ampliadas de saúde? Me deparei com uma realidade onde a produção do adoecimento não é biológico, mas social. No Porto da Manga a doença é produzida por um descaso do poder público e da indiferença do mercado global das iscas vivas. Por isso, não era mais possível falar de uma doença biológica, estava na hora de avançar e perceber que o processo de adoecimento vai além da questão de saúde e doença e atinge o social.

Durante as entrevistas fui me dando conta de que não é o indivíduo que adoece, mas a comunidade toda que vive um processo de produção social do adoecimento pelo esquecimento que se encontram e pelas condições desumanas que são obrigados enfrentar

todos os dias para poder sobreviver no meio de uma realidade insalubre. Não dá para falar de um sistema de saúde ou mesmo de um modelo biomédico ou biopsicossocial, uma vez que a população está relegada ao esquecimento. Estão parados no tempo e, para sobreviver com a coleta de iscas vivas precisam se misturar na paisagem do Pantanal, como se não fossem mais humanos e sim bichos pantaneiros. Mas, ainda assim há uma diferença: o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) faz pelos animais do Pantanal muito mais do que o Sistema Único de Saúde (SUS) pelos seres humanos que vivem na comunidade. Nem assistencialismo eles recebem no campo da saúde. O que a Marinha do Brasil e algumas igrejas desenvolvem na comunidade está longe de ser considerado assistencialismo. É um modelo perverso que ideologicamente serve apenas para mantê-los vivos para que possam continuar dentro do ciclo de exploração existente com o turismo da pesca.

Durante as entrevistas com os sujeitos que participaram desta pesquisa uma pergunta começou a tirar a tranquilidade deste pesquisador. É possível não adoecer nesta realidade? Quando terminei de fazer as investigações no campo percebi que o estado está causando a morte dos ribeirinhos que vivem no Pantanal. Um sistema que não dá as mínimas condições de escolha e de acesso à saúde, moradia e educação só contribui com a morte de seus cidadãos. É importante ressaltar que a comunidade não possui as condições mínimas de cidadania. Como falar de um Sistema Único de Saúde ou de algum tipo de modelo quando não se tem o básico para a própria sobrevivência? Chama atenção o fato de que o sistema único dos ribeirinhos é a única benzedeira. Só depois quando ela não consegue resolver o problema os moradores da comunidade optam por buscar ajuda médica.

O texto serve apenas como caráter ilustrativo para mostrar quem em pleno século XXI a comunidade de Porto da Manga não é contemplada com as decisões sobre saúde e doenças tomadas nas esferas internacionais e nacionais. É como se aquela população fosse invisível para qualquer modelo ou mesmo prática de saúde existente na atualidade. Feita esta pequena observação é possível passar para a discussão existente entre a relação saúde e doença. Esta discussão vai reforçar o fato de que os pantaneiros estão excluídos deste processo. Para isso se faz necessário, em primeiro lugar voltar um pouco na história e compreender como a humanidade, vem construindo suas representações sociais de saúde e doença.

Nesta caminhada histórica é possível perceber que no início da humanidade, a relação entre saúde e doença, era explicada pela magia. Entre os povos sem escrita, a doença era vista como o resultado de influências de entidades sobrenaturais, externas, contra as quais a vítima comum, o ser humano não iniciado, pouco ou nada podia fazer. Sevalho (1993) argumenta que certos aspectos de caráter religioso, como maldições ou castigos divinos, ainda hoje revestem as representações de saúde e doença. Quem sabe seja por isso que a benzedreira ainda hoje exerce tanto poder no seio da comunidade. Percebe-se assim, que o medo e a culpabilidade sempre estiveram presentes na relação do ser humano com a doença.

Depois de se fazer um rápido apanhado histórico de como a saúde e doença foi se constituindo no percurso de evolução da humanidade, pretende-se explicar a relação saúde e enfermidade em solo brasileiro. Desta forma, o segundo tópico deste texto busca mostrar de maneira resumida como as autoridades sanitárias e políticas foram constituindo o modelo de saúde que existe hoje no Brasil. O objetivo deste resgate histórico é mostrar que por trás de um simples conceito existe uma ideologia e uma postura política. Ideologia esta que permite que os ribeirinhos fiquem à margem do desenvolvimento social e não tenham as mínimas condições de se manter dignamente como seres humanos. De acordo com Guareschi (1992) uma análise social precisa chegar o mais perto possível dos mecanismos que geram e estruturam os fenômenos globais no nível institucional e situacional.

4.1. BREVE HISTÓRICO DA RELAÇÃO SAÚDE E DOENÇA NO MUNDO

Para iniciar esta reflexão sobre as diferentes formas do que vem a ser saúde e doença no mundo é importante levar em consideração que estas ideias, bem como as práticas preventivas e terapêuticas que existiram através dos tempos, dependiam de acordo com Scliar (2005) do olhar que o ser humano dirigia para um mítico organismo cósmico, do qual ele era parte integrante. É dentro desse olhar mágico que surge um componente empírico, que se afirmará na antiguidade clássica e persistirá na Idade Média, permeando a concepção cristã de mundo. Na era moderna, no entanto, irá se consolidar o conceito de corpo social, supostamente baseado na divisão do trabalho, mas esta concepção, na verdade, esconde o fato de que está a serviço de um sistema de poder. Scliar (2005) argumenta ainda que para a maior

parte das doenças sempre foi difícil estabelecer relações de causa e efeito. Este tipo de raciocínio, próprio da sociedade tecnológica, depende do grau de desenvolvimento da ciência e da tecnologia. É importante ressaltar, que, por estarem privados desses recursos, nossos ancestrais explicavam a doença dentro de uma concepção mágica do mundo. Nesta concepção, o doente é vítima de demônios e espíritos malignos, mobilizados talvez por um inimigo. Entende-se aqui a patologia como faceta da mitologia.

De acordo com Scliar (2002b) as ideias de Hipócrates poderiam ter dado origem a um sistema de saúde pública. Segundo ele, os romanos, que como potência hegemônica, haviam incorporado à medicina grega, tinham muito presente a influência do meio ambiente na gênese de doenças. Sabiam que água de boa qualidade é essencial para a manutenção da saúde e traziam-na de longe. Esta relação com o meio ambiente por questões políticas acabou sendo esquecida por um longo tempo e aos poucos está voltando à pauta de discussões e contribuindo para um novo entendimento do modelo de saúde. Mas é preciso prestar atenção ao fato de que, segundo Scliar (2005) a queda do Império Romano e a ascensão do regime feudal tiveram profundas e desastrosas consequências na conjuntura da saúde, na prevenção e no tratamento das doenças. Nesta época, os movimentos populacionais, a miséria, a promiscuidade e a falta de higiene dos burgos medievais, além dos conflitos militares, criaram condições para explosivos surtos epidêmicos, como as repetidas epidemias de peste.

Estudioso da forma como a saúde e doença foi sendo tratada no decorrer dos tempos, Scliar (2007) busca mostrar que a concepção mágico-religiosa partia do princípio de que a doença resulta da ação de forças alheias ao organismo que neste se introduzem por causa do pecado ou de maldição. Assim, é possível notar que para os antigos hebreus, por exemplo, a doença não era necessariamente devida à ação de demônios, ou de maus espíritos, mas representava um sinal da cólera divina, diante dos pecados humanos. Note que de acordo com Scliar (2007) a doença na antiguidade era sinal de desobediência ao mandamento divino. Com isso, a enfermidade era a demonstração concreta de que a pessoa havia pecado. Nesta mesma linha, Canguilhem (2005) também defende que por muitos séculos e em muitos lugares, a doença foi considerada como uma possessão ou como uma punição infligida por um poder sobrenatural a um ser desviante ou impuro.

De acordo com Scliar (2007) outras culturas, diferente da cultura ocidental, o xamã como feiticeiro tribal, era quem se encarregava de expulsar, mediante rituais, os maus

espíritos que se tinham apoderado da pessoa, causando doença. Percebe-se aqui, o mesmo princípio da ação demoníaca. A diferença está no fato de que o xamã busca reintegrar o doente ao universo total, do qual ele é parte, o que não significa cólera divina contra o doente. Esse universo total não é algo inerte e a união do microcosmo que é o corpo com o macrocosmo que é o ambiente se faz por meio do ritual, capaz de trazer novamente o equilíbrio perdido.

Luz (2005) compactua desta teoria ao defender que o adoecimento é gerado pela desarmonia entre esses elementos fundamentais da vida, e restaurar a saúde, através da intervenção de xamãs, é restabelecer a harmonia entre esses termos nos sujeitos, sempre vistos como um todo sócio-espiritual inserido na natureza. No entanto, é preciso estar atento para o fato de que para Barros (2002) a visão mágico-religiosa da antiguidade traz em seu bojo, as sementes do modelo biomédico, predominante nos tempos de hoje. Barros (2002, p.68) explica que “a medicina mágico-religiosa, predominante na antiguidade, se inseria em um contexto religioso e mitológico no qual o adoecer era resultante de transgressões de natureza individual ou coletiva”. Por isso, os responsáveis pela prática médica da época, tinham a responsabilidade de aplacar as forças sobrenaturais. Assim, é possível afirmar que o avanço significativo no pensamento médico ocorre quando se dá um desvio do foco de interesse das forças sobrenaturais para o portador da doença, passando a mesma gradativamente, a ser vista como um fenômeno natural. De acordo com Barros (2002), este novo enfoque, denominado de medicina empírico-racional teve seus primórdios no Egito.

É importante observar ainda, que de acordo com Sciliar (2007, p.32) “essa visão religiosa antecipa a entrada em cena de um importante personagem: o pai da Medicina, Hipócrates de Cós (460-377 a.C.)”. No que se refere a Hipócrates é essencial ressaltar que foi ele quem postulou a existência de quatro fluidos (humores) principais no corpo: bile amarela, bile negra, fleuma e sangue. Desta forma, a saúde era baseada no equilíbrio desses elementos. Hipócrates via o homem como uma unidade organizada e entendia a doença como uma desorganização desse estado. Sevalho (1993) aprofunda um pouco mais esta reflexão ao defender que foram Hipócrates e seus seguidores, com sua perspectiva humoral, que estabeleceram de modo mais evidente no Ocidente uma passagem do sobrenatural para o natural no que diz respeito às representações de saúde e doença.

De acordo com Sevalho (1993) as concepções gregas quanto às enfermidades foram anteriormente mágicas e religiosas. Desta forma, ao voltar o olhar para a medicina grega é possível notar ainda que para eles, as várias divindades estavam vinculadas à saúde. Os gregos cultuavam, além da divindade da medicina, Asclepius ou Aesculapius outras duas deusas, Higieia, a saúde e Panacea, a cura. É importante perceber ainda, que de acordo com Sciliar (2007) Higieia nada mais é do que uma das manifestações de Athena, a deusa da razão, e o seu culto, como sugere o nome, representa uma valorização das práticas higiênicas. Já a figura de Panacea representa a ideia de que tudo pode ser curado. No entanto, para os gregos o tratamento das doenças era realizado pelo uso de plantas e de métodos naturais e não apenas por procedimentos ritualísticos.

Buscando aprofundar esta relação entre as concepções mágicas, religiosas e mitológicas, Barros (2002) argumenta que a visão de uma medicina empírico-racional tem início na Grécia por volta do século VI a.C. com o próprio nascimento da Filosofia, que, segundo ele, está subjacente a teoria dos humores de Hipócrates, que identifica a saúde como fruto do equilíbrio dos humores, sendo, por oposição, a doença, resultante do desequilíbrio dos mesmos. Mas, de acordo com Sevalho (1993, p.353) a “concepção humorada dos gregos, inclusive a higiene para a conservação da saúde dos corpos e das mentes, foi continuada por Galeno, médico grego que passou grande parte de sua vida na Roma antiga, no século II d.C”. Antes de continuar esta reflexão, é importante entender que muito antes de Galeno, entre os séculos VI e IV a.C, os romanos já haviam desenvolvido um esboço de administração sanitária com leis sobre inspeção de alimentos e construído aquedutos baseados na força da gravidade e esgotos.

O fato de que Galeno era anatomicista, fisiólogo e terapeuta, permite que ele realize uma síntese do conhecimento médico existente fazendo-o avançar no contexto do Império Romano e da expansão do cristianismo. Segundo Barros (2002) a ideia central de sua visão da fisiologia repousa no fluxo permanente dos humores, o que estaria na dependência das influências ambientais, do calor inato e, em grande medida, da ingestão alimentar e sua justa proporção. Percebe-se assim, que Galeno não supera de todo a concepção de Hipócrates, mas dá novas roupagens. Galeno entendia que a causa da doença como endógena, ou seja, estaria dentro do próprio homem, em sua constituição física ou em hábitos de vida que levassem ao desequilíbrio. Mas, é Paracelso (1493-1541 d.C) que representa um modelo de transição entre a escola galênica e o modelo biomédico existente hoje. No entanto, é importante lembrar que

apesar de todas as transformações ocorridas no decurso da história, a teoria dos humores acaba perdurando até o século XIX.

Mesmo com os avanços e com as possibilidades apresentadas por Hipócrates e posteriormente por Galeno, a concepção da doença como resultado do pecado e a cura como questão de fé se mantém até a idade média europeia por meio da influência da religião cristã. Por isso, de acordo com Scliar (2007), o cuidado dos doentes estava, em boa parte, entregue às ordens religiosas, que administravam inclusive os hospitais. Instituição, que segundo Scliar (2007, p.33), “o cristianismo desenvolveu muito, não como um lugar de cura, mas de abrigo e de conforto para os doentes”, principalmente os pobres, reforçando assim, o que viria a ser o modelo biomédico.

Pelo exposto é possível afirmar que na antiguidade, o homem buscou nas forças espirituais o processo da cura das doenças. Desta forma, é possível defender que há 2.500 anos já havia sido esboçada uma conceituação de saúde que demonstrava a inter-relação entre meio-ambiente, corpo e mente. Contini (2010) acredita que para entender o percurso da conceituação da saúde, é preciso levar em consideração, que ela teve, no seu início, uma ligação direta com a religião e a Filosofia, para depois ir se aproximando cada vez mais das práticas da Medicina hipocrática e consequentemente do desenvolvimento das ciências fisiológicas e biológicas. Mas, é importante fazer uma ressalva. Sevalho (1993) defende que foram os egípcios há cerca de 5.000 anos que desenvolveram certa naturalização da saúde e da doença, junto às suas crenças sobrenaturais, mágicas e religiosas. Eles admitiam a existência de um princípio, que aderido à matéria fecal poderia chegar ao sangue, coagulando-o e levando ao apodrecimento do corpo, provocando o aparecimento de supurações. É importante destacar que esta naturalização da saúde e da doença foi passada aos gregos, através do mar Mediterrâneo.

De qualquer modo, é fácil entender que na cosmologia dos cristãos medievais, estava contextualizado o temor que a doença imprimia. Assim, o desenvolvimento da astrologia inspirou a combinação dos velhos saberes da Mesopotâmia e do Egito com as teorias de Galeno. É possível notar ainda que a clínica moderna se desenvolveu nos hospitais e nos laboratórios, onde mais tarde se abrigaram a fisiologia experimental de Claude Bernard e a microbiologia de Louis Pasteur e Robert Koch. Neste contexto, Singer; Campos e Oliveira (1988) defendem que na sociedade medieval, o cuidado dos desvalidos em geral estava a

cargo da igreja. Mas, com a Reforma, a Igreja começou a perder o monopólio da assistência e, mesmo em países católicos, o Estado passou a se encarregar dela. Por isso, no mundo bem ordenado da Idade Média, o número dos que por alguma razão se encontram à margem da vida social organizada era limitado e podia ser atendido, em melhores ou piores condições, pelas obras da Igreja. No entanto, Singer; Campos e Oliveira (1988) acreditam que quando a irrupção do capitalismo comercial e, logo depois, do capitalismo manufatureiro, desorganizou aquele mundo, suscitando choques diretos entre senhores e camponeses que levavam à decomposição da ordem feudal, o número de pessoas vivendo à margem do modelo social aumentou e forçou o estado a lentamente assumir o controle como resposta às questões sociais.

Neste rápido esboço histórico, chama a atenção o fato de que até o século XVIII, o medicamento representava muito mais um recurso adicional disponibilizado aos médicos, do que propriamente um tratamento. Com o decorrer do tempo e, sobretudo, quando os produtos farmacêuticos passaram a requerer uma prescrição médica, a dimensão simbólica se intensifica. Mas, de acordo com Guedes [et al] (2006) é durante o século XVIII que as pessoas vão começar a pensar a doença como localizada no corpo humano. Com isso, a anatomia patológica até então sem nenhuma função para uma medicina eminentemente erudita, insere-se na prática médica.

Não pode ficar de fora o fato de que entre os séculos XVIII e XIX a humanidade passa pelo período denominado de Revolução Industrial. É inegável que ela trouxe benefícios para a saúde da população, mas acarretou também enormes problemas que exigiram um novo olhar sobre o cada vez mais complexo, corpo social. De acordo com Scliar (2005) o processo de industrialização implicava no relativo isolamento das classes trabalhadoras nos bolsões de miséria das grandes cidades. Percebe-se assim, que só após 1845, quando os surtos epidêmicos começaram a atingir a classe mais abastada da população e, as massas desesperadas ameaçavam a ordem estabelecida e por isso, providências políticas foram adotadas.

Com o advento da Revolução Industrial, a ciência evolui com mais rapidez e, no final do século XIX registrou-se aquilo que depois seria conhecido como a revolução pasteuriana. Scliar (2007) explica que foi no laboratório de Louis Pasteur e em outros laboratórios, que o microscópio, descoberto no século XVII, mas até então não muito

valorizado, estava revelando a existência de micro-organismos causadores de doença e possibilitando a introdução de soros e vacinas. Segundo Scliar (2007, p.34) “era uma revolução porque, pela primeira vez, fatores etiológicos até então desconhecidos estavam sendo identificados; doenças agora poderiam ser prevenidas e curadas”. Mesmo assim, Buss e Pelegrini Filho (2007) alertam para o fato de que entre os diversos paradigmas explicativos para os problemas de saúde, em meados do século XIX predominava a teoria miasmática, que conseguia responder às importantes mudanças sociais e práticas de saúde observadas no âmbito dos novos processos de urbanização e industrialização ocorridos naquele momento histórico.

Mas, é preciso prestar atenção ao alerta feito por Birman (2005) ao defender que a constituição da medicina científica na aurora do século XIX delineou a problemática da saúde nos registros individual e social. O saber médico configura-se, assim, como clínica e como prática médica, discurso sobre o corpo singular e discurso sanitário sobre o espaço social. Percebe-se ainda, que com a emergência da sociedade industrial, Birman (2005, p.11) mostra que “a saúde das individualidades passa a incluir necessariamente as condições coletivas de salubridade, não sendo mais possível conceber a existência da saúde dos sujeitos na exterioridade das condições sanitárias do espaço social”. Birman (2005) entende que as epidemias representaram o campo privilegiado para a produção, reprodução e diversificação da medicalização do campo social, com o fortalecimento correlato do poder da medicina. Com isso, nota-se que em nome do discurso da ciência, legitimam-se práticas de marginalização de diferentes segmentos sociais.

Buscando não se delongar muito nesta reflexão, é importante considerar que, de acordo com Herzlich (2004, p.384) “a história da saúde é também a história dos países e cidades, do trabalho, das guerras e das viagens”. Mas, no mundo contemporâneo, esta definição dada por Herzlich parece estar cada vez mais em desuso. E, de acordo com Canguilhem (2005) atualmente é possível afirmar que nas sociedades contemporâneas a medicina se empenha cada vez mais para se tornar uma ciência das doenças.

Dentro de uma perspectiva histórica, é importante notar, que, de acordo com Scliar (2005), o problema de conceituar saúde surgiu há pouco tempo, como parte das necessidades de planejar ações de saúde, individuais ou coletivas. Quando de sua fundação, a Organização Mundial da Saúde (OMS) formulou o seguinte conceito: “saúde é o estado de

mais completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas ausência de enfermidade". Esse conceito entrou em vigor no dia 07 de abril de 1948, dia mundial da saúde. Mas, é só a partir da década 1980 para cá que as questões ligadas à saúde e doença ganharam mais atenção do poder político e da população de forma geral. Isso aconteceu depois da Conferência Internacional de Promoção da Saúde realizada em Ottawa, Canadá (1986), que foi seguida de outros fóruns com a elaboração de documentos como a Declaração de Adelaide (Austrália, 1988); Declaração de Sundsvall (Suécia, 1991); Declaração de Bogotá (Colômbia, 1992); Declaração de Jacarta (Indonésia, 1997); Conferência do México (2000) e Carta de Bangkok (Tailândia, 2005).

Lopes [et al] (2010) defendem que a Carta de Ottawa evidencia a expectativa da comunidade internacional por uma saúde coletiva inclusiva, levando em conta os determinantes do processo saúde e doença-cuidado, na busca por equidade e justiça social. Lopes [et al] (2010, p.464) acreditam que a declaração de Sundsvall considera as determinações de Ottawa e Adelaide e "se caracteriza como a primeira conferência a reconhecer o ambiente nas ações de promoção da saúde, focalizando a interdependência entre saúde e ambiente, trazendo as questões ambientais para as agendas da saúde". Desta forma, é possível concluir este pequeno resgate levando em consideração que, segundo Sevalho (1993) a história das representações sociais de saúde e doença foi sempre pautada pela inter-relação entre os corpos dos seres humanos e as coisas e os demais seres que os cercam. Com isso, quer se mostrar que o conceito de saúde que se adota neste trabalho está ligado a uma prática ampliada que valoriza inclusive, o papel do ambiente. No entanto, é bom esclarecer que este pequeno resgate histórico não tem caráter essencialista ou naturalista e, por isso mesmo, não esgota o fenômeno em estudo.

Este resgate histórico da saúde e doença acabou sendo útil para que eu pudesse perceber a relação que os moradores possuem, ou melhor, não possuem com as políticas governamentais ligadas à saúde e moradia. Durante as entrevistas foi possível constatar que, na falta de médico, a comunidade recorre ainda hoje ao curandeiro. Em Porto da Manga esta função é exercida por uma senhora de 67 anos que estudou até a 4^a série primária. Ela faz os benzimentos e os chás naturais para os enfermos da região. Os ribeirinhos só procuram auxílio médico quando os problemas considerados por eles como mais graves como pneumonia e mordida de cobra, afetam algum membro da comunidade. Percebe-se ainda que os moradores, mesmo procurando ajuda médica, não deixam de lado os benzimentos e as ervas encontradas

no Pantanal. Com a omissão do estado a comunidade acaba tendo que resolver seus próprios problemas.

Desta forma, o papel de auxiliar os moradores que enfrentam algum tipo de enfermidade é feito pela curandeira. Ela tem suas atividades reconhecidas e respeitadas pelos ribeirinhos. Todo trabalho desenvolvido pela benzedeira, bem como os xaropes que ela fabrica com as ervas naturais são distribuídos gratuitamente aos enfermos da comunidade. Pelo exposto é possível perceber que as transformações ocorridas no campo da saúde ainda não se fizeram presentes no Porto da Manga. Os ribeirinhos têm sua cidadania negada e se deparam com um mecanismo de exclusão social e esquecimento por parte dos órgãos públicos. Esta situação mostra que Guareschi (2011, p. 156) estava correto ao afirmar que “o ser humano, pensado sempre fora da relação, é o único responsável pelo seu êxito ou pelo seu fracasso. Legitima-se quem vence, degrada-se o vencido, o excluído”. Esquecidos das políticas públicas, eles não têm a quem recorrer e, desta forma, acabam sentindo cada vez mais a relação de exclusão imposta pelo modelo capitalista.

4.2. BREVE HISTÓRICO DA RELAÇÃO SAÚDE E DOENÇA NO BRASIL

Depois deste rápido apanhado sobre como a saúde e a doença foram sendo tratadas da antiguidade até nossos dias, se faz necessário mostrar como a saúde vem sendo tratada em solo brasileiro. Bertolozzi e Greco (1996) alertam para o fato de que para estudar a relação saúde e doença no período colonial é preciso levar em consideração que nesta época, o Brasil se encontrava à margem do capitalismo mundial, submetendo-se econômica e politicamente a Portugal. É importante que se diga ainda, que a exploração econômica se dava através de ciclos: do pau-brasil, da cana de açúcar, da mineração e do café. Estes ciclos acabaram influenciando na forma de pensar a saúde pública brasileira que passou a ser executada de forma intervencionista com forte raiz na corrente de pensamento sanitarista. Isso significa que a saúde no Brasil sempre foi tratada de maneira pontual sob a forma de campanhas.

Esta mesma percepção colocada por Bertolozzi e Greco (1996), também é defendida por Scliar (2002a) ao destacar a ideia de que o Brasil foi, desde seus primórdios, um país muito doente. Ele utiliza como argumento o fato de que as grandes navegações favoreceram a disseminação de agentes infecciosos, que encontravam em populações com baixo nível de imunidade um terreno propício. Scliar (2002a) explica ainda que uma das primeiras medidas tomadas por Dom João VI, quando da transferência da corte portuguesa ao Brasil, foi a criação da Junta Vacínica da Corte (1811). Esta decisão era na verdade, o início da ação governamental no combate direto às doenças e uma iniciativa até pioneira, se for considerado o fato de que a vacina tinha sido introduzida por Edward Jenner, na Inglaterra, em 1797. De acordo com Scliar (2002a) em 1850, por ocasião da segunda grande epidemia de febre amarela, foi criada a Junta Central de Saúde Pública, embrião do Ministério da Saúde. Quarenta anos mais tarde, em 1890 era criado o Conselho Nacional de Saúde Pública e, sete anos depois, em 1897 foi criada a Diretoria Geral de Saúde Pública.

Para melhor discutir a evolução das questões ligadas à saúde no Brasil, Singer; Campos e Oliveira (1988) elaboraram uma divisão do processo evolutivo em três períodos. Em cada um deles, o foco é diferente: a) o estado e a saúde da população; b) a organização dos serviços de saúde e c) a evolução dos conhecimentos médicos-sanitários. Estes três períodos e seus limites aproximados são: 1) Período que vai do descobrimento até aproximadamente o final do século XIX; 2) Período que vai do final de século XIX até 1920 e 3) Período atual – após 1920 até aproximadamente 1980.

No primeiro período que vai do descobrimento até aproximadamente o final do século XIX, o ângulo recai sobre o estado e a saúde da população. De acordo com Singer; Campos e Oliveira (1988) as características básicas deste período são uma predominância de doenças e pestilências, principalmente varíola e a febre amarela. Nesta época também se nota uma organização precária dos serviços de saúde, localizados na sua maioria no Rio de Janeiro e o exercício de uma prática médica baseada em conhecimentos não científicos. No entanto, é possível observar que a chegada da família real portuguesa ao Brasil em 1808, a abertura dos portos ao comércio exterior e a intensificação do tráfego de escravos, tiveram, por um lado, grande significação econômico-social, mas, por outro, possibilitaram a penetração de novas enfermidades.

No segundo período que vai do final do século XIX até aproximadamente 1920 é possível perceber que os serviços de saúde começam a se organizar. Com isso, Singer; Campos e Oliveira (1988) defendem que as últimas décadas do século XIX e o início do século XX foram extremamente favoráveis ao desenvolvimento da tecnologia médica-sanitária no Brasil, bem como às descobertas no terreno das patologias tropicais. Neste período se descobre, por exemplo, que as doenças de massa estão profundamente ligadas às condições de vida e de trabalho da população. Singer; Campos e Oliveira (1988) argumentam ainda, que para se compreender como se deu este extraordinário avanço da medicina, a partir de meados do século XIX, é preciso tomar em consideração que os sistemas de saúde foram, nesta época, efetivamente institucionalizados nos países em que parcela significativa da população tinha sido urbanizada e proletarizada.

Desta forma, o que Singer; Campos e Oliveira (1988) defendem, está no fato de que a institucionalização dos sistemas de saúde no Brasil, no começo do século XIX e por todo o século XX se dá mediante o estabelecimento do poder médico. Assim, é fácil argumentar que a plena institucionalização dos serviços de saúde no Brasil só se completou quando a saúde se tornou monopólio de um determinado tipo de profissional: o médico. Singer; Campos e Oliveira (1988, p.30) defendem que “a criação da previdência social sob a égide do Estado tem assim um claro caráter político: o de assegurar a lealdade da classe operária à ordem constituída”. Percebe-se assim, que o estado da saúde da população visto do ângulo da vida média, depende principalmente de fatores ambientais como a escolaridade e o nível de renda monetária. Por isso é muito menos significativo os serviços de saúde como os leitos hospitalares e as consultas.

Não pode ficar de fora o fato de que nos primeiros anos do século XX, o Brasil enfrenta a primeira grande revolta no campo da saúde que ficaria conhecida como a revolta da vacina. De acordo com Sevcenko (2010) o fator deflagrador da revolta da vacina foi a publicação, no dia 09 de novembro de 1904, do plano de regulamentação da aplicação da vacina obrigatória contra a varíola. O autor explica ainda que as condições de vida vinham se degradando na cidade do Rio de Janeiro, nesse período de transição do século XIX para o XX, de império para república. Sevcenko (2010, p.97) explica que “um dos aspectos que mais chama a atenção no contexto da revolta da vacina é o caráter particularmente drástico, embora muito significativo, da repressão que ela desencadeou sobre as vastas camadas indigentes da população da cidade”. Entende-se assim, que na sua ação de triagem, contenção e controle

sobre as doenças, as autoridades sanitárias se confundiam com a policial. O episódio, segundo Sevcenko (2010) serve como um aprendizado doloroso sobre como se exploram esperanças, como, em nome da saúde se burlam aspirações legítimas e se submete toda uma sociedade à ditadura da resignação.

Mas, é importante observar ainda, que para Bertolozzi e Greco (1996) da primeira república até a revolução de 1930 as questões ligadas à saúde no Brasil foram profundamente marcadas pela hegemonia do café com a predominância de grupos oligárquicos regionais. Desta forma, Bertolozzi e Greco (1996, p.383) defendem que foi por meio da “figura de Osvaldo Cruz que a questão sanitária passou a ser tomada como uma questão política”. Isso bota por terra a pretensa ideia de neutralidade da saúde. É importante ressaltar ainda, que nesta época, o país vai passar por aquilo que posteriormente foi denominado como êxodo rural, decorrente da bancarrota do café, o que impulsionou o processo de industrialização e urbanização do país. Desta maneira, os surtos epidêmicos que já se faziam presentes, se intensificam devido às precárias condições de vida, decorrentes principalmente, do excesso populacional e da falta de infraestrutura sanitária.

Durante este período, em que os programas de saúde pública estavam apenas preocupados em criar condições sanitárias mínimas que pudessem favorecer a infraestrutura necessária e suportar o contingente migratório. De acordo com Bertolozzi e Greco (1996) esse modelo de saúde estava limitado pela opção política de gastos do estado e pelo dispendioso modelo sanitarista adotado. Neste mesmo período, a indústria de fármacos dava os primeiros sinais de desenvolvimento. O que vem a se constituir como mais um poderoso álibi para a progressão da atenção de caráter curativo, em detrimento das ações de prevenção. Mas, Scliar (2002a) defende que a partir dos anos trinta o foco de interesse da política governamental de saúde muda. Assim, é possível notar que, de acordo com Scliar (2002a, p.57) “o combate às doenças transmissíveis e o saneamento básico terão prosseguimento, mas a prioridade passará a ser outra. Já não é a saúde coletiva que conta, mas a individual”.

Buscando aprofundar um pouco mais esta reflexão, é importante destacar que para Paulus Júnior e Cordoni Júnior (2006) a assistência à saúde oferecida pelo estado até a década de 1930 estava limitada às ações de saneamento e combate às endemias. Não é possível esquecer que é nessa época que se intensifica o chamado sanitarismo campanhista, fortemente presente até o final da década de 1940. De acordo com Paulus Júnior e Cordoni Júnior (2006)

esta política de interiorização da saúde visava dar apoio ao modelo econômico agrário-exportador, garantindo condições de saúde para os trabalhadores que trabalhavam na produção e na exportação. As campanhas visavam ao combate de endemias tais como a peste, a cólera, a varíola, dentre outras. Percebe-se assim, que progressivamente, o estado vai acentuando sua intervenção no setor saúde e, após a segunda guerra mundial, passa a assumir obrigações financeiras no que se refere à assistência à saúde da população.

Dentro da divisão feita por Singer; Campos e Oliveira (1988) o terceiro período vai de 1920 até o início da década de 80. Mas, é importante ressaltar que neste período ocorreram muitas transformações como o avanço das novas tecnologias que trouxe uma evolução dos conhecimentos médicos-sanitários. Mesmo assim, é possível notar que todo o avanço tecnológico não impediu que os níveis de saúde no Brasil piorassem. Observa-se assim, que mesmo com a organização dos serviços de saúde, ocorridos a partir de 1920, como a reforma Carlos Chagas, os serviços de saúde apresentam duas características básicas que os diferenciam das fases anteriores. A primeira delas é a sua expansão crescente, abrangendo parcelas cada vez maiores da população. A segunda é o grau de autoritarismo de que tais ações se revestem, assumindo o direito de interferir direta e amplamente na vida das pessoas.

É preciso ressaltar ainda, que de 1945 a 1960, período do sanitarismo desenvolvimentista, o que se vê é uma crise econômica e política que se agrava com o final da segunda guerra mundial. Desta forma, Bertolozzi e Greco (1996, p.385) defendem que “a saúde pública, ainda que elevada a condição de ‘questão social’, nunca esteve verdadeiramente entre as opções prioritárias da política de gastos do governo”. Não pode ficar de fora o fato de que em 1963, foi realizada a III Conferência Nacional de Saúde (CNS), instituída por lei já em 1937, com o objetivo de oferecer orientações sobre as políticas de saúde. De acordo com Bertolozzi e Greco (1996) foi nesse contexto de ebulação social e política que surgiu o movimento sanitário no interior das universidades, dos movimentos sociais e dos trabalhadores em saúde. Ele ganhou força como decorrência da exclusão da participação dos trabalhadores e técnicos no processo decisório das políticas de saúde, as quais eram tomadas pelos governos autoritários em benefício próprio.

É dentro desse contexto político centralizador e importado do modelo econômico norte-americano que se colocou em prática a metodologia do planejamento. No campo da saúde, as políticas de planejamento reforçaram a privatização dos serviços médicos, através

da compra de serviços pela previdência, sob a forma de unidades de serviço. Foi só no início da década de 1970 que o modelo econômico e político começou a mostrar sinais de falência em decorrência das inúmeras contradições internas que eram inerentes à sua própria lógica. Bertolozzi e Greco (1996) explicam que em 1974, foi criado o Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS), centralizando e reforçando ainda mais a dominância do modelo clínico assistencial e curativista.

Mas, em 1975, como resultado da V Conferência Nacional de Saúde, foi regulamentada a Lei 6.229 de 17 de julho, que criou o Sistema Nacional de Saúde (SNS), o qual legitimava e institucionalizava a pluralidade no setor. Através dessa lei foram definidas as responsabilidades das várias instituições, cabendo à previdência social, a assistência individual e curativa, enquanto que, os cuidados preventivos e de alcance coletivo ficaram sob a responsabilidade do Ministério da Saúde (MS) e das secretarias estaduais e municipais de saúde. De acordo com Sciliar (2007) até mesmo a Constituição Federal (CF) de 1988, artigo 196, não discute o conceito de saúde, ao defender apenas que: “a saúde é direito de todos e dever do estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para a promoção, proteção e recuperação”.

Apenas na VIII Conferência de Saúde, em março de 1986, foi possível ver alguns avanços ao propor a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), uma aposta política de racionalidade do estado, tendo como diretrizes: a universalidade, a integralidade das ações e a participação social, além de ampliar o conceito de saúde, colocando-o como um direito dos cidadãos e um dever do estado. Mesmo assim, é preciso ressaltar que, segundo Bertolozzi e Greco (1996) o paradigma do modelo assistencial centrado na assistência médica individual e, portanto, na figura do médico permaneceu intocável. Desta forma, o que se coloca para o país no final dos anos 80 e anos 90 é o embate de duas correntes sobre o estado. De um lado a concepção neoliberal que advoga o estado mínimo e o mercado como principal agente regulador da ordem econômica e de outro, a concepção da necessidade da presença de um estado democrático forte, demandado pelas políticas de ajuste estrutural e pelas desigualdades sociais, prevalecendo o princípio da universalização excludente no campo da saúde. Bertolozzi e Greco (1996, p.395) explicam ainda que “o setor privado abrange cerca de 1/3 da população brasileira e, de fato, não há um sistema único, uma vez que coexiste o setor privado

e o setor público, sendo que a qualidade da assistência difere segundo os distintos estratos sociais". Percebe-se assim, que há um sistema, mas este é constituído por controvérsias.

Medeiros; Bernardes e Guareschi (2005) defendem que a relação entre saneamento, imunização e controle de vetores encontra no paradigma microbiano a sua justificativa. Percebe-se assim, que para Medeiros; Bernardes e Guareschi (2005, p.265) este modelo "vem reforçar o movimento sanitarista, promovendo as bases do processo de hegemonização, batizado de saúde pública, que redefine a teoria e a prática no campo da saúde social no mundo ocidental". Desta forma, Medeiros, Bernardes e Guareschi (2005) acreditam que o que marca o conceito de saúde não é propriamente sua definição enquanto relação com a ausência de doenças, mas o controle preciso das populações no que tange às questões sanitárias e de organização do espaço urbano. Desta forma, é possível ver que os hospitalais, na sua origem, não surgiram como forma de investimento em práticas de cura, e sim de isolamento.

Pelo exposto, é possível notar que Iyda (1994) tem razão ao defender que a relação saúde e doença não é neutra. Esta relação está permeada pelos interesses de diferentes frações de grupos sociais envolvidos, demonstrando que, em sua essência, ela sempre foi: um fenômeno político. De acordo com Iyda (1994) a saúde pública faz parte da institucionalização e consolidação de um estado burguês, que se forma a partir da crise e desintegração de um regime colonial português. De acordo com a autora, o Brasil surge sob influência do feudalismo português em sua face de transição para o capitalismo, ou seja, na fase mercantil do capitalismo. Esta relação exposta por Iyda (1994) permite perceber que a questão da saúde no Brasil sempre foi tratada de forma fragmentada, o que contribui para a alienação, para a divisão dos agentes sociais envolvidos e para reforçar a dicotomia saúde e doença.

Por tudo o que foi exposto até o presente momento e compreendendo a relação do conceito de saúde e doença ao longo da história, é possível ver que, do ponto de vista epistemológico, a dificuldade de conceituar saúde é reconhecida desde a Grécia antiga. Por outro lado, Coelho e Almeida Filho (2002) defendem que tal pobreza conceitual pode ter sido resultado de uma cultura da doença e da influência da indústria farmacêutica, que têm restringido o interesse e os investimentos de pesquisa a um tratamento teórico e empírico da questão da saúde como mera ausência de doença.

Trazendo esta reflexão para a realidade dos ribeirinhos é possível perceber que na produção social do adoecimento os princípios constitucionais básicos não estão sendo respeitados. É como se a discussão sobre saúde no Brasil não afetassem a realidade da comunidade. Não é possível pensar a saúde da comunidade por meio do modelo biomédico e nem do biopsicossocial. Não existem modelos aplicados na comunidade. Antes tivesse um modelo biomédico, mas nem dentro desta concepção eles conseguem entrar. Pensar em práticas ampliadas de saúde e doença é pedir muito.

Pelo exposto percebe-se que a comunidade precisa mesmo de condições mínimas de existência para que possam se reconhecer como seres humanos. Não é possível pensar em saúde e doença numa comunidade que tem seus direitos violados, sua cidadania roubada e vive nos limites da vida e da morte. Dentro desta perspectiva não há necessidade neste trabalho, de explicar os modelos biomédicos e biopsicossocial. No campo da saúde, a comunidade de Porto da Manga não existe para o município de Corumbá e nem para a nação brasileira. Ações isoladas não resolvem e nem devolvem a dignidade dos moradores que além de explorados e excluídos pelo sistema de compra e venda de iscas vivas, são tratados com descaso pelo poder público que faz questão de não ver os mecanismos sociais geradores do adoecimento.

Diante de tudo o que foi abordado até aqui é possível perceber que a produção social do adoecimento na comunidade de Porto da Manga acaba gerando nos ribeirinhos um sentimento de insegurança e temor com relação ao futuro. Desta forma, mais do que observar as doenças como resultantes de uma interação de acontecimentos biológicos é preciso perceber as condições sociais de exploração que os moradores são submetidos diariamente. Sem alternativa de emprego, os ribeirinhos chegam ficar até 18 horas dentro da água para coletar as iscas vivas para conseguir menos que um salário mínimo no final do mês. Por esta razão, o adoecimento é coletivo na comunidade e não individual. É social e não biológico. Isso não significa que eles não adoeçam biologicamente, mas as causas deste adoecimento possuem mais raízes sociais que biológicas. Por este motivo, é imprescindível encontrar formas mais humanizadas de lidar com o sofrimento e a doença. Mas, no Porto da Manga a forma mais humanizada encontrada pelo estado é a de fazer morrer lentamente a população pantaneira.

5. OBJETIVOS DA PESQUISA

Os objetivos de uma pesquisa podem parecer, num primeiro momento, que servem apenas para engessar o trabalho de quem está pensando entrar no universo da pesquisa. Mas, os objetivos e o método são imprescindíveis para o desenvolvimento de uma boa pesquisa. Sem problemas claros e uma metodologia adequada, uma pesquisa que poderia ser esclarecedora acaba se perdendo no caminho e o pesquisador junto com sua pesquisa. Percebe-se que na pressa de terminar a leitura de uma dissertação ou mesmo de uma pesquisa publicada e, por um erro de compreensão, alguns leitores desavisados pulam os objetivos e por este motivo, chegam ao final do trabalho sem saber se o pesquisador cumpriu o que se propôs.

Por trás dos objetivos encontra-se a luz que vai indicar o caminho quando a quantidade de dados gerados por uma determinada pesquisa chegar ao pesquisador. Por este motivo é possível perceber que uma pesquisa deve partir do interesse pessoal do pesquisador. São os objetivos que mostram aos pesquisadores o que fazer com os dados coletados. Esta forma de pensar encontra ressonância em Brugger (1969) quando defende que o processo de objetividade não designa um pensar ou investigar de um pesquisador destituído de interesse pessoal. Observe que são nos objetivos que o pesquisador vai mostrar o que ele realmente pretende ver na pesquisa que está propondo.

Pelo exposto acima, percebe-se que os objetivos de um trabalho são tão importantes quanto o próprio trabalho. Mas, como estão colocados em uma página à parte, divididos em *geral* e *específicos*, o leitor mais desavisado ou não acostumado à pesquisa pode pensar que é mera formalidade. Entretanto, as coisas não são bem assim. Para Brugger (1969, p.298) “objeto é literalmente, o que implica relação como o objeto”. Desta forma, nota-se que objetivos confusos mostram uma mente perdida e um pesquisador que não sabe de onde está saindo e nem para onde está indo.

Para facilitar ainda mais o entendimento do que vem a ser um objetivo, é importante recorrer ao significado da palavra. Esta caminhada conduz o pesquisador que não se deixa vencer pelo cansaço ao dicionário. Este também contribui para a elaboração daquilo que vai ser o indicador do trabalho. Assim, de acordo com Michaelis (1998, p.1473), o objetivo está diretamente ligado ao “que expõe, investiga ou critica as coisas sem procurar relacioná-las com os seus sentimentos pessoais”. Desta forma, ao pensar nos objetivos de um trabalho, faz-se necessário pensar onde se quer chegar como meta final da pesquisa. Como os

objetivos desta pesquisa foram produzidos antes mesmo da primeira viagem à comunidade de Porto da Manga, é importante ressaltar que eles foram úteis como indicadores de possibilidades. No entanto, em nenhum momento, engessaram o pesquisador. As perguntas feitas aos ribeirinhos foram produzidas levando-se em consideração os objetivos a serem atingidos. Com isso, foi possível perceber mais do que as representações sociais de saúde e doença e assim observar a construção social do próprio adoecimento.

Mas, Brugger (1969) consegue aprofundar ainda mais o sentido da palavra objetivo e seu valor para os pesquisadores. Ele argumenta que

[...] outro sentido de objetivo aparece quando são denominados objetivos os atos intencionais, na medida em que se referem ao objeto; subjetivos pelo contrário, na medida em que são atos (acidentes) do sujeito... Assim, conceito objetivo é o conceito enquanto manifestação de um objeto pelo conteúdo mental nele incluído [...] (BRUGGER, 1969, p.299).

Durante as entrevistas foi possível repensar da própria pesquisa com as novas nuances que foram surgindo e que acabaram contribuindo para uma melhor organização do trabalho. Mas é importante esclarecer, que mesmo com toda a crítica, o modelo de estruturação de uma pesquisa ou de um projeto de pesquisa ainda é bastante cartesiano. O que isso significa? Bom, em primeiro lugar, a estrutura de um trabalho científico com suas divisões e subdivisões fazem parte da estrutura sugerida por René Descartes, no livro *“Discurso do método”*.

Assim, pensar os objetivos é estruturar o trabalho, indo do geral para o particular. As observações e as entrevistas coletadas em Porto da Manga contribuem para o entendimento das relações existentes na comunidade. Mas, a Representação Social do adoecimento dos ribeirinhos passa pela coletividade, sem, no entanto negar a individualidade que possuem. Esta fórmula é a mais aceita e difundida no desenvolvimento das pesquisas científicas. Mas, é importante ressaltar ainda que, além das definições anteriores, Michaelis (1998, p.1473) define também o objetivo como o “alvo que se quer atingir”. Observe que não é possível chegar a este alvo de forma rápida e de imediato. É preciso traçar algumas paradas para recuperar o fôlego. Essas paradas são os objetivos específicos. Eles ajudam a clarear as ideias que norteiam a trajetória das pesquisas.

5.1. OBJETIVO GERAL

Analisar a construção social do adoecimento na comunidade ribeirinha Porto da Manga situada no município de Corumbá-MS.

5.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Estudar as características sócio-demográficas dos participantes;

Analisar o entendimento dos membros da comunidade acerca das causas das doenças e seus sintomas;

Verificar os conhecimentos dos membros da comunidade sobre medidas de recuperação e prevenção;

Identificar as representações sociais de saúde e doença em relação à faixa etária; e

Compreender aspectos familiares e socioculturais da comunidade que possam ter alguma relação com as causas das doenças.

6. NO BALANÇO DAS ÁGUAS TUDO PODE MUDAR

O Pantanal continuava cheio e com isso, eu não tinha como chegar à comunidade. Só me restava uma alternativa: continuar desenvolvendo a base teórica da pesquisa. Mas, uma inquietação começava a surgir. Como utilizar tudo o que estava lendo e escrevendo na dissertação? Esta indagação me ajudou a organizar os capítulos e aprofundar os textos. Aos poucos fui fazendo as amarras possíveis do que tinha em mãos e, quando as águas baixaram e consegui ir para a comunidade, estava com mais de cem páginas de teoria produzidas. Preso à teoria, não conseguia ou não queria ver a realidade que estava à minha frente. Tentava a todo custo comprovar o que a teoria havia encontrado nos livros sem perceber a dura realidade de exploração e exclusão que os ribeirinhos vivem.

Mas, aos poucos a realidade foi se impondo e muito do que eu havia programado para o trabalho acabou indo junto com as águas do rio Paraguai. Percebi então, que toda a leitura e a teoria só teriam sentido se conseguissem fazer a convergência com a realidade que se abria à minha frente. Neste momento me dei conta que eu estava preso aos objetivos da pesquisa pensados além das fronteiras da comunidade na tranquilidade da academia e não estava levando em consideração a realidade da comunidade. Esta constatação me deixou sem âncora. Estava à deriva das águas, levado pela cheia do rio Paraguai. Minha pesquisa estava naufragando e eu me afogando em teoria sem conseguir ver a realidade que estava diante de meus olhos. Nesta hora foi preciso deixar de lado o academicismo e recomeçar a produção levando em consideração a simplicidade e a sensibilidade dos moradores do Porto da Manga.

Esta mudança de atitude fez com que eu me soltasse mais e passasse aos poucos a ver o que cada um dos meus entrevistados estava dizendo em forma de gemido. Com isso, passei a valorizar e a prestar mais atenção não apenas no que estavam me dizendo, mas no que não conseguiam dizer. Conforme Costa (2000) era preciso ultrapassar os limites do dizer e do dito e valorizar cada expressão, gesto e afeto que conseguia captar durante meus diálogos. Essas anotações foram úteis na hora de produzir o diário de bordo que acabou se configurando como “aproximações entre a teoria e a prática”. Foi a partir das observações e da vivência junto à comunidade que esta pesquisa se reestruturou do campo para a cidade ou, se preferirem da realidade para a academia.

É por meio do diário de bordo e do contato com os meus sujeitos da pesquisa que me dou conta de que preciso mudar a forma de pensar o meu problema. Com isso, deixo de lado a preocupação e as amarras dos objetivos pensados antes das águas baixarem e começo a

me preocupar com a produção social do adoecimento na comunidade. Estava começando a entender que a construção dessa realidade vivenciada pelos ribeirinhos trazia muito mais do que meramente a possibilidade de estudar as representações sociais de saúde e doença, tinha diante de meus olhos a construção social do próprio adoecimento. Não tinha como ficar preso a um modelo de saúde biomédico ou biopsicossocial. A comunidade não possui as mínimas condições de cidadania. Como falar em saúde onde a própria dignidade humana não é respeitada? É preciso primeiro resgatar a dignidade humana. Estudar as representações sociais de saúde e a doença depois de tudo isso, era produzir uma pesquisa reducionista e não valorizar o sofrimento humano da comunidade.

Ainda tímido e com muita resistência com o que estava encontrando acabei fazendo algumas alterações. Mas, a banca de qualificação formada por um metafísico conservador (Márcio) e por duas pós-estruturalistas (Anita e Andréa) percebeu minha resistência e, acima de tudo, que a organização e a ordem dos capítulos não condiziam com a realidade. Era necessário alterar o que estava posto pela teoria e deixar a realidade fazer sua parte. E, no balanço das águas pantaneiras tudo mudou. O último capítulo passou a ser o primeiro. Com muita dor no coração, tópicos inteiros de teoria foram suprimidos e outros reduzidos. Mas minha dor em cortar e retirar o que eu havia produzido era menor do que a vivência diária de exploração que encontrei na comunidade. Por respeito aos sujeitos desta pesquisa as alterações foram feitas e deram mais leveza ao texto e permitiram com isso, que o pesquisador se posicionasse com mais segurança.

Com alguma dificuldade, depois de ter gasto muito tempo preso aos objetivos, consegui, com a ajuda da banca de qualificação perceber que quando se faz pesquisa a gente se constitui como pesquisador no ato de pesquisar. Com isso, o percurso metodológico acabou contribuindo para que eu pudesse pensar diferente da forma como pensava anteriormente. Mas, reconheço que não é fácil deixar de lado velhas amarras. No entanto, o método não deve engessar a pesquisa, mas, possibilitar que o pesquisador dialogue com a realidade. Por isso, é importante ressaltar que em muitos momentos ele é visto pelos cientistas como um mecanismo capaz de tirar a leveza do texto. No entanto, é importante observar que esta concepção é uma forma errônea de pensar a metodologia dentro da pesquisa qualitativa. Esta caminhada acadêmica me mostrou que é possível trabalhar com a Teoria das Representações Sociais mantendo um rigor metodológico sem, no entanto, deixar de produzir com leveza e sensibilidade. Pelo exposto fica fácil perceber o motivo pelo qual Moscovici (2011)

argumenta que é fundamentalmente contra a tendência de se fetichizar o método qualitativo. De acordo com Moscovici (2011, p.13) “fazer do método experimental, ou dos métodos não experimentais, uma garantia de via régia para se chegar ao conhecimento, é tão pernicioso como qualquer outro fetichismo”. Percebe-se assim, que o indivíduo é, ao mesmo tempo, um agente de mudança e produto da sociedade em que vive.

Maffesoli (2007) defende que não se pode pensar sem alicerces. E, os capítulos anteriores acabaram contribuindo para as alterações feitas neste trabalho que passou a ter como foco a análise da construção social do adoecimento da comunidade de Porto da Manga. Mas também se faz necessário alertar para o fato de que trabalhar a partir de uma concepção mais fluida é desafiar, em alguns momentos, às normas vigentes. Maffesoli (2007) lembra ainda que quando a ciência se institucionaliza, ela se torna dogmática e precisa ser sacudida para recuperar o dinamismo original.

Com esta breve introdução é possível notar que cada método possui uma maneira particular de constituir seu objeto de estudo. Dentro desta mesma perspectiva de trabalho, Almeida e Cunha (2003) mostram que a ciência tem a ambição de intensificar o papel de explicadora da realidade, definindo regras, através de seus modelos teóricos, que acabam, também, por especificar e prescrever as ações humanas. Ações estas, que para Lahlou (2011) são construídas por meio de um trabalho coletivo. Desta forma, o princípio da construção científica é uma divisão do trabalho de pesquisa, onde o trabalho de cada um é balizado e as contribuições são sistematicamente justificadas e alinhadas.

Mas, não se pode esquecer o alerta feito por Jovchelovitch (2011) quando defende que os saberes do cotidiano têm papel fundamental na reprodução de indivíduos, sociedades e culturas. Jovchelovitch (2011, p.164) argumenta que “o senso comum não desaparece e não é jamais substituído pela ciência, como quis o espírito da modernidade e o projeto do Iluminismo”. Percebe-se assim, que os saberes de diferentes esferas reconstituem e redefinem tanto o senso comum como o saber científico. Nesta mesma perspectiva de trabalho, Chaves e Silva (2011) argumentam que existe uma objetividade, um rigor lógico e metodológico, e uma teorização abstrata que caracterizam as ciências e o pensamento erudito. Desta forma, Chaves e Silva (2011, p.349) definem método como uma “postura científica, valorizando e aplicando o rigor metodológico, tanto em suas coletas quanto nas suas análises, conferindo consistência às suas reflexões”. Desta forma, a ligação existente entre os processos sociais concretos e

cotidianos com a produção científica não deve ser pensada como um aspecto desvinculado da sociedade.

Chaves e Silva (2011, p.348) defendem ainda que “a ciência não é produzida apenas nos laboratórios, mas acontece na própria realidade”. É importante observar aqui, que esta pesquisa sobre a construção social do adoecimento foi pensada inicialmente dentro do conformismo acadêmico e teve que se reinventar no contato com a realidade. Percebe-se assim, que a cultura, sistemas políticos, econômicos, enfim, a sociedade como um todo vai direcionar os aspectos a serem investigados pela ciência. Exatamente como aconteceu com esta investigação que começou preocupada com as representações sócias de saúde e doença e teve que dar uma guinada para a construção do próprio adoecimento tendo em vista a precariedade existencial das condições de sobrevivência dos moradores.

Assim, é possível notar que a Teoria das Representações Sociais oferece um excelente suporte às investigações na medida em que pauta a sua investigação a partir do conhecimento do sujeito ou grupo estudado, e como esse conhecimento orienta as suas práticas cotidianas. Buscando aprofundar a reflexão metodológica, Duveen (2003) explica que o conhecimento emerge do mundo onde as pessoas se encontram e interagem, do mundo onde os interesses humanos, necessidades e desejos encontram expressão, satisfação ou frustração. Quem sabe seja por isso, que o conhecimento surge das paixões humanas e, como tal, nunca é desinteressado. Duveen (2003) acredita que

[...] se as Representações Sociais servem para familiarizar o não-familiar, então primeira tarefa dum estudo científico das representações é tornar o familiar não familiar, a fim de que elas possam ser compreendidas como fenômeno e descritas através de toda técnica metodológica que possa ser adequada nas circunstâncias específicas. A descrição, é claro, nunca é independente da teorização dos fenômenos e, nesse sentido, a teoria das representações sócias fornece o referencial interpretativo tanto para tornar as representações visíveis, como para torná-las inteligíveis como formas de prática social (DUVEEN, 2003, p.25).

Depois destas rápidas considerações, é preciso ir à raiz da palavra e buscar entender o que ela realmente significa. De acordo com Michaelis (1998, p.1368) método é o “conjunto dos meios dispostos convenientemente para alcançar um fim e especialmente para chegar a um conhecimento científico ou comunicá-lo aos outros”. Nota-se neste caso, que esta definição reforça o percurso utilizado até aqui para explicar o significado da palavra. Assim, é

possível dizer que quem procede de acordo com um conjunto de regras na busca de uma meta, procede dentro de um método.

É interessante observar que, o método serve para ajudar a clarear as ideias quando o pesquisador estiver se sentindo um pouco perdido com todo o material pesquisado. Esta concepção de que o método é o caminho é bem aceita na academia e por todos aqueles que desenvolvem pesquisa. Mas é importante lembrar que a escolha do método é muito importante no desenvolvimento de um trabalho, uma vez que o pesquisador, se não tiver cuidado, pode utilizar métodos não recomendados para chegar aos objetivos que se propõe.

Ao tratar as questões ligadas ao método, Turato (2003, p.149) defende que a palavra é derivada do latim (*methodus*) e do grego (*Methodos*) e complementa argumentando que método no seu sentido etimológico é “um caminho através do qual se procura chegar a algo ou um modo de fazer algo”. É importante observar aqui, que Turato (2003) vai um pouco além das concepções vigentes sobre o termo. Para ele não é apenas o caminho que se vai percorrer, mas a forma com a qual se pretende fazer o percurso que define o método. Mais adiante o próprio Turato defende:

O termo método vem sendo entendido, neste tratado, com uma concepção mais ampla, como um meio geral de conduzir-nos cientificamente a objetivos propostos segundo a natureza destes; enquanto uma técnica, com uma concepção mais restrita, ganha o significado de meios específicos de se viabilizar tal e qual método, podendo por sua vez cada um destes vir a comportar várias técnicas (TURATO, 2003, p.305).

Assim, pode-se dizer que não é possível fazer ciência sem se utilizar de um método. É ele que faz com que o pesquisador encontre os resultados desejados ou chegue a novas perspectivas no percurso da própria pesquisa. Por isso, experimentar novas formas de conhecimento e de como organizar estes saberes adquiridos só é possível por meio de um método adequado. O método serve como uma luneta e por isso, permite que o pesquisador consiga perceber as coisas além daquilo que está sendo visto e observado pela maioria. No entanto, é importante ressaltar que a luneta ao mesmo tempo em que aumenta o alcance, reduz a amplitude.

Mais do que meramente definir o que vem a ser método, se faz necessário observar que a ciência exige rigor, consistência e coerência nos seus procedimentos. No entanto, é fácil perceber que para produzir um conhecimento aceitável pela academia se faz

necessário trabalhar com o método científico, paradigma dominante que determina o que é ciência, senso comum, crença, dogma de fé ou mera especulação. Turato (2003, p.149) explica que o “método científico é o modo pelo qual os estudiosos constroem seus conhecimentos no campo da ciência, sendo compreensível que, na realidade, o método seja basicamente único para todos os saberes”. Nesta mesma linha de raciocínio, Fazenda (1999) defende que ao se desenvolver uma pesquisa científica se faz necessário o preenchimento de três requisitos: a) a existência de uma pergunta que se deseja responder; b) a elaboração de um conjunto de passos que permitam obter a informação necessária para respondê-la e c) a indicação do grau de confiabilidade na resposta obtida.

As definições de Turato (2003) e Fazenda (1999) indicam que o método científico permite que o pesquisador construa conceitualmente imagens verdadeiras e impessoais da realidade, que possam ser submetidas a teses que comprovem ou não sua veracidade. Pelo exposto acima é possível afirmar que pensar a metodologia empregada num trabalho é acima de tudo, compreender o processo de produção do próprio conhecimento na trajetória de uma pesquisa. Por isso, se faz necessário observar que, de acordo com Santos (2006) é preciso voltar às coisas simples e recuperar a capacidade de formular perguntas. E, uma pesquisa qualitativa, acima de tudo, deve ser alicerçada nas questões desenvolvidas pelo pesquisador. Santos (2006) alerta para o fato de que as perguntas estão inscritas no avesso dos conceitos utilizados para buscar as respostas. Isso serve para mostrar que para Santos (2006, p.92) “a condição epistemológica da ciência repercute-se na condição existencial dos cientistas”. Num primeiro momento estas questões levantadas por Boaventura Souza Santos parecem contraditórias, mas aos poucos é possível perceber que, ao valorizar as indagações dos pesquisadores, o autor busca mecanismos para superar o modelo positivista das ciências naturais no desenvolvimento das pesquisas utilizadas nas ciências humanas e sociais.

Para Santos (2006), o modelo de racionalidade científica ganhou força a partir do século XVI e foi desenvolvido nos séculos seguintes basicamente no domínio das ciências naturais. Por isso, se faz necessário certo grau de atenção para perceber que a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que não aceitam se pautar pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas. Pelo exposto é possível perceber que a Psicologia e as Ciências Humanas de forma geral foram obrigadas a se adaptar primeiramente

ao modelo dominante, para só então propor uma nova forma de pesquisa não mais alicerçada no método quantitativo, mas no seu contraponto, o modelo qualitativo.

Buscando avançar esta relação entre a pesquisa quantitativa versus qualitativa, Santos (2006) esclarece que do lugar central que ocupa as ciências duras na modernidade, derivam duas consequências principais: a primeira está no fato de que conhecer significa quantificar e em segundo lugar está o fato de que o método científico está alicerçado na redução da complexidade. Pelo exposto é possível perceber que o rigor científico afere-se pelo rigor das medições. Com isso, percebe-se que as qualidades intrínsecas do objeto são desqualificadas e em seu lugar o que vale é a quantidade. Desta forma, o que não é quantificável é cientificamente irrelevante. Isso mostra que para o modelo positivista, conhecer significa dividir e classificar para só então, determinar as relações sistemáticas. Observa-se assim, que o rigor científico hegemônico e positivista busca quantificar todo tipo de conhecimento e, por este motivo, desqualifica, degrada e caricaturiza tudo o que difere daquilo aceito pelo conhecimento dominante.

O percurso percorrido na elaboração desta pesquisa conseguiu me mostrar que para aprender é necessário sair do comodismo das respostas prontas e acabadas. Mas, é importante observar que mais do que sair de uma posição cômoda Rey (2005) mostra a importância do compromisso que todo pesquisador deve ter com o método e com os sujeitos na pesquisa qualitativa. Um compromisso ético, político e ideológico com os sujeitos da pesquisa que se dispuseram a partilhar a vida e a existência e contribuíram com a construção do conhecimento científico. Conhecimento que não pode ficar recluso na academia, mas precisa voltar à comunidade e contribuir para melhorar as condições de vida dos moradores. No entanto, para entender como se aplica o método dentro da ciência psicológica, é necessário, e até mesmo imprescindível, buscar compreender como os homens foram produzindo, ao longo da sua história, o conhecimento científico. Contini (2010) argumenta que compreender o conhecimento referente ao mundo criado pelos homens possibilita conhecer o caminho por eles percorrido.

Por outro lado, Bleger (1998) defende a ideia de que para investigar é preciso manter, em qualquer idade, inclusive na maturidade, um pouco da desorganização ou da facilidade para a desorganização que têm a criança e o adolescente. Ou seja, se faz necessário retomar a capacidade de assombrar-se. Desta forma Bleger (1998, p.84) argumenta que “para

investigar, e, portanto, para aprender, é necessário reter ou conservar sempre, em certa proporção, essa angústia do adolescente diante do desconhecido". Essa capacidade de indagar e de se surpreender com o novo e o desconhecido contribuem para a geração de novos conhecimentos e para a própria evolução da ciência. Isso vem ao encontro do que defende Rey (2005) ao mostrar que a produção do conhecimento é, no fundo, uma forma de produção humana.

Depois de explicar o que vem a ser método e como se trabalha com o método científico, está na hora de entender os procedimentos utilizados nas pesquisas qualitativas. Só assim, poderemos perceber com mais clareza o compromisso ontológico que cada pesquisador possui. Flick (2004) argumenta que a pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações da realidade social. Por isso, compreender a realidade por meio de uma abordagem qualitativa é percebê-la a partir da subjetividade dos sujeitos-participantes da investigação.

É importante ressaltar ainda que para Turato (2003) a abordagem qualitativa trabalha dentro de um campo complexo de paradigmas, exatamente, por valorizar a subjetividade do indivíduo pesquisado. Turato (2003) argumenta ainda que a história dos métodos qualitativos é recente. Tem pouco mais de meio século e se mistura com as ciências do homem e, principalmente, com os trabalhos desenvolvidos pela Antropologia e pela Psicologia e, que surgem em contraponto às já estruturadas ciências da natureza. O método qualitativo observa exatamente estas mudanças internas que ocorrem nos sujeitos-participantes da pesquisa. Para complementar esta análise, também recorremos a Lüdke e André (1986) quando defendem que a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta dos dados e o pesquisador é visto como principal instrumento.

Para Lüdke e André (1986) a pesquisa qualitativa supõe contato direto do pesquisador com os sujeitos da pesquisa e com a situação na qual a pesquisa está sendo desenvolvida. Por isso, ao se trabalhar com o método qualitativo, é importante estar atento às circunstâncias em que os objetos da pesquisa se inserem, uma vez que os dados coletados são predominantemente descritivos. Percebe-se, então, que o material da pesquisa qualitativa é rico na descrição das pessoas, situações e acontecimentos. Neste sentido, o diário de bordo construído durante as viagens feitas ao Porto da Manga serviu para mostrar que estava diante de questões mais profundas do que as representações sociais de saúde e doença.

De acordo com Flick (2009a, p.08) “a pesquisa qualitativa não é mais apenas a ‘pesquisa não quantitativa’, tendo desenvolvido uma identidade própria”. Flick (2009a) argumenta ainda que a pesquisa qualitativa visa abordar o mundo lá fora, entender, descrever e, às vezes, explicar os fenômenos sociais de dentro, analisando experiências de indivíduos e grupos, examinando interações que estejam se desenvolvendo e investigando documentos ou traços semelhantes dessas interações humanas. Flick (2009a) defende que a abordagem qualitativa busca mostrar a forma como as pessoas constroem o mundo à sua volta. Por este motivo, a pesquisa qualitativa não estabelece um conceito rígido daquilo que se estuda. Assim, para entender o processo de produção de sentido é preciso começar por reconstruir a forma como as pessoas constroem o mundo. Por isso, Flick (2009a) alerta para o fato de que é preciso levar a sério a amostragem na pesquisa qualitativa, uma vez que é ela que permite maior alcance e credibilidade.

Flick (2009b) ressalta que existem diferentes abordagens na análise de dados qualitativos. Algumas análises são mais gerais e outras mais específicas, mas todas possuem em comum o fato de serem baseadas na análise textual. Isso significa que todo material utilizado na pesquisa qualitativa deve ser preparado para ser analisado como texto. Mas, de acordo com Gibbs (2009)

[...] a análise qualitativa envolve duas atividades: em primeiro lugar, desenvolver uma consciência dos tipos de dados que podem ser examinados e como eles podem ser descritos e explicados; em segundo, desenvolver uma série de atividades práticas adequados aos tipos de dados e às grandes quantidades deles que devem ser examinados (GIBBS, 2009, p.17).

Levando em consideração as observações feitas por Gibbs (2009) de que a análise deve começar em campo que utilizei o tempo todo um caderno para anotar as reações dos entrevistados e meus sentimentos após cada contato com os sujeitos da minha pesquisa. Esse detalhe, simples fez toda a diferença na hora de produzir o texto do diário de bordo e a análise das entrevistas. O autor acredita que à medida que o pesquisador coleta seus dados é possível iniciar sua análise. Isso mostra que a pesquisa qualitativa deve ser flexível. No entanto, Gibbs (2009) argumenta que a análise qualitativa busca encontrar padrões que possam ser utilizados nas explicações. Percebe-se assim, que a pesquisa qualitativa é uma questão de interpretação do que foi coletado em campo. Mas, é bom esclarecer que um compromisso fundamental da pesquisa qualitativa é tentar ver as coisas pelos olhos dos entrevistados. Relacionar com a forma como fui trabalhando os dados

É importante observar que para Gibbs (2009, p.29) “não é necessário transcrever toda e qualquer informação coletada no projeto para analisá-la”. Desta forma, é possível perceber que a pesquisa qualitativa envolve interpretação. No entanto, é bom lembrar que, na medida do possível, o pesquisador precisa interpretar as informações trazidas do campo e não impor uma interpretação com base em teorias preexistentes. Gibbs (2009) alerta ainda para o fato de que se o pesquisador não tomar algum cuidado, ele pode deixar passar na sua análise, mais seus preconceitos do que as concepções dos entrevistados. Percebe-se assim, que Gibbs (2009) defende que ao fazer comparações entre o que os sujeitos da pesquisa disseram, é possível ir além do meramente descritivo na análise dos dados.

Por outro lado, Flick (2009a, p.67) lembra que “construir com sucesso um desenho de pesquisa significa definir quem ou o que deve ser estudado, quais são as dimensões de comparação relevantes e assim por diante”. Percebe-se assim, que um bom desenho tem um foco claro e está construído em torno de uma pergunta clara. Mesmo assim, é importante ressaltar que um bom estudo qualitativo não se limita a concluir e confirmar o que se espera que seja o resultado, mas busca produzir novas ideias e novas formas de ver as coisas. Assim, fica claro que para Flick (2009b) o problema de solucionar a questão da qualidade na pesquisa qualitativa ainda é crucial e faltam soluções e respostas. Flick (2009b) explica ainda que a confiabilidade do processo de pesquisa pode ser desenvolvida por sua documentação reflexiva.

Desta forma, o pesquisador passa a ser uma parte importante na pesquisa qualitativa. Flick (2009b, p.124) argumenta que “a pesquisa qualitativa pode revelar possíveis conexões, razões, efeitos e mesmo a dinâmica dos processos sociais, e é apenas a pesquisa qualitativa com uma coleta não estruturada de dados que pode revelar isso”. Percebe-se assim, que a qualidade na pesquisa qualitativa é o resultado de decisões tomadas pelo pesquisador. Com isso, Flick (2009b) busca mostrar que a qualidade está diretamente ligada a questões éticas e com a transparência produzida na pesquisa. Mas, de acordo com Marques [et al] (2006) a abordagem qualitativa é aquela onde os dados não são passíveis de serem mensurados matematicamente. Por isso, compreender a realidade por meio de uma abordagem qualitativa é percebê-la a partir da subjetividade dos participantes da investigação.

Para Campana (1999) a pesquisa qualitativa não leva em consideração o fato de que o grupo estudado seja correspondente a uma amostra representativa da população. Para

Campana (1999), o que se pretende com uma pesquisa qualitativa é a abordagem de um grupo particular, específico de pessoas. O autor lembra ainda que no estudo qualitativo, a hipótese pode surgir mais tarde, quando os procedimentos investigativos estão já em plena evolução. De acordo com Campana (1999, p.91) uma característica importante do trabalho qualitativo está no fato de que, neste, os resultados da investigação correspondem, na realidade, à interpretação dos dados obtidos.

A trajetória desta pesquisa me permite afirmar que o pesquisador precisa estar atento ao maior número possível de elementos e, desta forma, um aspecto supostamente trivial pode ser essencial para a melhor compreensão do problema que está sendo estudado. Ao chegar à comunidade, me deparei com uma situação natural rica em dados descritivos e que contribuíram para que eu pudesse compreender a realidade complexa que se revelava para mim a todo instante. Com isso, os dados coletados numa pesquisa qualitativa devem ser contextualizados e não meramente descritos como um processo natural. Aos poucos fui me dando conta que todo dado, ainda que quantitativo, mas, se utilizados em pesquisa com humanos, tem significado e sentido, faz morada na linguagem e é passível de análise de corte hermenêutico.

6.1. COMPROMISSO ONTOLÓGICO E PREOCUPAÇÕES ÉTICAS

Flick (2009a) lembra ainda que é preciso refletir sobre o impacto que a pesquisa irá causar na vida cotidiana dos participantes. Isso obriga o pesquisador a limitar-se ao máximo ao que é absoluta ou realmente necessário. Para Flick (2009b, p.26) “a questão da qualidade na pesquisa qualitativa está situada na encruzilhada entre as necessidades internas e os desafios externos”. Com isso, percebe-se que qualquer forma de pesquisa é uma intervenção que perturba, influencia e até altera o contexto no qual o estudo é desenvolvido.

Percebe-se assim, que toda pesquisa qualitativa precisa trazer no seu bojo, uma preocupação ética. Mas não é apenas isso, a realidade mostra que ética e pesquisa, bem como os resultados a que o pesquisador irá chegar fazem parte de uma preocupação maior que envolve o ser humano e seus discursos. Buscando alertar os pesquisadores para as questões

éticas, Gibbs (2009, p.129) defende que “a prática ética contribui para a qualidade de sua análise. Ao mesmo tempo, a análise mal feita e mal relatada quase certamente é antiética”. Percebe-se assim, que todas as pesquisas causam algum dano ou impõem um custo. Isso mostra que na pesquisa qualitativa não é possível prever o que se vai encontrar pela frente.

Desta forma, é necessário fazer esta aproximação e contribuir, mesmo que de forma simples para uma reflexão que valorize a ética no dia-a-dia do pesquisador. Assim, a primeira preocupação no desenvolvimento de uma pesquisa deve ser ética. Pelo exposto fica claro que quem pretende se dedicar a desenvolver uma pesquisa, precisa mostrar uma preocupação com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – calcanhar de Aquiles para muitos pesquisadores/estudantes de pós-graduação que não conseguem deixar claro em seus projetos os possíveis riscos e benefícios que as pesquisas podem trazer aos sujeitos pesquisados. Muito embora estejamos falando de TCLE é importante advertir o leitor de que é preciso ter uma preocupação com algo de fundo que é da maior importância, ainda que não possa ser tratada neste momento e que diz respeito à cultura ética na pesquisa, do qual o TCLE deve ser uma expressão madura.

Pelo exposto, pretende-se mostrar que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido adquire maior sentido na medida em que exista uma cultura ética em pesquisa. Ele não deveria ser mais que isso, uma expressão documental madura de uma cultura ética em pesquisa. O TCLE não é para o pesquisador, ele é desenvolvido para o participante. Desta forma, o que põe limite ao pesquisador na hora de desenvolver sua pesquisa é a cultura ética que ele possui. Mas é preciso lembrar que a ética, ao mesmo tempo em que coloca limites, também pode potencializar a pesquisa ao lembrar que existem exigências éticas para se pesquisar certos temas.

Com isso, é possível afirmar que a avaliação ética é parte essencial da investigação e de toda pesquisa. A preocupação ética deve ultrapassar o próprio TCLE e estar presente em todo o processo de produção do conhecimento humano. Uma preocupação salutar quando se leva em conta o ser humano que não deve ser visto apenas como instrumento para obtenção de resultados. E, exemplos de pesquisadores, que ao longo da história deixaram de lado a ética em nome da evolução da ciência não faltam. Percebe-se então, que deve existir sempre um compromisso com a integridade de todos os envolvidos no processo. Isso mostra apenas que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), além de um contrato com

custos e benefícios, é uma forma legal e ética de conduzir as relações entre pesquisador e sujeitos da pesquisa. Ele tem por objetivo fazer com que os participantes das pesquisas compreendam os procedimentos, riscos, desconfortos, benefícios e direitos de todos os envolvidos.

De acordo com Teixeira e Nunes (2008) é importante que se diga que para realizar pesquisas com seres humanos é sempre muito importante se obter o consentimento livre e esclarecido. Ele serve para proteger os participantes dos possíveis abusos e é condição indispensável da pesquisa, sendo uma expressão da atitude eticamente correta. O TCLE é hoje uma exigência dos Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) de todo o Brasil. Ele serve para que os sujeitos, participantes das pesquisas, possam assentir de forma ativa em participar e não sejam mais vistos com uma atitude submissa perante o pesquisador.

Mas, é importante observar que uma pesquisa precisa trazer benefícios para seus participantes. Uma preocupação que muitas vezes é deixada de lado pelos pesquisadores que pensam apenas em coletar dados e produzir sobre estes dados, sem dar uma devolutiva àqueles seres humanos que contribuíram para que a pesquisa pudesse ser feita. Teixeira e Nunes (2008) defendem de forma enfática que a pesquisa só se justifica se houver benefícios e se os riscos para cada sujeito não ultrapassarem os benefícios. Os autores mostraram de forma simples que o TCLE é um instrumento que resguarda os pesquisadores e os sujeitos envolvidos nas pesquisas.

Pelo exposto acima, nota-se que os métodos qualitativos buscam romper com o modelo positivista de se fazer pesquisa. De acordo com Rey (2005) é preciso acabar definitivamente com a dicotomia entre empírico e teórico, onde este é utilizado apenas como rótulo. Mas não é fácil deixar de lado séculos de história construída por pesquisadores que entendem a pesquisa como mero procedimento estatístico que não requer produção de conceitos e de novas ideias. Rey (2005) defende que sem uma revisão epistemológica o processo de produção do conhecimento será legitimado pela posição instrumentalista do modelo quantitativo.

Observe que, ao pensar a partir de um compromisso ontológico, conforme constrói Heidegger (1988), o próprio texto toma novos ares e sua leveza dá lugar à dureza dos conceitos. Percebe-se que nesta suposta briga quantitativo *versus* qualitativo todos perdem. Falta aqui, o processo dialógico, tal como concebe Buber (2001), do conhecimento construído

como processo de auto-percepção e não como algo adquirido de fora, sem interação com o sujeito e com sua subjetividade. Sem se aprofundar muito, é possível afirmar que a comunicação é um problema não das pesquisas, mas dos pesquisadores.

Mas é importante trazer a esta reflexão a contribuição de Günther (2006) quando recorda que a questão fundamental não são as abordagens, mas o problema da pesquisa. Exatamente o que aconteceu no percurso desta investigação. A abordagem se manteve qualitativa, mas a realidade dos ribeirinhos acabou ditando o rumo da pesquisa que passou a analisar a construção social do adoecimento gerada pelo descaso do poder público. Uma realidade mais desumana do que as representações sociais de saúde e doença. Günther lembrar que

Enquanto participante do processo de construção de conhecimento, idealmente, o pesquisador não deveria escolher entre um método ou outro, mas utilizar as várias abordagens, qualitativas e quantitativas que se adéquam à sua questão de pesquisa (GÜNTHER, 2006, p.207).

O autor defende que existem várias razões que podem levar um pesquisador a escolher uma abordagem ou outra, o que não significa que uma seja melhor que a outra. Günther (2006, p.207) defende que a escolha por um método pode variar conforme as condições de “natureza prática, empírica e técnica”. Pelo exposto, tem-se a percepção de que nas discussões metodológicas ninguém pretende ceder com facilidade e, muitas vezes, as pesquisas não avançam e nem contribuem tanto para a sociedade porque os pesquisadores não conseguem superar esta fragmentação na forma de pensar. Os produtores do conhecimento (pesquisadores) esquecem como bem ressalta Rey (2005), que a subjetividade é parte integrante do ser humano e que pode contribuir, junto com o processo comunicativo para a superação deste modelo que isola e separa. Só assim, quem sabe, será possível perceber em cada modelo o humano que produz as metodologias e não as metodologias que enquadram os humanos.

A subjetividade é o que caracteriza a atividade humana. E, com isso, é possível concordar com Rey (2005, p.22) quando defende que “o sentido subjetivo está na base da subversão de qualquer ordem que se queira impor ao sujeito ou à sociedade desde fora”. Percebe-se então, que para as representações sociais a subjetividade faz parte do contexto individual e social de cada um. Note ainda, que o conhecimento que se produz também se reproduz. Esta investigação sobre a produção social do adoecimento na comunidade

Ribeirinha de Porto da Manga mostrou que o processo de reprodução da realidade não significa cópia, mas é uma forma de romper com uma visão linear e tentar criar novas possibilidades e interpretações dos caminhos percorridos pela ciência, que constantemente toma novos rumos em seu curso de construção e desconstrução.

É importante observar ainda o alerta feito por Ianni (2004) ao defender que a história do mundo moderno está registrada principalmente em narrativas. Elas são constantemente desafiadas a captar o visível e o invisível, a realidade e a interpretação que os pesquisadores fazem dela. No percurso desta investigação, muitas vezes fiquei preso ao visível, mas com o andar das entrevistas comecei a observar o que estava submerso, invisível e se manifestava em forma de gemido pelos meus entrevistados. Falas interrompidas e sussurros, muitas vezes inaudíveis que revelam as precárias condições de trabalho e da própria existência. De acordo com Buber (2001) só por meio de um modelo dialógico como é possível perceber com melhor clareza a posição dos interlocutores. E, foi pensando em dialogar com os ribeirinhos, que consegui sentir a dor de uma existência roubada. Arendt (2010) defende que o ser humano que vive privado das condições básicas de sua existência está privado da própria condição humana de estar com os outros no mundo. É como se ele nunca se desse a conhecer.

6.2. INTERDISCIPLINARIEDADE METODOLÓGICA

Minha formação em Jornalismo contribuiu muito na hora das entrevistas. Busquei levar em consideração que ela é uma prática consagrada para o estabelecimento das relações humanas por permitir o diálogo entre os seres humanos. Percebe-se assim, que como instrumento dialógico, a comunicação permite e faz com que as pessoas se aproximem dos demais seres que vivem e partilham este mundo neste momento. Quem mais se preocupa com a entrevista e busca trabalhar com enfoque dialógico é Cremilda Medina. Todo o tempo que estava conversando com os sujeitos da minha pesquisa buscava lembrar que a entrevista deve ser uma prática dialógica e não meramente um instrumento para levantamento de informações. Este pequeno detalhe contribuiu para que eu pudesse ficar atento ao que

acontecia à minha volta, valorizando também as expressões e os afetos manifestados pelos sujeitos desta pesquisa.

Medina (1986) defende que

[...] a entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou em outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano (MEDINA, 1986, p.08).

O texto em questão mostra que a comunicação pode ser vista como fator de diálogo, como forma de valorizar outras vozes isoladas por distâncias territoriais ou mesmo emocionais. Medina (1986, p.14) comenta que numa classificação sintética, a entrevista é classificada em dois grupos: “entrevistas cujo objetivo é espetacularizar o ser humano e entrevistas que esboçam a intenção de compreendê-lo”. De acordo com a autora, na produção de um texto, sempre vai existir a participação invisível do autor que pode selecionar os traços considerados por ele fundamentais, dramatizando-os e levando em consideração a dinâmica interna da própria narrativa. Medina (2003) consegue mostrar como é possível utilizar a entrevista para captar o cotidiano, registrá-lo e trabalhar as várias facetas de cada discurso trazido à cena pelo entrevistador.

Observe que ao narrar o mundo, cada ser humano busca organizá-lo conforme suas concepções e vivências. E, nesta retomada de percepções, Medina (2003, p.49) vai além do trivial quando mostra que “a razão treinada para resultados imediatos perde a força do afeto e não dá margem a um insight criativo”. E, a pesquisa, em muitas situações, treina a razão para respostas imediatas. Os pesquisadores estão constantemente correndo contra o tempo para desenvolverem suas pesquisas e, por este motivo, o pesquisador está se tornando um ser que vive trancado no tempo.

E, para Medina (2003) a entrevista como possibilidade de afeto, tem capacidade de unir os desprotegidos e dar voz aos sufocados. Ver a entrevista e a narrativa como uma crítica ao modelo positivista de cunho mecanicista não é nada fácil. Mas, esta releitura de Medina (2003, p.50) mostra que “ao experimentar uma narrativa ao mesmo tempo complexa, afetuosa e poética, não há como abstrair a crise dos paradigmas reducionistas, a crise das percepções e a aridez emocional ou a crise das fórmulas aplicadas às rotinas estéticas da

narrativa". Observe que é preciso valorizar as vivências cotidianas e colhê-las não com a metodologia explicativa, mas sim com os afetos e as simpatias da compreensão humana que a entrevista permite.

Pelo exposto até o presente momento, podemos dizer que Larrosa (2001) tinha razão ao defender que

[...] a comunicação, o dizer-se da palavra, não transporta o único e o comum, mas cria o múltiplo e o diferente. A palavra, que é, que dura, que se mantém sempre a mesma, se multiplica e se pluraliza porque, cada vez, algo singular, porque o dizer-se da palavra é, cada vez, um acontecimento único (LARROSA, 2001, p.291).

Neste contexto, é importante ressaltar que produzir um texto buscando enfocar a entrevista e o processo comunicativo como um princípio epistemológico é perceber que grande parte dos problemas sociais e humanos se expressa, de modo geral, na comunicação das pessoas. Por isso, a comunicação permite conhecer as configurações e os processos subjetivos que caracterizam o ser humano e o modo como as diversas condições sociais afetam o homem.

É importante observar que Medina (1986; 2003) e Rey (2005) de forma diferente, defendem as mesmas questões e propõem a superação do modelo positivista que deixa de lado a subjetividade humana. É pela comunicação que nos tornamos sujeitos com nossos desejos e contradições. E, para finalizar estas aproximações vamos fazer uso de uma citação de Rey (2005) quando este argumenta que

[...] a comunicação, segundo o status epistemológico que lhe atribuímos, influenciará, de forma importante, a própria definição dos instrumentos de pesquisa, [...] e, ao mesmo tempo, se converterá em um espaço legítimo e permanente de produção de informação na pesquisa, pois os desdobramentos do processo de comunicação com os sujeitos participantes da pesquisa representam o caminho essencial de seguimento dos diferentes casos singulares em seu aporte diferenciado ao conhecimento (REY, 2005, p.15).

Desta forma, ver a comunicação como um princípio epistemológico permite que o pesquisador olhe de forma diferente para o espaço social da pesquisa, valorizando inclusive, a qualidade da informação produzida. Buscando avançar um pouco mais esta reflexão, é importante observar que, de acordo com Flick (2009b) no processo de produção do conhecimento nas pesquisas qualitativas, o escrever se torna não apenas um problema técnico, mas também uma questão de reflexividade. Por isso Flick (2009b, p.175) defende que

“escrever sobre pesquisa e os procedimentos usados nela se torna um importante instrumento para transmitir o que foi feito no projeto, como foi feito e quão bem foi realizado”. Isso mostra que o processo de produção da escrita do conhecimento adquirido ao longo da pesquisa passa a ser uma condição essencial para que os procedimentos utilizados no campo possam chegar de forma transparentes aos leitores e, sirvam assim, como mecanismo de comunicação dos dados pesquisados.

Flick (2009a) defende que a pesquisa qualitativa usa o texto como parte da noção de construção da realidade estudada. Com isso, esta abordagem se interessa pelas perspectivas dos participantes em suas práticas diárias. Flick (2009a, p.102) mostra ainda que, em se falando de entrevista, “é importante desenvolver uma sensibilidade em relação aos limites dos participantes, quando se trata de questões das quais eles não podem ou não querem falar, e em relação a quando devemos parar de insistir”. Dentro desta mesma concepção, Gibbs (2009) mostra que escrever e reescrever sobre os dados da pesquisa é uma forma de manter os registros. A escrita também pode ser um processo criativo no qual o pesquisador pode desenvolver novas ideias sobre a pesquisa. Mas, é importante ressaltar que uma das formas de ir além do meramente descritivo é buscar os padrões e as relações entre os dados coletados. Gibbs (2009) conclui lembrando aos pesquisadores que não existe uma fórmula simples que possa ser seguida por todos que trabalham com dados qualitativos. Por esta razão, resta a quem se propõe trabalhar com o método qualitativo, desenvolver uma análise de forma cuidadosa e abrangente.

7. CAPIVARA

A intenção inicial desta pesquisa era desenvolver uma investigação sobre as representações sociais da saúde e doença. Mas, diante da realidade vivenciada pelos moradores da comunidade ribeirinha de Porto da Manga, foi necessário repensar os objetivos iniciais e com isso alterar o foco para a produção social do adoecimento. De acordo com Maffesoli (2007) algumas investigações exigem que o pesquisador rompa com o círculo virtuoso das análises óbvias. Foi exatamente o que aconteceu durante o processo de contato com a realidade dos ribeirinhos. A forma como são excluídos, explorados e tratados com descaso pelo poder público fez com que as manifestações verbais dos sujeitos desta pesquisa chegassem como sussurros e gemidos aos ouvidos deste pesquisador. De tanto gritar pelos seus direitos perderam a voz, por não serem vistos pelo estado já se confundem com a paisagem da natureza e por terem sua cidadania roubada preferem se comparar aos animais que vivem no Pantanal.

Este capítulo tem como título um dos animais que aparecem com maior facilidade no meio da paisagem pantaneira: a capivara. É importante ressaltar que as subdivisões deste capítulo também vão utilizar os animais que vivem no Pantanal. A escolha estilística se faz necessária uma vez que os ribeirinhos, ao se compararem com estes bichos, estão manifestando uma Representação Social de que por não terem sua condição humana respeitada, gostariam, ao menos, de serem tratados como os animais que convivem com eles no Pantanal. Mas, o que foi possível perceber durante esta pesquisa é que na escala de valor social dado pelos turistas e pelo estado eles estão abaixo da fauna da região.

Um dos sujeitos desta pesquisa tem 53 anos e ganha menos que um salário mínimo por mês (R\$ 500,00 – quinhentos reais) para sustentar os 12 filhos. Durante nosso bate papo, Z_04 afirma: “*nós estamos aqui, num beco sem saída. Se o cara ficar doente aqui, ele pode esquecer [...] Eu estou igualzinho a uma capivara*”. É possível não adoecer numa realidade em que as pessoas se comparam aos animais? As condições de existência deste personagem são piores que a dos bichos que vivem no Pantanal. Segundo Z_04 faz mais de um ano e meio que ele não vai para a cidade. Pode ser que ele esteja igual a uma capivara na quantidade de filhos e apenas nisso. Mas, nas demais questões sociais ele está numa escala inferior.

Não precisa ser nenhum gênio para perceber que as leis ambientais protegem muito mais a fauna e a flora pantaneira do que os humanos que vivem na região. Os animais

são livres, não precisam trabalhar para retirar o próprio sustento enquanto meu entrevistado se vê obrigado a ficar até 18 horas no rio para poder garantir a sobrevivência dos filhos. O que se percebe é uma morte anunciada. Será que os moradores da comunidade de Porto da Manga são realmente cidadãos? A pobreza, o trabalho que desenvolvem e a forma como são obrigados a viver da coleta das iscas faz com que estes ribeirinhos vivam em situação de escravidão.

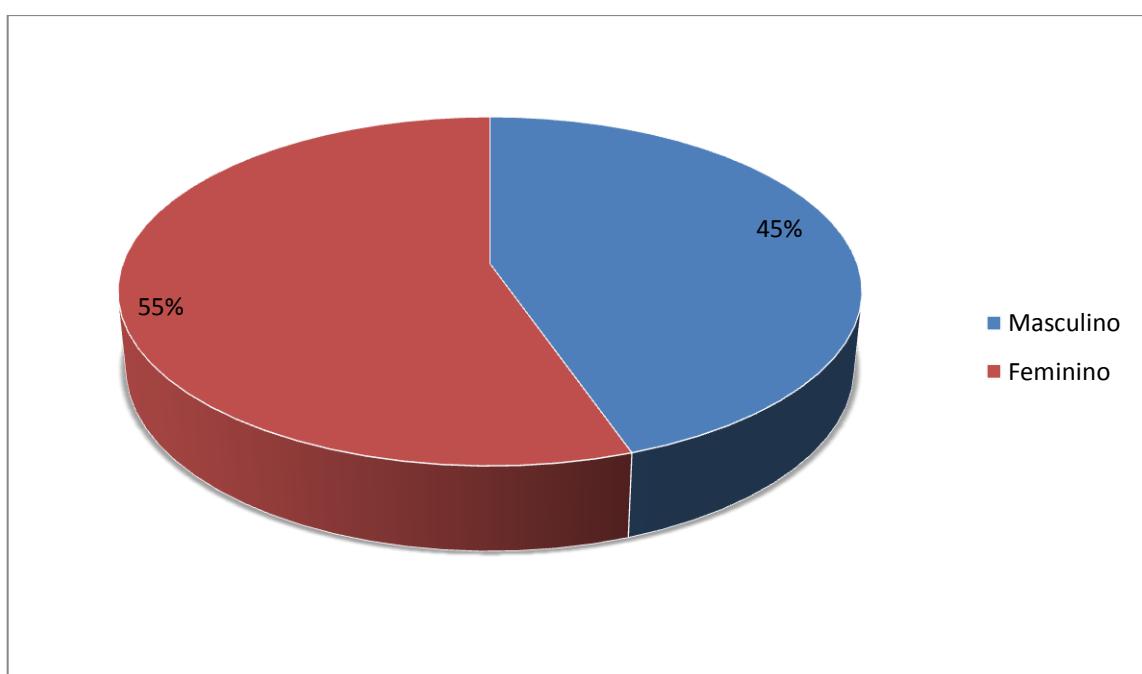
Arendt (2010, p. 79) alerta para o fato de que “a pobreza força o homem livre a agir como escravo”. É exatamente o que vem acontecendo no Porto da Manga. Não basta mantê-los presos ao ambiente que vivem, é necessário privá-los de todas as condições da própria existência. Não está mais em jogo apenas uma questão de saúde, educação ou segurança. O que se percebe na comunidade ultrapassa estas questões. O estado está matando lentamente aquela população que busca se reinventar diariamente para não sucumbir ao esquecimento e a tortura causadas pelo abandono e pelas condições desumanas com que são levados a trabalhar para manter os clientes.

Percebe-se ainda que na maior planície alagável do planeta a vida e a morte giram em torno das águas. São elas que definem o local das moradias, quem entra e quem sai do seu território. Elas regulam a vida e a organização dos ribeirinhos. A renovação passa pelo seu ciclo que possui poder sobre a vida e a morte. É importante ressaltar que esta investigação também foi afetada pelo ciclo das águas. Com uma das maiores cheias já registradas nos últimos 20 anos, pontes foram derrubadas, estradas ficaram submersas e com isso a comunidade se viu ilhada. Com o descaso e o esquecimento do poder público, alguns ribeirinhos tiveram que procurar abrigo com parentes que moram nas cidades próximas.

Em outras localidades do Brasil afetadas por desastres naturais a mídia se manifesta, a sociedade civil se mobiliza com doações de roupas, alimentos e remédios. Nestas situações o poder público também se manifesta enviando médicos, barracas e dando aos desabrigados um suporte mínimo para que possam superar as adversidades. Mas, no Pantanal por que isso não acontece? Esta região não faz parte do território nacional? Ou simplesmente não há mobilização pelo simples motivo de não existir seres humanos morando no Pantanal? As matérias nacionais comovem pelas boiadas que estão sofrendo com as cheias e com a seca. E as pessoas? Elas não existem? A percepção que tenho depois desta investigação é que os ribeirinhos perderam o “status” de cidadãos. Na escala de preocupação do estado é mais

importante para a economia salvar as boiadas do que os pantaneiros. Afinal este é um dos estados com maior rebanho bovino do Brasil. Este é um dos motivos pelo qual os pantaneiros são deixados de lado, esquecidos e abandonados à própria sorte. Isso mostra um modelo social perverso que não se contenta em excluir a população, pois é preciso fazer com que adoeçam e morram lentamente.

GRÁFICO 1 – Sexo dos participantes da pesquisa realizada na comunidade ribeirinha de Porto da Manga

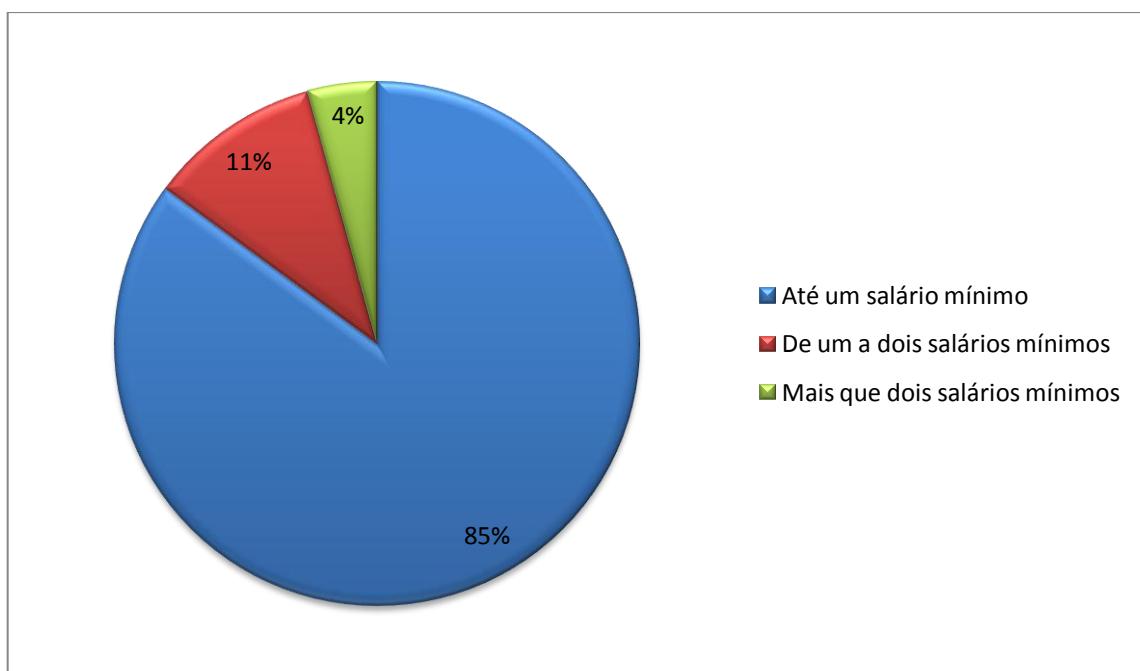


Fonte: Jacir Alfonso Zanatta, 2012.

Mas é preciso compreender um pouco mais quem são as pessoas que fazem parte desta população e como elas se percebem dentro de todo este processo. Por isso, é importante ressaltar que a pesquisa foi realizada nos meses de outubro e novembro de 2011, quando parte da “Estrada Parque Pantanal” que liga Porto da Manga a Corumbá ficou transitável. Se eu, como pesquisador, com alguma condição de sobrevivência enfrentei problemas para chegar à comunidade, é possível calcular o que os pantaneiros passam para sair da comunidade quando precisam. A primeira parte da pesquisa aconteceu em meados de outubro, quando, por três dias de visita e intensos trabalhos foram realizadas 23 entrevistas com os moradores que se encontravam na região coletando iscas para abastecer o final do período da pesca. Na primeira quinzena de novembro aconteceu a segunda viagem à comunidade onde, por quatro dias de

investigação, foi possível conversar com 24 pessoas. Com isso, no final das duas viagens realizadas para a comunidade, foram entrevistadas 47 pessoas, sendo 21 do sexo masculino e 26 do sexo feminino. Mas, oito pantaneiros se recusaram a participar das entrevistas. Eles não acreditam mais que alguma pesquisa ou mesmo algum pesquisador possam contribuir para alterar a realidade em que estão inseridos.

GRÁFICO 2 – Perfil econômico dos moradores da comunidade ribeirinha de Porto da Manga levando em consideração a renda familiar mensal dos entrevistados



Fonte: Jacir Alfonso Zanatta, 2012.

Depois destas duas visitas não foi mais possível retornar à comunidade, uma vez que na segunda quinzena de novembro de 2011 teve início o período de defeso que foi até fevereiro de 2012. Nesta época muitos ribeirinhos abandonam suas casas e vão para a cidade. Por estarem longe da comunidade e o retorno ser dispendioso muitos optam por ficar na periferia fazendo algum bico na construção civil até que o período da pesca seja reaberto, quando voltam a trabalhar como coletores de iscas vivas. As entrevistas mostram que 85% dos ribeirinhos ganham até um salário mínimo. Isso significa que dos 47 participantes 40 sobrevivem com uma renda mínima. Isso ajuda a compreender o motivo pelo qual as casas de palafita, são na sua maioria, feitas com restos de madeira ou com lona. Apenas dois moradores (4%) informaram que ganham acima de cinco salários mínimos. Os outros cinco

moradores, que corresponde a 11% da população responderam que ganham até dois salários. Isso mostra que 96% dos ribeirinhos entrevistados são obrigados a sobreviver com até dois salários. É com este dinheiro que eles contam para suprir as necessidades de saúde, alimentação e moradia.

7.1 VACA

Pode parecer estranho ao leitor (a) o fato deste pesquisador ter anunciado que a análise das entrevistas seria composta com os bichos que fazem parte da fauna pantaneira e, utilizar, logo no primeiro subtópico, um animal que aparentemente não faz parte da região. Não pretendo me estender em justificativas, apenas trago em defesa deste item o fato de que os animais que mais são vistos no Pantanal são bois e vacas. Este tópico será utilizado para tecer alguns comentários sobre a situação educacional encontrada na comunidade. Conforme afirma uma das entrevistadas Z_15, que tem 47 anos e mora na comunidade há 23, “*aqui na manga tem cachorro que pensa que é gente e vaca que pensa que é cachorro*”. A entrevistada manifestou este pensamento no momento que fazia o relato sobre “Maria Perdida”, uma vaca que conseguiu subir no terceiro andar do prédio do hotel onde estão as duas salas alugadas pela prefeitura de Corumbá e que servem como escola para os pequenos ribeirinhos.

Escadas que um adulto tem dificuldades para subir, pela distância dos degraus e por não possuir as mínimas condições de segurança, são utilizadas diariamente pelas crianças. Mas, por que se preocupar? São os filhos dos esquecidos que estão estudando lá. Ninguém se preocupa com a situação dos adultos que vivem na comunidade. No que se refere às crianças a situação é ainda mais grave. Estão tirando delas o futuro. E, com certeza, os políticos ainda devem acreditar que estão fazendo muito ao oferecer educação àqueles “desclassificados”, que só são lembrados em época de eleição. A percepção que os moradores possuem dos políticos se manifesta na fala de Z_01, um senhor de 46 anos, com primeiro grau incompleto e que mora na região há 34. Segundo ele, “*em época de política eles vêm e promete, promete, mas não fazem nada*”. Isso revela o motivo pelo qual o poder público prefere matá-los lentamente. Eles ainda são úteis em anos eleitorais.

Agora entendo o motivo pelo qual Maffesoli (2007) classifica como bárbaros aqueles que excluem e mantém a escravidão dos espíritos. É exatamente isso o que estão fazendo com aquelas crianças. Roubando seus espíritos. Tirando delas a possibilidade de, pelo menos, ter um futuro diferente dos pais. Z_08 tem 18 anos e mora na comunidade desde que nasceu. Ela defende que está na hora de ter uma escola para “*os alunos não subir no hotel e correr o risco de cair de lá*”. Esta situação de descaso com a vida dos ribeirinhos está causando estragos irreparáveis. Estão tirando deles o direito de sonhar.

Outra pessoa entrevistada para esta pesquisa foi uma senhora de 31 anos, aqui identificada como Z_30, mãe de quatro filhos e moradora do Porto da Manga há 20. Ela é um retrato vivo da falta de perspectiva que atinge a população pantaneira: “*não tem nada pra valorizar aqui não. Nada*”. Mesmo sentimento tem Z_43, um jovem de 28 anos que não conseguiu terminar nem o Ensino Fundamental, desistindo antes de concluir o segundo ano. De acordo com o morador “*aqui pra nós não tem sistema médico. Não tem socorro, não tem nada*”. Olhando em volta é possível entender o desânimo que se abate sobre os dois entrevistados. As crianças não possuem um único lugar para brincar. As mães precisam atenção redobrada para que as crianças não entrem no rio Paraguai. Mas, se resolvem brincar nas proximidades da comunidade correm o risco de serem mordidos por alguma cobra. Fico me perguntando qual a dificuldade do estado em construir um espaço protegido para que os moradores e as crianças da comunidade possam ter melhor condições de lazer? Não é possível falar em qualidade de vida numa situação destas. Será que é tão difícil o poder público construir umas 30 casas de alvenaria para que os pantaneiros daquela comunidade possam recuperar sua cidadania e dignidade? Pelo que pude perceber dos moradores a dificuldade enfrentada por eles está no fato de que o Porto da Manga possui poucos votantes. Isso mostra bem que o estado está pouco se lixando para as regiões que não possuem representatividade política, como é o caso dos pantaneiros.

De acordo com Maffesoli (2007) existe um saber enraizado na existência cotidiana. E, este saber que vem da simplicidade ganha força na expressão de um dos sujeitos da minha investigação que mora na comunidade há 42 anos. Ele será identificado como Z_22, um senhor analfabeto de 56 anos que, mesmo sem nunca ter frequentado os bancos escolares sabe que “*essa escola que tem aí é alugada e o dinheiro que já gastou alugando essa aí, já dava pra construir duas escola boa*”. Tenho que fazer essa pergunta: quem é o analfabeto? Quem o poder público pensa que engana? De tanto serem explorados, excluídos e por viverem

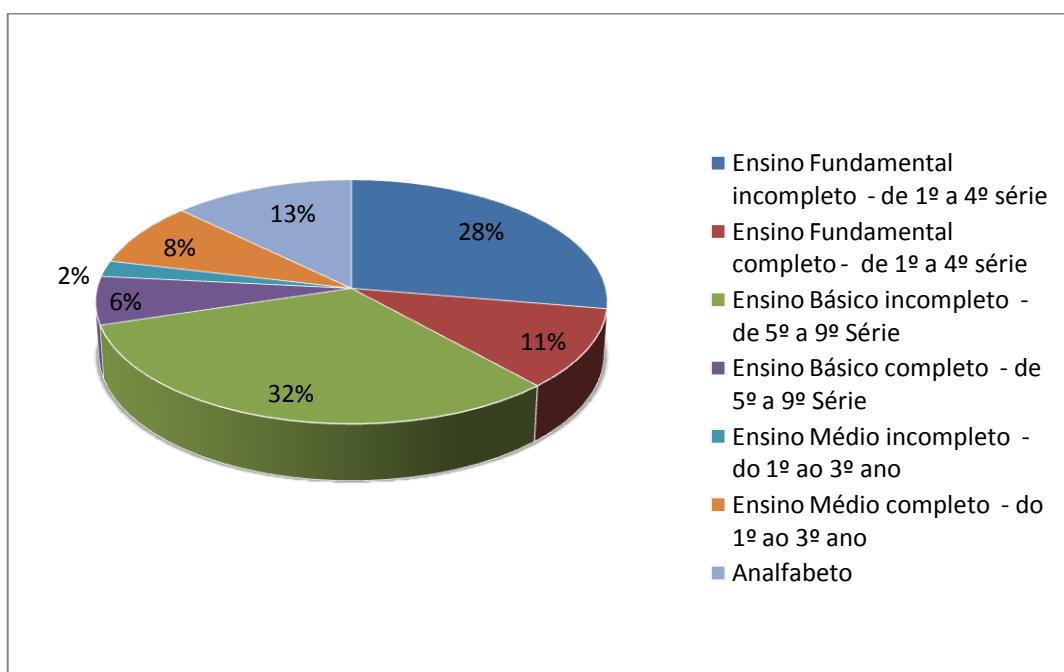
à margem da sociedade, eles podem ter perdido a voz, mas não deixaram de pensar a própria existência. Mas, quando as crianças chegam à adolescência são obrigados a enfrentar uma situação ainda mais revoltante. Ou abandonam a família para estudar na cidade indo morar na casa de algum parente ou abandonam a escola e ajudam os pais na coleta das iscas vivas. Como não percebem futuro na educação, pela falta da qualidade do que receberam, optam, ou melhor, são obrigados, na maioria das vezes a continuar seguindo os passos dos pais. Eles não têm como optar, uma vez que não possuem nem liberdade para isso. É um sistema escravocrata muito bem disfarçado pelo próprio poder público e pela sociedade para que as autoridades educacionais e sanitárias não se sintam culpadas pela omissão e por matar de forma sádica os seres humanos que devia proteger e servir.

São estas questões trazidas até aqui, que não me permitem falar de características sócio-demográficas desta pesquisa nem de causas e sintomas das doenças. O que encontrei na comunidade de Porto da Manga ultrapassa toda essa visão, muitas vezes reducionista de apresentar os dados de uma pesquisa. Com certeza, você que está lendo este material, já se deu conta de que não encontrei dados, mas uma realidade perversa capaz, não só de construir socialmente o adoecimento, mas de fazer morrer lentamente crianças, jovens e adultos que já não tem a quem recorrer para pedir socorro. Mesmo assim, acredito que é importante explorar alguns dados que, no final servem para reforçar ainda mais o descaso do poder público com a comunidade.

Dos 47 sujeitos que aceitaram participar desta pesquisa, apenas 8% deles começaram ou concluíram o ensino médio. Ao cruzar os dados da escolaridade com a renda familiar, percebe-se que os maiores salários na comunidade são dos moradores que possuem o maior índice de instrução. Eles também têm o menor número de filhos e são deles os jovens da comunidade que conseguiram se formar em um curso de graduação ou que estão cursando faculdade. As duas pessoas que conseguiram terminar os estudos universitários, não voltaram para a comunidade e, de acordo com os pais não pensam em retornar. Mas, ainda é muito cedo para dizer se a outra pessoa que saiu da comunidade para estudar vai retornar ao Porto da Manga. De acordo com os pais, ela está matriculada no primeiro ano de uma universidade particular e, além de estar enfrentando muitas dificuldades de aprendizado, pode não chegar a concluir a graduação por falta de dinheiro para pagar as mensalidades.

Do outro lado desta moeda estão os seis entrevistados, ou seja, os 13% que são analfabetos. Deles, dois não conseguiram assinar o nome e solicitaram a almofada de tinta para autorizar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido fazendo uso da impressão digital. Mesmo não tendo frequentado a escola, quatro participantes conseguiram, mesmo com dificuldade, assinar a autorização para a realização da pesquisa. Eles integram o lado de baixo da tabela, possuem mais de quatro filhos e ganham menos que um salário mínimo. Além destes seis entrevistados analfabetos, a pesquisa revelou que outros 19 sujeitos não conseguiram concluir a 4^a série do ensino fundamental. Assim como os analfabetos, eles também não ultrapassam a renda mensal de um salário mínimo. Percebe-se assim, que ao não investir na instrução dos ribeirinhos, o poder público tem como manipulá-los mais facilmente. Sem uma qualificação profissional, eles não possuem as mínimas condições de buscar um trabalho que possibilite melhores condições de vida. E, durante o período das cheias, os que conseguem ir para a periferia das cidades vizinhas (Corumbá e Ladário) acabam trabalhando em empregos que não exigem mão de obra qualificada e, com isso, são obrigados a retornar no período em que as águas começam a baixar para, novamente se sujeitarem a todo tipo de humilhação em busca da sobrevivência.

GRÁFICO 3 – Perfil educacional dos moradores da comunidade ribeirinha de Porto da Manga levando em consideração o grau de escolaridade dos entrevistados



Fonte: Jacir Alfonso Zanatta, 2012.

De acordo com o gráfico acima, 15 pessoas iniciaram o Ensino Básico, mas desistiram antes de terminar o 9º ano. Apenas três participantes concluíram o primeiro grau e cinco chegaram ao fim do Ensino Fundamental. Se forem somados todos os participantes que não terminaram o Ensino Básico o número é assustador, uma vez que 39 sujeitos da pesquisa, o que equivale a 83% dos participantes não conseguiram concluir o primeiro grau e apenas três conseguiram forças para terminaram o 9º ano. Diante desta realidade é possível perceber que a falta de instrução formal é um agravante nas condições de subsistência dos ribeirinhos. Por não terem estudo, acabam tendo que se sujeitar a desenvolver atividades que comprometem a saúde e colocam a vida em risco. No início cheguei a pensar que viviam em condições de vulnerabilidade, mas diante da realidade que encontrei no Porto da Manga, acredito que os ribeirinhos não podem nem ser classificados como vulneráveis. A situação que enfrentam não é mais de vulnerabilidade, mas de calamidade pública.

As entrevistas com os sujeitos da pesquisa com relação ao nível de escolaridade dos moradores revelam aquilo que Guareschi (2011) já apontava ao argumentar que a primeira exclusão estabelecida socialmente para muitos e, da qual outras derivam, é a de determinados conhecimentos. A exclusão educacional é uma das estratégias ideológicas de que o poder dominante se utiliza para reproduzir as relações de dominação. Nesta mesma linha de raciocínio, Paugam (2011, p.84) defende que “a precariedade profissional está diretamente relacionada com o baixo índice de renda e com as más condições de moradia”. Estas questões também se tornam observáveis quando se cruzam os dados referentes ao salário e ao nível de escolaridade dos moradores da região. Isso revela que as más condições de moradia estão diretamente associadas ao nível de escolaridade e ao ganho dos catadores de isca. Com isso, percebe-se que a comunidade acaba sendo excluída pelas transformações que vem ocorrendo no mundo do trabalho, o que só aumenta os problemas sociais existentes no local onde se acumulam as degradações das relações de trabalho.

Não é possível analisar as entrevistas feitas com os ribeirinhos sem levar em consideração a dimensão ética da injustiça e da violência psíquica que os moradores da comunidade vivem constantemente. É um sofrimento calado que se manifesta em olhares perdidos, cansados e desesperançados. As igrejas que vão até o local desenvolver suas atividades não conseguem nem olhar para os ribeirinhos. Se conseguissem, perceberiam a dor da vergonha que manifestam ao sair com os produtos “doados” embaixo do braço e com o olhar voltado para o chão o tempo todo, como se pudessem cavar um buraco para não serem

vistos. Com certeza esta não é uma dor física. É moral. Um pouco de sensibilidade e menos narcisismo destes “bons cristãos”, com certeza ajudaria a perceber que os ribeirinhos precisam muito mais de dignidade e cidadania do que de caridade.

7.2 JACARÉ

Para ser fiel à proposta de analisar as entrevistas com os animais da fauna pantaneira é preciso ir além dos sintomas de causa e efeito das doenças para os sujeitos desta investigação. Por este motivo, este tópico tem como título o jacaré, um dos animais que já esteve na lista de extinção. Mas, o que se percebe atualmente é que os pantaneiros estão em risco sendo ameaçados em sua condição humana. Esta ameaça tem raiz no descaso do estado que lentamente está dizimando os ribeirinhos e as comunidades da qual fazem parte. Estas questões apresentadas até aqui geram adoecimento físico e social nas pessoas que vivem no Pantanal. Percebe-se, pelo exposto que Iyda (1994) tem razão quando afirma que a relação saúde e doença não é e nunca será uma relação neutra. Ela é permeada pelos interesses de diferentes frações de classes envolvidas no processo de coleta das iscas, demonstrando que, em sua essência, o adoecimento dos ribeirinhos acaba se transformando num fenômeno político.

Para entender as questões políticas, afetivas e sociais que fazem parte do adoecimento dos ribeirinhos basta prestar atenção ao desabafo de uma das entrevistadas para esta pesquisa. De acordo com a pescadora as causas do adoecimento das pessoas da comunidade que trabalham com a coleta de isca dizem respeito ao fato de que

[...] a água muito suja e muito contaminada. Tem vez que a gente vai num lugar que a água tá até verde. Já telemos assim, sem macacão. Inclusive fiquei aborrecida com o comprador. Falei para ele suspender um pouco o preço que está muito baixo das iscas [...silêncio lágrimas....choro....] eu falei [silêncio.. lágrimas]. Ai eu falei assim: - A água está muito contaminada. E daí ele falou assim [silêncio... lágrimas... choro...]. Daí ele falou assim: - Não posso mais levantar o preço né. Daí eu falei assim: [silêncio...]. Aí [lágrimas... silêncio...] Ainda falei: - Nós vamos ficar doentes! Daí ele falou assim: - Cadê o arrastão! Vocês acabaram com o arrastão com o jacaré.... [lágrimas... silêncio...] Aí eu falei assim.... [silêncio... lágrimas..]. Quer dizer que o arrastão é mais importante que nossa saúde? [silêncio... lágrimas... choro...]. Daí ele falou: - É. [lágrimas...

choro... silêncio...]. Daí eu falei assim: - Então não vou mais pegar. Então o problema é seu. A gente estava até descascando da água suja. Ele falou que o arrastão dele era mais importante que nossa saúde? Daí não telei mais pra ele. Mas fiquei muito aborrecida com ele. A água estava verde, puro coco de jacaré, de tanta coisa suja, né? Daí eu vi que ele só queria explorar nós. Foi uma coisa muito [silêncio... lágrimas], mas tá bom. Eu esforço muito. A gente sai e pega pouquíssimo e para manter o freguês a gente esforça muito. Fico de manhã, fico à noite. O pé chega a ficar branco (Entrevistada Z_13, 47 anos).

Impossível não se comover com o desabafo desta catadora de iscas. São lágrimas de indignação perante a exploração e ao desprezo humano sentido na própria pele. O relato desta ribeirinha choca, revolta e deixa a gente com a sensação de que foi atropelado por um trem. Como discutir a relação de saúde e doença numa situação desta? Porque o poder público não toma nenhuma atitude? Com certeza desconhecem esta realidade, uma vez que o estado não se faz presente na comunidade. Esta fala não mostra apenas o sofrimento humano, mas o aniquilamento lento da existência. Diante desta realidade não dá para falar de modelo de saúde, de prática ampliada ou de vulnerabilidade. É preciso, em primeiro lugar resgatar a vida que se perdeu diante desta exploração.

De acordo com Z_15, “*uma dipirona resolve quase todos os problemas de saúde. Uma dipirona e um, por exemplo, um anti-inflamatório simples resolve*”. Pode ser que, por ter o maior salário da comunidade e nunca ter enfrentado a realidade descrita pela entrevistada Z_13 ela pense desta forma. O que ela ainda não percebeu é que dipirona e anti-inflamatório não conseguem devolver cidadania, orgulho, respeito e nem devolvem sonhos desfeitos. O fato é que, por contribuir com este ciclo de exploração, ela também não queira ver a dor daqueles que, com ela partilham do mesmo isolamento social.

No entanto, alguns relatos mostram que a omissão do estado e o descaso com a realidade dos coletores de iscas ultrapassam os limites aceitáveis da condição humana.

Fiquei doente porque tomei água do campo. Estava no meio do pantanal e estava com sede, precisei tomar [...] Às vezes fico o dia inteiro telando e pescando. O sol prejudica até o sangue. O sangue fica quente (Entrevistada Z_06, 67 anos).

Não interessa que tem só farinha para mim comer com peixe[...] A gente entra nesse capão e fica até cinco dias sem voltar pra casa (Entrevistada Z_05, 46 anos)

Você sabe que se você vai entrar você pode pegar um reumatismo, uma gripe. Mas se você precisa [...] Tá frio e você tá ali aguentando aquele frio

pra não perder o cliente. Você não quer ficar doente, mas às vezes você arrisca e daí fica doente. A maioria dos pescadores tem problema de vista, problema de coluna e de reumatismo. É a luta nossa de ribeirinho (Entrevistada Z_33, 52 anos).

No primeiro caso, temos um desrespeito ao estatuto do idoso. Uma senhora de 67 anos sendo obrigada a ficar o dia inteiro telando para coletar iscas vivas que serão vendidas a R\$ 0,25 (vinte e cinco centavos) não me parece uma situação de vulnerabilidade ou de saúde e doença, mas de morte. No segundo relato a exploração e a exclusão também são evidentes. Não basta ter que ficar o dia inteiro arriscando a vida, os ribeirinhos são obrigados a acampar no meio do Pantanal para conseguir cumprir com as entregas de peixes e iscas para os atravessadores. A situação que os pantaneiros são expostos para conseguirem sobreviver é revoltante. Observe que a entrevistada Z_33 expõe as condições desumanas que aguenta para não perder o cliente. As falas citadas acima mostram bem que estamos diante de questões muito mais graves que a relação de saúde e doença. Fico me perguntando se os turistas e pescadores que vem para o Pantanal conseguem imaginar que as iscas que compram estão cheias de exploração, dor, sofrimento e sangue humano?

Por meio dos relatos vistos até aqui, é possível perceber que Sawaia (2011) tinha razão ao ressaltar que todas as pessoas de alguma forma estão inseridas no circuito reprodutivo das atividades econômicas. O grande problema dos ribeirinhos é que eles estão inseridos neste contexto pelas privações que passam diariamente. Em vários momentos o termo exclusão acabou sendo utilizado sem, no entanto, que seu significado tenha sido explicado. De acordo com Sawaia (2011, p.08) exclusão é o “descompromisso político com o sofrimento do outro”. Percebe-se assim, que para a autora, a exclusão é um processo complexo que envolve questões materiais e imateriais. Exatamente como o que vem acontecendo na comunidade ribeirinha de Porto da Manga. Por isso, é urgente resgatar a cidadania desta população, uma vez que na condição que se encontram, já não conseguem nem agir coletivamente. Antes de pensar o público, eles precisam encontrar o que comer. É a sobrevivência batendo à porta constantemente. Com isso os problemas com o lixo e com a organização do coletivo para ganhar força acabam sempre ficando em segundo plano.

De acordo com Arendt (2010) as pessoas que vivem aprisionadas no trabalho não conseguem conservar as marcas da pluralidade uma vez que estão obrigados a se experimentar apenas em meio aos demais, na divisão de tarefas em vista do propósito de

vencer os imperativos da necessidade de apenas estar vivo. Diante desta realidade não tem como não pensar nas afirmações feitas por Sawaia (2011) quando a autora busca mostrar que

O sofrimento ético-político abrange as múltiplas afecções do corpo e da alma que mutilam a vida de diferentes formas. Qualifica-se pela maneira como sou tratada e trato o outro na intersubjetividade, face a face ou anônima, cuja dinâmica, conteúdo e qualidade são determinados pela organização social. Portanto, o sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade (SAWAIA, B. 2011, p.106).

É importante observar que os processos emocionais fazem parte da Representação Social que os ribeirinhos possuem de si mesmos. Desta forma eles possam criar estratégias para enfrentar as adversidades do modo de produção capitalista que vê o ser humano como mão de obra barata. Minayo (2011) acredita que a linguagem deve ser tomada como forma de conhecimento e de interação social. Isso, porque é por meio dela que se manifestam os sentimentos e os afetos que contribuem para se ver com nitidez o que os ribeirinhos vivem no seu dia-a-dia.

O relato acima mostra bem o que vem defendendo Jodelet (2011) ao afirmar que nos contextos de exclusão social reinam valores que favorecem o desprezo das vítimas. Mesmo pensamento tem Sawaia (2011) ao argumentar que

[...] se os brados de sofrimento evidenciam a dominação oculta em relações muitas vezes consideradas como parte da natureza humana, o conhecimento dos mesmos possibilita a análise da vivencia particular das questões sociais dominantes em cada época histórica, em outras palavras, da vivencia do mal que existe na sociedade (SAWAIA, B., 2011, p.101).

Percebe-se assim, que para Sawaia (2011) estudar a exclusão social por meio das emoções dos que vivem é se permitir refletir sobre o cuidado que os órgãos públicos possuem sobre seus cidadãos. No entanto, há um pequeno problema. Para os ribeirinhos investigados nem as condições básicas de cidadania são respeitadas para que se possa discutir o cuidado que o estado deveria ter com os que estão sob sua tutela. Desta forma, as emoções dos sujeitos desta pesquisa mostram o descompromisso tanto do estado quanto da sociedade civil para com o sofrimento humano. No entanto, Sawaia (2011) alerta para o fato de que não basta classificar as emoções dos excluídos, é preciso reconhecer os motivos que causam este sofrimento. Só assim, será possível reconhecer as implicações que emocionam cada ser humano que vive à margem da existência por falta das condições mínimas de sobrevivência.

Mas é importante prestar um pouco mais de atenção ao alerta feita por Guareschi (2011) ao defender que o mundo do trabalho está se estruturando a partir de mecanismos que impossibilitam o acesso das pessoas. Desta forma se faz necessário prestar muita atenção aos dados coletados. Caso contrário corre-se o risco de se pensar as informações levantadas fora da relação social onde elas foram produzidas. Quando isso acontece, segundo Guareschi (2011) o ser humano acaba por se tornar o único responsável pelo seu êxito ou pelo seu fracasso. Assim, se legitima quem vence e degrada-se o vencido.

7.3 COBRA

Mais do que as enchentes e as secas que assolam o Pantanal, o medo dos ribeirinhos recai sobre os animais com os quais são obrigados a dividir o espaço e, muitas vezes, a alimentação. Com 53 anos, semianalfabeta e mãe de 10 filhos, Z_37 sabe dos perigos da profissão e acredita que todo o cuidado é pouco. Ao pensar no processo de adoecimento, ela relaciona com os riscos diários vivenciados na coleta de iscas vivas. De acordo com a entrevistada “*o que pode ser é o seguinte. É esse negócio de você telar o dia inteiro a noite inteira dentro d’água [...] Ali você está arriscado, a sucuri e jacaré tudo te pegar*”. O mesmo temor é percebido na entrevista concedida por Z_10. Um senhor de 49 anos, pai de três filhos e morador da comunidade há 20. Para ele, assim como os animais, a doença é imprevisível. “*Aqui é só uma mordida de cobra, ou um jacaré pegar no brejo. Aqui não é igual na cidade*”. Diante destas entrevistas é possível perceber que o processo de adoecimento vai além do que pode ser visto ou meramente percebido numa primeira observação. Aqui parece que os ribeirinhos se convertem em presas, como se estivessem sendo caçados por predadores, uma involução na escala zoológica.

No entanto, um dos relatos mais duros com relação a situação de exploração e com a falta de humanidade foi feito por uma senhora de 35 anos. A fala da moradora mostra o descaso e abandono vivenciado pelos pantaneiros de uma forma geral.

Teve uma mulher que veio de lá de cima. Ela tava com um barrigão. Ela tava pegando isca. Daí a cobra picou ela. Ninguém queria levar. Ela ficou aí debaixo desse museu aí. Ela com o barrigão. Morreu aí mesmo com a criança. Porque ninguém levou a mulher para Corumbá. Ninguém deu

carona. se você não tiver um carro pra levar ou senão pagar a gente morre aqui. Não tem um médico, não tem um nada (Entrevistada Z_35).

Diante de um relato deste a gente fica paralisado. Todos os problemas se tornam pequenos e perdem o sentido diante da experiência de morte descrita pela pantaneira. Mas, a fala transcrita acima revela nas suas entrelinhas, um problema, aparentemente simples de se resolver e que afeta todos os moradores: a falta de transporte público. Com isso, o discurso de que o estado está matando lentamente os ribeirinhos também cai por terra. O poder público não tem como matá-los de forma rápida para resolver a situação então, a impressão que se tem é a de que ficam torcendo para que os animais do Pantanal terminem o serviço que o estado começou.

As questões relacionadas com o transporte chamaram a atenção deste investigador na hora das entrevistas. Os moradores de Porto da Manga se sentem completamente desamparados, desprotegidos e abandonados pelo estado por não serem atendidos na mais básica das funções: o direito de ir e vir. É como se não fizessem parte do mundo. Durante as cheias a sensação que se tem é a de que vivem numa ilha onde só é possível chegar de helicóptero ou de barco. Um exemplo claro desta situação está no fato de que esta pesquisa só se realizou depois que as águas voltaram ao seu ciclo normal. Mesmo com um carro disponível eu não conseguia chegar à comunidade por causa das águas que cobriam as estradas e por causa das pontes derrubadas. É bom ressaltar que o poder público tem se mostrado até eficiente em arrumar as pontes destruídas pelas enchentes. Mas não vá pensando que esta agilidade está ligada aos ribeirinhos. A estrada e as pontes precisam estar transitáveis para os turistas. São eles que ajudam a movimentar a economia do estado. Os pantaneiros servem apenas para ajudar a compor a paisagem. Com isso, quanto menos contato eles tiverem com a cidade, mais podem interessar aos visitantes que ficam boquiabertos com a “resistência” e com a forma de vida “simples” dos moradores. Uma espécie de parque nacional que preserva um certo tipo de humanos em condições cavernícolas.

Para nós ir na cidade tem que pagar condução. R\$ 150 para ir e R\$ 150 para voltar. Faz falta uma linha de ônibus. A doença que a gente mais vê é febre, diarreia e dor de cabeça. Como a gente não tem como ir para a cidade, fica na base de remédio caseiro (Entrevistado Z_11, 47 anos).

E, um ônibus também é bom. Você traz um monte de coisa e paga só aquela taxinha. Isso é bom pra nós aqui na Manga (Entrevistado Z_24, 36 anos).

O médico disse que estou com problema de coração, mas até hoje não consegui fazer os exames que o médico pediu. Não faz pelo SUS. Tem que

pagar e é muito caro. Trabalhei, trabalhei, mas não consegui dinheiro. É duro você está doente sem poder comprar um remédio. Sem você poder trabalhar para poder comprar aquele remédio. Já pensou você estar doente e não poder fazer nada? E não ter ajuda nenhuma? Torna difícil. De onde você vai tirar dinheiro pra poder pagar um carro até a cidade? Tem que rezar pra não ficar doente. Principalmente quem não tem carro. Não tem nada, como é que você vai? E se você não tem dinheiro como você faz? O que você ganha morre tudo aqui [...] Ganha só pra come. Se conseguir guardar um dinheirinho é até sair o seguro e olha lá [...] (Entrevistada Z_33, 52 anos).

Pelo exposto acima, é possível perceber que os moradores de Porto da Manga gastam R\$ 300,00 (trezentos reais) para fazer o percurso ida e volta da comunidade até a cidade de Corumbá. Não basta serem esquecidos pelo poder público, eles são também explorados por aqueles que, por terem um veículo estão em situação econômica melhor do que os pantaneiros. Em quem eles podem confiar? Qual a dificuldade enfrentada pela prefeitura para colocar um ônibus para fazer a linha uma vez por semana? Deve estar no fato de que o prefeito e os vereadores não precisam utilizar o transporte público e, quando vão até a comunidade é para se divertir e não para ver os problemas que os moradores enfrentam. A entrevistada Z_33 carrega tanta mágoa e dor pela situação de miséria e descaso que está vivendo que durante nosso bate papo, ela respondia minhas perguntas com mais perguntas. Deixei sua casa com a sensação de que ela queria escutar alguma resposta que a ajudasse a compreender porque alguns possuem tanto e outros tão pouco.

Diante de tudo o que escutei dos sujeitos que aceitaram contribuir com esta pesquisa é importante prestar atenção ao alerta feito por Sawaia (2011). De acordo com a autora, ao analisar as ambiguidades existentes na exclusão o pesquisador precisa captar o enigma da coesão social sob a lógica da exclusão na sua versão social e subjetiva. Uma tarefa complicada, mas, ao entrar na vida daqueles seres humanos tão singulares, as questões subjetivas dos entrevistados começaram a aparecer e a fazer sentido dentro do que eu estava me propondo a investigar.

Por isso, a exclusão não é resultante apenas da ausência de renda, mas de fatores como acesso aos serviços públicos. Desta forma os mecanismos de exclusão criam, de acordo com Wanderley (2011, p. 25), “indivíduos inteiramente desnecessários ao universo produtivo, para os quais parece não haver mais possibilidades de inserção”. Percebe-se assim, que os ribeirinhos acabam sendo descartáveis pelo sistema durante o período em que a pesca é

proibida. Ao dependerem dos programas assistencialistas criados pelo governo, cria-se a falsa ilusão de que eles possuem autonomia, liberdade e cidadania.

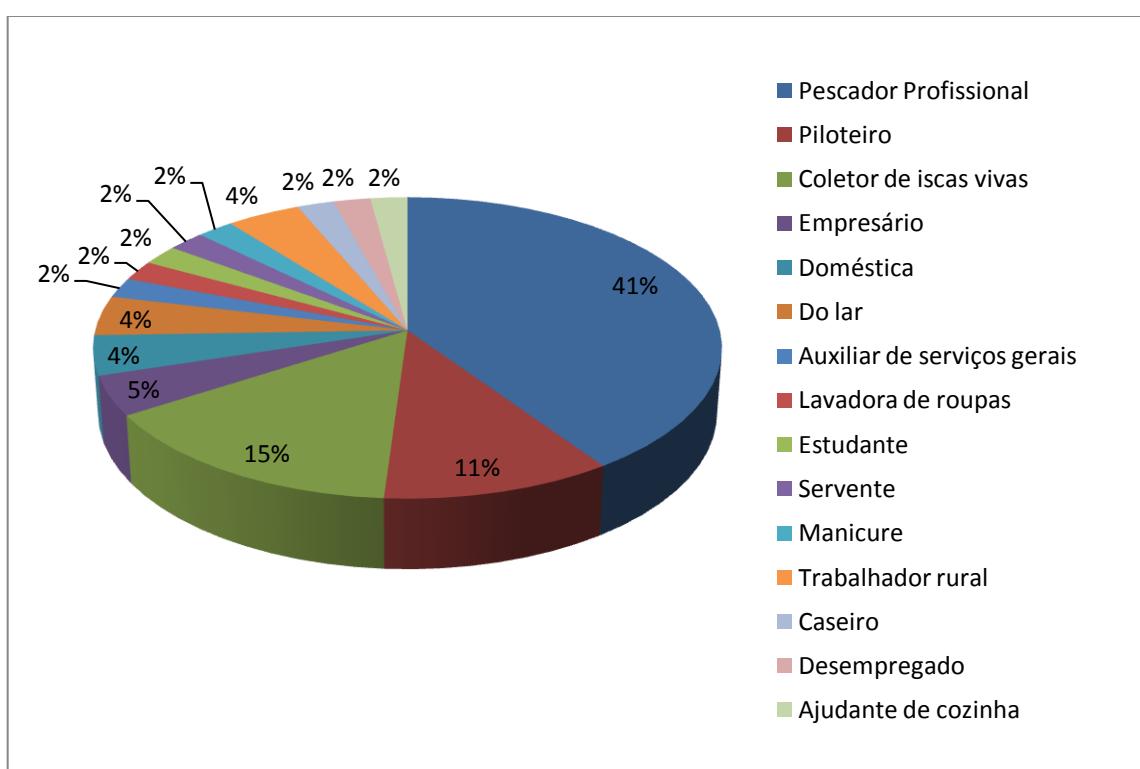
Mas, é preciso prestar atenção nos fenômenos da exclusão. Até porque, os integrantes da comunidade são, em sua maioria, de acordo com Carreteiro (2011) os que permanecem à margem das grandes dimensões institucionais como sistema de educação, saúde e trabalho. Isto significa perceber que os sujeitos desta pesquisa mantêm posição social extremamente frágil. De acordo com Sawaia (2011) se faz necessário colocar no centro das discussões sobre exclusão a ideia de humanidade. Desta forma, é possível perceber que a temática da exclusão gira em torno do sujeito e da maneira como ele se relaciona com o social. Assim, Sawaia (2011, p.100) defende que ao falar de exclusão, “fala-se de desejo, temporalidade e de afetividade ao mesmo tempo que de poder, de economia e de direitos sociais”. Wanderley (2011) reforça esta postura ao alertar para o fato de que os excluídos são rejeitados física, geográfica e materialmente do mercado e de suas trocas. Eles também são excluídos, de acordo com Wanderley (2011, pp.18-19), “de todas as riquezas espirituais, seus valores não são reconhecidos, ou seja, há também uma exclusão cultural”. Mas, apesar de toda exploração e exclusão sofridas, eles precisam se reconhecer uns nos outros como membros do mesmo grupo.

Durante as entrevistas também foi possível constatar que Paugam (2011) tinha razão ao afirmar que a miséria humana reveste-se de um status social desvalorizado e estigmatizado. Esta quem sabe, seja a explicação para o fato de que os ribeirinhos têm dificuldade de se aceitarem como coletores de iscas. Para Paugam (2011) os pobres são obrigados a viver numa situação de isolamento, procurando dissimular a inferioridade de seu status no meio em que vivem. Pelo exposto é possível notar que os entrevistados se reconhecem em categorias heterogêneas, o que aumenta a divisão, desunião e o isolamento entre eles. A pesquisa revela ainda que, em algum momento, todos passaram pelo processo de desqualificação social e acabaram se tornando dependentes dos serviços sociais, principalmente no período de defeso. Por isso, a humilhação que sofrem diariamente por serem coletores de iscas os impede de aprofundar qualquer sentimento de pertença a uma classe social.

Conforme gráfico abaixo, é possível perceber que, com relação a ocupação profissional dos habitantes da comunidade, levou-se em consideração a primeira profissão

informada por eles. Esta observação é importante, uma vez que, por serem obrigados a desenvolver outras atividades no período de defeso, muitos não se reconhecem como tirando o próprio sustento da pesca e de seus derivados. Dos entrevistados, 19 deles se declararam pescador e fizeram questão de reforçar que são profissionais, ou seja, durante as entrevistas faziam questão de dizer que eram profissionais. Apenas sete assumiram que são coletores de iscas vivas e cinco se posicionaram como piloteiros. É interessante observar que ao serem indagados se também coletavam iscas vivas, todos foram unâimes em afirmar que sim. Percebe-se assim, que dos 47 entrevistados, 31 sustentam a família das atividades ligadas diretamente à pesca.

GRÁFICO 4 – Perfil dos trabalhos desenvolvidos pelos moradores da comunidade ribeirinha de Porto da Manga



Fonte: Jacir Alfonso Zanatta, 2012.

É importante observar ainda, que de todos os entrevistados, apenas uma pessoa afirmou estar desempregada no momento da entrevista. Ao fazer uma comparação com a faixa etária dos entrevistados, constata-se que os mais jovens, com idade entre 18 e 29 anos possuem maior dificuldade de se aceitarem como coletores de iscas. A pessoa mais jovem que concedeu entrevista estava com 18 anos e informou que era estudante. Ao indagar sobre a

série que estava estudando, a entrevistada afirmou apenas que tinha parado de estudar na 6^a série e que estava ali na comunidade ajudando os pais na coleta de iscas. As outras duas pessoas mais jovens da entrevista, uma com 20 e outra com 21 anos se declararam doméstica e manicure, respectivamente. As duas também confirmaram que nos dias em que não estão exercendo a profissão ajudam a família a coletar iscas.

A investigação revelou ainda que os ribeirinhos que moram na comunidade de Porto da Manga não possuem vínculos sociais o que atualmente acarreta a fragilidade e a dependência a que são submetidos constantemente aos órgãos públicos. Diante disso, Carretero (2011) argumenta que as pessoas que pertencem as categorias profissionais que possuem um acúmulo de desfiliações sociais como habitação e educação o trabalho legalizado é o único meio simbólico que eles encontram para manter algum tipo de vínculo com a cidadania. Me parece que este é um dos motivos deles insistirem tanto em se denominarem pescadores profissionais. É como se pertencessem a uma classe e com isso recuperassem a própria cidadania.

7.4 PIRANHA

Outro animal que não é muito visto, mas é temido pelos ribeirinhos é a piranha. Não assusta tanto como jacaré, a cobra ou a onça, mas seus dentes afiados podem fazer um estrago se a pessoa não tiver o cuidado necessário quando for pegar as iscas de dentro das telas. Uma das entrevistadas com apenas 18 anos já sabe bem o que significa a piranha para quem sobrevive da coleta de iscas. Identificada como Z_08, a jovem explica que já foi obrigada a ficar internada por causa do peixe. De acordo com a entrevistada, ela já foi mordida de piranha. Z_08 explica: “estava coletando iscas. Foi uma mordida só no pulso e daí fiquei internada três dias”. Pelo exposto até o momento é possível perceber que a produção social do adoecimento dos ribeirinhos também passa pelo trabalho que desempenham.

É importante observar que para a grande maioria dos entrevistados ter saúde é poder trabalhar e ficar doente é estar incapacitado de exercer suas atividades profissionais.

Pela forma como se posicionam nas entrevistas, é possível constatar que eles não gostam de depender dos demais para o desenvolvimento das atividades e que ninguém quer ser um fardo para o outro. Isso mostra bem que Singer; Campos e Oliveira (1988) têm razão ao defender que na sociedade capitalista, as pessoas são consideradas doentes em função de sua incapacidade de desempenhar seus papéis.

Mas, é preciso prestar atenção ao alerta feito por Stroebe e Stroebe (1995) quando comentam que as pessoas terão probabilidade de realizarem comportamentos de proteção à saúde se (1) perceberem a presença de uma ameaça à saúde, (2) se essa ameaça parecer séria, e (3) por fim, devem se sentir capazes de efetuar alguma ação que (4) tenha probabilidade de aliviar a ameaça à saúde e que (5) não exija muito esforço nem envolva custos muito elevados. No entanto, Stroebe e Stroebe (1995) alertam para o fato de que tentativas efetuadas para persuadir as pessoas a alterarem os seus estilos de vida têm sido dificultadas por dois fatores. Em primeiro lugar, pela dificuldade que existe em convencer as pessoas de que estão vulneráveis a um risco para a saúde e, em segundo lugar, pelo fato de que mesmo que as pessoas estejam persuadidas de que devem alterar os comportamentos prejudiciais à saúde, por vezes consideram ser difícil efetuar essa alteração. Os moradores do Porto da Manga sabem dos riscos para a saúde no trabalho que desenvolvem, mas, a falta de instrução e de novas oportunidades, acaba obrigando os ribeirinhos a se subjugarem a um regime de opressão e de adoecimento.

Para compreender a relação do trabalho com o adoecimento é importante perceber o sofrimento de um dos entrevistados ao relatar que causou a morte de dois filhos por não saber manusear os instrumentos do seu trabalho diário.

Em 83 pegou fogo na minha casa [silêncio... olhar distante... começa a mexer a mão e os pés...] Perdi duas crianças. Um guri e outra menina. [voz trêmula... silêncio.... pigarro na garganta... a voz fica embargada... olha para o céu... os olhos ficam cheios de lágrimas]. E esse sinal tudinho é do fogo. [se olha em silêncio...] Tava mexendo com gasolina. Tava enchendo o tanque pra sair outro dia cedo. Só que a casa fechada e eu não tinha mais ou menos a orientação como que era. Se estivesse aberta ou a janela saia o vapor [silêncio... olha para cima...] Essa luz aí chegou tem uns dois anos. Antes era vela e lamparina [a voz volta a ficar trêmula.. vira a cabeça para o lado do rio] Daí começou a depositar o gás lá, da gasolina. De repente eu só senti que explodiu na minha cara. Pra não coisa eu peguei o tanque e saí. E quando saí trompou no, no [olha para o chão... fica um tempo em silêncio..] Eu tinha um armário bem na porta cheinho de vasilha. Bateu o tanque no armário daí derramou mais gasolina ainda e daí pegou fogo mesmo. Sai com o tanque, joguei o tanque pra fora pegando fogo, daí eu caí

na água [olhos cheios de lágrimas... silêncio]. Daí me levaram. Eu, a mulher e duas crianças [...] A menina morreu no caminho, no rio. Tinha nove meses. O guri tava com dois anos. Morreu no hospital quando tomo o soro (Entrevistado Z_22, 56 anos).

Aproximadamente 30 anos depois o sofrimento psíquico ainda é latente. Uma ferida que teima em não cicatrizar. O rosto sofrido e as mãos calejadas reclamam apenas das dores nas costas por ter que ficar muito tempo sentado pilotando barco para poder sobreviver. A tragédia, segundo ele, fez com que o casamento não resistisse. Percebe-se aqui, que Backes [et al] (2009) têm razão quando defendem que a doença possui caráter histórico e social, sendo que a natureza social se verifica no modo característico de adoecer e morrer nos grupos humanos. Desta forma se faz necessário ressaltar que para Backes [et al] (2009) a concepção de saúde como qualidade de vida é condicionada por vários fatores que englobam inclusive paz de espírito, abrigo decente, equidade e justiça social. Nota-se, no relato acima que além de acarretar sofrimento psíquico, a doença deixa marcas profundas, sobretudo em quem foi por ela afetado, mas em alguma medida, aos que o cercam também são atingidos.

Buscando aprofundar um pouco mais esta análise é importante observar que a Psicologia Social oferece um importante aporte teórico para quem busca compreender os significados e os processos criados pelos homens para explicar o mundo. Percebe-se assim, que Duveen (2003) tem razão quando argumenta que o conhecimento emerge do mundo onde as pessoas se encontram e interagem com suas necessidades e desejos, satisfações ou frustrações. Assim, fica fácil perceber que Spink (1993) está correta ao mostrar que a Representação Social é uma construção do sujeito inserido dentro de um processo social. Assim sendo, estudar a saúde e doença é, num primeiro momento, perceber não é possível desvincular a saúde do ambiente concreto no qual o sujeito está inserido, uma vez que o contexto influencia na vida psíquica dos participantes/sujeitos da pesquisa. Assim, para encerrar a análise das características sócio-demográficas dos participantes desta pesquisa, é possível notar que Contini (2010) tem razão ao defender que a saúde de uma população é condicionada pela nutrição, moradia, higiene, condições de trabalho, lazer, educação e todos os demais fatores ambientais onde as pessoas estão inseridas.

Dentre as causas mais comuns apontadas pelos moradores para as doenças estão as que seguem abaixo:

A alimentação não é balanceada. No tempo de frio tem sair para pescar com turismo. Frio e chuva o dia inteiro (Entrevistado Z_01, 46 anos).

Uns falam que é do alimento que a gente come. Gosto muito de coisa gorda. Peixe frito e carne frita. Tem vez que pode ser a teimosia da gente. Você insiste a comer e a beber aquilo ali. A necessidade obriga você a fazer aquilo ali. Você entendeu? E aonde vem causar o problema para você. Não é fácil (Entrevistada Z_05, 46 anos).

A gente tela a noite e daí fica muito dentro da água. Muita água fria no rio. Isso causa muita doença. Chego a ficar umas oito horas por dia coletando isca que são vendidas a R\$ 0,25 centavos (Entrevistada Z_07, 35 anos).

Pela fala dos entrevistados é possível perceber que os mesmos possuem consciência de que as causas do adoecimento dizem respeito ao trabalho que exercem. Pelo exposto acima é possível perceber ainda que Minayo (1999) está correta ao afirmar que a saúde e a doença acabam envolvendo uma rede complexa onde os aspectos físicos, psicológicos, sociais e ambientais estão interligados uns nos outros. Neste sentido é importante lembrar o que Scliar (2007) defende com relação ao conceito de saúde. Para Scliar (2007) a saúde reflete sempre a conjuntura social, econômica, política e cultural de uma determinada localidade.

As entrevistas mostram ainda que uma das causas do adoecimento físico dos moradores da comunidade ribeirinha de Porto da Manga está relacionada, principalmente ao fato dos ribeirinhos não possuírem água tratada. Como o local não possui saneamento básico e sistema de tratamento da água para consumo humano, os moradores acabam sendo obrigados a tratarem individualmente a água que vão consumir. Mesmo com todo o cuidado que tomam com relação a medida dos produtos químicos utilizados no tratamento da água, eles reclamam que, algumas vezes, erram a medida e a água acaba ficando amarga o que gera, segundo os entrevistados, dores no estômago e diarreia. A forma como os moradores descrevem o tratamento que recebem quando procuram os serviços de saúde mostra que eles não confiam no poder da ciência instituída pelo modelo biomédico. Também é possível perceber a falta de perspectiva de futuro, uma vez que dependem da coleta de isca para sobreviver e por isso, adoecer é na concepção dos ribeirinhos, inevitável.

Foi de uma hora para outra. Eu estava de boa né. De uma hora para outra eu comecei a ficar ruim. Não fiquei internado, mas ia todo dia no médico particular. E o médico vagabundo só pegou meu dinheiro e deixou eu falando sozinho (Entrevistado Z_04, 53 anos).

Não tem como não ficar doente. Eu tento tomar água limpa, tratar a água. Mas, mesmo assim ainda fico doente. Pra mim não ficar doente eu não tenho que tela. Porque eu ando muito com meu pé, ele dói. Mas não tem como, eu tenho que trabalhar né. Não tem como eu cura, porque o reumatismo dá de

eu andar, de eu ficar na água ali né. Aí não tem como, eu vivo disso (Entrevistada Z_23, 41 anos).

Quando a Marinha passa, eles receitam remédio, mas não tem como a gente ir para a cidade comprar. Então não resolve nada (Entrevistada Z_07, 35 anos).

Eu sou proibida de ficar no sol e eu fico... não posso tomar muito sol e eu fico... E a noite às vezes nós vamos telar a tuvira e eu fico dentro da água (Entrevistada Z_09, 55 anos).

Diante do que foi exposto até aqui, é importante ressaltar que para Oliveira (2011, p.602) as representações sociais se articulam em redes interdependentes. Desta forma, “pode-se inferir que as representações de saúde e doença interagem para determinar concepções específicas de necessidades humanas e de saúde”. Assim, Oliveira (2011) defende que quanto mais complexas forem as representações de saúde e doença, maiores serão as demandas por saúde, uma vez que as necessidades das pessoas, enquanto representações são determinadas, dentre outros aspectos, pelas concepções de saúde e doença socialmente construídas.

Observa-se aqui, que Rosen (1979) tem razão ao defender que a relação entre saúde e doença mostra a instabilidade entre os vários componentes do corpo e entre o corpo e o ambiente externo onde ele se manifesta. Com isso, percebe-se que Dejours (1986) está correto ao defender a saúde como uma sucessão de compromissos com a realidade. Fica evidente então, que a saúde é um processo em permanente construção e conquista. Dejours (1986) defende ainda que a realidade do ambiente material, a realidade afetiva e a realidade social devem ser levadas em consideração quando se pretende trabalhar a saúde de uma determinada população.

Para entender as causas e os sintomas das doenças enfrentadas pelos ribeirinhos, se faz necessário compreender como as ações individuais e coletivas acontecem no contexto das relações sociais vivenciadas no espaço da própria comunidade. Desta forma, é preciso valorizar a cultura dos moradores da comunidade, que por estarem à margem da sociedade, acabam buscando na sabedoria popular a forma de combater os males que sofrem e enfrentam na difícil luta pela sobrevivência. Assim, fica claro o que Moscovici (2011) tentou mostrar ao afirmar que as pessoas não são apenas processadoras de informações, nem meros portadores de ideologias ou crenças coletivas, mas pensadores ativos, que, produzem e comunicam representações e soluções específicas para as questões que se colocam a si mesmas.

Esta postura fica evidente nas falas dos três entrevistados que seguem abaixo.

Tem que fazer tudo possível para não acontecer né. Mas não tem jeito. Para começar, você sair fora de hora no rio já é perigoso pegar uma gripe e tudo quanto é troço esquisito. Dentro da casa é outra coisas, mas sai madrugada para trabalhar e daí está arriscado a pegar tudo. Para quem luta com este tipo de serviço é um pouco complicado. (Entrevistado Z_04, 53 anos).

Eu sinto muita a coluna.... eu trabalho muito sentado né. Trabalho muito sentado e faço muita força. É que na telação a gente faz força. E conforme eu já to de idade né.... era a coluna. Que eu sinto muito a coluna. De vez em quando eu to ruim aí. Não posso nem andar quase.... Daí eu fico deitado tomo um remédio e vou dali benzê com a dona ali... E ela benze... E, a gente tendo fé né, sara. (Entrevistado Z_22, 56 anos)

Eu tomo muito sol na cabeça. Mas é que não tem hora. Eu saio daqui meio dia, uma hora, duas hora da manhã, três horas da manhã. Porque é eu que sustento a casa. Tenho meus filhos, mas é eu que sustento a casa. Porque não tem pai então eu que tenho que sustentar. Eu que sou mãe [...] O que pode ser é o seguinte. É esse negócio de você tela o dia inteiro a noite inteira dentro d'água com água por aqui. Ali você está arriscado, sucuri e jacaré tudo te pegar. (Entrevistada Z_37, 53 anos).

Todos sabem que a água é fator de adoecimento, mas em nome da sobrevivência, os ribeirinhos são obrigados a enfrentam o mau tempo para coletar as iscas. Outra questão que precisa ser ressaltada aqui está no fato dos ribeirinhos buscarem na flora local o tratamento para suas enfermidades. Apenas quando os chás e as rezas não dão o resultado esperado, eles buscam auxílio médico. Percebe-se assim, que para os moradores da comunidade, o saber popular é um recurso necessário antes de qualquer visita ao médico. Observa-se ainda que neste processo de valorização dos recursos naturais oferecidos pela flora, há de acordo com Alaya (2011) uma gama grande de informações e interações entre as representações que circulam na comunidade e a realidade vivenciada pelos ribeirinhos.

É importante observar ainda, que de acordo com Scliar (2007) a concepção mágico-religiosa da doença parte do princípio de que a doença resulta da ação de forças alheias ao organismo, como a sorte ou até mesmo a imprevisibilidade, conforme mostra a pesquisa. Observe nas falas abaixo que, conforme alerta Stroebe e Stroebe (1995), os ribeirinhos, ao focalizarem unicamente as causas biológicas da doença, acabam por ignorar o fato de que muitas doenças são resultantes de uma interação de acontecimentos sociais, psicológicos e biológicos. Mas, para quem está esquecido pelo poder público, tudo o que resta é apelas para benzimentos e orações. A única benzedeira da comunidade acaba fazendo, sozinha muito mais de que o poder público faz por toda a comunidade.

Eu sentia muita dor no peito...Curei na base de benzeção (Entrevistado Z_11, 47 anos).

De vez em quando eu to ruim aí. Não posso nem andar quase.... daí eu fico deitado tomo um remédio e vou ali benzer com a dona ali... ela benze... e a gente tendo fé né, sara (Entrevistado Z_22, 56 anos)

Aqui tem a benzedeira que passa uns remédios e às vezes benze (Entrevistada Z_23, 41 anos).

Porque posto de saúde é muito impossível vim, que não vai vim. Isso daí só vai ficar na ilusão né? (Entrevistado Z_32, 39 anos).

É importante observar que a fala dos entrevistados, além de ser carregada de afeto, traz no seu bojo a visão social, política, econômica e cultural da comunidade da qual fazem parte. Nesta linha de pensamento estão Guareschi e Jovchelovitch (2011) ao argumentarem que o caráter simbólico e imaginativo dos ribeirinhos traz à tona a dimensão dos afetos. Isso porque a construção da significação simbólica que a comunidade tem de si mesma é ao mesmo tempo um ato de conhecimento do mundo que a cerca, mas também é um ato afetivo que exige interação e participação com os demais membros que compõem a coletividade.

Muitos entrevistados têm um discurso de que não adianta se cuidar, a doença vem de qualquer jeito. Percebe-se assim, que o adoecimento também está ligado ao fator sorte e imprevisibilidade.

A gente nunca espera ela. Sempre ela vem. A doença é imprevisível (Entrevistado Z_10, 49 anos).

Vai na sorte mesmo. (Entrevistado Z_17, 25 anos)

A gente procura não ficar doente. Porque a doença é uma coisa ruim que não dá pra fazer nada. A gente não precisa faze pra doença vim ela vem sozinha (Entrevistado Z_20, 33 anos).

Pelo exposto é possível observar que Rosen (1979) tem uma percepção correta da relação entre saúde e doença, uma vez que o adoecimento mostra a instabilidade entre os vários componentes do corpo e entre o corpo e o ambiente externo onde ele se manifesta. Esta posição também é defendida por Traverso-Yépez (2001) quando mostram que a doença gera nas pessoas sentimentos de insegurança e temor, uma vez que a população de um modo geral conhece cada vez menos o funcionamento do próprio corpo, desvalorizando os sinais emitidos antes do processo de adoecimento. Com isso se justifica o discurso dos ribeirinhos de que não tem nada para ser feito com relação à doença, ela sempre vem.

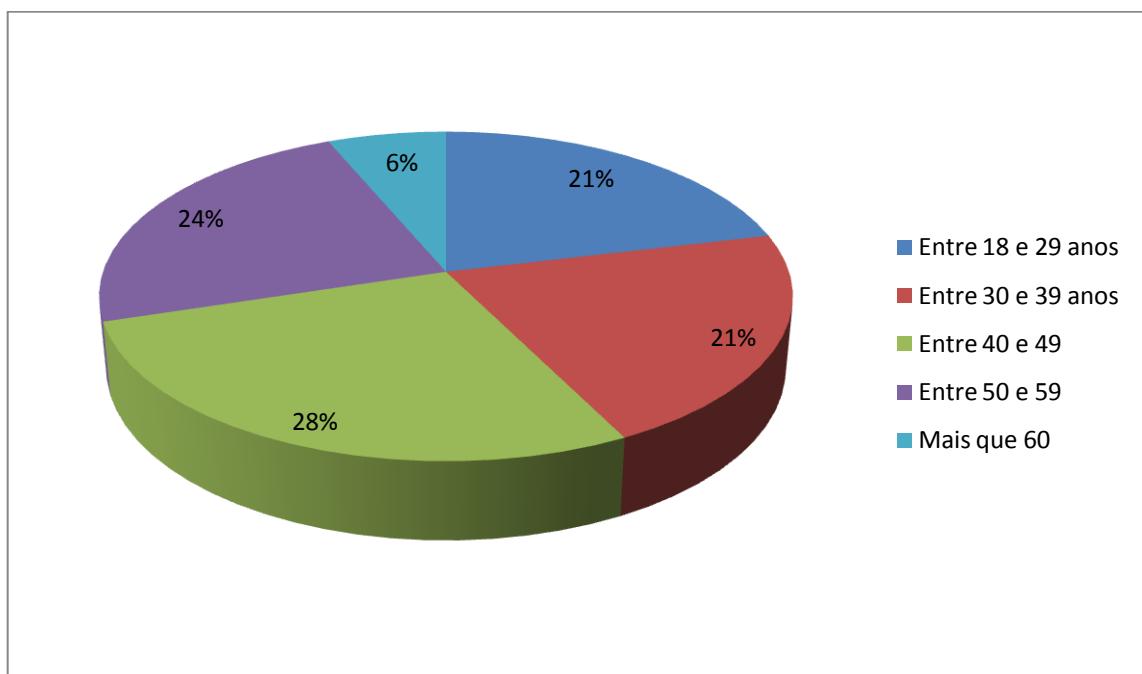
7.5 TUVIRAS

As Tuviras não ameaçam os ribeirinhos como os demais animais. Elas representam o desejo e o sonho de mudança. Para coletar esta espécie de peixe que os pantaneiros chegam a ficar o dia inteiro dentro da água colocando a própria vida em risco. Desta forma, o título deste tópico pretende apresentar algumas alternativas de devolutiva à comunidade em forma de ações integradas entre alguns cursos da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). A intenção é apresentar este material como projeto de extensão para ser executado nos próximos dois anos 2013-2014. Pelo exposto até o presente momento é possível perceber que Sawaia (2011) tem razão ao defender que, se olhada positivamente, a efetividade dos excluídos nega a neutralidade das reflexões científica sobre desigualdade social, permitindo que cada pesquisador consiga manter viva a capacidade de se indignar diante da pobreza e da exploração dos nossos semelhantes.

Faz-se necessário ainda, ressaltar que nem sempre a pesquisa científica leva em consideração o fenômeno da reação dos sujeitos estudados às iniciativas de investigação, sujeitos estes que constroem o campo da pesquisa, juntamente com os pesquisadores. Nada mais justo que, depois do que foi observado na comunidade ribeirinha de Porto da Manga, o pesquisador volte seu olhar para alguma ação concreta de devolutiva das percepções que teve da realidade estudada.

Mas, antes de entrar nas ações é importante apresentar algumas percepções que acabaram ficando de fora da discussão. Para que se faça uma ação e para que ela possa contribuir com a comunidade é interessante saber a idade destes moradores e quanto tempo eles residem no local. Dos ribeirinhos que participaram da pesquisa, 27 estão com a idade acima dos 40 anos, o que equivale a 58% dos entrevistados. Destes, apenas três, ou seja, 6% possuem idade superior aos 60 anos. Dez sujeitos possuem entre 18 e 29 anos e outros dez tem idade entre 30 e 39 anos. Isso mostra que 42% da população pesquisada tem idade inferior a 30 anos.

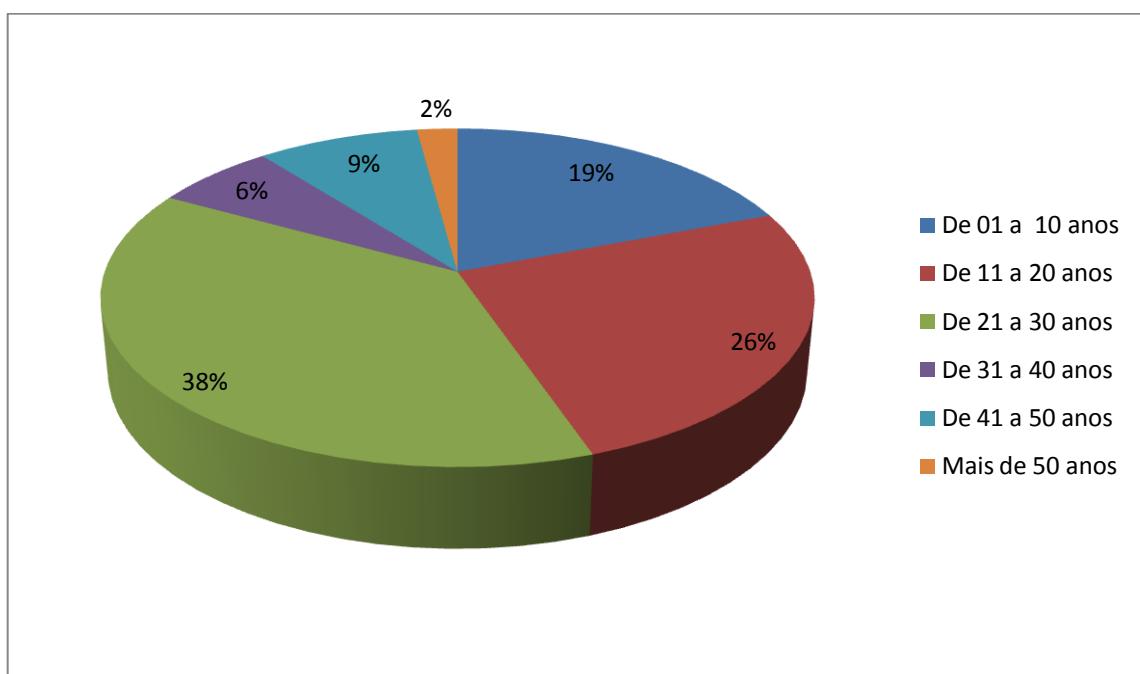
GRÁFICO 5 – Idade dos moradores da comunidade ribeirinha de Porto da Manga que participaram como sujeitos da pesquisa



Fonte: Jacir Alfonso Zanatta, 2012.

Ao analisar a idade dos moradores constatou-se que 26 residem no local a mais de 20 anos. Nota-se assim, que 55% da população residem no local desde a década de 90 do século passado. Percebe-se ainda que 19% dos moradores, ou seja, 09 entrevistados passaram a residir na comunidade no século XXI. Ao cruzar os dados da idade com o tempo de residência na comunidade foi possível perceber que os mais velhos estão no local a mais tempo e não pensam em sair. Dos entrevistados 13 moradores, ou 28% deles, estão com idade entre 40 e 49 anos. A faixa etária com o segundo maior número de entrevistados está com a idade entre 50 e 59 anos, isso significa que dos 47 integrantes da pesquisa, 11 pessoas ou 24% delas têm idade superior aos 50 anos. Estas duas camadas da população compõem quase que a maioria dos ribeirinhos que residem no local a mais de 20 anos. Pelo exposto é possível que os mais jovens, por estarem no local a menos tempo ainda alimentam esperança de deixar a comunidade para morar na cidade. Desta forma, constata-se que quanto maior a idade maior o tempo de permanência na profissão e quanto menor a idade, menor o tempo de residência na comunidade.

GRÁFICO 6 – Tempo que os entrevistados residem na comunidade ribeirinha de Porto da Manga



Fonte: Jacir Alfonso Zanatta, 2012.

A devolutiva da pesquisa pede um desenho particular, a devolutiva no sentido de fazer algo concreto, reafirmando a posição ética do pesquisador com uma política que envolve o encontro e a doação ao outro. Os problemas que estão descritos neste trabalho podem ser amenizados com uma ação interdisciplinar envolvendo a Universidade Católica Dom Bosco. Com isso, o que se pretende é regatar a cidadania dos ribeirinhos proporcionando o direito de viverem dignamente e o mais importante, respeitando sua cultura e a realidade da qual fazem parte.

7.5.1. Ações

Diante do exposto o que se pretende é fazer com que os moradores da comunidade de Porto da Manga tenham condições de recuperar a cidadania e com isso tenham forças para lutar contra os mecanismos sociais que levam os moradores ao adoecimento. Com isso,

alguns objetivos específicos e ações estão sendo propostas para permitir que os cursos convidados possam desenvolver de forma interdisciplinar as ações junto à comunidade.

a) Nutrição – As ações que serão desenvolvidas pelo curso de Nutrição da Universidade Católica Dom Bosco, visam dar treinamentos para que a comunidade aprenda sobre como ter uma alimentação rica, saudável e nutritiva diante os recursos que lhes são apresentados pela natureza. Para que isso seja possível é necessário em primeiro lugar fazer um levantamento na comunidade sobre os hábitos alimentares da população e diagnosticar quais os alimentos mais utilizados pelos ribeirinhos. O diagnóstico deve contemplar também as espécies nativas que compõem a base alimentar dos ribeirinhos. Também é importante analisar de que forma a alimentação destes ribeirinhos pode contribuir para a presença de doenças como hipertensão, muito comum na região. Depois das ações acima citadas, é importante organizar cursos de capacitação, onde o primeiro seria exclusivamente para apresentar à comunidade ensinamentos básicos sobre a importância de uma alimentação balanceada, rica e nutritiva. Já no segundo curso, os profissionais da área de nutrição, com base nos levantamentos feitos na região, apresentarão a comunidade diferentes opções de alimentos/pratos nutritivos, inclusive utilizando as espécies vegetais abundantes da região e que habitualmente já são consumidos por eles.

b) Agronomia – As ações que serão desenvolvidas pelo curso de Agronomia visam ampliar as técnicas de agricultura para subsistência já existente na comunidade de Porto da Manga e ensinar a população a fazer uso desta atividade para melhorar sua qualidade de vida. Mas, para que isso realmente se realize, é necessário, em primeiro lugar, diagnosticar quais as técnicas de plantio já utilizadas pela comunidade e quais os principais alimentos por eles cultivados e em seguida, desenvolver um “plano de plantio” anual, respeitando o ciclo de cheia de seca. Neste plano deve conter informações a cerca de quais alimentos plantar em cada época, como cuidar do desenvolvimento da plantação e possíveis técnicas de produção de acordo com o período do ano, exemplo: hortas suspensas no período da cheia, sistema de irrigação para o período de grandes secas. Depois destas duas ações é possível desenvolver um curso de capacitação realizado em módulos para habilitar os moradores da comunidade de Porto da Manga quanto às informações coletadas e possibilidades de produção alimentar existentes. Também fica como sugestão, a possibilidade de criação de um espaço comunitário para o plantio de alimentos, servindo como laboratório para colocar em prática o que foi ensinado durante o curso de capacitação.

c) Medicina Veterinária – As ações que serão desenvolvidas pelo curso de Medicina Veterinária visam criar uma política educativa quanto à necessidade de cuidar dos animais de estimação (gatos e cachorros) e dos animais que fazem parte das pequenas criações. Para que esta ação possa se realizar é necessário em primeiro lugar fazer um diagnóstico da situação e com isso efetuar o levantamento e cadastramento dos animais de estimação existentes na comunidade. Diante do exposto sugere-se que, em parceria com o Centro de Zoonoses de Corumbá o curso de Veterinária possa organizar um dia de atendimento aos animais. Este momento será importante para diagnosticar quais animais estão doentes e qual o atendimento recomendado. Depois desta ação é possível organizar um pequeno curso para conscientizar a população sobre os possíveis riscos de se ter um animal doente e ensiná-los a como cuidar bem de seu animal de estimação e das pequenas criações. Por fim, é possível fazer uma campanha sobre a necessidade de se fazer um controle de animais na região. A campanha compreende não só a compreensão da comunidade quanto ao assunto como um sistema de castração dos animais de estimação.

d) Administração – As ações propostas para o curso de Administração dizem respeito a capacitações dos ribeirinhos para que aprendam a gerenciar de forma mais eficaz as atividades econômicas que desenvolvem e desta forma ampliar suas possibilidades de lucro. Para que isso seja possível é necessário levar em consideração que a comunidade tira sua renda, quase que exclusivamente a atividade pesqueira. Desta forma, é imprescindível fazer um diagnóstico sobre como a atividade hoje vem sendo desenvolvida. Depois de coletados estes dados, é possível, por meio de um curso de capacitação, apresentar à comunidade outros possíveis modelos de negócio que sejam mais eficazes e pequenas técnicas de gerencia e administração de suas finanças. É importante ressaltar que a comunidade possui um modelo de negócio, denominado entreposto de iscas vivas, um local, onde ficam armazenadas as iscas vivas coletadas para posteriormente serem vendidas. Diante desta realidade, os acadêmicos envolvidos no projeto, poderiam desenvolver um sistema administrativo de controle de entrada e saída das iscas, possibilitando a criação de uma cooperativa.

e) Farmácia – As ações ligadas ao curso de farmácia precisam estar voltadas à valorização da flora pantaneira para, desta forma a comunidade conseguir produzir seus medicamentos naturais em casos de emergências. Com isso, a proposta é realizar uma primeira viagem para diagnosticar quais as ervas mais utilizadas pela comunidade com fins

medicinais. Depois disso, organizar cursos para conscientizar a comunidade do Porto da Manga sobre o uso destas ervas, bem como orientá-los sobre possíveis perigos.

f) Psicologia – As ações ligadas ao curso de Psicologia visam estruturar ações concretas para melhorar a criação de cooperativas e economia solidária para que os ribeirinhos possam se reconhecer como integrantes de uma comunidade. Para que isso possa acontecer é necessário desenvolver atividades que trabalhem a valorização das belezas que possuem. Também é importante desenvolver algumas atividades que contribuam para que os pantaneiros consigam se reconhecer como comunidade e, com isso, aprendam a valorizar a cultura para que possam resgatar a cidadania.

Além dos cursos citados acima, acreditamos que outros cursos como Direito, Zootecnia e Serviço Social podem integrar a equipe para trabalhar com os ribeirinhos. Mas, antes da execução destas ações e da composição da equipe para trabalhar junto à comunidade é importante ressaltar que deve ser feita uma visita ao local para, juntos com eles, fazer as alterações necessárias e, só após a aprovação pelos ribeirinhos das atividades propostas, o projeto será apresentado à Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) como projeto de extensão. Apenas depois de cumprido estes trâmites os trabalhos podem ser iniciados junto à população do Porto da Manga. Isso porque, esta investigação mostrou que não se consegue resolver os problemas de uma comunidade ou de uma região, buscando eliminá-los como num passe de mágica ou negando sua existência. Conforme Maffesoli (1998) a vida, em nenhum momento se deixa enclausurar. E, ao compreender esta afirmação, se percebe que o máximo que esta pesquisa conseguiu foi captar os contornos da realidade de forma a levantar suas características essenciais.

8. LIÇÕES DE UMA DISSERTAÇÃO

As considerações iniciais e finais são as duas últimas coisas feitas num trabalho acadêmico. Por isso, muitas vezes, os pesquisadores já cansados e exaustos acabam por não investir a energia necessária e a sensação que se tem é a de que ficou faltando alguma coisa. E, buscando quebrar esta lógica e, combatendo o cansaço acabei por ir, no percurso da pesquisa, tecendo alguns comentários que pudessem servir como fechamento das atividades desenvolvidas durante o mestrado.

Esta pesquisa deixa algumas lições importantes. A primeira está no fato de que quem se propõe fazer um mestrado precisa por um lado, encontrar tempo e por outro ter disciplina. O tempo auxilia o pesquisador na coleta de dados e na produção dos textos que vão compor a dissertação. Mas, a disciplina é imprescindível para que o mestrando consiga efetuar as leituras necessárias. Para não ser atropelado pelo tempo o acadêmico precisa aprender a produzir diariamente. No final, depois de burilado, o material produzido ao longo dos dois anos será suficiente para compor os capítulos da dissertação.

Outra lição desta caminhada acadêmica está no fato de que quem se propõe pesquisar um tema, precisa ter prazer naquilo que vai fazer. Sem afinidade com o tema proposto, a reta final acaba desgastando o orientador e o mestrando, além de contribuir para o adoecimento. É preciso buscar em primeiro lugar o conhecimento. Aprender e não ser arrogante. A humildade acadêmica e a obediência ao orientador ajudam a tornar o caminho mais agradável e suave. Lembre-se de que a pessoa que está contribuindo com seu trabalho tem mais experiência que você e já passou por este caminho, além de dominar as ferramentas que você está começando a manusear. Com isso, é bom ressaltar que nesta trajetória não adianta escutar muitas pessoas. Cumpra rigorosamente o que o pesquisador mais experiente, encarregado de te auxiliar está solicitando.

Não se prenda ao título que você vai receber no final de sua pesquisa. Pense apenas em fazer o melhor. Lute diariamente contra o cansaço e a fadiga. Faça um pouco de cada vez. Observe sua trajetória e valorize o conhecimento que está adquirindo nesta caminhada. Partilhe com seu orientador suas descobertas para que ele possa se sentir parte integrante do processo e com isso ajudá-lo a superar os obstáculos que, muitas vezes, parecem intransponíveis. Lembre-se que ele é seu parceiro intelectual e responsável, da mesma forma que você pela pesquisa. Não fique chateado com as cobranças. Elas servem para melhorar seu trabalho que, após a defesa passa a ser de domínio público. Você é o autor principal, mas

nunca esqueça que o nome de seu orientador é a chancela necessária para sua aprovação. Forme parceria com ele e não o culpe por seus fracassos ou por sua incompetência. Se você não manifestar suas angústias, medos, inseguranças e dúvidas ele não tem como te ajudar.

Leia tudo o que o orientador solicitar. Mesmo que você não veja sentido no texto. Provavelmente ele está conseguindo perceber alguma coisa que você só vai se dar conta mais tarde. Não jogue nada fora durante o tempo do mestrado. Guarde todas as suas anotações. Se possível, crie um novo e-mail e encaminhe tudo o que for produzindo neste período. Caso você seja vítima de roubo, vírus ou venha a ter algum outro contratempo tecnológico, o material continuará seguro e a salvo, evitando assim transtornos maiores. Além disso, compre um “*pen drive*” só para o mestrado e vá arquivando tudo o que tiver, mas lembre-se de guardá-lo em lugar seguro.

Faça, logo no início do mestrado, um levantamento de tudo o que existe publicado sobre o assunto que pretende pesquisar. Inicie a produção textual da teoria ainda no primeiro ano do curso. Organize os textos encontrados por assunto e, conforme for lendo o material, produza pelo menos três parágrafos sobre seu entendimento do texto. Isso pode ajudá-lo na hora de escrever sua dissertação. Elabore um planejamento com metas que contribuam para que o aprendizado aconteça de forma prazerosa e sem traumas. Tenha sempre em mãos uma caneta e um caderno de anotações. Escreva as ideias que vão surgindo no exato momento que elas vierem à sua cabeça. Não deixe para fazer isso mais tarde. Não conseguirá se lembrar do que pensou anteriormente.

Quando iniciar as pesquisas de campo, anote tudo o que for sentido e todas as percepções que tiver no decorrer da coleta dos dados. Não confie nos gravadores. Cheque sempre antes de começar a gravar. Verifique a qualidade das pilhas ou baterias que está utilizando. Tenha sempre uma de reserva. E, mesmo assim, no término de cada gravação faça novamente a checagem para ver se você comprehende plenamente o que o seu entrevistado está falando. Com isso, o pesquisador não corre o risco de chegar em casa e perceber que, por algum motivo, a entrevista não foi registrada.

Só inicie sua pesquisa depois de aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Antes disso se debruce sobre a metodologia. Não vá para o campo antes de compreender e dominar o método utilizado no seu trabalho. Sem esse domínio, você corre o risco de ficar andando em círculos. Vai gastar muito tempo em questões que não vão te ajudar

a desenvolver sua pesquisa, além de deixar de lado outros fatores que podem ser essenciais para o trabalho.

Mesmo com todas estas observações é importante que o pesquisador esteja preparado para os imprevistos. Principalmente se você irá desenvolver uma pesquisa de campo. As condições climáticas podem comprometer todo seu esforço e sua dedicação. Como exemplo, posso afirmar que ao iniciar esta pesquisa em 2010, tinha a intenção de terminá-la até o final do ano seguinte. Mas, nem sempre o planejamento e a programação do pesquisador acontecem como deveria. É bom lembrar que o Pantanal enfrentou uma das maiores cheias dos últimos 20 anos e não consegui chegar à comunidade antes de outubro de 2011. Neste caso, o planejamento me ajudou a não ficar ansioso e a respeitar a natureza e os contratempos que foram surgindo derivados deste imprevisto. Com isso, iniciei a pesquisa de campo com toda a base teórica feita. Isso me ajudou a dedicar mais tempo para a análise dos dados coletados na reta final do trabalho.

Outra lição desta dissertação está no fato de que quem pretende se tornar pesquisador precisa estar aberto para o novo. Não dá para desenvolver uma pesquisa buscando resultados pré-estabelecidos. É importante ressaltar que a construção do pensamento se dá por meio do movimento que requer leveza e elasticidade intelectual. Só assim é possível sair do conformismo e da rigidez do modelo positivista para poder ver o mundo com outras lentes.

Nesta perspectiva, o movimento da construção do pensamento não se encerra com o término da pesquisa, mas se constitui em novas possibilidades de aprendizagens éticas e políticas. Assim, no decorrer desta dissertação, pude perceber que uma investigação precisa contribuir com a comunidade que vai servir de sujeito da pesquisa, mas também tem o compromisso de avançar nos autores, conceitos e materiais utilizados anteriormente. Caso contrário, serve apenas como mais um processo de reprodução do conhecimento, do que como amadurecimento e transformação da realidade vivida pelos sujeitos que participaram do processo. O pesquisador precisa pensar na devolutiva do trabalho e como tal perceber que sua inserção no campo vai interferir na realidade vivida pelos sujeitos pesquisados.

Percebe-se assim que a Psicologia Social pode desempenhar um papel importante junto à comunidade, caso busque focalizar as dimensões simbólicas e os processos psicológicos que se articulam aos fundamentos materiais das relações vivenciadas pelos

ribeirinhos. Desta forma fica evidente que é preciso respeitar o espaço de interação no seio do qual as pessoas ou grupos se constroem e funcionam. Ainda escuto o gemido de dor e sofrimento dos moradores motivados pelo descaso do estado. Excluídos e explorados eles não tem mais a quem recorrer. Não sabem mais o que fazer para resgatarem a própria cidadania. A falta de água tratada, saneamento básico, moradia digna, educação para os jovens e adultos e a ausência de um sistema de saúde e segurança só reforça o sentimento de que eles não são vistos pelo poder público como seres humanos e, para conseguir a proteção do estado de direito, precisam se tornar “igualzinho uma capivara”.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, A. N. *O Pantanal Mato-grossense e a teoria dos refúgios*. In: Revista Brasileira de Geografia. IBGE, Número Especial, Ano 50, T. 2. Rio de Janeiro, 1988. (p. 9-57).

ACABA, G. *Canta-dores do Pantanal*: 30 anos de música, pesquisa e cultura. Campo Grande: RG Editora, 1997. (CD)

ACABA, G. *Pantanal*: Coração da América. Campo Grande: RG Editora, 2002. (CD)

ALAYA, D. B. Abordagens filosóficas e a teoria das Representações Sociais. In. ALMEIDA, A. M.; SOUZA SANTOS, M. F. e TRINDADE, Z. A. (Orgs.). *Teoria das Representações Sociais*: 50 anos. Brasília: Technopolitik, 2011.

ALEXANDRE, M. *Representação Social*: uma genealogia do conceito. In. Revista Comum, Rio de Janeiro, V. 10 – Nº 23 p.122-138 – julho/dezembro 2004.

ALMEIDA, A. M. O. *Abordagem societal das Representações Sociais*. In. Revista Sociedade e Estado. Brasília, V. 24, Nº 03, p.713-737, set/dez. 2009.

ALMEIDA, A. M. O; CUNHA, G. G. *Representações Sociais do Desenvolvimento Humano*. In. Revista: Psicologia: Reflexão e Crítica, 2003, 16(1), p. 147-155.

ARENKT, H. *A condição humana*. 11^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ARISTÓTELES. *De Anima*. São Paulo: Editora 34, 2006.

BACKES, M. T. S; DA ROSA, L. M; FERNANDES, G. C. M; BECKER, S. G; MEIRELLES, B. H. S; & SANTOS, S. M. *Conceitos de saúde e doença ao longo da história sob o olhar epidemiológico e antropológico*. In. Revista de Enfermagem. UERJ, Rio de Janeiro, 2009. Jan/mar; 17(1): 111-117.

BANCHS, M. A. Leitura epistemológica da Teoria das Representações Sociais. In. ALMEIDA, A. M; SOUZA SANTOS, M. F. & TRINDADE, Z. A. (Orgs.). *Teoria das Representações Sociais*: 50 anos. Brasília: Technopolitik, 2011.

BANDUCCI, A. Jr. *Catadores de iscas e o turismo da pesca no Pantanal Mato-Grossense*. 1^a. ed. Campo Grande: UFMS, 2006.

BARROS, J. A. C. *Pensando o processo saúde e doença*: a que responde o modelo biomédico? In. Revista Saúde e Sociedade, v. 11(1), p. 67-84, São Paulo: 2002.

BERTOLOZZI, M. R; GRECO, R. M. *As políticas de saúde no Brasil: reconstrução histórica e perspectivas atuais*. In. Revista de Enfermagem da USP, São Paulo: V. 30, n. 3, p. 380-398, dezembro de 1996.

BIRMAN, J. A *Physis da Saúde Coletiva*. In. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 15 (suplemento): 11-16, 2005.

BLEGER, José. *Temas de Psicologia*: entrevista e grupos. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRUGGER, W. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Herder, 1969.

- BRUM, E. & FRIAS, R. (Org.). *A mídia do Pantanal*. Campo Grande: UNIDERP, 2001.
- BUBER, M. *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro, 2001.
- BUSS, P. M. & PELLEGRINI FILHO, A. *A saúde e seus determinantes sociais*. In. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 17(1); PP 77-93, 2007.
- BYDLOWSKI, C. R; WESTPHAL, M. F. & PEREIRA, I. M. T. B. *Promoção da saúde: porque sim e porque ainda não!* In. Saúde e Sociedade. V. 13, n. 1, p. 14-24, jan/abr.2004.
- CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMARGO JÚNIOR, K. R. *A Biomedicina*. In. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 15(Suplemento). PP.177-201. 2005
- CAMARGO JÚNIOR, K. R. de. *As armadilhas da concepção positiva de saúde*. In. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 76(1). PP.63-76. 2007
- CAMARGO JÚNIOR. K. R. de. *Biomedicina, saber & ciência: uma abordagem crítica*. São Paulo: Hucitec, 2003.
- CAMINO, L; TORRES, A. R. R. Origens e desenvolvimento da Psicologia Social. In. TORRES, Ana Raquel Rosas [et al]. *Psicologia Social: temas e teorias*. Brasília: Technopolitik, 2011.
- CAMPANA, A. O. *Metodologia da investigação científica aplicada à área biomédica: investigações na área médica*. In. Jornal Pneumol, 25(2) – mar/abr. 1999.
- CANESQUI, A. M. *Os estudos de antropologia da saúde/doença no Brasil na década de 1990*. In. Ciência& Saúde Coletiva. Rio de Janeiro: 2003. V. 8(1), PP.109-124.
- CANGUILHEM, G. *Escritos sobre a medicina*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- CARDOSO, M. H. C; GOMES, R. *Representações Sociais e história: referenciais teórico-metodológicos para o campo da saúde coletiva*. In. Revista: Caderno Saúde Pública, Rio de Janeiro, 16(2): p.499-506, abril/junho, 2000.
- CARRETEIRO, T. C. A doença como projeto: uma contribuição a análise de forma de filiação e desfiliações sociais. In. SAWAIA. B. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CASTRO, R. V. A. Prefácio. In. ALMEIDA, A. M; SOUZA SANTOS, M. F. & TRINDADE, Z. A. (Orgs.). *Teoria das Representações Sociais: 50 anos*. Brasília: Technopolitik, 2011.
- CHAVES, A. M; SILVA, P. L. Representações Sociais. In. TORRES, Ana Raquel Rosas [et al]. *Psicologia Social: temas e teorias*. Brasília: Technopolitik, 2011.

- COELHO, M. T. A. D. & ALMEIDA FILHO, N. *Conceitos de saúde em discursos contemporâneos de referência científica*. In. História, Ciência, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 9(2), PP.315-333, mai/ago. 2002.
- CONTINI, M. L. J. *O psicólogo e a promoção de saúde na educação*. São Paulo: Caso do Psicólogo, 2010.
- CORDEIRO, H. *A indústria da saúde no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- COSTA, M. F. *História de um País Inexistente*: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII. São Paulo: Estação Liberdade: Kosmos, 1999.
- COSTA, M. L. *Levinás*: uma introdução. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DEJOURS, C. *Por um novo conceito de saúde*. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, Nº 54. Vol. 14. p.07-11. Abril, Maio, Junho, 1986.
- DESCARTES, R. *Discurso sobre o método*. São Paulo: Hemus, 1978 Originalmente publicado em 1637.
- DIEHL, R; MARASCHIN, C. & TITTONI, J. *Ferramentas para uma Psicologia Social*. In. Psicologia em Estudo. Maringá, V. 11, n.02, p.407-415, mai/ago, 2006.
- DOISE, W. *Da Psicologia Social à Psicologia Societal*. In. Revista: Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, jan/abr 2002, vol. 18 Nº 1, p. 27-35.
- DUVEEN, G. O Poder das ideias. In. MOSCOVICI, S. *Representações Sociais*: investigação em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FARR, R. M. *As raízes da Psicologia Social Moderna*. 8^a edição. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FARR, R. M. Representações Sociais: a teoria e sua história. In. GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. (orgs). *Textos em Representações Sociais*. 12^a Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- FAZENDA, I. (Org.). *Metodologia da Pesquisa Educacional*. São Paulo: Cortez, 1999.
- FERREIRA, M. C. *A Psicologia Social Contemporânea*: principais tendências e perspectivas nacionais e internacionais. In. Psicologia: Teoria e Pesquisa. V. 26. N. especial; p.51-64. 2010.
- FLICK, U. *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009a.
- FLICK, U. *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009b.
- FLICK, U. *Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa*. 2^a ed. Porto Alegre: Boockman, 2004.
- GADAMER, H. G. *Verdad y Método*. Salamanca: Sigueme, 1991.
- GIBBS, G. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. (orgs). *Textos em Representações Sociais*. 12^a Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GUARESCHI, P. “Sem dinheiro não há salvação”: ancorando o bem e o mal entre neopentecostais. In. GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. (orgs). *Textos em Representações Sociais*. 12^a Ed. Petrópolis: Vozes, 2011b.

GUARESCHI, P. Pressupostos psicossociais da exclusão: competitividade e culpabilização. In. SAWAIA, B. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 2011a.

GUARESCHI, P. *Sociologia da prática social*. Petrópolis: Vozes, 1992.

GUEDES, C. R. [et al]. *A subjetividade como anomalia*: contribuições epistemológicas para a crítica do modelo biomédico. In. Revista Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 2006. v.11(4), PP.1093-1103.

GÜNTHER, H. *Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa*: esta é a questão? In. Revista Teoria e Pesquisa. Brasília, Maio-Agosto 2006, vol. 22, nº02, pp. 201-210.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. vol. 01. Petrópolis: Vozes, 1988.

HELMAN, C. G. *Cultura, saúde e doença*. 4^a ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

HERZLICH, C. *A problemática da Representação Social e sua utilidade no campo da doença*. In. Revista Physis, 1991. nº 1 p.22-36.

HERZLICH, C. *Saúde e Doença no início do século XXI*: entre a experiência privada e a esfera pública. In. Physis: Revista de saúde coletiva, Rio de Janeiro: 2004. v.14(2) p. 383-394.

IANNI, O. *Variações sobre arte e ciência*. In. Revista Tempo Social. São Paulo: USP, 2004.

IYDA, M. *Cem anos de saúde pública*: a cidadania negada. São Paulo: Unesp, 1994.

JAPIASSU, H. *Nascimento e morte das ciências humanas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

JESUÍNO, J. C. Um Conceito reencontrado. In. ALMEIDA, A. M; SOUZA SANTOS, M. F. & TRINDADE, Z. A. (Orgs.). *Teoria das Representações Sociais*: 50 anos. Brasília: Technopolitik, 2011.

JODELET, D. A fecundidade múltipla da obra “A Psicanálise, sua imagem e seu público”. In. ALMEIDA, A. M; SOUZA SANTOS, M. F. & TRINDADE, Z. A. (Orgs.). *Teoria das Representações Sociais*: 50 anos. Brasília: Technopolitik, 2011.

JODELET, D. *O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das Representações Sociais*. In. Revista: Sociedade e Estado, Brasília, vol. 24, Nº 03, p.679-712, set/dez, 2009.

JOVCHELOVITCH, S. *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura.* Petrópolis: Vozes, 2008.

JOVCHELOVITCH, S. Representações Sociais e polifasia cognitiva: notas sobre a pluralidade e sabedoria da razão em Psicanálise, sua Imagem e seu Público. In. ALMEIDA, A. M; SOUZA SANTOS, M. F. & TRINDADE, Z. A. (Orgs.). *Teoria das Representações Sociais: 50 anos.* Brasília: Technopolitik, 2011b.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações Sociais. In. GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. (orgs). *Textos em Representações Sociais.* 12^a Ed. Petrópolis: Vozes, 2011a.

KOIFMAN, L. *O modelo biomédico e a reformulação do currículo médico da Universidade Federal Fluminense.* In. Revisa História, Ciência, Saúde – Manguinhos, vol. VIII (1), p.48-70, mar/jun. 2001.

LAHLOU, S. Difusão das representações e inteligência coletiva distribuída. In. ALMEIDA, A. M; SOUZA SANTOS, M. F. & TRINDADE, Z. A. (Orgs.). *Teoria das Representações Sociais: 50 anos.* Brasília: Technopolitik, 2011.

LANE, S. A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia. In. LANE, S. & CODO, W. (orgs) *Psicologia Social:* o homem em movimento. São Paulo, Brasiliense, 1984.

LANE, S. Avanços da Psicologia Social na América Latina. In. LANE, Silvia. SAWAIA, Bader. (orgs) *Novas Veredas da Psicologia Social.* São Paulo, Brasiliense, 2006.

LANE, S. *O que é Psicologia Social.* 15^a edição. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LARROSA, J. Dar palavra. Notas para uma dialógica da transmissão. In. LARROSA, J. & SKLIAR, C (Org.). *Habitantes de Babel:* políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOPES, M. S. V. [et al.]. *Análise do conceito de promoção de saúde.* In. Revista Texto e Contexto Enfermagem. Florianópolis, v. 19(3), PP. 461-468, jul/set, 2010.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.* São Paulo: EPU, 1986.

LUZ, M. T. *Cultura contemporânea e medicinas alternativas:* novos paradigmas em saúde no fim do século XX. In. Physis: Revista Saúde Coletiva, Rio de Janeiro: 2005. V.15 (suplemento). P.145-176.

MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível.* Petrópolis: Vozes, 1998.

MAFFESOLI, M. *O ritmo da vida:* variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MARQUES, H. R. [et. al]. *Metodologia da pesquisa e do trabalho científico.* Campo Grande: UCDB, 2006.

MEDEIROS, P. F; BERNARDES, A. G. & GUARESCHI, N. *O conceito de saúde e suas implicações nas práticas psicológicas*. In. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Set-Dez, 2005, vol. 21, n3, PP 263-269.

MEDINA, C. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, C. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1986.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MINAYO, M. C. O conceito de representações sócias dentro da sociologia clássica. In. GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. (orgs). *Textos em Representações Sociais*. 12^a Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 1999.

MINAYO, M. C. *Saúde-doença: uma concepção popular da etiologia*. In. Cadernos de saúde Pública, RJ, 4(4): pp. 3630381, out/dez, 1988.

MORAIS, M. L. S; CARVALHO, E. E. & MINTO, E. E. W. Caracterização da região e princípios básicos. In. MORAIS, M. L. S. & SOUZA, B. P. (orgs). *Saúde e educação: novos rumos no atendimento à queixa escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

MOSCOVICI, S. Prefácio. In. GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. (orgs). *Textos em Representações Sociais*. 12^a Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOSCOVICI, S. *Representações Sociais: investigação em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, D. C. A Teoria das Representações Sociais como grade de leitura da saúde e da doença: a constituição de um campo interdisciplinar. In. ALMEIDA, A. M; SOUZA SANTOS, M. F. & TRINDADE, Z. A. (Orgs.). *Teoria das Representações Sociais: 50 anos*. Brasília: Technopolitik, 2011.

PALMONARI, A. & CERRATO, J. Representações Sociais e psicologia social. In. ALMEIDA, A. M; SOUZA SANTOS, M. F. & TRINDADE, Z. A. (Orgs.). *Teoria das Representações Sociais: 50 anos*. Brasília: Technopolitik, 2011.

PAUGAM, S. O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais: uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. In. SAWAIA, B. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 2011.

PAULUS JÚNIOR, A. & CORDONI JÚNIOR, L. *Políticas públicas de saúde no Brasil*. In. Revista Espaço para a Saúde, Londrina (PR), v. 8, n. 1, p. 13-19, dez. 2006.

RÊSES, E. S. *Do conhecimento sociológico à Teoria das Representações Sociais*. In. Revista: Sociedade e Cultura, Goiânia, julho/dezembro, 2003, vol. 6, Nº 02, p.189-199.

- REY, F. G. *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade*: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005.
- ROSE, N. *Psicologia como uma ciência Social*. I. Revista: Psicologia & Sociedade; v. 20 n.2. p. 155-164, 2008
- ROSEN, G. *Da Polícia Médica à Medicina Social*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- SÁ, C. P. *Sobre a Psicologia Social no Brasil, entre memórias históricas e pessoais*. IN. Revista: Psicologia & Sociedade; v. 19, n. 3; p. 07-13. 2007
- SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. 4^a edição. São Paulo: Cortez, 2006.
- SARRIERA, J. C; MOREIRA, M.C; ROCHA, K. B; BONATO, T.N; DUSO, R. & PRIKLADNICKI, S. *Paradigmas em Psicologia: compreensões da saúde e dos estudos epidemiológicos*. In. Revista: Psicologia & Sociedade; 15(2): PP. 88-100; jul/dez. 2003.
- SAWAIA, B. Psicologia Social: aspectos epistemológicos e éticos. In. LANE, S. & SAWAIA, B. (orgs) *Novas Veredas da Psicologia Social*. São Paulo, Brasiliense, 2006.
- SAWAIA, B. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- SCHULTZ, D. & SCHULTZ, S. *História da Psicologia Moderna*. 16^a edição. São Paulo: Cultrix, 2002.
- SCLIAR, M. *A linguagem médica*. São Paulo: Publifolha, 2002b.
- SCLIAR, M. *Do mágico ao social: trajetória da saúde pública*. 2^a edição. São Paulo: Senac, 2005.
- SCLIAR, M. *História do conceito de saúde*. In. Physis: Revista de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, 17(1); 29-41, 2007.
- SCLIAR, M. Pequena história da epidemiologia. In. SCLIAR, M; PAMPLONA, M. A; RIOS, M. A. T. & SOUZA, M. H. S. *Saúde Pública: histórias, políticas e revolta*. São Paulo: Scipione, 2002a.
- SEGRE, M. & FERRAZ, F. *O conceito de saúde*. São Paulo: Revista de Saúde Pública, 31 (5), 538-42, 1997.
- SEVALHO, G. *Uma abordagem histórica das Representações Sociais de Saúde e Doença*. In. Revista: Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, Vol. 9 (3), jul/set, 1993, p.349-363.
- SEVCENKO, N. *A revolta da vacina*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- SILVA, J. S. V.; ABDON, M. M.; SILVA, M. P. & ROMERO, H. R. *Levantamento do desmatamento no Pantanal brasileiro até 1990/91*. Revista Agropecuária Brasileira, v.33, Número Especial, p.1703-1711, out. 1998.

SILVA, R. N. *Notas para uma genealogia da Psicologia Social*. In. Revista: Psicologia & Sociedade; 16(2): p. 12-19, maio/ago, 2004.

SINGER, P; CAMPOS, O. & OLIVEIRA, E. M. *Prevenir e Curar: o controle social através dos serviços de saúde*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

SOUZA, L. C. & SOUZA FILHO, E. A. *O lugar da Psicologia Social na formação dos Psicólogos*. In. Psicologia & Sociedade. v. 21, n.3 p. 383-390, 2009.

SPINK, M. J A psicologia da Saúde: a estruturação de um novo campo de saber. In. CAMPOS, F. C. B. (org.). *Psicologia e Saúde: Repensando práticas*. São Paulo: Hucitec, 2010b.

SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais. In. GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. (orgs). *Textos em Representações Sociais*. 12ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SPINK, M. J. *O conceito de Representação Social na abordagem Psicossocial*. In. Revista: Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, Vol. 9 (3), jul/set, 1993, p.300-308.

SPINK, M. J. *Psicologia Social e Saúde: Práticas, saberes e sentidos*. Petrópolis: Vozes, 2010a.

STROEBE, W. & STROEBE, M. *Psicologia Social e Saúde*. Lisboa-Portugal: Instituto Piaget, 1995. (Coleção Medicina e Saúde, nº 21).

TEIXEIRA, R. P.; NUNES, M. L. T. Em busca de autonomia: o uso do termo de consentimento em pesquisa. In. SCARPARO, H. (org). *Psicologia e Pesquisa: Perspectivas Metodológicas*. 2ª. ed. Porto Alegre/RS: Sulina, 2008. P.27-38.

TRAVERSO-YÉPEZ, M. *A interface psicologia social e saúde: perspectivas e desafios*. In. Psicologia em Estudo. Maringá, v.6, n.2, p.49-56, jul/dez. 2001.

TRINDADE, Z. A; SANTOS, M. F. & ALMEIDA, A. M. O. Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. In. ALMEIDA, A. M; SOUZA SANTOS, M. F. & TRINDADE, Z. A. (Orgs.). *Teoria das Representações Sociais: 50 anos*. Brasília: Technopolitik, 2011.

TURATO, E. R. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes, 2003.

UNESCO. *Declaração universal sobre a diversidade cultural*. 2002. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>

VALA, J. Prefácio. In. TORRES, A. R. R. [et al]. *Psicologia Social: temas e teorias*. Brasília: Technopolitik, 2011.

VIEIRA DA SILVA, L. M. & ALMEIDA FILHO, N. *Equidade em saúde: uma análise crítica de conceitos*. In. Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro: 2009. v. 25 (suplemento 2) p. 217-226.

VILLAS-BÔAS, L. P. S. *Uma abordagem da historicidade das Representações Sociais*. In. Revista: Cadernos de Pesquisa, vol. 40, p.379-405, maio/ago, 2010.

WAGNER, W. Descrição, explicação e método na pesquisa das Representações Sociais. In. GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. (orgs). *Textos em Representações Sociais*. 12^a Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

WANDERLEY, M. B. Refletindo sobre a noção de exclusão. In. SAWAIA, B. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), da pesquisa que tem por título “**As Representações Sociais de saúde e doença na comunidade ribeirinha de Porto da Manga em Corumbá-MS**”. Ela pretende analisar as representações sociais de saúde e doença na comunidade ribeirinha Porto da Manga situada no município de Corumbá-MS. A Referida pesquisa também pretende: Identificar as características sócio-demográficas dos participantes; Analisar o entendimento dos membros da comunidade acerca das causas das doenças e seus sintomas; Verificar os conhecimentos sobre medidas de recuperação e prevenção; Analisar as representações sociais de saúde e doença em relação à faixa etária; e Identificar aspectos familiares e socioculturais da comunidade que possam ter alguma relação com as causas das doenças.

Se concordar, você participará de uma entrevista individual. A entrevista será gravada e os resultados da pesquisa serão divulgados em revistas científicas, livros e congressos de forma agregada. Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Os pesquisadores se comprometem a utilizar os dados coletados somente para esta pesquisa. Esteja seguro(a) da completa confidencialidade dos dados.

A participação é voluntária e a recusa não envolve qualquer penalidade. Você poderá desistir de participar a qualquer momento. É importante lembrar que a pesquisa em questão não apresenta nenhum risco ou desconforto para os participantes. No entanto, a referida pesquisa deve contribuir com o entendimento do que vem a ser saúde e doença entre os moradores das comunidades ribeirinhas. Ao término da pesquisa, o pesquisador se compromete em repassar as informações coletadas em forma de oficinas que contribuam com a população ribeirinha em questão para que possam compreender melhor as atitudes que levam ao adoecer e aquelas que possibilitam melhor interação com o meio em que vivem. Havendo alguma questão, sinta-se à vontade para me procurar e/ou o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Comitê de Ética em Pesquisa – UCDB, (67) 3312-3615.

Considerando as informações acima e as normas expressas na Resolução nº 196/96 do **Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde** consinto, de modo livre e esclarecido, participar da presente pesquisa na condição de participante da pesquisa e/ou responsável por participante da pesquisa, sabendo que:

1. A participação em todos os momentos e fases da pesquisa é voluntária e não implica quaisquer tipos de despesa e/ou resarcimento financeiro. Em havendo despesas

operacionais, estas deverão estar previstas no Cronograma de Desembolso Financeiro e em nenhuma hipótese poderão recair sobre o sujeito da pesquisa e/ou seu responsável;

2. É garantida a liberdade de retirada do consentimento e da participação no respectivo estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo, punição ou atitude preconceituosa;

3. É garantido o anonimato;

4. Os dados (informações, imagens pessoais e os sons das gravações) coletados só serão utilizados para a pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em livros, ensaios e/ou artigos científicos em revistas especializadas e/ou em eventos científicos;

5. A pesquisa aqui proposta foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), que a referenda e

6. O presente termo está assinado em duas vias.

Contato dos pesquisadores:

Pesquisador: Jacir Alfonso Zanatta – mestrando do programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), portador da cédula de identidade (RG. 5.431.867-7 SSP/PR) e (CPF. 76862259920) Fone: (67) 8427-9825 - Endereço: Rua Dr. Miguel Vieira Ferreira, Nº 1262 – Casa 14 – Bairro: Nossa Senhora das Graças – Campo Grande-MS (CEP. 79116-470).

Orientador: Professor Dr. Márcio Luiz Costa - professor do programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) Fone: (67) 8111-3424 ou (67) 9905-1358.

Comitê de Ética: 3312-3615

Eu li as informações e aceito participar da pesquisa.

Data: ____ / ____ / ____

Nome: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

RG: _____

Assinatura: _____

Nome e assinatura do (a) pesquisador (a)

Campo Grande-MS _____ / _____ / _____

APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista

Idade: _____

Sexo: _____

Escolaridade: _____

Renda Familiar mensal: _____

Ocupação/Trabalho: _____

1. Quanto tempo faz que você mora na comunidade Porto da Manga?
2. Qual foi a última vez que você ficou doente?
3. Da última vez em que você ficou doente, como você sabia que estava doente?
4. O que você sentiu quando estava doente?
5. Por que você acha que ficou doente?
6. Você ficou internado em um hospital? Você sabe por que foi para o hospital?
7. Para você, quando uma pessoa deve ser internada em um hospital? O que você acha que acontece com as pessoas que vão ao hospital?
8. Como você ficou bom?
9. Quem cuidou de você quando você ficou doente?
10. Você tomou remédios?
11. Foi receitado por um médico?
12. Para que você tomou remédios?
13. O que você achou ruim quando ficou doente?
14. O que você achou bom quando ficou doente?
15. Para você, o que é estar com saúde?
16. Para você, o que é estar doente?
17. O que você faz para não ficar doente?
18. O que você faz que pode te levar a ficar doente?
19. O que precisa ser mudado na comunidade que você mora?
20. O que você mais valoriza na comunidade Porto da Manga?

Jacir Alfonso Zanatta

ANEXOS

ANEXO A – Aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa



Campo Grande, 18 de abril de 2012.

DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que o projeto **“As representações Sociais de Saúde e Doença na comunidade ribeirinha de Porto da Manga em Corumbá-MS”** sob a responsabilidade de **Jacir Alfonso Zanatta**, orientação de **Prof. Dr. Márcio Luis Costa**, protocolo nº **065/10** após análise do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica Dom Bosco, foi considerado **aprovado** sem restrições.


Prof. Dra. Anita Guazzelli Bernardes
Integrante do Comitê de Ética em Pesquisa da
Universidade Católica Dom Bosco

Nota: Em virtude que, o atual presidente e vice-presidente do CEP/UCDB são partes do projeto autorizado, a presente declaração é assinada por um integrante do colegiado do CEP/UCDB.

MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO - UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
Av. Tamandaré, 6000 – Jardim Seminário – CEP 79117-900 – CAMPO GRANDE – MS – BRASIL
CNPJ/MF: 03.226.149/0015-87 – Fone: 55 67 3312-3300 – Fax: 55 67 3312-3301 – www.ucdb.br
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa ◊ 3312-3615/3723 ◊ cep@ucdb.br